

“Santo e Eterno Deus, diante de quem todos os santos anjos, todos homens, todos os demônios, toda a criação se curva. Humildemente Te pedimos a bênção e a graça de sermos alimentados por Tua Palavra. Mostre-nos Teu Filho na Tua Palavra para que por Ele conheçamos ainda mais a Ti. Em nome Dele oramos, amém!”.

Conhecendo o Único Sentido da Vida

Tudo debaixo do sol encontra seu sentido em Cristo que está acima do sol

Exposição do Eclesiastes

Breve Introdução

Introdução

Todo início de uma série expositiva das Escrituras traz necessidade de apresentar informações importantes sobre o livro para que possamos aproveitar ao máximo os seus ensinamentos. Mas aí meu coração de pastor entra num dilema: essa introdução carregada de informações pode não despertar nenhum interesse pelo que está sendo pregado; porém, se essas informações não forem dadas, será muito prejudicial à Igreja.

Por muito tempo, trouxe comigo uma recomendação dos tempos de seminário, na qual os professores nos diziam que o nosso labor de pregadores é semelhante ao de uma cozinheira. Assim como uma cozinheira ao servir uma refeição que preparou não leva nas panelas que usou para cozinhar, mas, coloca tudo em porcelanas, travessas e outros utensílios bonitos, um pregador deve trazer para o púlpito somente o resultado de seus estudos, ou seja, o sermão, aquilo que as pessoas precisam ouvir, e não os detalhes dos seus estudos que o levaram às conclusões que chegou.

Confesso que essa instrução mais me atrapalhou do que ajudou, e isto porque, como pregador não devo ser comparado a uma mãe que cozinha e depois serve às pessoas, mas, devo ser comparado a uma mãe que está ensinado seus filhos a cozinhare. Assim, meu desejo é ver cada um de vocês compreendendo o porquê cheguei a essa ou àquela conclusão sobre um texto bíblico, e, assim, ensiná-los a pensar e a exercitar as faculdades que Deus lhes deu, para que vocês possam se aprofundar cada vez mais nas maravilhas da Palavra de Deus. Por isso, peço não só a sua paciência, mas, principalmente a sua atenção nesse sermão introdutório do livro do Eclesiastes.

Enquanto pesquisava para elaborar essa série expositiva do livro bíblico do Eclesiastes, todos os comentaristas bíblicos (sem exagero) que utilizei para embasar minha pesquisa e buscar informações, disseram a mesma coisa sobre este livro, ou seja, que ele é difícil de ser interpretado, e não nos oferece uma estrutura ordenada, pois, seu autor vai de um assunto para outro sem oferecer uma conexão clara. Além de tudo isso, quando compreendemos o ensinamento dado numa determinada passagem, aparentemente ela nos leva a uma perspectiva pessimista da vida.

Outra característica do livro que o torna particularmente difícil, é que ele nada menciona sobre a obra da Redenção. Toda a nossa pregação deve apontar para Cristo. Sem Ele, não há pregação. O Dr. Sidney Greidanus, relata que quando ele estava fazendo uma série expositiva no livro do Eclesiastes, um colega que estava ali presente lhe perguntou se um rabino judeu conseguiria pregar numa sinagoga exatamente o mesmo que ele havia pregado, e ele respondeu que sim. Então aquele colega lhe disse: “*Você então, não pregou um sermão cristão*” (cf. GREIDANUS, 2017, p.8). O que ele estava dizendo é que ainda que uma passagem do Antigo Testamento não faça nenhuma menção ao Senhor Jesus Cristo, ela deve ser pregada e aplicada à luz da pessoa de Jesus.

O Dr. Greidanus menciona que existem sete maneiras de lidarmos com um texto do Antigo Testamento em relação à pessoa de Cristo:

- ✓ **Promessa/cumprimento**, quando é feita uma promessa sobre a vinda do Messias no Antigo Testamento, e há seu cumprimento no Novo Testamento. No Eclesiastes não temos nenhuma promessa a respeito de Jesus.
- ✓ **Tipologia** é quando o Antigo Testamento apresenta uma figura que aponta para Jesus especialmente em Sua obra salvífica. No Eclesiastes não encontramos nenhuma figura que aponte para Jesus e Sua obra.
- ✓ **Progressão histórico-redentiva**, ou seja, verdades que aparecem claramente no Novo Testamento, no Antigo podem não ser tão claras, ou até mesmo não mencionadas, e isto porque Deus Se revelou ao Seu povo no decurso de mais de 16 séculos, e não de uma só vez como muitos pensam. Por exemplo: em Eclesiastes deparamos o tempo todo com ele nos mostrando que os homens têm o mesmo fim dos animais, a morte. Ele nada diz sobre a ressurreição, pois, esta preciosa verdade será proclamada plenamente no Novo Testamento (no Antigo há uma ou outra inferência a essa verdade).
- ✓ **Analogia** é quando uma verdade é dita no Antigo Testamento e reafirmada no Novo. Eclesiastes repetidamente nos mostra que uma vida sem Deus é vazia, fútil e desperdiçada; o mesmo nos mostra o Senhor Jesus com a parábola do homem que estava confiante e seguro em sua abundante colheita, mas que naquela mesma noite haveria de morrer deixando tudo para trás.
- ✓ **Temas longitudinais**, isto é, uma verdade é apresentada numa passagem das Escrituras, e é encontrada em passagens distantes, no começo ou no fim da Bíblia. Por exemplo: **Ec 1.3** fala de uma vida de trabalho sem proveito, e que um dia acaba com o homem morrendo e voltando ao pó; a mesma verdade vemos em textos distantes como **Gn 3.17-18**.
- ✓ **Referências do Novo Testamento** que, ao repetirem um ensinamento do Antigo Testamento, não lançam mão dos mesmos termos e palavras como numa citação; seria algo parecido como uma paráfrase. Por exemplo, **Ec 1.2**, a expressão “**vaidade de vaidades**” (lit. *sopro, vapor*), expressa a brevidade e vacuidade da vida, o mesmo nos diz Tiago em outras palavras quando afirma que somos como a neblina que se dissipa (**cf. Tg 4.14**).
- ✓ **Contraste**, quando em Cristo, uma afirmação do Antigo Testamento, é contrastada (não contraditada). Por exemplo: **Ec 1.3** diz que por mais que trabalhemos, nenhum trabalho nesta vida tem proveito, mas Paulo vai nos dizer em **1Co 15.58** que em Cristo devemos ser operosos, porque Nele o nosso trabalho não é em vão. Assim, o ensinamento do Eclesiastes serve como pano de fundo para contrastar e dar mais ênfase ao que o Senhor Jesus ensina.

Nossa proposta aqui é encontrar o sentido do texto pretendido pelo seu autor (exegese), entendê-lo e interpretá-lo à luz da pessoa bendita de Jesus Cristo a partir de Sua revelação progressiva nas Escrituras (o que não fazia sentido para o Eclesiastes em seu tempo, agora, em Cristo encontra seu pleno sentido), e assim, aplicar seus ensinamentos à nossa realidade.

O Tema do livro

Este livro faz parte daquele grupo literário conhecido como **Literatura Sapiencial**, isto é, **de sabedoria**. Seu autor está fazendo constatações sobre tudo o que há debaixo do sol, isto é, nesta vida, e chegará à seguinte conclusão: tudo debaixo do sol, neste mundo, nesta vida, só terá sentido se estiver conectado Àquele que está acima do sol, Deus. Por isso, adotaremos como tema central e subtema da exposição do livro o seguinte:

Conhecendo o Único Sentido da Vida

Tudo debaixo do sol encontra seu sentido em Cristo que está acima do sol

Razões para pregar em Eclesiastes

Se Eclesiastes apresenta tantas dificuldades, por que então gastarmos nosso tempo com ele? Além do principal motivo, a saber, Eclesiastes é Escritura Sagada, inspirado pelo Espírito Santo, citamos aqui algumas razões apresentadas do Philip Graham Ryken para estudarmos Eclesiastes (cf. RYKEN, 2017, p.17):

- ✓ “Devemos estudar Eclesiastes porque é honesto sobre as dificuldades da vida”. O livro trata de assuntos do nosso dia a dia tais como: o governo, o trabalho, a insatisfação com todas as coisas. O livro não pinta uma imagem cor-de-rosa da vida; antes, fala de forma realista sobre tudo. Ele nos permite fazer questionamentos que normalmente não fariamos em outras ocasiões.
- ✓ “Deveríamos estudar Eclesiastes também para aprender o que acontecerá conosco se escolhermos aquilo que o mundo tenta nos oferecer no lugar daquilo que Deus nos dá”. O autor do livro desfrutara de muitos prazeres nesta vida, teve muitas riquezas e recursos, mesmo assim estava frustrado. Devemos atentar para isso, pois, todas as coisas deste mundo, mais cedo ou mais tarde nos frustrarão.
- ✓ “Deveríamos estudar Eclesiastes também porque o livro faz as perguntas maiores e mais difíceis que as pessoas ainda fazem hoje”. Qual o sentido da vida? Por que estou tão infeliz? Deus realmente se importa comigo? Por que há tanto sofrimento no mundo? Por que coisas ruins acontecem a pessoas “boas”? Vale a pena viver?
- ✓ “O livro nos ajudará a adorar o único Deus verdadeiro (...) Ao mesmo tempo, esse livro nos ensina como viver para Deus e não apenas para nós mesmos”. Ainda que este livro nada fale sobre os atos redentivos de Deus, ele O apresenta como o Criador, o Senhor Soberano, o Rei Todo-Poderoso do universo, e, por isso mesmo, devemos ter nossa vida centrada em Deus e tendo como único objetivo da nossa existência, conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo com toda a piedade e amor.

Título, Autor e Ocasião da Escrita do Livro

O nome “Eclesiastes” dado ao livro, refere-se a um título/cargo de uma pessoa. No hebraico, o nome é קהלת - *qōhēleṭ* e quer dizer “coletor de sentenças e de provérbios, pregador, orador público, orador em uma assembleia, aquele que reúne a assembleia para ensinar” (STRONG). O povo de Israel quando era reunido para ouvir a leitura e instrução da Lei de Deus, reunia-se em “assembleia” (cf. Êx 12.16). A LXX (versão grega do Antigo Testamento) traduziu קהלת por “Eclesiastes”, ou seja, “aquele que fala na ekklesia”, isto é, na Igreja, na congregação. Daí então, a tradução “Eclesiastes ou o Pregador” que aparece nas nossas versões.

Respondido isto, suscita-se outra pergunta: quem era esse קהלת - *qōhēleṭ* - pregador? Ele é identificado como “filho de Davi, rei de Jerusalém” (1.1); e no final do livro, em 12.9, do קהלת - o Pregador, é dito: “além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento”. Além dessas informações sobre o autor (que parecem ter sido obra de outra pessoa, talvez o compilador que juntou todos os ensinamentos do Eclesiastes neste livro), tal como a que vemos em 1.16; 2.9, nos levam a reconhecer Salomão como o autor do livro. Como disse Philip Hyken: “Quem mais diria: “eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos os que antes de mim existiram em Jerusalém” (Ec 1.16; cf. 2.9)? (HYKEN, 2017, p.20). Não foi a Salomão que Deus prometeu tudo isso, conforme relatado em 1Rs 3.12-13? O Pregador “compôs muitos provérbios” (12.9), e o mesmo é dito de Salomão (cf. 1Rs 4.32). Se levarmos em conta ainda a ocasião da assembleia solene registrada em 1Rs 8, na qual a Arca da Aliança foi trazida ao templo do SENHOR Deus, recém

construído, Salomão dirige-se ao povo e o instrui (1Rs 8.12-21), ora a Deus (1Rs 8.22-53), abençoa ao povo (1Rs 8.54-61), e, encerrando a solenidade oferece sacrifícios a Deus, consagra o templo com seus utensílios, celebra a Festa dos Tabernáculos, durante sete dias, e ao oitavo dia despede o povo (1Rs 8.62-66). Por tudo isso podemos afirmar com certeza que foi Salomão o autor do livro.

Quanto à ocasião em que Salomão escreveu Eclesiastes, é mais plausível afirmar que foi próximo ao fim de sua vida por volta de 950 a 940 a.C. Como afirma Hyken: *“Eclesiastes é o conjunto de suas memórias – um relato autobiográfico daquilo que aprendeu em sua tentativa fútil de viver sem Deus. Na verdade, o livro é seu último testamento, escrito talvez para levar seu filho Reoboão para a direção espiritual certa”* (HYKEN, 2017, p.26). Assim sendo, não devemos ver os ensinamentos do Eclesiastes como pessimistas e negativos, mas, sim, como realistas e positivos (mesmo quando expressos negativamente), pois, refletem o arrependimento de um coração que, mesmo tendo recebido tantas bênçãos de Deus, especialmente a sabedoria, não tomou decisões e nem agiu com a plena sabedoria que recebera de Deus. Uma das expressões emblemáticas do Eclesiastes: **“Vaidade de vaidades, tudo é vaidade”** (1.1), é a constatação de sua insensatez, pois, ele começou bem quando buscou em Deus a sabedoria, desencaminhou-se no meio do processo, mas, no final retornou para Deus reconhecendo-O como a única razão e sentido de tudo que há debaixo do sol, isto é, desta vida.

A Mensagem do Eclesiastes

Algumas expressões emblemáticas do livro (que no hebraico, geralmente são superlativos empregados para chamar a atenção das pessoas) merecem nossa atenção aqui, pois, nos ajudarão a compreender a mensagem central do livro.

- ✓ **“Vaidade de vaidades, tudo é vaidade”** (1.1; 12.8) e as outras 26 vezes que a palavra **“vaidade”** aparece em todo o livro, trazem a substantivo hebraico הֶבֶל – lit. *vapor, bafo, sopro*, mas, no sentido figurado como é aqui no Eclesiastes, é traduzida por *vaidade*. **Comunica a ideia de que tudo é fútil e efêmero.** A palavra הֶבֶל *“vem a expressar o absurdo e a futilidade da vida num mundo caído”* (HYKEN, 2017, p25). Na tradição judaica, a palavra hebraica הֶבֶל traduzida como *“vaidade”* tem um significado mais profundo do que simplesmente algo em vão. No Eclesiastes, ela aponta para a futilidade e transitoriedade da vida terrena. Nesse contexto, a vaidade não se refere apenas a algo sem valor, mas também expõe a busca humana por significado e propósito em meio à fugacidade dessa vida. *“A compreensão desse conceito contribui para uma reflexão mais profunda sobre a existência e a busca pela verdadeira essência da vida”* (STRONG).
- ✓ **“...correr atrás do vento”** (1.14,17; 2.11,17,26; 4.4,6,16; 6.9) está totalmente relacionada à anterior. **Comunica a ideia de perda de tempo e esforço com o que é fútil.** Essa expressão aponta para o esforço desmedido e intenso para realizar desejos do coração. É a busca incansável desses desejos, que, quando alcançados, revelam-se frustrantes e vazios, pois, são sentido em si mesmos. Trazem também a ideia de angústia, a qual é o resultado da busca por algo vazio. As expectativas depositadas em coisas fúteis ou mesmo em outras pessoas, sempre são frustradas e frustrantes, resultando em angústia, ansiedade e desilusão.
- ✓ **“...debaixo do sol”** (1.3,9,14; 2.11,17,18,19,20,22, 3.16; 4.1,3,7,15; 5.13,18; 6.1,12; 8.9,15,17; 9.3,6,9,11,13; 10.5) é a expressão que mais aparece no livro. Seu significado é *“esta vida terrena”*. **Comunica a ideia dos sofrimentos e desilusões experimentados nesta vida.** O

Eclesiastes a emprega para mostrar como é a vida neste mundo quando olhamos para o sol em toda a sua beleza e fulgor, e não refletimos admirados e vislumbrados pela glória de Deus, seu Criador; quando trabalhamos arduamente para termos mais dinheiro para pagar pelos nossos deleites, e não vemos nosso trabalho como um meio de glorificarmos a Deus produzindo para o bem da nossa sociedade; quando buscamos o conhecimento só para nos engrandecermos diante das pessoas e fazê-las ficarem impressionadas conosco. O Eclesiastes nos mostra que não há maneira mais fútil e tola de se viver do que esta, pois, não atenta para o real e único sentido da vida. Todas as vezes que nos depararmos com a expressão “...**debaixo do sol**”, busquemos por Aquele que está acima do sol, pois, somente Ele dará sentido a tudo nesta vida.

Conclusão

Por que essa vida é tão vazia e frustrante? A resposta está em **Rm 8.20** onde lemos: “**Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou**”. A mesma palavra usada pelo Eclesiastes, “**vaidade**” é usada também por Paulo. O substantivo grego *ματαιότης* – *vaidade*; *o que está destituído de verdade e pertinência*; *perversidade*; *depravação*; *fragilidade*; *falta de vigor*, aponta para a futilidade e vazio das coisas terrenas, a efemeridade da vida sem Deus, exatamente o mesmo significado dela no Eclesiastes. O pecado trouxe à vida terrena a frustração, a vacuidade, a futilidade. O que nos entristece e nos angustia, o que faz a vida ser uma rotina mórbida e sem sentido, o que nos faz insatisfeitos mesmo tendo tudo o que é necessário para viver, o que torna as nossas conquistas apenas um recorde que precisa ser quebrado por outra conquista maior, para no final vermos que só perdemos tempo, não soubemos aproveitar bem a vida e não termos vivido somente para glorificar a Deus, **é o pecado**, tanto o nosso quanto o dos outros.

Sofremos com as consequências dos nossos pecados, e fazemos as pessoas sofrerem por causa dos nossos pecados; também sofremos com as consequências dos pecados dos outros. O Eclesiastes pergunta: “*Vale a pena viver?*”. Então ele se põe a analisar as mais variadas circunstâncias dessa vida. As respostas que ele apresenta parecem ser destituídas dos atos redentivos de Deus, daí nos dá a ideia de ele ser tão pessimista. Mas, o livro, tal como fora divinamente inspirado pelo Espírito Santo, dentro dos designios de Deus seguindo um plano de revelação progressiva através das Escrituras, lança essas questões sobre a vida terrena que encontrarão todas as respostas Naquele que está acima do sol, o Sol da Justiça, o Senhor Jesus. “*Agora, pelo poder da sua ressurreição, o vazio da vida debaixo do sol será revertido: ‘a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus’*” (Rm 8.21). Assim, Eclesiastes nos ajuda a reconhecer a nossa necessidade do Evangelho de Jesus, que é a razão mais importante de todas para estudá-lo” (HYKEN, 2017, p.30).

Esboço do Livro

Não há um consenso entre os comentaristas quanto à estrutura do livro, pois, como já afirmamos, o Eclesiastes vai de um assunto para outro sem uma aparente conexão nas ideias. Há um tema geral do livro que, na sua conclusão (12.9-14), dá uma direção, a saber, “**De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque este é o dever de todo homem**”. O Eclesiastes está direcionando nossos olhos para Deus enquanto apresenta, discute e, por fim, soluciona o problema: “*Vale a pena viver?*”. O Dr. Warren Wiersbe apresenta um esboço, o qual adotaremos aqui, com algumas adaptações (cf. WIERSBE, 2010, Vol.3, p.447):

I – Apresentação do Problema (Cap. 1 – 2)

O secularismo e o Deus Eterno

1. O vazio da vida secularizada (1.2-11)
2. O vazio do conhecimento secularizado (1.12-18)
3. O vazio do prazer secularizado (2.1-11)
4. O vazio da sabedoria secularizada (2.12-17)
5. O vazio do trabalho secularizado (2.18-23)
6. Quando Deus preenche o vazio (2.24-26)

II – Discussão do Problema (Cap. 3 – 10)

Assuntos que ocupam esta vida debaixo do sol

1. Deus é o Senhor do Tempo (3.1-8)
2. Deus nos criou para que nos satisfaçamos Nele (3.9-15)
3. Reflexões sobre a miséria humana (3.16-22)
4. Como lidar com o pecado da ganância (4.1-16)
5. Sem temor não há culto aceitável a Deus (5.1-7)
6. Colocando o dinheiro no seu devido lugar (5.8-20)
7. Quando ter bens não faz bem (6.1-12)

A importância do conhecimento de Deus para

8. Compreendermos o que é melhor (7.1-10)
9. Obtermos a sabedoria (7.11-22)
10. Exercermos o discernimento (7.23-29)
11. Lidarmos com os nossos limites (8.1-17)

Questões de vida e morte

12. A morte vem para todos (9.1-10)
13. A vida é imprevisível (9.11-18)
14. Tolice mata (10.1-11)
15. Tolice envergonha (10.12-20)

III – Solucionando o Problema (Cap.11 – 12)

Conectando tudo o que está debaixo do sol com Aquele que está acima do sol

1. Viver pela fé requer trabalho árduo (11.1-6)
2. Viver pela fé requer não perder Deus de vista (11.7 – 12.8)
3. Viver pela fé requer cuidar do coração (12.9-14)

“Louvamos-Te, ó Deus Eterno por tudo o que tens feito em nossas vidas através do Teu Filho Jesus Cristo. Dá-nos hoje um pouco mais do Teu favor, da Tua graça para que possamos desfrutar da Tua Palavra. Assim oramos, em nome de Jesus, amém!”.

Conhecendo o Único Sentido da Vida

Tudo debaixo do sol encontra seu sentido em Cristo que está acima do sol

Parte I

Apresentação do Problema

O Secularismo e o Deus Eterno

Ec 1 – 2

Introdução

Não sei você, mas eu não gosto que alguém me conte o final de um filme sem que eu o tenha assistido. Mas, eu farei isso aqui com o livro do Eclesiastes. Passaremos pelo livro todo lidando com questões intrigantes, e, especialmente constatando que tudo é vaidade de vaidades, sem sentido, vazio, sem proveito. Por vezes seremos tomados por um sentimento de fracasso ante o aparente pessimismo que o livro apresenta. Porém, como vimos na introdução no primeiro sermão, Eclesiastes não é pessimista, mas, realista. Salomão inicia o livro com uma constatação (1.2) que nos levará ao clímax mostrando que Deus é o único sentido da vida e o única que dá sentido a cada momento da nossa vida, e que devemos teme-Lo e obedecê-Lo (12.13-14). Essa mesma abordagem será adotada nas seções do livro, ou seja, sempre iniciará uma seção do livro fazendo constatações sobre a vida neste mundo (“**debaixo do sol**”), as quais não são nem um pouco animadoras se vistas do ponto de vista terreno, e terminará cada seção nos dando uma perspectiva totalmente diferente apontando para Deus como a resposta. Walter Kaiser Jr., em seu comentário, afirmou: *“O que unifica o livro é a declaração de que há uma alegria dada por Deus que pode ser encontrada na vida, embora uma nota grave de ‘sopro’, ‘névoa’, ‘transitoriedade’ ou ‘mudança’ seja tocada no contexto da busca mais básica por algum tipo de ponto fixo de referência e sentido no trabalho pessoal”* (KAISER, 2015, p.48).

A primeira seção do livro traz a apresentação do problema (cap. 1 – 2), na qual vemos o secularismo e o Deus Eterno, assunto este que veremos nas próximas semanas. Em 1.1-3 temos a constatação enfatizada pela repetição de palavras **“Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade”** (v.2), seguida da pergunta retórica **“Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol”** (v.3). Essa pergunta nos levará a ver que o secularismo (uma vida que não considera a pessoa de Deus) desembocará no vazio da vida secularizada (1.4-11), do conhecimento secularizado (1.12-18), da riqueza secularizada (2.1-11), do trabalho secularizado (2.12-23), para então trazer ao nosso coração a esperança de quando Deus preenche todo o vazio da nossa vida (2.24-26). Assim, somos chamados a gozar a vida na presença de Deus por mais difíceis que sejam as circunstâncias, por mais que o sol nos queime.

Por secularismo queremos dizer uma vida sem Deus, que não O considera em cada momento. O secularismo nada mais é que ateísmo prático. Houve um momento na vida de Salomão em que ele se afastou de Deus. Em 1Rs 11.1-8 está registrada a sua idolatria: ⁵ Salomão seguiu a Astarote, deusa dos sidônios, e a Milcom, abominação dos amonitas. ⁶ Assim, fez Salomão o que era mau perante o SENHOR e não perseverou em seguir ao SENHOR, como Davi, seu pai. ⁷ Nesse tempo, edificou Salomão um santuário a Quemós, abominação de Moabe, sobre o monte fronteiro a Jerusalém, e a Moloque, abominação dos filhos de Amom.

⁸ Assim fez para com todas as suas mulheres estrangeiras, as quais queimavam incenso e sacrificavam a seus deuses” (1Rs 11.5-8). Se o livro do Eclesiastes foi mesmo escrito no final de

sua vida, ou mesmo após sua morte por algum escriba que quis deixar registrados seus ensinamentos, então concluímos que Salomão, aquele que é apresentado no v.1 como **“Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém”**, arrependeu-se de seus pecados e ainda teve tempo de testemunhar diante das pessoas sobre Deus e o temor que Lhe é devido.

Nesta seção (**cap. 1 – 2**) vemos o secularismo (1.2-3), o vazio que ele deixa em todas as áreas da vida (1.4 – 2.23), e como Deus o destrói (2.24-26). Vejamos, então: **O secularismo e o Deus Eterno.**

Como já visto, a palavra **“ vaidade ”** (הֶבֶל) comunica a ideia de *algo sem sentido*, literalmente *vapor, bafo, sopra*. Salomão usa o superlativo **“Vaidade de vaidades”** (e.g. **“Santo dos Santos”, “Céu dos céus”,** etc.) para enfatizar a futilidade, a vacuidade, a efemeridade da vida. Pense numa manhã de inverno quando você sai de casa e observa aquela névoa que sai de sua boca. Ela é tanto sem consistência (ninguém consegue segurá-la) quanto efêmera (dura alguns segundos; *“aquilo que resta depois que se estoura uma bolha de sabão”*) (WIERSBE, 2010, vol.3, p.452).

No v.3, o Pregador faz uma pergunta cujo conteúdo está totalmente ligado ao versículo anterior, pois, começa a defender a sua tese: **“Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol”**. Antes de tudo, é importante frisar aqui que Salomão não está pregando contra o trabalho e incentivando a vadiagem. Nem mesmo está dizendo que o trabalho é um castigo. Antes, o que ele está mostrando aqui é a futilidade de uma vida longe de Deus, ainda que tenha motivos nobres conforme a perspectiva dos homens – o trabalho dignifica o homem, lhe recompensa por seus esforços, proporciona a oportunidade de produzir algo para o bem dos outros, mas, se em tudo isso o nosso coração não estiver subordinado à glória de Deus, será tudo sem sentido.

Três palavras aqui chamam nossa atenção: **“proveito”** (יִתְרוֹן – *lucro*), **“trabalho”** (עֲמָלָה – *labor, trabalho*), e **“debaixo do sol”** (תַּחַת הַשֶּׁמֶשׁ). A palavra **“proveito”** é um termo comercial normalmente usado no contexto de negócios. Refere-se a um excedente, a algo que sobra após o pagamento de todas as despesas (RYKEN, 2017, p.35). Todos nós temos lucro em vista quando fazemos algum negócio, entramos num empreendimento. Por isso a segunda palavra, **“trabalho”**, significando a labuta diária, **“debaixo do sol”** isto é, nesta vida. O Pregador está perguntando *“vale a pena trabalhar tanto, com tanto sofrimento por um lucro tão insignificante?”*. Sua pergunta é retórica, pois, ele já sabe a resposta, e sua resposta é: *“absolutamente, nada”*.

Pense um pouco na sua vida. Quantas vezes você não teve o mesmo sentimento em relação à sua vida? Quantas vezes você se perguntou se estava valendo a pena tanto esforço para conseguir algo, para depois de ter conseguido ver não era tudo aquilo que você pensava ser? Quantas vezes você olhou para outras pessoas e quis ter o emprego e a posição delas porque julgou que o seu trabalho era sem sentido? *“Ah, aquilo sim é o emprego dos sonhos!”*. Um pastor olha para a congregação à qual ele ministra fielmente a Palavra de Deus, e vê suas ovelhas fazendo as mesmas bobagens de sempre, e se vê frustrado; mesmo assim no próximo domingo subirá ao púlpito e ensinará tudo de novo, e de novo. Uma esposa se vê cansada de ter que fazer as mesmas coisas todos os dias em sua casa, e quando termina o trabalho à noite, vai descansar para começar tudo de novo. Qual o sentido, o proveito de tudo isso?

Aplicação v.2-3

Nesta vida trabalhamos, obtemos lucro financeiro, prestígio social como resultados do nosso trabalho. Mas, quando partirmos, outros assumirão nosso lugar, outros estarão dando continuidade ao que estávamos fazendo, ou até mesmo deixarão de lado as nossas obras e farão outras no lugar quando fomos interrompidos pela morte. Qual o proveito de tudo o que fizemos? **O objetivo do Pregador, então, está advertindo que, sem Deus, não há qualquer proveito do nosso trabalho** (cf. GREIDANUS, 2017, p.79).

Quando você estiver sob a angústia de ter se deparado com a falta de sentido e proveito no seu labor diário, quando o seu esforço se tornar apenas pagamento de contas e boletos, quando todo seu empenho parecer sem sentido e não ter o reconhecimento das pessoas, quando você olhar para suas obras e elas parecerem areia escoando pelos dedos, redirecione seu coração, sua vida, seu trabalho, sua motivação para a glória de Deus, e lembre-se do que disse o apóstolo Paulo: **“Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão” (1Co 15.58).**

Quer seja você um empregado ou patrão, pai ou filho, criança ou adulto, você se deparará mais cedo ou mais tarde com essa frustração, porque ela faz parte desta vida. Por isso mesmo, o quanto antes você ajustar seu foco para a glória de Deus, o quanto antes sua vida terá sentido.

Se você ainda não é convertido a Cristo, não tem a certeza da vida eterna, atente-se para o que disse o Senhor Jesus: **“...que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?” (Mt 16.26)**. Você está agitado de um lado para outro, tentando reter algum lucro nesta vida, e mesmo que vier a conseguir, quando partir, nada levará consigo, e pior, partirá para um lugar de sofrimento e dor eternos. Você será rico para você mesmo, entesourando coisas fúteis, mas, não será rico para com Deus (cf. Lc 12.16-21). Novamente, atente para o que o Senhor Jesus disse: **“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6.19-21).** Neste mesmo texto do Evangelho de Mateus, o Senhor Jesus usa figuradamente os nossos olhos para nos mostrar o perigo do pecado da cobiça. Esse pecado usa os nossos olhos (e os demais sentidos) para insuflar em nosso coração o pecado da cobiça. Observe o que Ele disse: **“São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!” (Mt 6.22-23).** Então, Ele conclui falando sobre o mau uso das riquezas: **“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24).** Tome cuidado com os seus olhos, pois, eles aguçarão seus desejos, e seus desejos se não estiverem em Deus e em Sua Glória, certamente frustrarão você, e pior, desonrarão a Deus. **Como você poderá ser feliz e plenamente satisfeito com coisas materiais e mundanas, sendo que o seu coração foi criado por Deus para se satisfazer plenamente com o que é eterno, isto é, Ele próprio?**

Salomão apresenta quatro áreas da vida em que ele constatou que tudo é vaidade, para depois então encerrar essa seção mostrando-nos que todo o vazio causado pelo pecado que nos levou para longe de Deus, só poderá ser desfeito pelo próprio Deus.

O primeiro vazio que ele mostra é:

7. O vazio da vida secularizada, 1.4-11

Uma vida secularizada é caracterizada por uma rotina sem sentido. Não há problema algum em ter uma rotina para seguir; ela até ajuda na otimização do nosso tempo. Essa rotina é sem sentido porque está olhando na direção errada; está olhando para si mesmo. Como se diz “olhando para o próprio umbigo”.

Salomão continua sua argumentação extraindo constatações da criação (v.4-7), e da experiência dos homens (v. 8-11).

Constatações extraídas da Criação (v.4-7): “Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre” (v.4). Geralmente, o contrário é dito: “Geração vem, e geração vai”, pois, as pessoas gostam de pensar progressivamente, avançando para o futuro. Philip Ryken comenta: “Quando as pessoas pensam na geração seguinte, elas costumam pensar em termos de progresso. Nossos filhos são nosso futuro; eles realizarão coisas que vão muito além de qualquer coisa que nós jamais podemos sonhar” (RYKEN, 2017, p.37). Mas, Salomão inverte propositalmente a sentença, a fim de mostrar que **não importa o que fizemos, não importa o que construirmos e conquistarmos, um dia deixaremos tudo isso, e, outros desfrutarão em nosso lugar, até que chegue a vez de eles partirem e a geração posterior a eles tomar seu lugar.** Uma geração está emergindo enquanto outra está desaparecendo. Não importa qual seja a geração **“a terra permanece para sempre”**. O substantivo **“terra”** (אֶרֶץ) tem vários significados tais como: *solo, chão, território, região, posseção de alguma nação ou pessoa, nação*, entre outros, mas, nunca o sentido de planeta Terra. Possivelmente, este foi o sentido que lhe veio à mente ao ler este versículo, mas isso seria anacronismo e uma interpretação errada do termo, pois, a ideia de “planeta Terra” é algo relativamente recente na história da humanidade, e não se tinha esse conceito nos dias de Salomão. O Eclesiastes não está negando as verdades referentes ao Dia do Juízo Final (seria outro anacronismo), mas, apenas está reforçando a ideia de que daqui nada levamos e tudo deixamos; as obras que hoje nós realizamos, quando partirmos, outros farão em nosso lugar.

“Levanta-se o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, onde nasce de novo” (v.5). A primeira das três figuras extraídas da Criação. O sol (שֶׁמֶשׁ), faz seu percurso todos os dias. Sai do leste e vai para o oeste, como que se arrastando cansado. O verbo **“voltar”** (שָׁבָה) significa *suspirar, ofegar, ansiar, respirar pesadamente*. Salomão quer nos transmitir a ideia de que o sol não faz nada novo, mas repete sem uma pausa seu trabalho monótono e sem descanso. “Normalmente, voltamos para a natureza para encontrar encorajamento para a alma, mas quando o Pregador olha para o sol, tudo o que ele vê é simplesmente a monotonia da vida em um universo estático” (RYKEN, 2017, p.40).

A segunda figura da Criação que Salomão usa é a do vento: **“O vento vai para o sul e faz o seu giro para o norte; volve-se, e revolve-se, na sua carreira, e retorna aos seus circuitos” (v.6).** Na Palestina, o vento geralmente sopra do oeste para o leste, mas, aqui Salomão diz que ele sopra do sul para o norte. O que dá a entender é que o Pregador quis mostrar as atividades em toda a Criação quando ele aponta para os quatro pontos cardeais. Os cientistas descobriram há não muito tempo de onde o vento vem, ou seja, há um ponto no meio dos oceanos em que as águas estão totalmente paradas. Conforme se afasta desse ponto, percebe-se que as águas, por causa da Lua, começam a se mexer, e quanto mais aumenta a movimentação, as ondas produzem os ventos que circundam todo o planeta. Tal descoberta não desmente ou contradiz a fala do Senhor Jesus em Jo 3.8 sobre o vento: **“O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai...”**, pois, mesmo que hoje saibamos de onde os ventos vêm, não sabemos quando virão, e nem para onde irão. O que Salomão quer mostrar aqui com essa figura é que o vento está em constante movimento e nunca alcança um destino do qual possa se dizer: **“O vento chegou ao seu último destino; ele cumpriu seu trabalho”**. Pelo contrário, ele continuará sempre soprando, e quando chegar a um local do qual possa se dizer que é o seu ponto final, imediatamente, **“retorna aos seus circuitos”**.

“Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche” (v.7a). De mesmo modo se comportam os rios. Eles desagüam nos mares; as águas evaporam, formam as nuvens que se convertem em chuvas, que enchem as nascentes, as quais abastecem os rios e assim **“...ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr” (v.7b).** O objetivo de Salomão aqui em nos mostrar que os rios continuam a correr para o mar, mas o mar não enche, é fazer-nos entender

que toda essa atividade não mostra resultados, não há proveito algum (cf. GREIDANUS, 2017, p. 92), ou seja, **nada muda**.

Constatações extraídas da experiência humana (v.8-11): “Todas as coisas são cansadas tais, que ninguém as pode exprimir; os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir” (v.8). Se nada muda, então é razoável afirmar que nada neste mundo é novo (cf. WIERSBE, 2010, Vol.3, p. 457). Três ações humanas: a fala (“ninguém as pode exprimir”), o olhar (“os olhos não se fartam de ver”) e o ouvido (“nem se enchem os ouvidos de ouvir”). A voz não pode expressar suficientemente a cansativa repetição de ciclos fúteis na natureza. Os olhos não conseguem ver todas as coisas e todos os lugares da Criação, nem os ouvidos não conseguirão captar todos os seus sons e ruídos. **A constatação da própria insignificância diante de tal vastidão esmaga e humilha o coração orgulhoso e soberbo que pensava ser capaz de discorrer, examinar e ouvir todas as coisas e de entende-las como elas são.** Em nossos dias, os meios de comunicação despejam sobre nós informações num volume absurdo. Dia após dia recebemos mais e mais informações às quais vemos e ouvimos, mas, não temos condições de comentar e opinar sobre todas elas. Daí o sentimento de fracasso e impotência. “A atividade incessante das gerações, do sol, do vento e dos rios é refletida na vida humana. Assim, como toda essa atividade na natureza não tem proveito algum, assim também a atividade humana de falar, ver e ouvir não tem proveito algum”(GREIDANUS, 2017, p. 94).

Não importa o quanto de informação ele pode ter acesso, mais cedo ou mais tarde ele constatará que **“O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol”** (v.9). Este versículo é um resumo dos v.4-8 ressaltando a futilidade dos ciclos da natureza. É claro que Salomão não está negando o ensino de **Gn 1 - 2** que afirma que tudo o que Deus fez é muito bom e que os ciclos da natureza sejam necessários para a manutenção da vida. O que ele tem em mente aqui é mostrar que **“nada há, pois, novo debaixo do sol”**. A história da humanidade se repete.

Salomão apresenta mais uma pergunta retórica: **“Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo?”** (v.10a) e sua resposta é abrupta: **“Não! Já foi nos séculos que foram antes de nós”** (v.10b). alguém pode dizer: “Olha só isso é novo!”, e o Pregador responde friamente: “Não. Isso já aconteceu”. Em qualquer época existiram reis e soberanos que dominaram o povo; catástrofes naturais ou provocadas pela mão dos homens sempre aconteceram; injustiças e justas sempre foram praticadas; bebês saudáveis e doentes nasceram em todas as épocas; jovens no vigor de sua juventude morreram abruptamente; idosos com suas cãs passearam pelas ruas; cada época presenciou guerras e batalhas; enfim, não há nenhuma novidade. Pense um pouco: hoje temos a Internet, a telefonia, os satélites na órbita do planeta facilitando nossa comunicação para que a mesma aconteça em tempo real, mas, em 1837, Samuel Morse, inventou o telégrafo por meio de impulsos elétricos (os mesmos impulsos usados nas micro-ondas dos nossos celulares ainda hoje); o telégrafo substituiu os cavalos e as cartas dos correios que por milênios foram os meios de comunicação mais eficazes e velozes. O mesmo pode ser dito dos transportes, pois, o que mudou foi a velocidade e conforto, mas, continuamos a nos mover de um lugar para outro. Na medicina fazemos a mesma constatação quando olhamos por exemplo, a anestesia geral. A primeira demonstração de intervenção cirúrgica com anestesia geral foi realizada em 1846, no General Massachusetts Hospital, em Boston, correto? Não. A primeira anestesia geral foi no Éden. O que hoje parece ser uma novidade, nada mais é do que o mesmo que já existia e que recebeu uma roupagem diferente. O Dr. H. A. Ironside, pastor por muitos anos da Igreja Moody em Chicago, disse: “Se é novidade, não é verdade; se é verdade, não é novidade”, e Warren Wiersbe complementa: “As novidades não passam de novas combinações daquilo que já existe. O homem não é capaz de criar coisa alguma, pois é criatura, e não Criador” (WIERSBE, 2010, Vol. 3, p.458).

Salomão encerra esse trecho com uma nota sobre a memória: **“Já não há lembrança das coisas que precederam; e das coisas posteriores também não haverá memória entre os que hão de vir depois delas”** (v.11). A ideia de que algo é novo para nós se dá simplesmente pelo fato de que esquecemos das coisas que serviram de base para as atuais. *“Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem iguais. E sempre que algo parece ser realmente novo debaixo do sol, isso se deve apenas ao fato de termos esquecido o que aconteceu no passado”* (GREIDANUS, 2017, p.44). Pense nos automóveis modernos. Por mais luxuosos e impressionantes que sejam, eles nada mais são do que aquele primeiro modelo de 100 anos atrás que, com o passar do tempo foi sendo melhorado. Mas, daqui a 100 anos, os carros de lá farão os nossos serem esquecidos pela maioria das pessoas. As pessoas que poderiam se lembrar já terão morrido, e as que estiverem vivas, se não visitarem algum museu do automóvel, não terão a mínima ideia de como eram os carros dos tempos anteriores.

Aplicação v.4-11

O que fazer diante dessas constatações: *“Vaidade de vaidades (...) tudo é vaidade”, “Não há proveito algum em nosso trabalho, pois o final é morte para todos”, “A vida, a natureza, tudo é uma mesmice sem sentido”, “Dabaixo do sol só tem fadiga e perda de tempo”?* Se essas fossem as únicas conclusões que poderíamos chegar, então deveríamos entrar em desespero. Porém, olhando para a **progressão histórico-redentiva** da revelação de Deus registrada nas Escrituras, diremos exatamente o oposto do que disse Salomão: em Cristo tudo se faz novo.

Tudo começa com Cristo Jesus nos dizendo: **“...importa-vos nascer de novo”** (Jo 3.7), pois, somente após o novo nascimento que Cristo opera em nós é que somos recriados por Ele para Deus, e feitos nova criação: **“E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”** (2Co 5.17), e pelo poder de Deus somos capacitados a andar (viver, comportar) **“em novidade de vida”** (Rm 6.4).

Agora, como nova criação, olharemos para nossa posteridade e diremos: **“O que ouvimos e aprendemos, o que nos contaram nossos pais, não o encobriremos a seus filhos; contaremos à vindoura geração os louvores do SENHOR, e o seu poder, e as maravilhas que fez”** (Sl 78.3-4). Não viveremos a partir da perspectiva da morte, mas da glória de Deus, e, por isso mesmo, transmitiremos aos nossos filhos o Evangelho dos antepassados que um dia chegou a nós.

Como novas criaturas não apenas olharemos para o sol, mas para além dele, e por mais que ele arda sobre nós e nos fustigue, exultaremos no Deus Todo-Poderoso que está acima do sol, e o louvaremos tal como fez o salmista quando disse: **“Do nascimento do sol até ao seu ocaso, louvado seja o nome do SENHOR** (Sl 113.3), pois, o sol é uma dádiva de Deus para os homens, quer sejam maus ou bons (cf. Mt 5.45), mas, somente os que foram justificados por Cristo é que um dia, na Glória Eterna, não precisarão mais do sol, pois lá, o Cordeiro de Deus, o próprio Cristo resplandecerá com o fulgor de Sua glória (cf. Ap 21.23; 22.5).

Nascidos do Espírito Santo, ao sentirmos o vento tocando nossa face, não o veremos como preso à uma rotina entediante, mas nos lembraremos de que: **“O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito”** (Jo 3.8). Nossa vida não nos pertence mais, nosso coração não mais nos governa, mas, sim, o Espírito Santo de Deus, **“Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”** (Rm 8.14).

Os rios correndo em direção ao mar não serão para nós uma visão entediante, mas, a lembrança reconfortante de que ainda que tudo ao nosso redor esteja ameaçando desmoronar, ou mesmo já esteja ruindo, **“Há um rio, cujas correntes alegram a cidade de**

Deus, o santuário das moradas do Altíssimo” (Sl 46.4). A nossa alegria e segurança resultam da presença de Deus conosco.

Nascidos de novo, ainda não conseguiremos exprimir, olhar e ouvir todas as verdades contidas na Palavra de Deus, pois, nenhuma outra informação ou notícia neste mundo será mais importante para nós do que as Boas-Novas de salvação; nenhum outro livro haverá além da Bíblia para o qual nossos olhos olharão e se porão a examinar; nenhuma outra palavra ou assunto trará mais prazer aos nossos ouvidos do que a Palavra de Deus. Se tivéssemos mil anos, estes não seriam suficientes para exprimir, olhar e ouvir tudo o que a Bíblia nos diz sobre Deus. Mesmo diante de nossa limitação, sendo novas criaturas em Cristo, jamais diremos que a Palavra de Deus é cansada para nós.

Por termos nascido de novo, podemos dizer que em Cristo tudo se fez novo, e podemos descansar na promessa de um novo céu e de uma nova terra onde habita a justiça (cf. 2Pe 3.13), e a nossa memória jamais se esquecerá da bondade de Deus e do fato de que esta vida não é a nossa existência final. *“Fomos feitos para um mundo melhor. O fato de estarmos cansados da vida nos aponta para o único Deus que pode satisfazer a nossa alma”* (GREIDANUS, 2017, p.50).

O segundo vazio apresentado por Salomão como resultado do secularismo:

8. O vazio da sabedoria secularizada (1.12-18)

Após constatar que uma vida secularizada, isto é, sem considerar Deus em todos os seus caminhos (decisões e escolhas), Salomão passa a falar sobre uma área em que muitas pessoas procuram sentido para suas vidas: **o conhecimento, a ciência que prometem dar sabedoria.**

É importante afirmar que Salomão aqui nestes versículos (assim como em 8.16-17; 12.12) não está falando contra o adquirir conhecimento, e muito menos incentivando o ócio, a ignorância e a falta de estudo. **Antes, o que ele pretende aqui nestes versículos é mostrar que o conhecimento secularizado, isto é, o conhecimento das coisas desta vida sem estar relacionado e subordinado a Deus, aquilo que a Bíblia chama de “sabedoria do mundo”, é perda de tempo, vazio, e sem proveito algum.**

Você já deve ter ouvido coisas como: *“O conhecimento é poder”, “O saber liberta”, “Este mundo é de quem detém o conhecimento”.* *“O conhecimento nunca é demais”,* ou ainda *“O conhecimento é a chave para o sucesso”.* E há um fundo de plausibilidade e razão nessas afirmações, contudo, a grande questão que fica é: **todo o conhecimento que puder ser alcançado nesta vida nos dará todas as respostas?**

O homem sempre buscou dominar as circunstâncias por meio da Ciência **porque sempre quis ter o controle de tudo.** O Iluminismo, que foi um movimento intelectual que surgiu na Europa no século XVIII, sendo marcado pela valorização da razão e pela crítica ao absolutismo e à religião, especialmente à Fé Cristã, vem iludindo as pessoas com suas descobertas e invenções. Pense, por exemplo, na medicina. Doenças que nos séculos passados devastaram populações inteiras, com o avanço da Ciência foram controladas e, muitas até foram erradicadas. Uma dor que, antes era remediada com chazinhos e escaldos, hoje são facilmente controladas com um comprimido específico. Se olharmos para os avanços tecnológicos dos nossos dias, somos facilmente iludidos com uma percepção equivocada de que, através da Ciência temos o controle de tudo, por exemplo: compramos uma mercadoria em algum site de vendas e já recebemos um código de rastreamento, e aí do vendedor se ele atrasar. Você chama um motorista desses aplicativos de transporte para o seu filho, e ele compartilha a localização em tempo real dando a você a segurança de saber onde ele está. Mas essa segurança é falsa, porque você não está ao lado do seu filho para protegê-lo caso ocorra um acidente, e mesmo se estivesse, nada poderia fazer

por ele. Assim, os homens são iludidos com a promessa de que se tiverem mais e mais conhecimento terão controle das circunstâncias e poderão manipulá-las conforme seus interesses.

Mas, o Iluminismo apresentou alguma novidade? Não. Já na antiguidade Salomão fez a mesma constatação que fazemos hoje a respeito da ilusão do controle por meio do conhecimento. Assim como Salomão, podemos dizer: “...nada há, pois, novo debaixo do sol” (1.9).

Deste trecho em diante, Salomão se dirige aos seus ouvintes na primeira pessoa: “Eu, o Pregador, venho sendo rei de Israel, em Jerusalém” (v.12). Essa afirmação aponta para Salomão, pois, além dele, somente Davi reinou em todo o Israel tendo Jerusalém como sua capital. Após a morte de Salomão, o reino foi dividido em dois, sendo o reino norte, Israel, e o reino do sul, Judá. Mas como nada no livro aponta para Davi como seu autor, então resta somente Salomão. Além disso, aponta para a ocasião em que ele escreveu o livro, a saber, durante o seu reinado.

Os v.13-18 são divididos em dois blocos, sendo cada qual encerrado por um provérbio:

- A busca pelo conhecimento secularizado (v.13-14)

Primeiro provérbio (v.15)

- A frustração causada pelo conhecimento secularizado (v.16-17)

Segundo provérbio (v.18)

Deve-se observar o movimento que ele faz com as palavras nestes versículos. Ele faz uma declaração nos v.13-14 (aplicou-se/informou-se sobre todas as coisas) à qual ele inverte nos v.16-17 (engrandeceu-se/sobrepujou-se em sabedoria por ter-se aplicado a informar-se).

A busca pelo conhecimento secularizado (v.13-14). Salomão declara : “Apliquei o coração a esquadrihar e a informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do céu” (v.13a). A expressão “dabaixo do céu” é uma variante de “dabaixo do sol”. O verbo “aplicar” (נָתַן) tem vários significados, tais como “dar, conceder, permitir, atribuir, empregar, dedicar”, mas aqui o seu sentido principal é de dedicar. Ele afirma ter aplicado “o coração”. O substantivo hebraico לֵב aqui, refere-se ao *homem interior, mente, vontade, entendimento*. Representa a totalidade do ser interior, incluindo emoções, a vontade e a mente, é o centro das decisões e sempre está relacionado à fé, moralidade e espiritualidade (cf. STRONG). Em outras palavras, Salomão disse: “Eu me dediquei sinceramente nesse objetivo”. Mas, qual objetivo era esse? Conhecer todas as coisas desta vida, como elas são e funcionam. Os dois verbos “esquadrihar” (דָּרַשׁ) e “informar” (תִּירָה) mostram que sua busca foi intensa e extensa. “Ele queria saber o máximo possível sobre o máximo de coisas possíveis” (RYKEN, 2017, p.58). Esses dois verbos têm praticamente o mesmo significado e estão unidos ao verbo “aplicar” numa relação “causa e efeito”. Por ter dedicado-se a esquadrihar (buscar com cuidado as raízes de uma questão, indagar minuciosamente sobre algo) e depois de ir a fundo em cada questão e informar-se, o conhecimento não ficou só em sua cabeça, mas, entrou fundo em seu coração. Como se diria, ele aprendeu (preendeu a) o que estudou.

Mas, por que Salomão diz: “este enfadonho trabalho impôs Deus aos filhos dos homens, para nele os afligir” (v.13b)? “O tipo de sabedoria que o Pregador tinha em mente não era a sabedoria divina, mas a sabedoria humana – o melhor que seres humanos jamais pensaram ou disseram” (HYKEN, 2017, p. 59). Em sua busca pelo conhecimento, Salomão foi além do que homem algum jamais conseguiu. Mesmo assim isso não o satisfez.

Nesta vida, neste mundo encontramos coisas que valem a pena conhecer e gastar nosso tempo nesse labor. Porém, se este conhecimento não estiver subordinado a Deus com o propósito de conhece-Lo e engrandece-Lo, tal conhecimento será um enfado, um peso. Pense

num homem estudioso que tem pendurados vários diplomas na parede do seu escritório. De que valerá todo esse conhecimento adquirido simbolizado naqueles diplomas quando a morte chegar? De que valerão todos os livros, todas as pesquisas, todas as descobertas se ele não encontrou o Verdadeiro Conhecimento que está na pessoa de Jesus Cristo?

Quando Salomão diz que Deus impôs esse enfadonho trabalho sobre os filhos dos homens (lit. *filhos de Adão* - לִבְנֵי הָאָדָם), está se referindo às consequências da Queda. Quando Deus criou o homem, não havia maldição sobre a criação, e isso tornava essa vida algo incomparavelmente melhor. Porém, a partir da Queda **“...a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou (...) toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora”** (Rm 8.20,22); *“...esse é um dos motivos pelos quais a vida é tão difícil. Um dia, quando Jesus voltar, a criação será liberta dessa escravidão”* (cf. Rm 8.21). **Fato é, a vida sem Deus não é somente enfadonha, desgastante e um desperdício completo; ela é ruim, má.** O verbo **“afligir”** (עָנָה) significa *oprimir, humilhar, curvar*. Na Bíblia, o conceito de humildade é frequentemente associado à submissão a Deus e à aceitação de Sua vontade acima da nossa. A ideia de se humilhar diante de Deus envolve reconhecer nossa pequenez e dependência Dele, não apenas em situações difíceis, mas como um estilo de vida (cf. STRONG). Salomão registra aqui a sua própria experiência em ter sido humilhado por Deus. Passou toda a sua vida iludido por sua soberba e vaidade, mas, no final, percebendo sua loucura, entendeu que Deus permitira que ele assim vivesse para humilha-lo, e mostrar-lhe que a verdadeira grandeza do homem é quando ele reconhece sua insignificância e total dependência de grande Deus.

“Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento” (v.14). Mais cedo ou mais tarde, a pessoa que dedicou sua vida à busca de um conhecimento secularizado, se deparará com o vazio e inutilidade do mesmo. O verbo **“atentar”** (רָצָה) significa *ver, olhar, inspecionar, perceber, considerar*. Tem praticamente o mesmo sentido dos verbos no versículo anterior que apontam para a dedicação de Salomão em buscar o conhecimento. Aqui Salomão está contemplando de um ponto de vista meramente terreno as coisas que as pessoas fazem, e tudo não passa de **“...vaidade e correr atrás do vento”**. O verbo **“correr”** (רָעוּת) além de seu significado mais comum *“perseguir”*, pode também significar também *“pastorear”*. Seja qual for o significado adotemos, tanto um quanto o outro nos mostram a total incapacidade que temos de dominar e controlar o vento. Lembro-me de quando menino, uma das brincadeiras que mais gostava era soltar pipa. Nos dias em que não havia vento, essa brincadeira se tornava uma frustração completa. Eu corria de um lado para outro tentando fazer a pipa ganhar as alturas do céu. Mas, quando o meu fôlego acabava, a pipa caía, pois, enquanto eu estava sem fôlego, ela estava sem vento.

Salomão encerra esse primeiro bloco com o primeiro provérbio: **“Aquilo que é torto não se pode endireitar”** (v.15a). A vida **“debaixo do sol”** nos apresenta uma realidade dura e difícil da qual não podemos fugir; precisamos enfrentar as dificuldades que se apresentam a nós. A palavra **“torto”** (עָוֶה) significa: *ser curvado, dobrado, pervertido*. Pode referir-se a atividades imorais e criminosas, porém, aqui não é esse o sentido. **“Aquilo que é torto não se pode endireitar” refere-se àquelas coisas na vida que gostaríamos de corrigi-las e endireita-las, mas não temos o poder para isso.** Uma enfermidade, uma injustiça impetrada por uma autoridade, uma crise financeira, etc. *“Há sempre algo na vida que gostaríamos de endireitar, recuperar sua forma original”* (RYKEN, 2017, p.64). Temos esse sentimento em relação a erros e pecados cometidos no passado; *“Ah, se eu pudesse voltar no tempo e mudar isso que eu fiz”*, quem de nós nunca teve esse desejo? Mas, temos que encarar o fato de que há circunstâncias em nossa vida, quer sejam consequências de nossas escolhas ou não, não podem ser mudadas a despeito de todo o nosso esforço.

A segunda parte do v.15 aprofunda ainda mais. Ao dizer **“e o que falta não se pode calcular”** (v.15b), ou seja, não podemos contar o que não temos. Nem mesmo temos noção daquilo que nos falta, e aquilo que nos falta pode estar completamente fora da nossa capacidade de mensurar. Aquilo que não temos, que nos falta, não pode ser contado como lucro. *“Juntando as duas partes do provérbio, a vida é o que é, e não há nada que possamos fazer para consertá-la”* (Ibid., p.65).

A **frustração causada pelo conhecimento secularizado** (v.16-17). Salomão continuou em sua busca, e agora, foi mais fundo. Num diálogo sincero consigo mesmo, Salomão constatou: **“Disse comigo: eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos os que antes de mim existiram em Jerusalém; com efeito, o meu coração tem tido larga experiência da sabedoria e conhecimento”** (v.16). Salomão é descrito nas Escrituras como o homem mais sábio que já existiu. O SENHOR Deus, em resposta ao seu pedido por sabedoria para governar sobre Israel, disse: **“eis que faço segundo as tuas palavras: dou-te coração sábio e inteligente, de maneira que antes de ti não houve teu igual, nem depois de ti o haverá”** (1Rs 3.12). Ele não foi o único que reinou em Jerusalém. Antes dele, seu pai Davi, também reinou. E antes de Davi, Jerusalém era chamada de Jebus, a qual teve vários reis, e nos seus primórdios seu nome era Salém, sendo o mais proeminente dos seus reis, Melquisedeque **“rei de Salém”** (cf. Gn 14.18-24). Ele pediu sabedoria a Deus, e foi atendido. Como rei, cabia-lhe também a tarefa de julgar o povo, e, por esta razão, aos reis de Israel eram dadas uma cópia da Lei do SENHOR Deus para que pudesse julgar retamente (cf. 1Rs 3.9). Salomão entendeu que precisava exercitar a sabedoria que Deus lhe havia dado, mas, para isso, primeiramente tinha que buscar conhecer e compreender o máximo de coisas possíveis. Quando, porém, olhamos para o decorrer da história de Salomão, vemos que o homem mais sábio que já existiu, mesmo tendo **“larga experiência da sabedoria e conhecimento”**, fracassou terrivelmente. Se ele, com toda sua sabedoria foi incapaz de descobrir o sentido da vida, ninguém mais seria capaz.

Apesar de ter investigado o máximo de coisas que lhe foi permitido, faltava ainda ele investigar algo mais profunda: a diferença entre o certo e o errado, entre a sabedoria e a loucura. Então ele disse: **“Apliquei o coração a conhecera sabedoria e a saber o que é loucura e o que é estultícia”** (v.17a). As palavras **“sabedoria/saber”** se contrastam com **“loucura/estultícia”**.

A palavra **“sabedoria”** (חָכְמָה) é apresentada nas Escrituras não só como uma virtude essencial, mas, também como a habilidade de reter o conhecimento e de aplica-lo às várias situações. Essa sabedoria pode ser encontrada até mesmo nos ímpios, e é dessa sabedoria que Salomão está se referindo aqui, razão pela qual ele chegará à conclusão **“e vim a saber que isto é correr atrás do vento”** (v.17b).

As **“loucura”** (הוֹלָלָה) e **“estultícia”** (שְׁכֻלִּית) são associadas uma à outra nas Escrituras tendo o mesmo significado. Neste contexto aqui, querem dizer *falta de discernimento espiritual resultante de uma vida sem Deus e que despreza a Sua Lei*. Uma pessoa que vive assim, é também chamada de *insensata*, ou seja, sem senso e juízo. Porém, conhecemos muitas pessoas que buscam viver distinguindo o que é certo do que é errado, mesmo não crendo em Deus ou se importando com a vontade Dele. Paulo explica isso dizendo: **“Quando, pois, os gentios, que não têm lei, procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se”** (Rm 2.14-15).

Salomão dedicou-se a empregar a capacidade que Deus lhe dera para conhecer e entender todas as coisas a fim de ser um bom rei para o povo. Em algum momento ele se perdeu em seu engrandecimento, e deixou-se levar pela idolatria. *“Quando contemplamos a vida de Salomão, é difícil não chegar à conclusão de que ele estudou a loucura um pouco a fundo demais. Parte do pano de*

fundo histórico de Eclesiastes é 1Reis 11, em que o rei Salomão caiu tragicamente na loucura do pecado. Ele se casou com muitas mulheres e adorou muitos ídolos. “Ao longo desse processo, o homem que possuía tanta sabedoria aprendeu mais sobre a loucura do que ninguém jamais deveria” (HYKEN, 2017, p.68).

Conhecer o certo e o errado o ajudou a encontrar o sentido da vida? Não. Só o levou “a saber que isto é correr atrás do vento”. A moralidade é uma honrosa regra de vida, especialmente em meio a uma sociedade imoral. Mas, as exigências da moralidade convencional não satisfazem o coração e nem preenchem o vazio da vida sem Deus. Veja, por exemplo, o caso de um homem que tem uma reputação ilibada. Ele é reconhecido por ser um bom marido, um pai dedicado, um cidadão exemplar. Este homem é tido como o modelo de um “homem de bem”, um bom administrador dos seus recursos não devendo nada para ninguém, pagando suas contas em dia. Não achamos nada em sua vida que o desabone. Olhando para ele, vemos um homem feliz e realizado. Mas, lá no seu coração, ele sente um vazio terrível, e mesmo tendo todas essas alegrias e privilégios, um certo dia ele joga tudo isso na lata do lixo e decide se aventurar num relacionamento extraconjugal. Ele sai de casa; sua esposa e filhos não querem mais vê-lo. No trabalho, seu rendimento começa a cair, e chega a ser demitido. Os problemas financeiros se avolumam, e ele tem que se desfazer dos seus bens que lhe restaram após a separação. Sua amante o abandona, e agora sozinho, sem ter para onde ir, o que lhe resta é a rua. Ele se torna um andarilho, um mendigo. Então vem a pergunta: por que ele fez isso? Se a moralidade que ele tinha fosse o suficiente para fazê-lo feliz e satisfeito, por que então ele foi buscar lá fora algum sentido para a vida? A resposta é: **nem mesmo a nossa moralidade mais elevada é suficiente para satisfazer o nosso coração e preencher o vazio de nossa alma. Precisamos de algo infinitamente maior que a moralidade para dar sentido à nossa vida; precisamos da Graça de Deus, do conhecimento Dele, de Sua Glória.**

Quando Salomão conclui este trecho com o seguinte provérbio: “**Porque na muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta a ciência aumenta a tristeza**” (v.18), não está desestimulando o estudo, a aprendizagem tal como muitos dizem “a ignorância é uma bênção”. Não é esse o objetivo dele. Como já foi pontuado, o que ele quer mostrar aqui é que todo o conhecimento que alguém puder alcançar das coisas desta vida, não terá sentido, valor, proveito algum se esta pessoa não buscar o conhecimento de Deus. As palavras “enfado” e “tristeza” nos ajudam a entender o que o Pregador está dizendo aqui. O substantivo hebraico עֲצָבָה traduzido aqui por “enfado” significa “raiva, vexação, provocação, tristeza”, sendo que no contexto aqui, seu significado é “raiva, vexação”, enquanto, que, o substantivo מַכְאֵב traduzido por “tristeza” significa tanto “dor física ou espiritual. A SBP traduz assim este versículo: “De fato, quanto maior a sabedoria, maiores as preocupações; quanto mais se sabe, mais se sofre”. Mas, o conhecimento de Deus e a respeito de Sua santa vontade, por ser algo infinitamente sublime, não traz a nós aflição e sofrimento, não nos frustra e nos deixa decepcionados; antes, nos faz querer buscar cada vez mais e mais a pessoa de Deus. O conhecimento de Deus descortina para nós o significado da vida, leva-nos a viver para a Sua glória e a nos deleitarmos Nele, tendo Nele toda a satisfação e prazer de que tanto sentimos falta.

Aplicação v.12-18

Não viva buscando apenas o conhecimento das coisas desta vida. Por mais que você alcance e retenha muito conhecimento dessas coisas, de que isso lhe servirá quando chegar a hora da morte? E mesmo que você aprenda como lidar com as mais diversas situações dessa vida, se você não tiver a sabedoria de Deus você não tirará proveito algum dessas coisas, e pior, partirá para a eternidade sem esperança da vida eterna.

Entenda por que o conhecimento de Deus deve ser a coisa mais importante de sua vida. Antes da criação do universo, a Santíssima Trindade existia. O Eterno Deus, Pai, Filho e Espírito Santo tinha em Si mesmo a mais completa, perfeita e doce comunhão. Então Ele

decidiu criar todas as coisas que existem, e, especialmente, o ser humano. Então Ele disse: **“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”** (cf. Gn 1.26). Mas, o que significa termos sido criados à imagem e semelhança de Deus? Quer dizer que Deus fez o homem para estar em Sua presença, contemplando Sua santidade e glória, e desfrutando dessa comunhão que o Deus Triúno sempre desfrutou em Si mesmo. Nessa profunda comunhão com Deus o homem teria o seu coração plenamente satisfeito. Porém, o pecado fez com que o homem fosse destituído dessa comunhão. A ARC traduz acertadamente Rm 3.23: **“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”**. Mas, em Cristo, Deus veio ao encontro do pecador. Em Cristo estão ocultos **“todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”** (Cl 2.3). Por isso, o principal conhecimento com o qual devemos nos ocupar é o conhecimento da pessoa de Jesus. E por que este é o único conhecimento que deveria importar para nós? Porque é conhecendo a Cristo cada vez mais é que seremos conformados à Sua semelhança, isto é, transformados e moldados de conformidade com o caráter Dele (cf. Rm 8.28,29). Mas, essa conformação ao caráter de Cristo tem como objetivo adorarmos a Deus tal como Ele quer ser adorado, e em adorá-Lo dessa forma é que teremos a plena comunhão com Deus.

É por isso que nem a nossa moralidade mais correta é capaz de satisfazer-nos, porque essa moralidade só serve para alimentar o nosso eu arrogante que busca em si mesmo os méritos para ser abençoado por Deus. Quando, porém, por meio do Evangelho, olhamos para Cristo, deparamos com a nossa total incapacidade de agradar a Deus até mesmo com aquilo que julgamos ter de melhor, a nossa moralidade, e isto porque ela é totalmente depravada. Mas, ao olharmos para Cristo vemos a perfeição, a pureza, a santidade e tudo aquilo que jamais conseguiremos ser por nós mesmos.

Enquanto todo o conhecimento desse mundo (ainda que útil para alguma coisa) não é capaz de nos dar a plena satisfação, o conhecimento de Deus em Cristo não somente é capaz de satisfazer a nossa alma nessa vida por meio de uma profunda comunhão com Ele, como também nos preparar para a eternidade onde essa comunhão será perfeita em todos os aspectos.

“A razão humana só pode nos levar até certo ponto, e é por isso que Deus diz que não devemos nos gloriar da nossa própria sabedoria, mas apenas do conhecimento que temos dele: “Não se glorie o sábio na sua sabedoria (...) o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR” (Jr 9.23-24). No Novo Testamento, Deus vai ainda mais longe e diz: “Destruirei a sabedoria dos sábios (1Co 1.19; cf. Is 29.14)” (RYKEN, 2017, p.70). O único conhecimento que permanecerá por toda a eternidade é o de Deus.

Nenhum conhecimento, nem mesmo o autoconhecimento tem valor a não ser para esta vida. Mas, lembre-se de que Deus o criou para algo eterno. Se em sua busca por conhecimento você não estiver buscando o conhecimento de Cristo, você está indo rumo à destruição eterna.

“Se seguirmos Jesus e Sua sabedoria, não continuaremos tentando endireitar aquilo que é torto para que se adapte aos nossos próprios propósitos, mas humildemente nos submeteremos a como Deus quer que as coisas sejam, assim como Jesus fez quando Ele foi para a cruz e morreu pelos nossos pecados (veja 1Pe 2.21-24). Se seguirmos a Sua sabedoria, a conta da vida fechará (...) Portanto, precisamos nos contentar em deixar os últimos cálculos para Deus. Jesus garantirá que todo o balancete dos livros de Deus feche no final, inclusive a nossa própria conta, que Ele considerará reconciliada com o Seu próprio sangue. Assim, a nossa aflição atual não durará para sempre, inclusive as nossas lutas, tentando entender o sentido da vida. Logo os nossos sofrimentos terão passado. Para a nossa alegria eterna, estaremos com Jesus para sempre, e encontraremos Nele a resposta para todas as nossas perguntas” (Ibid. p.70).

O terceiro vazio ao qual Salomão se refere ao falar sobre a vida secularizada é:

9. O vazio do prazer secularizado, 2.1-11

Primeiramente, precisamos entender que todos os prazeres que Deus nos dá nesta vida são bons e são bênçãos. O problema com eles é que foram drasticamente afetados e deturpados pelo pecado. Assim, sendo, é importante que fique claro que os prazeres se tornam vazios e sem sentido quando os buscamos como um fim em si mesmos. Essa é a essência do prazer secularizado, o qual não se importa com a vontade de Deus. **Se desfrutarmos moderadamente de todos os prazeres como dádivas de Deus, entendendo que todos os prazeres lícitos devidamente desfrutados apontam para Cristo como o principal prazer e alegria do nosso coração, então veremos que esses prazeres são degustações da Glória Eterna dando-nos um vislumbre do que haveremos de desfrutar em plenitude lá no céu ao lado de Cristo.**

Por que Deus nos proporciona os prazeres que encontramos na Sua criação, no perfume das flores, no sabor dos alimentos, no frescor da sombra de uma árvore, num relacionamento de amor verdadeiro com nosso cônjuge, na alegria dos momentos compartilhados em família ou com os irmãos e amigos? Por quê? Emílio Garofalo Neto responde: *“Deus nos fez amar essas coisas para que por meio delas voltássemos nossos corações para Ele”* (NETO, 2020, p.88). A constatação a que chegou Salomão no v.11 mostra exatamente o vazio causado no coração do homem quando este não considera Deus e nem se volta para Ele enquanto desfruta dos prazeres que Lhes foram dados.

Nestes versículos, Salomão fala de sua busca pelo prazer na tentativa de encontrar o sentido da vida. Podemos ver aqui pelo menos cinco áreas da vida em que ele buscou o prazer: no entretenimento (v.1-2), no vinho (v.3); nos empreendimentos (v.4-8), na autoglorificação (v.9), e, na autogratificação (v.10). Todas essas áreas na vida de Salomão podem ser resumidas numa palavra: **egoísmo**. Observe o quanto Salomão fala de si mesmo nesses versículos. Philip Ryken afirma: *“Há tanto ‘eu, meu e eu mesmo’ nesses versículos que a passagem transmite um forte senso do egoísmo envolvido na busca do prazer egocêntrico”* (RYKEN, 2017, p.76). O v.11 apresenta a constatação que ele chegou do vazio de todas essas coisas dissociadas de Deus.

O vazio do prazer no entretenimento (v.1-2): “Disse comigo: vamos!” (v.1a). Essas palavras indicam a decisão dele (cf. KIDNER, 1989, p.71). Este versículo, assim como tantos outros nas Escrituras (Sl 42.5,11; 43.5), nos mostram que é possível darmos ordens ao nosso coração. Essa bobagem ensinada por muitos de que o nosso coração é “indomável”, e que, portanto, não podemos controlar seus impulsos pecaminosos, deve ser rechaçada por nós. **Nosso coração precisa ser comandado pela Palavra de Deus, senão o será pelo pecado.**

A direção que Salomão deu ao seu coração foi: **“Eu te provarei com a alegria; goza, pois, a felicidade” (v.1b).** Ele disse para si mesmo: *“Experimente divertir-se! Desfrute da felicidade”*. Devemos combinar as palavras em pares, pois, Salomão está usando um recurso conhecido como **paralelismo sinonímico**, no qual as duas sentenças do versículos dizem a mesma coisa para dar ênfase. O verbo **“provar”** (נָסָה) significa *“testar, tentar, comprovar”*, e o seu sentido aqui é de *“testar pessoas ou coisas para determinar algo sobre elas”* (GEMEREN, 2011, vol.3, p.114). Este verbo deve ser combinado com o verbo **“gozar”** (הִנָּחֵם) *“ver, olhar, inspecionar, discernir, distinguir, perceber pelos olhos”*; ambos com o sentido de **“experimentar para conhecer”**. A palavra **“alegria”** (שִׂמְחָה) significando *“alegria, divertimento, felicidade”*, e a palavra **“felicidade”** (טוֹב) *“bom, agradável, feliz”* forma o segundo par neste versículo. Salomão colocou seu coração diante de coisas engraçadas e divertidas, coisas que eram agradáveis e lhe arrancavam risadas, na tentativa de encontrar algum sentido para a vida. Ele então chegou novamente àquela dura conclusão: **“...mas também isso**

era vaidade”. A alegria e a felicidade que o entretenimento lhe proporcionara, revelaram-se passageiras e sem consistência como fumaça e vapor.

Mas, ele ainda tirou mais uma conclusão sobre o vazio do entretenimento: **“Do riso disse: é loucura; e da alegria: de que serve?”** (v.2). Novamente é empregado aqui pelo Pregador o paralelismo sinonímico, onde **“riso”** (צִחֻק) “riso, zombaria, escárnio”, forma par com **“alegria”** (mesmo significado do versículo anterior), e **“loucura”** (הֵלֵל) “brilhar, emitir luz brilhante, gloriar-se” mas, também pode significar “zombar, tornar-se bobo”, formando par com a expressão **“de que serve”** (מִדֶּה לֹא עֵשָׂה), “sem serventia, sem utilidade”. É importante observar que a Bíblia não traz loucura como “doença mental”; antes, ela mostra que o louco é aquele que faz coisas como usurpar para si a glória que devia creditar somente a Deus. Gloriar-se em si mesmo é atitude não tem serventia alguma. Segundo às Escrituras, o louco é aquele que acredita numa ilusão, numa mentira.

Salomão concluiu que quando uma pessoa vive em busca que coisas que as façam rir pensando que isso é a alegria verdadeira, comporta-se como um louco zombando de Deus em vez de glorifica-Lo demonstrando que a sua paz e felicidade estão em Deus, e não nas coisas fúteis dessa vida.

Aplicação v.1-2

O entretenimento, o lazer e a bazófia têm sido aclamados em nossos dias como coisas que devemos buscar a todo custo para aliviar a tensão à qual somos expostos. As pessoas gastam boa parte de seus recursos, e, muitas vezes se endividam para custear seus prazeres. O que deveria lhes trazer alívio e alegria, torna-se um fardo insuportável.

Pessoas inseguras fazem piadas sobre os outros ou sobre as coisas constrangedoras e indecentes. O tédio em seus corações, levam-nas a saírem em busca de algo que lhes faça rir (as redes sociais talvez sejam hoje, o recurso mais utilizado para isso). Mas, em pouco tempo, descobre-se a futilidade das mesmas.

É errado rir e se alegrar? Claro que não! Mas, quando a nossa alegria custa a reputação de outra pessoa, isso é escárnio, que além de vazio, é também pecado. *“Para honrar a Deus, precisamos nos perguntar se nosso riso se regozija na bondade de Deus ou se estamos rindo à custa de outra pessoa”* (RYKEN, 2017, p.77). Seu riso é expressão de sua alegria em Cristo, ou é de escárnio pelas situações constrangedoras pelas quais passam outras pessoas?

As piadas nos levam às risadas, fazendo com que deixemos de ver a gravidade do pecado e do mal para vê-los como coisas meramente engraçadas. O brasileiro é conhecido como alguém que faz piada com tudo. Enquanto políticos corruptos espoliam a nação, em vez de tomarmos as devidas providências para puni-los, preferimos fazer piadas.

Outra palavra sobre o entretenimento diz respeito a nós crentes diretamente: a quebra do quarto mandamento. Muitos crentes quebram o quarto mandamento em função do entretenimento e lazer. Transformaram-no em “fim de semana”. Não guardam o Dia do Senhor como devem, e quando são admoestados, revoltam-se e esbravejam dizendo que isso é farisaísmo e hipocrisia.

Em Is 58.13-14, Deus por boca do profeta disse: **“Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no SENHOR. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do SENHOR o disse”**. Um dos motivos (senão o principal motivo) pelos quais Israel e depois Judá foram levados para o cativeiro, foi a quebra do quarto mandamento., e não tenho dificuldade em dizer que muitos crentes,

hoje, estão passando por sofrimentos e sentindo-se vazios em seus corações justamente por viverem quebrando o quarto mandamento e utilizando dele a seu bel prazer.

Enquanto olharmos para o Dia do SENHOR como um dia enfadonho e entediante porque não podemos fazer o que bem quisermos nele, em vez de vê-lo como **“deleitoso e santo”**, não compreenderemos a importância desse dia. Tanto o sétimo dia na Antigo Aliança quanto o primeiro dia da semana na Nova Aliança apontam para o descanso eterno (cf. Hb 4), mas não somente isso. O descanso eterno a que se refere o escritor de Hebreus, só será maravilhoso por causa de Jesus. Quem não se deleita no Domingo como o Dia do Senhor, e nem nas coisas de Deus que devem ser praticadas com muito maior zelo neste dia, demonstra não ter qualquer deleite pelo próprio Deus.

Dedique-se no Dia do SENHOR ao Seu culto, à comunhão com os irmãos, a visitar os enfermos, e outros atos devocionais. Enquanto você não se levantar contra essas ofertas do mundo que visam leva-lo a quebrar o Dia do Senhor, você não terá poder espiritual para vencer o pecado e glorificar a Deus da forma a que foi chamado a fazer, e não encontrará o sentido para sua vida.

O vazio do prazer no vinho (v.3). Outro meio que Salomão buscou sentido para a vida foi no uso do vinho: **“Resolvi no meu coração dar-me ao vinho”**. Não só em nossos dias, mas, desde a antiguidade, o ser humano sempre fez uso de bebidas fortes e embriagantes e, também, de drogas alucinógenas e entorpecentes. Às vezes, com o objetivo de se alegrar e festejar algum momento, outras vezes para fugir da tristeza e da dor. Os motivos para o uso são vários, e a plausibilidade do seu uso varia de acordo com a vontade da pessoa.

Mas, aqui o Eclesiastes acrescenta uma nota: **“regendo-me, contudo, pela sabedoria, e entregar-me à loucura”**. Concordo com os que veem nessa afirmação que, Salomão não era um bêbado viciado, que havia se deixado escravizar pelo vinho. Dá a entender que ele estava fazendo *“um experimento controlado”* (cf. NETO, 2020, p.92), permitindo-se sentir os efeitos inebriantes do vinho, sem, contudo, perder o controle de si mesmo. Quando ele afirma que regia-se pela sabedoria enquanto entregava-se (**“dar-me”**) ao vinho, não buscando embebedar-se, mas, apenas alegrar-se com a bebida, ele foi experimentando e experimentando, **“até ver o que melhor seria que fizessem os filhos dos homens debaixo do céu”**. Ele chegou no limite e parou, como indicam as palavras **“até ver”**. Beber vinho, ou mesmo outras bebidas alcoólicas é pecado? Há pelo menos três usos do vinho que não são pecaminosos: uso sacramental (a Ceia do Senhor), em celebrações (Sl 104.14-15; Jo 2.10), e, medicinal (1Tm 5.23). Fora disso, a Bíblia não trata do assunto positivamente. Uma pessoa dominada pelo álcool não é sábia (Pv 20.1), traz desonra para si (cf. Pv 23.29-35), e para sua família (cf. Gn 9.20-29), para mencionarmos apenas alguns problemas que a embriaguez, ou qualquer outra forma de vício traz à pessoa.

O que devemos focar aqui no v.3 são as palavras **“durante os poucos dias da sua vida”**, que mostram a brevidade da vida, assunto este que Salomão introduz aqui para expandi-lo por todo o restante do livro. Em outras palavras, ele está dizendo que decidiu experimentar o vinho e seus efeitos para ver se encontrava sentido para a vida enquanto ainda tinha vida. *“Uma das razões principais pelas quais as pessoas buscam o prazer é o fato de a vida ser tão curta”* (RYKEN, 2017, p.78).

Aplicação v.3

Então, é pecado tomar bebida alcoólica? Essa pergunta deve ser mais profunda. Você precisa de coisas como bebidas alcoólicas, ou de drogas (mesmo as medicamentosas) para ter alegria e paz em seu coração? Sendo a nossa vida tão breve, não seria melhor empregar todo o seu coração em buscar o que é perene e alegrar-se no Deus Eterno?

Certamente, isso não é apenas o melhor, mas a única coisa que de fato deveria ocupar o seu coração o tempo todo.

Não afogue suas mágoas num copo de bebida, não se entorpeça com substâncias (mesmo as lícitas) para aliviar a dor de seu coração; antes deposite-as aos pés de Cristo em suplicante oração aquilo que aflige a sua alma. Ponha em Cristo o desejo do seu coração e O deseje mais do que tudo. Não busque a alegria nas bebidas permitindo-se embriagar; não se entregue a nenhuma outra forma de vício. Em vez disso, encha-se do Espírito Santo (cf. Ef 5.18).

Quando seu coração quiser entregar-se à bebida, lembre-se das palavras de Pv 23.31-35: **“Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo e se escoia suavemente. Pois ao cabo morderá como a cobra e picará como o basilisco. Os teus olhos verão coisas esquisitas, e o teu coração falará perversidades. Serás como o que se deita no meio do mar e como o que se deita no alto do mastro e dirás: Espancaram-me, e não me doeu; bateram-me, e não o senti; quando despertarei? Então, tornarei a beber”**. O alcoólatra não ficou assim com um gole apenas, mas, começou com o primeiro. A embriaguez tira de você o juízo, a sensatez e a lucidez. Sua mente e coração são importantes para os propósitos de Deus, e coisa alguma, mesmo que prazerosa deve ficar entre você e Deus atrapalhando-o de conhecê-Lo cada vez mais e glorifica-Lo com sua vida.

O vazio do prazer nos empreendimentos (v.4-8). *“Se a vida é tão curta, isso significa que em pouco tempo serei esquecido e ninguém mais saberá quem eu fui. Mas, se eu deixar algum feito, alguma obra grandiosa, serei lembrado”*, assim pensa o homem que não se importa com Deus e nem O considera em suas decisões e escolhas. Tudo o que ele faz é para ele mesmo; ele é egoísta.

O egoísmo de Salomão é visto no fato de que **nenhuma dessas obras que ele fizera era pública**. Observe quantas vezes nestes versículos, Salomão emprega palavras **“para mim”**, e o quanto ele fala de si mesmo como realizador e possuidor de tudo.

Primeiramente, ele fala das grandes construções que fizera: **“Empreendi grandes obras; edifiquei para mim casas; plantei para mim vinhas. Fiz jardins e pomares para mim e nestes plantei árvores frutíferas de toda espécie. Fiz para mim açudes, para regar com eles o bosque em que reverdeciam as árvores” (v.4-6)**. Ele dedicou-se na realização de muitas obras supervisionando-as pessoalmente para ver se tudo sairia tal qual sua mente havia idealizado. Nada poderia sair diferente do que determinava o seu coração. Foram tantas coisas que eles construiu que aqui são apresentadas no plural. Todas foram fruto de sua criatividade e inteligência. Eis um resumo delas:

- ✓ **Casas:** em 1Rs 5 – 7 encontramos o registro de todas as casas e palácios que construiu, sendo o Templo do SENHOR Deus a mais proeminente de suas construções; somente na construção do Templo do SENHOR e da Casa do rei foram necessários vinte anos para construí-los (1Rs 9.10);
- ✓ **Vinhas e pomares:** num lugar árido como a Palestina, ele desenvolveu a vinicultura e a horticultura, e tudo isso para abastecer seu palácio que tinha uma quantidade enorme de servos que precisavam ser alimentados também.
- ✓ **Açudes:** eles estavam localizados cerca de 24 quilômetros a sudoeste de Jerusalém no vale de Artas. Estes açudes eram três reservatórios de pedra em forma quadrada, e ficavam numa parte inclinada do vale. Suas medidas eram: o inferior tinha o comprimento de 177m, a largura de 63m e a profundidade de 15m comportando aproximadamente 167 milhões de litros de água; o médio tinha o comprimento de 129m, a largura de 76m e a profundidade de 11m comportando aproximadamente 108 milhões de litros de água; e o superior tinha o comprimento de 115m, a largura de 72m e a profundidade de 7,6m comportando

aproximadamente 63 milhões de litros de água. Eles serviam para regar seu pomar exuberante.

Em segundo lugar ele fala de suas posses: **“Comprei servos e servas e tive servos nascidos em casa; também possuí bois e ovelhas, mais do que possuíram todos os que antes de mim viveram em Jerusalém. Amontoei também para mim prata e ouro e tesouros de reis e de províncias; provi-me de cantores e cantoras e das delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres”** (v.7-8). Eis a lista:

- ✓ **Servos:** tanto os comprados quanto os filhos destes que nasceram sob seu reino.
- ✓ **Rebanhos:** de bois e ovelhas. Em **1Rs 5.13** somos informados que eram 30 mil servos. Para alimentar seu exército e seus servos eram necessários milhares de animais.
- ✓ **Riquezas:** a prata em seu reino era tão abundante que perdeu o valor, pois, passou a ser considerada como pavimento de rua, ou como os sicômoros, uma espécie de figueira muito comum na Palestina (cf. **1Rs 10.27**). O ouro no seu reino também era abundante. Veja, por exemplo, o ouro que seus navios traziam de um lugar chamado Ofir (cf. **1Rs 9.26-28**). É dito que de lá trouxeram 420 talentos de ouro. O talento tanto era uma medida de peso, quanto uma moeda. Como moeda, cada talento equivalia a 6 mil denários, e cada denário (de onde vem nossa palavra “dinheiro”) correspondia 1 dia trabalho de uma pessoa. A soma disso daria 2.520.000 denários. Tomando a média salarial de um trabalhador brasileiro, um dia de trabalho valendo uns R\$ 60,00, chegaríamos à cifra de R\$ 151.200.000,00. Porém, aqui, o talento é uma medida de peso equivalendo 34,272 quilos cada um, o que daria algo em torno de 14.394,24 quilos. Atualmente o grama do ouro, em dólar americano custa \$61,66 perfazendo um valor aproximado de \$887.548.838,40 que transformados em nossa moeda daria uma cifra em torno de R\$4.792.763.727,36. Isso sem falar do ouro dado pelos súditos como oferta (**“tesouros de reis e de províncias”**), e dos presentes como os da rainha de Sabá (cf. **1Rs 10.10**).
- ✓ **Pessoas:** ele disse: **“provi-me de cantores e cantoras”**. Ele já falara sobre os servos e servas. Mas, aqui ele se refere a duas diferentes classes de pessoas, às quais ele tratava como suas possessões. Tinha a seu dispor **“cantores e cantoras”**. Festa sem música não combina, e Salomão já sabia disso. A música era um raro prazer na antiguidade, e até bem recentemente na história da humanidade. Ela veio a popularizar-se no século XIX com a indústria fonográfica, com a invenção de aparelhos que gravam e reproduzem o som, e em nossos dias ela é ainda mais acessível. Mas, naqueles dias, ter cantores e cantoras era coisa para poderosos, como é o caso de Salomão. Mas, é na declaração **“das delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres”**, é que vemos sua decadência. Em **1Rs 11.3** sabemos que ele possuiu 700 mulheres, princesas filhas de reis e poderosos com quem ele estabelecia alianças de paz e de quem recebia tributos; além dessas, ele teve mais 300 concubinas. Todas essas pessoas eram suas “propriedades” e ele as usava conforme bem desejasse. Mas, elas também o usaram, pois, fizeram com que construísse templos para os seus deuses diante dos quais o próprio Salomão se curvou e idolatrou atraindo sobre si a ira de Deus (cf. **1Rs 11.1-13**).

Aplicação v.4-8

Os empreendimentos podem ser vistos como boa administração dos recursos disponíveis, ou como memoriais erigidos a uma personalidade. O fato é que, mesmo que sirvam não só àqueles que os construíram e sejam usados em benefício de outros, mesmo que permaneçam por muitos anos e muitas gerações os utilizem, um dia se deteriorarão ou serão demolidos e virarão pó, e nem mesmo para memoriais servirão.

Daqui a 100 anos, o que serão os bens que você acumulou na sua vida? Ou quem se lembrará do seus feitos e conquistas?

Cuidado com sua busca pelo prazer nas realizações pessoais. Você poderá gastar sua preciosa vida em futilidades que lhe pareçam valiosas, mas, não têm valor nenhum para a eternidade. Lembre-se do que disse o Senhor Jesus sobre o pecado da avareza: **“Então, lhes recomendou: Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15).**

Cuidado para não ser um utilitarista fazendo das pessoas meros meios para conquistar coisas fúteis. Um coração materialista e egoísta trata as pessoas como objetos, como meios para conseguirem o que desejam, mas, não percebem que também são tratados utilitariamente por outros.

Quantos de seus descendentes saberão quem foi você? A jornada pode até ser prazerosa, mas, o destino dela será amargo se você não se voltar para Deus.

Não se entregue à realização de empreendimentos pessoais que visam sua própria glória e honra. Isso é loucura, pois, a realização de tais empreendimentos é a morte deles e o nascimento do desgosto (Ambrose Bierce, in WIERSEBE, 2010, vol.3, p.462), ou seja, quando você os realizar, olhará para eles e se deparará com um vazio terrível, que o impulsionará a outros empreendimentos, até que você passe toda a sua vida num vazio terrível. Faça como Davi: **“Digo ao SENHOR: Tu és o meu Senhor; outro bem não possuo, senão a ti somente” (Sl 16.2).**

Nos seus relacionamentos com as pessoas, tenha a Deus como a pessoa mais importante, e tal como Asafe, diga: **Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra” (Sl 73.25).** Dê às pessoas o que os apóstolos Pedro e João deram àquele aleijado à porta do templo: Pedro, porém, lhe disse: **“Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!” (At 3.6).** Que a graça de Deus em nossa vida seja o maior tesouro a ser repartido com outras pessoas.

O vazio do prazer na autoglorificação (v.9). O homem busca o poder. É um dos desejos mais latentes no ser humano não importando a posição ocupada. Salomão não foi diferente. Tudo o que ele já disse até aqui revelou seu desejo pelo poder. Ele, então, acrescenta mais uma nota: **“Engrandeci-me e sobrepujei a todos os que viveram antes de mim em Jerusalém; perseverou também comigo a minha sabedoria”.** O que ele está dizendo aqui é que ele se tornou o mais importante dos reis que Jerusalém já tivera, e nunca lhe faltara a sabedoria, que aqui não se trata da sabedoria que Deus lhe dera, mas, da que é meramente mundana e secular, ou seja, a inteligência e a habilidade de aumentar suas riquezas e sua glória.

Deus dera tão grande sabedoria a Salomão, mas ele comportou-se como o mais estulto dos homens pois, durante sua vida, não considerou Deus em seus caminhos tal como fôra capacitado a fazer. Ele entregara-se ao prazer de ser reconhecido como poderoso, e creditava a si mesmo este feito. Quanta loucura! Salomão agiu bem parecido com os reis ímpios. **Todo rei sempre sonhou em ser o rei de outros reis.** Assim nasceram os grandes impérios da humanidade. Os imperadores tinham debaixo do seu cetro muitos outros reinos. Ainda hoje é assim. Presidentes dos países, todos eles querem se mostrar mais poderosos que os outros. Veja aquelas reuniões do G20, G10, G7 ou G5. Quanto menor o grupo, mais evidencia-se o poder de alguém. Tal coisa é pecaminosa, pois, é o verme tentando usurpar a glória Daquele que é o Rei dos reis, e Senhor dos senhores.

Aplicação v.9

A autoglorificação às vezes manifesta-se abertamente, quando a pessoa exige ser reconhecida pelos outros, aplaudida por seus feitos e aclamada por seus títulos. Só o nome dela não lhe basta, é preciso que seus títulos sejam pronunciados em alto e bom som; mas,

muitas vezes ela é sutil, como por exemplo, quando não somos reconhecidos, ou quando somos humilhados por alguém. A timidez e a soberba, nada mais são que duas faces da mesma moeda, pois, enquanto o soberbo atropela e fere a todos para não ser ferido, o mesmo faz aquele que é tímido se recolhendo em si mesmo para não se expor e não ser ferido pela opinião alheia. Ambos estão focados em si mesmos; ambos demonstram amor-próprio e não vivem para glorificar a Deus.

O grande problema com a autoglorificação é que ela nos faz desejar algo inferior (a glória desse mundo) e desprezar o que é superior (a Glória de Deus). É por isso que vemos tantas pessoas vazias, especialmente aquelas que são famosas.

O vazio do prazer na autogratificação (v.10). O que é a autogratificação? Ela caminha de mãos dadas com a autoglorificação. A autogratificação é quando nos damos uma recompensa por algo que achamos que merecemos, mesmo não merecendo. Por exemplo: estamos estourados no limite da nossa conta bancária, e para saldar essa conta trabalhamos duro, economizamos na alimentação, andamos a pé para economizar com transporte. Quando depois de uma ou duas semanas difíceis negando nossos desejos, vamos ao *shopping* e olhamos uma roupa, ou um relógio, ou um celular, e decidimos comprar mesmo sem ter dinheiro, mesmo ainda estando com o limite estourado. E naquele momento, num profundo dilema “*compro, ou não compro*”, dizemos para nós mesmos: “*Eu mereço. Venho dando um duro tremendo, me privando de um monte de coisas. Quer saber? Vou dividir no cartão de crédito e depois verei como vou pagar*”. Salomão fez algo muito parecido: “**Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma, pois eu me alegrava com todas as minhas fadigas, e isso era a recompensa de todas elas**”. Para onde olhasse, o que ele visse e desejasse, ele dizia: “*Tragam para mim. Eu quero agora*”.

Alguém pode dizer: “*Mas Salomão tinha condições de ter o que bem desejasse. Ele não se endividou para isso*”. Acontece que a autogratificação não é só comprar sem ter condições. **Ela é a falta de domínio próprio, portanto, a ausência do fruto do Espírito Santo em nós.** Ela pode ser vista na glotonaria (comer mais do que o necessário, só pelo prazer de comer), na explosão de ira após um longo tempo se contendo. No pecado da autogratificação fazemos como Salomão: “**Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma**”, pois é assim que o pecado age em nós prometendo-nos grande alegria, até que caímos nele e descobrimos o quão amargo, degradante e merecedor da ira de Deus ele é.

A autogratificação nos escraviza, nos aprisiona, e traz muito sofrimento e pouco prazer. A Bíblia adverte contra “**a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida**” (1Jo 2.16), ou seja, o desejo aguçado pelo que é visto. E o salmista tinha a essa percepção e convicção quando orou: “**Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade, e vivifica-me no teu caminho**” (Sl 119.37). Mas Salomão ignorou completamente a advertência de Deus (cf. RYKEN, 2017, 82).

Aplicação v.10

O Senhor Jesus disse que os nossos olhos são a lâmpada, a luz do nosso corpo (cf. Mt 6.22-23). Se olharmos na direção errada, haveremos de sofrer terrivelmente; se olharmos para Cristo, para a Sua Palavra e focarmos na Glória de Deus, certamente teremos grande paz e alegria (cf. Sl 119.165).

O pecado, à primeira vista, lhe parecerá inofensivo, para em seguida, parecer-lhe irresistível; mas, no final, ele se mostrará o que é de fato e suas consequências serão dolorosas e insuportáveis. Você não encontrará sentido algum para sua vida, e se não tratar biblicamente o seu pecado, você será consumido pela culpa.

Não somos capazes de ter tudo o que desejamos, mas, somos capazes de desejar tudo quanto podemos nos dar. É aí que está o perigo. Salomão caiu naquilo que ele podia dar a si mesmo.

No v.11 encontramos a conclusão a que chegou Salomão após tudo isso: **“Considerarei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol”**. O verbo **“considerar”** (פָּקַד) além de significar **“virar para”** ou **“virar de”**, também significa **“olhar para”**, no sentido de **“encarar algo; olhar diretamente nos olhos de alguém”**. Salomão está nos dizendo que depois de tudo o que ele fizera, de todo o empenho que teve em buscar prazer e sentido em todas essas coisas, concluiu que não havia nada de bonito a ser admirado. Ele se fatigara na realização de tudo isso para no fim voltar à questão de 1.3, só que agora em forma de constatação e não de pergunta: **“eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol”**. Observe a ênfase que ele dá ao usar o advérbio **“eis”** que significa **“aqui está”**. É como se ele estivesse colocando sobre a mesa todas essas coisas, apontando-as com o dedo e nos dizendo: **“Vejam tudo isso! Por mais valiosas que sejam, não me aproveitarão de nada. Continuo buscando o sentido da minha vida”**.

Aplicação v.11

Quem de nós não faz o mesmo que Salomão em relação aos prazeres? Mal desfrutamos de um prazer e logo saímos em busca de outro. O problema não são os prazeres, mas, o vazio do nosso coração.

Em Cristo todos os prazeres lícitos que antes eram vazios para nós, agora são redimidos e desfrutados como um vislumbre da glória eterna. Quem está em Cristo, está livre da escravidão do pecado, e, portanto, desfruta verdadeiramente dos bons prazeres deste mundo sem fazer deles um fim em si mesmos. Tal pessoa ainda que se sinta insatisfeita com as coisas deste mundo, não viverá murmurando; antes, olhará para esses prazeres, desfrutará deles, louvará a Deus por todos eles, mas, sempre sabendo que eles são meros lampejos e fagulhas da Glória Eterna onde ele será plena e eternamente satisfeito em seu Senhor Jesus Cristo.

Não espere sua vida passar para constatar que perdeu seu tempo com coisas fúteis e banais. Decida agora viver para a Glória de Deus e desfrutar Nele e Dele todos os prazeres que Ele lhe der, mas, sempre sabendo que sem ele, sem glorifica-Lo, sua vida será vazia porque você está em desobediência à vontade de Deus.

Prosseguindo, vejamos agora outra área da vida na qual Salomão constata o vazio que o secularismo causa na vida de uma pessoa que não considera Deus em seus caminhos:

10. O vazio da sabedoria secularizada, 2.12-17

“Por quê?”. Essa pergunta é a que mais fazemos em toda nossa vida. É uma das primeiras que uma criança aprende a fazer, e mesmo quando a velhice chega, ela está lá batendo à porta do nosso coração.

Muitas pessoas quando buscam respostas, costumam voltar em lugares ou pontos em que já estiveram antes. Vemos exatamente isso nesta parte do livro. Salomão retorna a um tema que ele já discorrera anteriormente. Em 1.12-18, ele se dedicou a buscar o **conhecimento** sobre o máximo de coisas a seu alcance. Aqui em 2.12-17 ele relata sobre a sua busca por **sabedoria**. Qual a diferença? Podemos o distinguir conhecimento e sabedoria da seguinte forma; enquanto o conhecimento é o conteúdo, a sabedoria é a aplicação desse conteúdo. Por exemplo: o aluno entra numa faculdade para adquirir o conhecimento necessário para exercer uma profissão; a

sabedoria será revelada na forma como ele aplicará esse conhecimento adquirido quando estiver exercendo sua profissão.

Considerações sobre a sabedoria e a loucura insensata (v.12-14). Salomão volta novamente ao assunto que já considerara anteriormente. Ele diz: **“Então, passei a considerar a sabedoria, e a loucura, e a estultícia”**. Novamente o verbo **“considerar”** (פָּקַד) que fôra usado no v.11, aparece aqui. Ele volta o seu olhar para o assunto conhecimento/sabedoria. Aqui, porém, a sabedoria a qual ele se refere não é a sabedoria divina, mas, aquela que é humana, que não passa uma boa orientação moral e prática para o dia a dia (cf. RYKEN, 2017, p.97).

Ao mencionar **“a sabedoria, e a loucura, e a estultícia”** ele não está apresentando três categorias, mas, duas, que por serem uma figura de linguagem conhecida por hendiade (união de dois sinônimos pela conjunção “e”) e devem ser traduzidas como um substantivo adjetivado, **“loucura insensata”**. O Pregador então coloca a sabedoria em contraste com a loucura insensata e faz as seguintes considerações:

- ✓ **“Que fará o homem que seguir ao rei? O mesmo que outros já fizeram” (v.12b).** A NVT traduz assim essas palavras: *“(pois quem pode fazê-lo melhor que eu, o rei?)”*. Salomão está afirmando que outros reis que haveriam de sucedê-lo, não fariam perguntas diferentes das que ele havia feito em seu empenho de buscar o sentido da vida. Assim sendo, suas palavras aqui estão colocando um ponto final na discussão sobre a sabedoria e a loucura. É como se estivesse dizendo: *“Já esgotei o assunto. Não há mais nada a ser investigado e concluído sobre isso”*.
- ✓ **“Então, vi que a sabedoria é mais proveitosa do que a estultícia, quanto a luz traz mais proveito do que as trevas. Os olhos do sábio estão na sua cabeça, mas o estulto anda em trevas; contudo, entendi que o mesmo lhes sucede a ambos” (v.13-14).** A segunda constatação que ele fez mostra o contraste entre a sabedoria e a loucura insensata. Que a sabedoria é infinitamente **“mais proveitosa do que a estultícia”**, isso é um fato tal como atesta o v.14, o qual é um provérbio mostrando que o sábio anda na luz e não tropeça enquanto nela anda, ao passo que o louco insensato, anda em trevas, tropeça e cai o tempo todo. Enquanto o sábio tem a luz dentro e fora de si, o louco insensato tem as trevas dentro e fora de si. Salomão se pôs a estudar as duas para ver a forma certa e a forma errada de se viver, a fim de encontrar o sentido da vida. O sábio administra bem seus recursos para não ter falta de nada, cuida de seu corpo com alimentação, exercícios e descanso adequados, se relaciona com cautela com as pessoas, etc., enquanto, que, o louco não se importa com nada disso. A frase final deste versículo **“contudo, entendi que o mesmo lhes sucede a ambos”**, responde à sua inquirição. Essas palavras apontam especialmente para a morte, mas, não exclusivamente para ela. Quer a pessoa tenha vivido de forma sábia ou de forma estulta, ambos um dia se depararão com a morte. **Salomão não está avaliando aqui os resultados de ambas em relação à eternidade, mas, somente em relação à essa vida.** Sábios e loucos sofrem enfermidades, derramam lágrimas, adquirem e perdem coisas, etc. Claro que a questão mais crucial de todas diz respeito à morte, pois, de todas as outras circunstâncias podemos nos desvencilhar, mas, da morte, não; ela é inevitável. Quer alguém viva de forma sábia ou de forma louca, mais cedo ou mais tarde morrerá (cf. 9.2).
- ✓ **“Pelo que disse eu comigo: como acontece ao estulto, assim me sucede a mim; por que, pois, busquei eu mais a sabedoria? Então, disse a mim mesmo que também isso era vaidade” (v.15).** A morte é inevitável a todos! Essa constatação de Salomão é estarrecedora quando avaliada com honestidade. Quando olhou para os estultos e os via morrendo, disse: **“...assim me sucede a mim...”**. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde haveria de chegar a sua vez. A fila estava (e está) andando. *“Se, inevitavelmente, vou morrer, por que então gastarei meu tempo buscando a sabedoria mais do que a loucura insensata?”*, perguntou Salomão a si mesmo. Essa é a perspectiva de alguém que não contempla a eternidade. O filósofo existencialista, Jean-Paul

Sartre disse: “A vida deixa de ter sentido no momento em que você perde a ilusão de ser eterno” (in RYKEN, 2017, p.104). Perceba a contradição desse sábio segundo o mundo. Ele acusa a crença na eternidade de ser algo ilusório e fantasioso, ao mesmo tempo em que admite que a sua negação deixa a vida sem sentido. Assim é a sabedoria deste mundo: contraditória.

- ✓ **Pois, tanto do sábio como do estulto, a memória não durará para sempre; pois, passados alguns dias, tudo cai no esquecimento. Ah! Morre o sábio, e da mesma sorte, o estulto!” (v.16).** Não só a nossa vida aqui termina aqui, mas até mesmo a lembrança que outros terão de nós. A prova disso está nos grandes monumentos da humanidade. Muitos, com o objetivo de tornarem seu nome célebre na História, construíram grandes obras, realizaram grandes feitos, mas, apenas algumas poucas pessoas sabem o que cada um deles fez. Como já dissemos em outra ocasião, o próprio Salomão só é lembrado por nós porque seus atos, feitos e palavras foram registrados nas Escrituras Sagradas; não tivessem sido, e nem mesmo saberíamos quem ele foi. Essa é a dura realidade; quer por ingratidão, quer por limitação de sua própria existência, quer por falta de registros adequados, **“a memória não durará para sempre; pois, passados alguns dias, tudo cai no esquecimento”**, e tanto o sábio, quanto o estulto, se depararão com a morte.
- ✓ **“Pelo que aborreci a vida, pois me foi penosa a obra que se faz debaixo do sol; sim, tudo é vaidade e correr atrás do vento” (v.17).** Diante de todas essas constatações, Salomão chega à pior de todas: **a vida se lhe tornou odiosa**. O fracasso repetido em seus esforços de encontrar o sentido da vida em todas as coisas que a vida proporciona, levou-o a desgostar-se da vida a tal ponto que ele passou a odiá-la. O verbo hebraico אָוֵץ – odiar. Ele olhou para todas as obras de suas mãos, todo o empenho de seu coração, e os viu como coisa **“penosa”** (רַע – ruim, desagradável, maligno, prejudicial). Tudo o que antes lhe dera algum prazer, se lhe tornou sem sentido e detestável. Não foi somente à sua própria vida que ele odiou, mas, a vida de forma geral, a existência neste mundo. Ele havia chegado ao ponto mais baixo de desespero e raiva (in RYKEN, 2017, p.106).

Aplicação v.12-17

Se todas as verdades da Fé Cristã estivessem limitadas apenas à essa vida, e ela não passasse de uma mera filosofia de vida sem nenhuma recompensa ou consequência eterna, mesmo assim, obedecer aos mandamentos de Deus, andar em submissão ao que a Bíblia diz, nos daria um modo sobremodo excelente de vida, que valeria a pena ser vivido. Contudo, sabemos que a Fé Cristã é a verdade que transcende a essa vida. Há recompensas e consequências eternas que devem ser consideradas.

Temos promessas que vão além da morte, e a própria morte é vista não como o fim de tudo, mas, apenas o fim da vida neste mundo, que nos abre as portas para a eternidade. **Por isso mesmo, deveríamos atentar para estes versículos que nos convidam a refletir sobre a dura realidade da morte.** Ela não é uma possibilidade, mas, uma dura realidade para todos. **Devemos viver cada momento neste mundo sob a perspectiva da eternidade. Se neste mundo o mesmo sucede a todos, na eternidade, não.** Há o céu de glória preparado para aqueles que entregaram sua vida a Cristo, e a condenação eterna para os que viveram sem se importarem com Deus.

A verdadeira sabedoria é aquela da qual Paulo disse para Timóteo: **“...as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3.15).** As sagradas letras, são a Escritura Sagrada, Antigo e Novo Testamentos, os quais têm na pessoa bendita de Jesus Cristo todo seu significado e concretização. Portanto, a sabedoria não é uma filosofia; ela é uma pessoa – Jesus Cristo!

Logo, buscar a sabedoria deste mundo, ainda que esta tenha algum proveito e nos traga muitos benefícios, mas, não buscarmos a Verdadeira Sabedoria, Jesus Cristo, não nos

adiantará de nada, não teremos proveito algum. Terminaremos como qualquer tolo numa cova, e, pior, condenados eternamente. A sabedoria que não nos aponta o caminho da vida eterna, nada mais é do que loucura insensata travestida de sabedoria, pois, o resultado dela não será diferente do da loucura.

Talvez você esteja como Salomão odiando a sua vida, odiando tudo neste mundo por causa de uma condição física ou emocional, o que na verdade está revelando sua condição espiritual. Isso acontece porque você não está buscando a sabedoria lá do alto, **“as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus”**, mas, àquelas que não **“são aqui da terra”** (Cl. 3.1-2). Quando as coisas desta vida se tornarem odiosas para você, olhe para Aquele que está acima do sol, que está lá no alto ao lado do Pai; olhe para Jesus. A sabedoria humana pode até ter alguma utilidade e proveito, mas, para as questões mais importantes, para as questões eternas, ela não tem valor algum. **A vida se torna odiosa para aqueles que não contemplam a Cristo acima de tudo.** Salomão odiou a vida porque a limitara apenas à essa realidade.

Você tem medo da morte? Você odeia a vida? Você se preocupa e teme que será esquecido? A vaidade da sua existência o desencoraja? Você se sente como alguém que tem corrido atrás do vento? Olhe para além do sol, para o Filho de Deus. Ele o ressuscitará dentre os mortos e protegerá a sua vida para sempre (RYKEN, 2017, p.109).

A última área que Salomão constatou o terrível vazio causado por uma vida secularizada que não considera Deus em seus caminhos, que até mesmo duvida de Sua existência, é

5) O vazio do trabalho secularizado (2.18-23)

“Se alguma coisa merece ser chamada de correr atrás do vento, essa coisa é a labuta e o fardo do nosso trabalho diário” (RYKEN, 2017, p.112). Quantas vezes você já olhou para a sua jornada de trabalho, levantando de madrugada, correndo para pegar o ônibus, ou sentindo o frio cortante sobre sua moto ou bicicleta, chegando ao trabalho passando pelo menos um terço do seu dia ali, “vendendo sua força”, e ao chegar em casa já começa a se preparar para o próximo dia de trabalho, não se sente desanimado e sem propósito em sua vida? E o que dizer da “cultura” sindicalista e ideologias esquerdistas em nossos dias, que colocam você contra o seu empregador, fazendo-o sentir-se explorado, prejudicado, e pior, alguém que trabalha para enriquecer a outros e que nunca usufruirá da riqueza que produz para eles? Quanto a isso, o que tenho a lhe dizer é: se você se sente explorado, humilhado e roubado pelo seu patrão, torne-se um e você verá como é a vida de um patrão.

Você acha que somente os empregados têm frustrações, sofrimentos e decepções? Então olhe para Salomão. Ele não tinha que levantar de madrugada, nem pegar um ônibus lotado, ou qualquer outra coisa que empregados e servos têm que fazer. Pelo contrário, ele tinha tudo o que queria, tinha pessoas para executarem os serviços mais cansativos e duros em seu lugar, e mesmo assim estava tão desgostoso e frustrado quanto um trabalhador qualquer.

Salomão nascera em “berço de ouro”, já era rico desde que nascera. Porém, ele, com a inteligência que recebera de Deus aumentou exponencialmente suas riquezas. Olhando para tudo o que adquirira pela sua inteligência, o Pregador fez três constatações sobre as riquezas.

Não podemos levar nada desta vida. “Também aborreci todo o meu trabalho, com que me afadiguei debaixo do sol, visto que o seu ganho eu havia de deixar a quem viesse depois de mim” (v.18). Num primeiro momento, Salomão parece estar se contradizendo, pois, no v.10 ele disse que se alegrava com os resultados de seu trabalho, e mesmo que estivesse experimentando **“fadigas”**, via em tudo isso a **“recompensa”** de seu empenho. Mas, tanto aqui,

como lá, Salomão não está feliz. Não há contradição alguma entre esses dois versículos. Pelo contrário, o Eclesiastes está apenas aprofundando ainda mais em seu desgosto ao considerar todo o seu empenho **“debaixo do sol”**, *“...ele fala em nome de pessoas comuns”* (WIERSBE, 2010, vol.3, p.461), ou seja, da realidade rotineira de todos nós.

Sabendo que a morte lhe chegaria a qualquer momento, ele se encontrava diante de um dilema: seu sucessor no trono poderia ser um sábio ou um louco, alguém que seguiria seus ensinamentos ou um arrogante que os desprezaria. E conhecendo bem seu filho Roboão que o haveria de suceder no trono, Salomão não tinha esperança alguma de ver seu reino continuar prosperando. De que serviria tudo o que ele acumulara por toda sua vida? E a história nos mostra que Salomão tinha razão. Roboão, seu filho foi o pivô da fatídica divisão do reino.

Aplicação v.18

Como devemos olhar para o dinheiro? Primeiramente, devemos vê-lo como mero instrumento de troca. Não comemos dinheiro, mas, compramos comida com ele. Não podemos nos aquecer com dinheiro, mas, com ele compramos cobertores e roupas. Com dinheiro podemos comprar passagens para qualquer destino – menos para o céu. Também com ele podemos nos prover de qualquer coisa – menos da felicidade.

Mas, principalmente, devemos olhar para o dinheiro como não sendo nosso. Ele é um recurso que Deus nos dá, e a Ele prestaremos contas um dia pela forma como o usamos. A advertência que o Senhor Jesus faz em **Lc 12.13-21** na parábola do rico insensato sobre a repentinidade da morte e a loucura de se depositar nas riquezas a segurança da nossa alma, bem como a advertência em **1Tm 6.7-10** sobre o uso das riquezas para glorificar a Deus neste mundo, devem ecoar em nossos ouvidos o tempo todo para não cairmos na fé.

Não podemos levar nossa riqueza conosco quando morreremos, mas, conforme **Mt 6.19-34** podemos “enviá-las antecipadamente” ao usá-las de acordo com a vontade de Deus (cf. WIERSBE, 2010, vol.3, p.461).

Não podemos proteger nossas riquezas. O maior temor de um coração ambicioso é perder seus bens ou vê-los serem desfeitos pelas mãos de outras pessoas. O ambicioso é aquele que passa a sua vida juntando riquezas a ponto de não conseguir desfrutar de tudo o que juntou. Em nossos dias, o que sobrou das riquezas de um homem, geralmente fica com os filhos. Mas, em outros casos, são parentes mais distantes, e quando não há parentes para herdarem, tudo vai para o Estado (o pior dos herdeiros!). Seja quem for o herdeiro, a pergunta de Salomão é pertinente: **“E quem pode dizer se será sábio ou estulto?”**. Será que os herdeiros terão inteligência e sabedoria para administrarem a herança, ou serão esbanjadores como o filho mais novo da parábola contada pelo Senhor Jesus em **Lc 15.11-32**? Seja sábio ou estulto, **“Contudo, ele terá domínio sobre todo o ganho das minhas fadigas e sabedoria debaixo do sol”**, concluiu Salomão. Aqui, ele estava pensando em suas próprias riquezas, e em quem haveria de herdá-las. Ele sabia que seria seu filho Roboão, só não sabia se era haveria de ser sábio ou estulto. Então ele conclui que tudo o que fizera em sua vida era perda de tempo, pois, **“...também isto é vaidade”** (v.19).

O v.20 traz uma nota de profundo pesar: **“Então, me empenhei por que o coração se desesperasse de todo trabalho com que me afadigara debaixo do sol”**. Philip Ryken afirma: *“Temos aqui uma das grandes frustrações da nossa existência. Nascermos com um desejo de permanência, um anseio profundo de fazer algo que perdure. No entanto, a realidade debaixo do sol é que gastamos nossas vidas inteiras trabalhando para ganhar algo que não podemos guardar. Isso era o bastante para levar o Pregador ao desespero”* (RYKEN, 2017, p.117).

O Kohelet afirmou ter ficado profundamente desiludido com todos os trabalhos que suportara neste mundo. Mas, não fôra algo involuntário. Pelo contrário, ele afirma: **“Então, me**

empenhei” para ficar desiludido. O verbo hebraico que foi traduzido por “empenhei” é כָּבַב (virar, girar em torno, contornar), traz a ideia de *fixar um ponto, concentrar-se em algo*, no caso aqui, ele concentrou-se em que seu coração “se desesperasse” (שָׁחָה – *desesperar, estar sem esperança*). Nem mesmo se todo o seu trabalho fosse usufruído por alguém que fosse sábio, ele teria algum consolo; pior ainda seria se um tolo ficasse em seu lugar (como de fato foi seu filho Roboão).

Restava a Salomão apenas uma saída: conformar-se com o inevitável, ou seja, outro desfrutaria das riquezas que ele tanto trabalhara para acumular: **“Porque há homem cujo trabalho é feito com sabedoria, ciência e destreza; contudo, deixará o seu ganho como porção a quem por ele não se esforçou; também isto é vaidade e grande mal”** (v.21). Nem todos os homens trabalham com sabedoria, ciência e destreza, mas Salomão tinha convicção de que todo o seu trabalho havia sido feito com essas “ferramentas”. Ele se pôs a buscar o conhecimento (ciência), aplicou-o de forma correta (sabedoria) e com habilidade (destreza). Mas, de que adiantaria tudo isso? Seu ganho (lucro, o que sobrou) seria deixado **“como porção a quem por ele não se esforçou”**. Roboão, além de nada ter feito para ajudar seu pai no seu trabalho, ainda não se esforçou nem um pouco para isso. Todo seu trabalho, além de ser **“vaidade”** era também **“grande mal”** (רַעָה רַבָּה - *muito ruim, muito desagradável*).

Aplicação v.19-21

Quando olhamos para Roboão, o filho de Salomão que herdou seu trono e todas as suas riquezas, vemos que Salomão não preparou seu filho para a responsabilidade que receberia. Havia riquezas mais valiosas as quais Salomão não deu importância. Por exemplo, ele não se ocupou com a responsabilidade de ser um bom pai. É fato que bons pais podem ter o desprazer de ter filhos maus, negligentes e indolentes. Mas, a probabilidade é muito maior de eles terem bons filhos se forem bons pais. Tivesse Salomão ensinado a seu filho a temer a Deus e a trabalhar com dedicação, quem sabe Roboão teria sido um bom rei, e não o fomentador de uma rebelião que custou a unidade do reino de Israel.

Pais, ensinem seus filhos a trabalharem desde crianças. Deem-lhes tarefas exequíveis e responsabilidades dentro da capacidade de cada um conforme vão crescendo, até que um dia eles sejam capazes não só de cuidarem si mesmos, mas, também de outros, especialmente constituindo novas famílias. Ensinem seus filhos a administrarem o dinheiro que receberem, a não serem nem esbanjadores e nem avarentos, mas a tratarem o dinheiro que ganharem como sendo uma dádiva de Deus a quem haverão de prestar contas. Ensine-os a amarem a Deus, pois, esta é a única herança que realmente tem valor e os acompanhará por toda a eternidade.

Se vocês ensinarem os seus filhos a trabalharem duro e administrarem bem seus recursos, vocês terão feito um bom trabalho como pais. Mas, isso não é o suficiente. Vocês devem ensiná-los a amar a Deus acima de tudo, a quererem a herança eterna. **Se no fim de suas vidas vocês deixarem para eles uma boa herança, não terão deixado nada além de pó e ferrugem. Mas, se durante as suas vidas vocês ensinarem-lhes a amar a Deus, a Sua Igreja e o caminho da vida eterna, então terão cumprido o seu papel de pais, pois, seus filhos são herança do Senhor para vocês** (cf. Sl 127.3).

Não ame seus bens materiais e nem confie neles. Lembre-se da advertência divina: **“...se as vossas riquezas prosperam, não ponhais nelas o coração”** (Sl 62.10). Se você vier a enriquecer-se, vigie seu coração para que não seja tomado pela soberba e nem confie na instabilidade das riquezas, mas, em vez disso, deposite sua confiança somente em Deus que é quem lhe abençoa. Que você pratique o bem com seu dinheiro, seja abundante em boas obras, e sempre generoso ajudando quem necessita. Assim você estará acumulando para si mesmo tesouros eternos (cf. 1Tm 6.17-19).

Não caia no laço de Satanás que quer que você pense que a avareza é boa administração, e que a ambição é algo louvável. Não! A Bíblia dá outro nome para a avareza: idolatria (cf. Cl 3.5), portanto, um grave pecado. O Senhor Jesus reafirma essa verdade quando falando sobre não acumularmos tesouros nesta vida, mas nos céus: **“porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”** (Mt 6.21).

As riquezas não trazem felicidade. Essa é a terceira constatação a que chegou o Pregador. Todos já ouvimos aquela anedota: *“Dinheiro não traz felicidade, mas, manda buscar”*. Só mesmo um tolo acredita nisso. Salomão faz uma pergunta da qual ele já tem a resposta: **“Pois que tem o homem de todo o seu trabalho e da fadiga do seu coração, em que ele anda trabalhando debaixo do sol? (v.22)**. Ele já levantara essa pergunta anteriormente (1.3) e também já apresentara uma resposta (2.11). Mas, aqui ele expande um pouco mais o assunto quando aponta para o fato de que o todo o trabalho de um homem nesta vida não somente lhe cansa o corpo, mas, também o **“coração”** (לֵב – *homem interior, mente, vontade, entendimento*). O trabalho é desgastante não somente por exigir forças do corpo, mas também do coração. *“Cada ocupação tem suas exigências específicas, mas não importa qual tipo de trabalho fazemos, ele sempre exige um tributo nosso. Trabalho duro pode ser exaustivo tanto para a alma quanto para o corpo”* (RYKEN, 2017, p.117). É muito esforço para pouco ganho, ou ganho de valor irrisório diante da preciosidade que é a vida.

Um coração ambicioso até consegue ajuntar riquezas, mas, não consegue desfrutá-las **“Porque todos os seus dias são dores, e o seu trabalho, desgosto”**. Dores e desgosto. Quando falta o trabalho, a pessoa fica preocupada com o seu sustento; se tem muito trabalho a fazer e o tempo é pouco, também fica agoniada e **“até de noite não descansa o seu coração”**, pensando em como cumprirá seus compromissos. E por quanto tempo se arrastará esse dilema? Por todos os dias de sua vida.

Se você fizer do seu trabalho a razão da sua vida, ele o deixará vazio em seu coração porque **“também isto é vaidade”** (v.23). **A vida e o labor humano que não são direcionados para a glória de Deus são fúteis e inúteis.**

Aplicação v.22-23

Quando você põe sua cabeça no travesseiro, consegue dormir e descansar? As preocupações tiram-lhe o sono? Essas preocupações são lícitas ou são em decorrência da ambição, ganância e cobiça em relação às riquezas? Lembre-se do que a Palavra de Deus diz sobre isso: **“A bênção do SENHOR enriquece, e, com ela, ele não traz desgosto”** (Pv 10.22). Melhor do que ser rico, é ser abençoado por Deus, porque enquanto esta nos traz a verdadeira alegria, as riquezas só trazem dor e desgosto.

O trabalho nos dá um senso de realização pessoal. Trabalhar é muito bom e nos identifica com o nosso Pai Celeste e com o Senhor Jesus Cristo que sempre trabalharam e ainda continuam trabalhando (cf. Jo 5.17). Com o nosso trabalho podemos conseguir o sustento para nossas famílias, adquirir conforto e segurança, e até mesmo desfrutarmos de muitas alegrias. Mas, se fizermos do nosso trabalho um fim em si mesmo, estaremos desconsiderando Deus em nossa vida, viveremos de forma secularizada neste mundo não sendo em nada diferentes dos que vivem sem Deus neste mundo. O único paraíso que tais pessoas desfrutarão será este mundo, pois, o que virá depois será o inferno eterno.

Se Deus o abençoar e você vier a ter alguma riqueza, empregue-a para a Sua glória e para o bem dos necessitados. Não faça de seu trabalho um fim em si mesmo. Ele é apenas um meio para você glorificar a Deus em sua vida. Somente Deus pode dar sentido à sua vida. É disso que se tratam os últimos versículos deste capítulo.

Depois de constatar o vazio em várias áreas de sua vida secularizada, o Pregador faz uma guinada abrupta em seu pensamento e discurso, e passa a considerar sua vida da perspectiva da existência de Deus. Salomão deixa aquele tom pessimista e amargo de seu discurso, e passa a fazer declarações verdadeiramente positivas, porque passa a considerar cada aspecto de sua vida tendo Deus como a razão de sua satisfação.

6) Quando Deus preenche todo o vazio da nossa vida (2.24-26)

Salomão passara por todas as experiências desta vida na tentativa de encontrar o seu sentido, a sua razão, o seu significado. Entregara-se ao prazer em suas mais variadas formas: ao entretenimento, ao vinho, aos empreendimentos, ao sexo, às festas, à música, às posses, ao trabalho e às riquezas sem considerar Deus em nenhuma delas, tendo uma visão totalmente secularizada sobre elas. **Para cada coisa em que buscara prazer encontrou um problema que fazia com que se tornasse um fardo, um peso, um desgosto para o seu coração.** “O Pregador fracassou em seus experimentos. Ele não encontrou sentido em tentar entender a vida pela sabedoria, nem valor durável na busca do prazer, nem vantagem em ser sábio em contraste com ser tolo, nem benefícios duráveis em ajuntar posses” (GREIDANUS, 2017, p.136). **Todos os esforços terrenos são fúteis e vazios. E então, qual o sentido dessa vida debaixo do sol? Há felicidade nesta vida? É possível ser feliz neste mundo?**

Nesta primeira conclusão do livro, Salomão enfatiza a importância de aceitarmos a vida como uma dádiva de Deus e de desfrutá-la dentro da Sua santa vontade (cf. WIERSEBE, 2010, vol.3, p.464). **A grande verdade que estes versículos nos apresentam é que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada em Deus, pois, só Ele pode preencher todo o vazio dessa vida causado pelo pecado.** Quando falamos sobre a verdadeira felicidade que Ele tem para os Seus filhos, estamos falando sobre fazer a vontade Dele. Queremos ser felizes de verdade? Então busquemos fazer a vontade de Deus em cada momento dessa vida.

Precisamos considerar três fatos que decorrem dessa verdade que somente Deus pode preencher o vazio dessa vida e dar a ela o verdadeiro significado:

Deus nos dá não somente as bênçãos, mas, também a capacidade de desfrutá-las. “Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus” (v.24). Salomão não estava se referindo aqui àquela filosofia fatalista do “comamos e bebamos porque amanhã morreremos”. Em vez disso, o *Kohélet* está afirmando que devemos agradecer a Deus por tudo o que recebemos Dele, e, desfrutarmos de tudo isso para a glória Dele.

Que tudo nessa vida debaixo do sol é efêmero e vazio, isso já ficou bem claro no livro até aqui. Porém, devemos tomar muito cuidado para não permitirmos que nosso coração fique amargurado e rancoroso, vendo essa vida como uma grande tragédia e desgraça. Deus abençoa Seus filhos fazendo com que possam desfrutar de seu trabalho. Ele quer que desfrutemos de Suas bênçãos. As realizações que o nosso trabalho, quer seja físico, quer seja mental possa nos trazer, devem ser encaradas antes de tudo, como bênçãos que **“vem da mão de Deus”**. Quando assim delas desfrutamos, honramos a Deus, glorificamos Seu santo nome diante dos homens.

Aplicação v.24

Agarre o seu trabalho, faça-o com dedicação e entusiasmo. Desfrute dos resultados dele, deleite-se com isso. Porém, sempre dê a Deus toda a glória, toda a honra. Seja grato a Ele por cada conquista, por cada momento em que você estiver desfrutando do que conquistou por meio do seu trabalho.

Seja precavido para o futuro. Use o fruto do seu trabalho com sabedoria. Não seja ganancioso e ambicioso. Seja grato a Deus o tempo todo. O principal motivo pelo qual não conseguimos desfrutar do que nosso trabalho pode nos dar, é porque somos gananciosos.

A ganância nos impede de sermos gratos pelo que temos, porque queremos ter mais do que recebemos. A ganância nos faz desprezar o que temos recebido de Deus, porque achamos que somos merecedores de mais, quando somos merecedores de nada. A falta de contentamento em nossos corações nos faz ácidos e amargurados com a vida. Quando Salomão diz que **“tudo é vaidade”**, não está sendo pessimista e ingrato para com a bondade de Deus, mas, sim, mostrando que mais importante do que as bênçãos de Deus é o próprio Deus, e que quem não se satisfaz em Deus, nunca estará satisfeito com as bênçãos que Ele concede.

Outro fato que Salomão destaca aqui sobre vivermos uma vida centrada em Deus, e, Nele encontrarmos o verdadeiro sentido da vida é:

Separados de Deus não encontramos felicidade: “pois, separado deste, quem pode comer ou quem pode alegrar-se?” (v.25). Essa é a segunda vez que o Pregador menciona Deus no livro, sendo a primeira vez de forma positiva (em 1.13, ele mencionou Deus como parte do problema). **Qualquer coisa nesta vida que estiver separada de Deus, isto é, em desacordo com a vontade Dele, será causa de terrível infelicidade e tristeza.** *“Por isso, se alguém estiver tendo dificuldades de encontrar alegria na vida, isso se deve ao fato de Deus não ocupar o centro das coisas”* (RYKEN, 2017, p.121).

Tudo o que há neste mundo foi criado por Deus; todas as coisas pelas quais encontramos a satisfação de alguma necessidade nossa, são dádivas das mãos de Deus. **Sem Deus não somos capazes de desfrutar das coisas mais básicas da vida como o comer.** Ele concede essas coisas aos homens como empréstimo. Nunca seremos donos de fato, de alguma coisa neste mundo; sempre seremos mordomos administrando bem ou mal o que pertence a Deus. Por Sua bondade, Ele nos permite usufruir delas. Quando os homens ignoram essa verdade, e se veem como donos das coisas em vez de mordomos; deixam de ser mordomos para serem ladrões que desfrutam daquilo que pertence a outro. Tais pessoas deixam-se levar pela ganância e ambição de seus corações. Disso surgem outros pecados como as disputas entre os homens (*“Por que ele tem isso e eu não?”*), a inveja (*“Ele não merece ter isso; eu, sim”*), o vitimismo (*“Sou vítima de um sistema burguês opressor”*), o ócio (*“Por que trabalharei? Jamais conseguirei ficar rico”*).

Um coração que não se deleita em Deus nunca será feliz. Mesmo após uma conquista, em breve ela se tornará um fardo, um desgosto. Alguém que tem em Deus todo o prazer de sua alma, é livre do materialismo. Ele consegue desfrutar dos prazeres lícitos dessa vida compreendendo que eles são transitórios e limitados, e jamais poderão lhe dar a satisfação eterna, a qual, ele encontra somente em Deus. Essa satisfação na pessoa de Deus levará a pessoa a adorar a Deus com alegria e fervor. Philip Ryken afirma: *“quando aprendemos a receber as coisas boas da vida como dádivas em vez de vê-las como algo a que temos direito, experimentamos uma alegria genuína e gratidão verdadeira”* (RYKEN, 2017, p.122).

Aplicação v.25

A alegria é uma dádiva de Deus para nós; ela é parte do fruto do Espírito Santo (cf. Gl 5.22-23). Busque-a à parte de Deus e o que você encontrará será desespero e angústia. Por boca do profeta Jeremias, Deus denunciou o pecado do Seu povo: **“Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas” (Jr 2.13).** Os israelitas deixaram o seu Deus para adorarem ídolos feitos pelas mãos humanas; abandonaram Àquele que é o manancial de águas vivas, isto é, puras e correntes, para se curvarem diante de ídolos, os quais eram como cisternas rotas que não seguravam a água deixando somente lama no fundo. Assim é todo ser humano que em vez de buscar em Deus a verdadeira alegria e satisfação, busca em coisas que as suas próprias mãos e coração inventam.

Observe. Todas as vezes que somos tentados a pecar, nosso coração faz o pecado parecer algo que nos trará satisfação, prazer e alegria. Mas, essa propaganda logo se mostra uma ilusão, e, em seguida vem profundo desgosto e tristeza.

Não se iluda. Sem Deus é impossível você ser feliz de verdade. À parte da vontade Dele, que é boa, agradável e perfeita (cf. **Rm 12.1-2**), você só encontrará dor e desgosto. A alegria não é o fim, o resultado de um processo de obediência a Deus; ela é uma bênção de Deus com a qual desfrutamos de tudo o que Deus tem nos dado. Devemos nos alegrar com o trabalho que Deus nos dá, com o alimento que recebemos, com as oportunidades que Ele nos proporciona, com o corpo/saúde que temos. Enfim, cada circunstância na vida do crente é uma oportunidade de alegrar-se em Deus e render-Lhe todo o louvor.

“O modo de experimentar esse prazer é trabalhar para Deus em vez de para nós mesmos. É tão fácil emaranhar-nos em nossa ambiciosa carreira, nossa agenda de trabalho e nosso salário sem jamais parar para pensar se o nosso trabalho agrada a Deus – tanto o que fazemos como a forma como o fazemos. Trabalho difícil é mais recompensador e até mais prazeroso quando é feito para a glória maior de Deus” (RYKEN, 2017, p.123).

Por fim, o terceiro fato que decorre dessa verdade de que somente Deus pode preencher o vazio dessa vida e dar a ela o verdadeiro significado:

Fazer a vontade de Deus deve ser o alvo da nossa vida: “Porque Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer ao homem que lhe agrada; mas ao pecador dá trabalho, para que ele ajunte e amontoe, a fim de dar àquele que agrada a Deus. Também isto é vaidade e correr atrás do vento” (v.26). A palavra “**pecador**” que em nossa versão aparece como um substantivo, no hebraico aparece em sua forma verbal (לְחַטֹּא) sendo traduzida por “*aquele que erra*” (este é um dos significados bíblicos para *pecado*). Assim, Salomão está contrastando o homem que agrada a Deus com o que O desagrada, isto é, que erra o alvo em relação à vontade de Deus.

O homem que agrada a Deus, é aquele que tem como alvo fazer a Sua santa vontade o tempo todo; o pecador é aquele que não se importa com a vontade de Deus. Sidney Greidanus afirma: “No vocabulário do Pregador, ‘a palavra designa alguém que, embora não seja ímpio, perdeu o ponto da vida que Deus tinha dado’” (GREIDANUS, 2017, p.137). **O pecador é aquele que não vê a vida do ponto de vista de Deus.** Ainda a que nossa vontade seja lícita e não pecaminosa, se não estiver em concordância com a vontade de Deus, estaremos pecando, errando o alvo. Tomemos como exemplo, um tema que aparece nesses versículos: o trabalho. Você está num emprego. De repente se vê desanimado com o mesmo e começa a pôr defeitos nele. Daí surge uma oportunidade de ir para outro emprego no qual, por alguns motivos, você se vê mais motivado. Você então decide mudar de emprego. O que de ilícito há nisso? Nada. Mas, se você tomou essa decisão sem sequer considerar se ela é ou não a vontade de Deus para sua vida, então você errou o alvo, pecou. **Tudo o que fazemos que não esteja em concordância plena com a vontade de Deus, é pecado!**

Àquele que tem como alvo agradar a Deus, a este Ele “**dá sabedoria, conhecimento e prazer**”. Esta é a primeira vez no livro, que Salomão trata a sabedoria não como um empreendimento humano, mas, como uma dádiva de Deus. Com a sabedoria vem o conhecimento e o prazer para realizar o trabalho e ter neste a alegria de desfrutar todas as dádivas de Deus. Devemos entender que há uma diferença enorme entre desfrutar das bênçãos de Deus, e usar as coisas. Devemos olhar para todas as circunstâncias da nossa vida e nos alegrarmos com o que Deus nos proporciona, ainda que seja algo pelo qual não estávamos esperando. Porém, se focarmos em ter mais e mais coisas, apenas as usaremos, em vez de desfrutar com alegria o que Deus nos dá. É bom termos as coisas que com o dinheiro podemos comprar desde que não percamos de vista as coisas que o dinheiro não compra, como por exemplo, a satisfação em Deus

e a felicidade decorrente da obediência à vontade Dele. “Não basta ter ‘coisas’; também devemos ter o tipo de caráter que nos permita usar as ‘coisas’ com sabedoria e desfrutá-las corretamente” (WIERSBE, 2010, vol.3, p.464).

Quanto à afirmação: **“mas ao pecador dá trabalho, para que ele ajunte e amontoe, a fim de dar àquele que agrada a Deus”**, não devemos entender essas palavras como uma justiça por mérito, ou como se diz hoje em dia, meritocracia. Nem mesmo devemos entendê-la como uma regra inflexível. **O que Salomão está afirmando aqui é que isso pode acontecer, e não que isso acontece sempre.** As Escrituras relatam algumas ocasiões em que isso aconteceu: Jacó em relação a Labão, seu sogro (cf. Gn 30.37-43); Israel em relação ao Egito levando suas riquezas com as quais depois construiu o tabernáculo de Deus (cf. Êx 3.22; 12.36); as parábolas, dos talentos (Mt 25.14-30), e das dez minas (Lc 19.11-27), também ensinam que Deus retira dos pecadores e entrega aos fiéis o fruto do trabalho deles. **Aqueles que erram o alvo na vida – agradar a Deus cumprindo Sua vontade – terminarão sem nada.** Salomão considera: **“Também isto é vaidade e correr atrás do vento”**.

Aplicação v.26

Quando você toma decisões, considera seriamente a vontade de Deus? Considere o que Paulo disse: **“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas”** (1Co 6.12). Essas palavras são ditas por um coração que tem como propósito exclusivo obedecer a Deus e honrá-Lo em cada momento. Cuidado com as coisas que em si não são pecaminosas. Quando algo é pecaminoso, não é difícil para nós identifica-la e nos afastarmos dela. O problema é quando algo em si não é pecaminoso, mas, não é a vontade de Deus para nós. Com facilidade nos enganamos. Por exemplo: em nossos dias, muitos crentes adotam a paz como meio para tomarem decisões. É muito comum ouvirmos alguém dizer: *“Estou sentindo paz em meu coração quanto a essa decisão, por isso, sei que é a vontade de Deus para a minha vida”*. É fato que a vontade de Deus sempre trará paz ao nosso coração, mas, nunca o sentimento de paz deve ser usado como meio para conhecermos a vontade de Deus pelo simples fato de que nosso coração é enganoso e desesperadamente corrupto (cf. Jr 17.9). **Nosso coração sempre estará em paz até que alguém se oponha a ele.**

As Escrituras nos mostram que a paz em nosso coração não é um instrumento para decisões, mas, sim, resultado de decidirmos fazer a vontade de Deus (cf. Sl 119.165; Is 26.3-4,12).

Conclusão

Viver sem considerar Deus em todos os nossos caminhos (decisões) é a expressão da mais terrível impiedade. Ele é o dono de tudo o que existe, é o soberano sobre todas as circunstâncias e situações; de Suas mãos recebemos tudo o que necessitamos para viver. Mas, se não O reconhecemos em Sua soberania, sabedoria, santidade e amor, fatalmente, nossa vida tornar-se-á amarga, dolorosa e desgostosa.

Um coração que reconhece a bondade de Deus até mesmo em momentos adversos e de dor, experimenta uma das mais deliciosas graças do Evangelho de Cristo: o alívio da alma. Quando experimentamos tal bênção, passamos a olhar para esta vida com gratidão a Deus por nos vermos como não merecedores de cada ato de Sua bondade. A vida, para aquele que considera Deus em todos os seus caminhos, não é uma eterna mesmice, nem mesmo um correr atrás do vento, mas, sim, novidade de vida, uma vida impulsionada pelo vento do Espírito Santo.

“Deus Eterno e Soberano, clamamos a ti que nos dê uma porção da Tua palavra para sermos transformados e santificados por ela. Toma nossa mente e atenção. Não nos deixe divagar em pensamentos aleatórios, mas permita que tenhamos toda nossa atenção voltada para Ti. Ajude-nos, assista-nos com a Tua graça e misericórdia. Em Cristo Jesus, oramos, amém!”.

Conhecendo o Único Sentido da Vida

Tudo debaixo do sol encontra seu sentido em Cristo que está acima do sol

Parte II

A Discussão do Problema

Assuntos que ocupam a vida debaixo do sol

Ec 3 – 10

Introdução

Começamos agora a maior parte do livro do Eclesiastes, os **caps. 3 – 10**, nos quais abordaremos assuntos variados, mas todos eles interligados pelo tema central do livro: o único sentido dessa vida só pode ser obtido mediante o conhecimento a respeito do ser de Deus. Somente o conhecimento de Deus que é Aquele que está acima do sol pode dar sentido a tudo o que se encontra debaixo do sol.

O primeiro dos assuntos a serem tratados aqui com os quais ocupamos nossa vida debaixo do sol sobre os quais Salomão discorrerá nos próximos capítulos é:

1) Deus é o Senhor do tempo, 3.1-8

De início, é importante destacar aqui que o ponto central desse trecho não é o tempo, mas, sim, a soberania de Deus sobre o tempo.

Em **Ec 2.26** vimos que a vontade de Deus, ainda que se estenda por todos os tempos (passado, presente e futuro), é no presente momento de nossas vidas que temos como fazê-la; ainda que possamos (e devamos) fazer planos para o futuro e buscarmos a orientação de Deus para compreendermos qual a vontade Dele, **é importante que saibamos que é no presente momento de nossas vidas que a executamos ou não**. Em **Ef 5.15-17** vemos que a vontade de Deus é executada em nossas vidas agora. Devemos ver como estamos nos comportando agora, devemos remir o nosso tempo agora, e compreender a vontade de Deus para nossas vidas agora. Vejamos então, o que Deus por boca de Salomão tem a nos dizer agora.

A soberania de Deus sobre o tempo. “**Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu**” (v.1). O conceito de *tempo* não é único; há pelo menos três: o de eternidade (no grego αἰών), o de oportunidade (no grego καιρός), e o de contagem do tempo (ώρα). Aqui Salomão emprega o termo no sentido de oportunidade, o momento para que cada coisa aconteça tal como Deus a determinou.

Utilizando daquilo que é conhecimento como *paralelismo sinonímico*, Salomão faz uma afirmação na primeira parte do versículo e repete-a na segunda parte para enfatizar uma verdade.

E qual a verdade que ele quer enfatizar aqui? Deus é soberano sobre o tempo. Não somente no sentido de estar acima do tempo, pois Ele é eterno, e, portanto, atemporal. Mas, também no sentido de que Ele é quem rege e determina o tempo de cada coisa acontecer. *“A intenção do Mestre aqui não é diretamente fazer prescrições para a vida, mas principalmente oferecer pronunciamentos sobre o fato de que, da perspectiva de Deus, é ele quem ordena todos os aspectos da vida e das ações das pessoas”* (KAISER, 2015, p.80). O tempo é um servo de Deus e está totalmente sob o Seu controle.

“debaixo do céu”, essa expressão é uma variante da preferida de Salomão **“debaixo do sol”**, mas, traz consigo uma nuance. Ao olharmos para 5.2 vemos que **“...Deus está no céu”**. Estando ele no céu, logo, a expressão **“debaixo do céu”** aponta para a Sua soberania, enquanto, que, **“debaixo do sol”** aponta para a realidade da nossa existência neste mundo. Crer que Deus é soberano sobre o tempo e sobre tudo o que acontece, traz ao nosso coração a segurança de que nada é por acaso e sem sentido. Há um propósito divino para tudo o que acontece, quando e como acontece.

A totalidade da vida. *Kohelet* faz uso de 14 pares de palavras, as quais são classificadas como merismas. O que é um merisma? É uma figura de linguagem na qual duas coisas opostas e extremas formam um todo. E o total de 14 merismas aqui é proposital. Na literatura judaica, o número 7 simboliza a completude, totalidade e perfeição. Assim, o número 14 é o dobro de 7 (um par de 7). Até mesmo a disposição de cada frase apresenta dois pares de dois merismas, o que aponta para o aspecto poético do texto. **Dessa forma, o conjunto de 14 merismas apresentados por Salomão apontam para a totalidade da vida humana.** Ele não pegou apenas 14 aleatórios exemplos da vida, mas, sim, 14 pares de elementos que abrangem toda a existência humana. Vejamos cada par.

Deus em Sua soberania e poder, determinou que há:

- ✓ **“tempo de nascer e tempo de morrer” (v.2a):** É Ele quem traz cada ser humano (e tudo o mais) à existência (cf. Sl 139.13; Jó 33.4), e é Ele quem lhes retira a vida (cf. Jó 14.5). Os avanços da Medicina, as tecnologias inventadas pelo homem, facilmente enganam os corações fazendo-os pensar que eles têm algum controle sobre a vida e a morte. Tanto o berço quanto o leito de morte são agendados por Deus. E não só esses dois momentos estão sob o controle e a soberania de Deus, mas, tudo quanto acontece nesse meio tempo.
- ✓ **“tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou (v.2b):** Israel era uma sociedade agrícola. Essas palavras foram facilmente entendidas. O calendário religioso de Israel era regido pela agricultura (festa das primícias, pentecostes, etc.). Mas, ainda que os homens obedeçam o tempo das estações, semeiem na estação correta, só colherão se Deus der o crescimento (cf. Sl 65.9-13). Deus determina a germinação das sementes, o crescimento das plantas e o amadurecimento dos frutos. Se Ele não conduzir cada um desses momentos, não haverá colheita. Mas, cabe ao homem plantar e colher (arrancar) o que se plantou. Mas isso não acontece só com as lavouras. Também acontece com os homens. Deus “plantou” Israel como a uma vinha (Is 5.5) e permitiu que ele fosse arrancado de seu lugar pelas mãos do assírios e babilônios. Cristo plantou Sua Igreja, e um dia a recolherá em Sua glória (cf. Mt 13.24-30).
- ✓ **“tempo de matar e tempo de curar” (v.3a):** Os comentaristas entendem **“tempo de matar”** de duas formas: o contexto da guerra, e o tempo de se aplicar uma sentença de morte aos contraventores (cf. Êx 21.24; Rm 13.3-5). É importante que entendamos que a pena de morte é permitida e até mesmo determinada nas Escrituras, não porque um homem seja soberano sobre outro podendo decidir sobre seu destino, mas, porque ninguém tem o direito de tirar

a vida a outrem e ficar impune, pois está atacando a imagem de Deus no outro. Walter Kayser afirma: “...essa ação contra assassinos é favorecida na Escritura, não porque os seres humanos são soberanos ou a sociedade e as vítimas enlutadas são de algum modo beneficiadas, mas sim porque as pessoas são imensamente importantes para Deus – elas são criadas à imagem de Deus. Matar outra pessoa por maldade, ficando deliberadamente à espreita para fazer tal coisa (homicídio em primeiro grau), é matar Deus em sua imagem” (KAISER, 2015, p.83). Aos feridos na guerra, aos que foram atacados por homens maldosos ou acometidos por enfermidade há **“tempo de curar”**, e embora nem sempre a cura aconteça, todos os recursos disponíveis devem ser ministrados, afinal, a única enfermidade que não tem cura é a última. A autoridade para punir um assassino e a graça de curar uma enfermidade estão nas mãos de Deus, e Ele é quem as determina.

- ✓ **“tempo de derribar e tempo de edificar (v.3b):** o tempo corrói as estruturas e essas precisam ser derrubadas para que outras novas e mais seguras sejam edificadas. Todos já vimos pessoalmente ou pela televisão a demolição de um prédio velho ou mal construído. A demolição se fez necessária porque de outra forma não seria possível edificar nada ali. Isso também se aplica aos relacionamentos. Os muros da hostilidade, da inimizade e da guerra devem ser derrubados, para que sejam edificados nossos relacionamentos. Devemos ser sábios para derrubarmos o que está nos atrapalhando de viver para a glória de Deus, para edificarmos nossas vidas nesse sentido. Para tudo isso Deus tem um momento certo.
- ✓ **“tempo de chorar e tempo de rir” (v.4a):** O choro e o riso estão presentes na vida de todos os seres humanos, mas, somente os filhos de Deus têm o consolo quando choram (cf. Sl 30.5; Mt 5.4), e a promessa de que Ele próprio lhes enxugará dos olhos toda lágrima (cf. Ap 21.4). Deus é quem nos dá a verdadeira alegria que se traduz em risos e folguedos de alegria (Sl 30.11). Mas, há tempo tanto para um quanto para o outro. Em nossa geração há uma busca incessante pelo riso, mas tanto para o choro quanto para o riso Deus tem propósitos e tempo determinado.
- ✓ **“tempo de prantear e tempo de saltar de alegria” (v.4b):** nesta segunda parte do versículo, Salomão expande o que ele disse na primeira parte. Prantear é algo mais intenso do que chorar, assim como saltar de alegria é mais intenso do que rir. Deus estabelece essas experiências em nossas vidas. Num dia estamos chorando no interior de nosso lar, e, no outro, pranteando à vista de todos (como num funeral); num momento estamos rindo de coisas singelas e pequenas, e no outro podemos estar saltando de alegria com uma notícia, ou conquista. Da dor ao consolo, da tristeza à alegria, da lágrima ao riso, Deus está no controle de tudo determinando o tempo exato de cada uma dessas coisas acontecer.
- ✓ **“tempo de espalhar pedras e tempo de juntar pedras” (v.5a):** Essa é outra figura extraída da guerra. Era uma prática militar daqueles dias espalhar pedras no campo dos inimigos a fim de que eles não conseguissem plantar nada mais ali (cf. 2Rs 3.19,25). Quando os inimigos saíam daquelas terras, as pedras eram juntadas e removidas a fim de se cultivar a terra novamente. Coisas que num tempo podem ser tratadas como entulho, em outros tempos são considerados elementos preciosos para a reconstrução. “As pedras não são boas e nem ruins; tudo depende do que se faz com elas. Se seu inimigo encher a terra de pedras, não as jogue de volta. Construa alguma coisa com elas!” (WIERSEBE, 2010, vol.3, p. 467).
- ✓ **“tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar” (v.5b):** A mãe que segura ternamente seu bebezinho, tem que saber que um dia terá de soltá-lo. O filho que abraça a seus pais deve fazê-lo com muito amor, pois, um dia os verá partir para sempre. Deus nos dá hoje a oportunidade de abraçarmos, mas, chegará o dia em que a despedida definitiva, por Ele já determinada, chegará.

- ✓ **“tempo de buscar e tempo de perder” (v.6a):** Esse é o processo de ganho e perda. O que seguramos hoje por termos conquistado com nosso trabalho, em algum momento determinado por Deus o perderemos, e isso para nos lembrar que não somos donos de nada, mas, apenas mordomos. Comece a trabalhar cedo e a ajuntar com sabedoria e boa mordomia, pois, a velhice chegará (se chegar!), e você não terá mais as mesmas oportunidades e as mesmas forças. Será como aquele ditado popular: *“Faça com os dentes para ter o que comer com a gengiva”*. Deus lhe dá essas oportunidades, mas, um dia, Ele as tirará de você.
- ✓ **“tempo de guardar e tempo de deitar fora” (v.6b):** W. Wiersbe afirma que essa frase *“dá autoridade bíblica para os brechós: tempo de guardar e tempo de limpar a casa e de passar as bugigangas para frente!”* (WIERSBE, 2010, vol.3, p.467). Os tesouros que acumulamos durante a vida, um dia se tornarão tão inúteis e sem valor para nós. Aprenda a se desvencilhar de pesos desnecessários. Um *“bota-fora”* na sua casa e na sua vida, é necessário de tempos em tempos. Deus tem determinado o tempo em que deveremos abrir mão das coisas. Ame a Deus e não as coisas para que quando o dia de abrir mão delas chegar você não se veja enredado pela amargura.
- ✓ **“tempo de rasgar e tempo de coser” (v.7a):** Nos tempos antigos, ao receberem más notícias, as pessoas rasgavam suas vestes na parte da frente demonstrando assim profunda tristeza (cf. Gn 37.29,34), e vestiam-se de panos de saco, panos rústicos e desconfortáveis para expressarem seu sofrimento, dor e vergonha. Mas, depois disso, era chegado o tempo de costurar as roupas rasgadas mostrando assim que o consolo e o perdão de Deus haviam chegado.
- ✓ **“tempo de estar calado e tempo de falar” (v.7b):** Essa frase está emparelhada com a anterior, mostrando que ao receber uma notícia ruim, a pessoa além de demonstrar sua dor rasgando suas vestes, também se recolhia em seu silêncio sofrendo sua dor. Mas, depois disso, a pessoa deveria falar. Sofrer o luto por alguém querido que morreu, num primeiro momento nos leva ao silêncio, mas, chegará o momento de falar e expor o que está no coração desde que seja algo de conformidade com a Palavra de Deus. É claro que essa frase não diz respeito só ao luto. Vale também para situações em que devemos ficar calados para não fomentarmos ainda mais animosidade ou coisa parecida; mas, o silêncio tem tempo para durar, pois, chegará o momento em que ficar calado será pecar por omissão. Em Pv 15.23 está escrito: **“O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!”**. Deus nos dá o tempo para o silêncio assim como a ocasião oportuna para falarmos.
- ✓ **“tempo de amar e tempo de aborrecer” (v.8a):** Essa frase traz algumas dificuldades para nós. Deus quer que Seus filhos manifestem ódio? Sim, existem coisas que devemos odiar, coisas que Deus odeia (cf. Sl 97.10; 139.21,22; Pv 6.16-19; Ap 2.6). Há tempo para demonstrarmos amor às pessoas, à uma causa; há tempo para nos apartarmos delas demonstrando-lhes que o nosso amor e compromisso é com Deus.
- ✓ **“tempo de guerra e tempo de paz” (v.8b):** Esta oração segue no mesmo sentido da oração anterior. Os filhos de Deus devem estar preparados para guerrear por Sua honra, e jamais sacrificar a verdade no altar de uma falsa paz. Eles são pacificadores, mas, devem estar de prontidão para guerrear contra o mal, devem combater aqueles que trazem ameaça ao Evangelho e desonra ao santo nome de Deus. A paz eterna acontecerá após a terrível batalha do Armagedom (Ap 16.16).

O caráter de Deus. Estes versículos suscitam questões sobre o caráter de Deus. As pessoas imaginam algo bem diferente daquilo que as Escrituras nos dizem sobre Deus. Para muitos,

o Seu atributo de amor é o único. Assim, eles ignoram o fato de que Deus também é justiça e fogo consumidor. Em Deus, todos os Seus atributos coexistem em perfeita harmonia. Num momento em que fica notório o Seu amor, Ele não está usando mais desse atributo do que dos demais. Não! Enquanto Ele exerce um de Seus atributos, todos os demais estão agindo juntos. Por isso, de Suas mãos recebemos não somente a vida, mas, também a morte; não somente a semente para plantar, mas, o fruto para ser colhido; não somente a dor que nos faz chorar e prantear, como também o consolo que nos fortalece e nos faz exultar de alegria. W. Wiersbe afirma:

A vida é parecida com um medicamento: se tomados em separado, os ingredientes podem ser letais, mas se devidamente misturados, promovem a cura. Em sua soberania, Deus está no controle e tem um tempo e um propósito para todas as coisas (Rm 8.28). Não se trata de fatalismo nem de uma ideia que nos priva de nossa liberdade ou responsabilidade. Trata-se da providência sábia de um Pai amoroso que não erra e promete que tudo cooperará para o bem (WIERSEBE, 2010, vol.3, p.467).

Cristo, o Senhor do tempo. Os Evangelhos nos mostram Cristo como alguém que sabia a hora exata para todas as coisas. Alguém que não desperdiçava o Seu tempo com banalidades. Em **Gl 4.4** vemos que Ele veio a este mundo na “**plenitude dos tempos**”, isto é, o momento exato da História determinado por Deus, o mesmo se observa em relação à Sua morte, a qual não ocorreu enquanto “**não era chegada a sua hora**” (**Jo 7.30**), mas, quando ela chegou, Ele “**morreu a seu tempo pelos ímpios**” (**Rm 5.6**). O mesmo pode ser dito de Sua ressurreição que ocorreu ao terceiro dia tal como Deus havia determinado (**Os 6.2; cf. Lc 24.45-46; 1Co 15.4**).

Ele plantou Sua Igreja e prometeu ceifá-la a seu tempo (**Mt 15.13**). Todos os milagres que realizou foram no tempo certo. Às mesas dos cambistas no templo, Ele as derrubou (**Lc 19.45**), e no momento certo edificou a Sua Igreja sobre a confissão de Pedro a respeito de Sua pessoa (**Mt 16.15-18**).

Jesus sabia o tempo certo de cada emoção. Diante do túmulo de Lázaro, chorou (**Jo 11.35,38**); chorou sobre Jerusalém ao ver sua rebeldia (**Mt 9.36; Lc 19.41-44**), mas também exultou de alegria em Seu espírito ao ver o triunfo dos Seus setenta discípulos (**Lc 10.21**). Ele soube a hora de desistir dos bodes para dedicar-Se às ovelhas, deixar os arrogantes e soberbos que se julgavam justos, para ir em busca dos humildes que reconheciam sua pecaminosidade e a necessidade de um Salvador. Ele sabia a hora de falar, e deu testemunho fiel da verdade; também falou duramente com os fariseus, mas, quando diante de Pilatos e de Seus algozes, Ele não abriu a boca como uma ovelha muda diante de Seus tosquiadores (**cf. Mt 27.14**).

Ele é o Senhor do tempo, e em Suas mãos está a consumação dos séculos ainda que não tenha revelado o dia da Sua volta, mas reservado para a glória do Pai (**At 1.7**), dia este em que Ele porá fim à guerra e levará Sua Igreja para desfrutar da paz eterna.

Aplicação v.1-8

Você deve seguir o exemplo de Cristo e aproveitar bem o seu tempo para a glória de Deus. O modo como você gasta o seu tempo, é o modo como você passa a sua vida. Por isso,

como discípulo de Cristo, você tem que ver seus dias como uma oportunidade de servir a Deus. Para isso você deve considerar:

Espere pelo tempo de Deus. Ele conhece o tempo certo de tudo acontecer. O ato de esperar confiantemente no Senhor Deus, renovará as suas forças. O tempo do seu nascimento e de sua morte não estão nas suas mãos, mas, nas de Deus. Contudo, o que você faz com o seu tempo entre esses momentos, é de sua inteira responsabilidade. Diante das incertezas que surgirem na sua vida, espere em Deus o momento certo de agir e de agir certo.

Viva toda sua vida sabendo que um dia a morte chegará. Quando este dia chegar, você estará preparado para ele? Quando o Visconde de Turenne foi fatalmente ferido na Batalha de Salzbach em 1675, ele disse: *“Eu não pretendia ser morto hoje”*. O discípulo de Cristo deve estar pronto para morrer a qualquer momento; deve ser como um viajante que está de malas prontas o tempo todo. Se você ainda não entregou sua vida a Cristo, faça-o agora, pois, **“eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação”** (2Co 6.2), e ainda: **“Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração”** (Hb 3,7,8,15).

Faça bom uso do presente, afinal, é só ele que você tem agora. O passado já se foi; o futuro, ainda não existe para nós. O único tempo que de fato temos é o presente momento. Você deve remir o seu tempo, isto é, resgatá-lo das garras do ócio, da improdutividade, da preguiça, da desobediência e do pecado e emprega-lo para a glória de Deus. Como fazer isso? Buscando em todo tempo conhecer a Deus cada vez mais sempre à luz de Sua revelação nas Escrituras, pois, são elas que nos dão o parâmetro pelo qual todas as coisas são julgadas. Os dias são maus (cf. Ef 5.16), por isso mesmo agora é tempo de você travar guerra contra tudo o que fizer você desperdiçar seu tempo. O que mais você precisa é de sabedoria para falar ou se calar, para abraçar alguém ou soltar essa pessoa, para destruir estruturas deterioradas pelo pecado e construir novas estruturas solidificadas na Palavra de Deus. Sabedoria para ajuntar recursos que serão necessários para fazer a vontade de Deus, ou para abrir mão de coisas que se transformaram em estorvo para o seu crescimento espiritual. Sabedoria para orar como Moisés: **“Ensina-nos a contar nossos dias, para que alcancemos coração sábio”** (Sl 90.12).

O *Kohelet* avança para o segundo assunto que ocupa a nossa existência **“debaixo do sol”**, nesta vida:

2) Deus nos criou para que nos satisfaçamos Nele, 3.9-15

Depois de mostrar que Deus é o Senhor do tempo e que Ele determinou o tempo de todas as coisas acontecerem (v.1-8), Salomão nos faz olhar agora para as seguintes verdades que confirmam o fato de Deus ter nos criado para que encontremos somente Nele toda a satisfação que o nosso coração procura.

Ainda que a vida seja difícil, ela é uma dádiva de Deus: **“Que proveito tem o trabalhador naquilo com que se afadiga? Vi o trabalho que Deus impôs aos filhos dos homens, para com ele os afligir”** (v.9-10).

O Pregador retoma à pergunta que fizera em **Ec 1.3**. Deus fez com que Salomão voltasse a refletir sobre o árduo trabalho no qual os homens se veem envolvidos, mas, agora pudesse compreender tudo isso é dádiva e bênção de Deus. Por mais que a vida se apresente cansativa, repetitiva e dura, devemos ser gratos a Deus porque a nossa vida é uma dádiva de Deus, uma bênção que Ele graciosamente nos concede e mantém. O substantivo עֲמָלָה que aqui é traduzido por **“trabalho”** (v.10), tem um sentido de *ocupação, tarefa, afazer*, abrangendo assim **todas as atividades da vida**, a rotina diária de todas as pessoas.

Aplicação v.9-10

Salomão então questiona: *“Vale a pena todo esse trabalho pesado?”*. Sim, mas somente se tivermos Deus em vista, se tudo o que fizermos for para a Sua glória. E uma forma eficaz de glorificarmos a Deus é depositando toda a nossa confiança Nele. Toda a nossa vida está sob a providência de Deus, do nascimento à morte, do plantio à colheita, nas alegrias e nas tristezas, nos encontros e nas despedidas, no ajuntar e no desfazer do que juntamos, etc., tudo está sob o olhar providente e soberano de Deus, que a todas as coisas dá sentido.

Por mais difícil que seja a nossa jornada diária, por mais cansativas que sejam nossas atividades, por mais rotineiro que seja o nosso trabalho, devemos olhar para tudo isso como dádiva de Deus, e termos um coração agradecido, pois, estamos vivos!

Além disso, devemos considerar que tudo é determinado por Deus e tem o seu tempo e o modo de acontecer, e, assim, somos chamados a descansar no Seu cuidado e poder, por mais difíceis que sejam as circunstâncias. Em cada uma delas Deus está presente e está no controle.

“A perspectiva influencia o resultado” (WIERSBE, 2010, vol.3, p.468). Se olharmos para as circunstâncias difíceis dessa vida sem contemplarmos o cuidado de Deus para conosco, seremos tomados pela amargura e insatisfação. Se, em vez disso, lançarmos nosso olhar para a eternidade, veremos que Deus está nos conduzindo para algo infinitamente maior e mais maravilhoso, a saber, a Sua glória eterna. Tal como nos diz **Hb 12.2** devemos olhar firmemente para o nosso Senhor Jesus, o Autor e Consumador da fé **“o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus”**. Ele não Se deixou abater pela dor, sofrimento e desonra que sofreu ao Se encarnar, viver e morrer, porque Seus olhos estavam fixos na alegria que lhe estava proposta, a saber, assentar-Se à destra do Pai. Nós também temos a promessa da vida eterna, na glória junto a Cristo. A exortação de Paulo nesse sentido é encorajadora: **“Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas. E é justamente disso que trata o próximo versículo.**

Só podemos ser satisfeitos com o que é eterno: **“Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim”** (v.11).

Este versículo se divide em duas partes. Primeiramente, Salomão declara: **“Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo...”**. Temos aqui uma declaração vigorosa da bondade de Deus. O adjetivo תָּזָן que aqui foi traduzido por **“formoso”**, é um termo relacionado ao que é belo, bom, certo e apropriado. Dessas palavras compreendemos que: (1) Deus faz as coisas de forma apropriada; (2) Ele as faz no tempo exato em que devem acontecer; e, (3) do começo ao fim de cada coisa, Ele reina absoluto e governa toda a criação. **Comportamo-nos como loucos e insensatos quando deixamos de confiar na providência de Deus para queremos assumir o controle da nossa vida.**

Em segundo lugar, o Eclesiastes diz: **“...também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim”**. O substantivo עֲלֵזָה que aqui é traduzido por **“eternidade”**, merece nossa atenção. O que exatamente significa essa palavra? Salomão está afirmando que apesar de sermos criaturas finitas e limitadas pelo tempo e pela nossa incapacidade de compreendermos até mesmo as coisas temporais (**“as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim”**), Deus colocou no coração do homem **um senso que o impulsiona para o que é eterno**, algo que o homem não consegue explicar, mas, também não consegue negar; algo que lhe escapa do entendimento e de todo o seu esforço para entender, mas, também não consegue ignorar e deixar de lado. Não é uma mera curiosidade sobre a eternidade; é um desejo de algo muito mais profundo, muito mais abrangente.

A satisfação das nossas necessidades, é, sem dúvida alguma, uma das maiores motivações das nossas ações. Ao detectarmos uma necessidade, logo saímos em busca de satisfazê-la. Se temos fome, procuramos fazer uma refeição; se estamos doentes, buscamos tratamento médico; se estamos cansados, buscamos repouso; se estamos nos sentindo solitários, buscamos a companhia de alguém. Enfim, somos seres com necessidades que precisam ser supridas, e quando as suprimos, nos sentimos bem. Mas, por quanto tempo? A fome que saciamos no café da manhã, voltará mais tarde; a saúde que recuperamos depois de um tratamento, mais cedo ou mais tarde será afetada por outra enfermidade que exigirá tratamento; o revigoramento resultante do descanso, logo se esvairá diante de um esforço exigido. Os prazeres que avidamente buscamos, em breve serão envolvidos pelo tédio, e assim, nosso coração se verá vazio novamente. E assim constatamos uma constante insatisfação no coração mesmo quando uma necessidade foi satisfeita – enquanto estamos saboreando a satisfação de uma necessidade, já estaremos correndo atrás de outra, e às vezes, da mesma.

Mas, por que as coisas são assim? Por que somos insatisfeitos em nosso coração? Ainda que essa insatisfação seja resultado do pecado que em nós existe, devemos vê-la por um aspecto positivo. Explico. **Deus nos fez para que nos satisfizéssemos de forma plena e completa somente Nele**. Então, essa satisfação incompleta e temporária que encontramos nas coisas dessa vida, é, por assim dizer, uma pista de Sua existência que Deus deixou para nós, e a usa para nos fazer refletir no fato de que, **se nada neste mundo é capaz de nos satisfazer plenamente, é porque só poderemos encontrar a plena e verdadeira satisfação fora das coisas deste mundo**. C. S. Lewis disse: *“Se eu encontrar dentro de mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo possa satisfazer, a explicação mais provável é que eu fui feito para outro mundo. Se nenhum dos meus prazeres terrenos consegue satisfazê-lo, isso não prova que o universo seja uma fraude. É provável que o papel dos prazeres terrenos jamais foi satisfazê-lo, mas despertá-lo, sugerir a coisa verdadeira”* (in RYKEN, 2017, p. 158). O que Lewis está dizendo aqui tem o mesmo sentido do que disse Agostinho, bispo de Hipona: *“Meu coração anda inquieto e não se aquieta enquanto não descansa em Ti”*.

Porém, sem a autorrevelação de Deus, a regeneração do coração e a iluminação do entendimento pelo Espírito Santo, homem é incapaz de compreender por que ele se sente tão vazio e sem sentido em sua vida, e, por isso mesmo, se entrega a toda forma de prazer na esperança de encontrar a verdadeira felicidade e satisfação plena de sua alma. O resultado disso é escravidão ao pecado e a morte eterna. Quando, porém, Deus, por Sua graça e misericórdia regenera o coração e ilumina o entendimento da pessoa, começa então a caminhada para o Lar Eterno e a intensa comunhão com Deus, fazendo com que a pessoa se desvencilhe dos prazeres transitórios e se satisfaça plenamente em Deus.

Mesmo aqueles que receberam essa maravilhosa graça salvadora em seus corações, se deparam com muitas obras de Deus às quais eles não compreendem. O chamado de Deus para nós não implica em que Ele nos revelará todos os Seus desígnios e mistérios. É possível que nem mesmo na Glória Eterna tenhamos a explicação. O chamado de Deus para nós é para confiarmos Nele e em Sua sabedoria em guiar a nossa vida dentro dos propósitos Dele.

Aplicação v.11

“Nossos desejos mais profundos jamais serão satisfeitos se não alcançarmos um conhecimento pessoal de Deus e de seu Filho Jesus Cristo, que é o “Princípio e o Fim” (Ap 21.6). Quando encontrarmos nosso caminho para ele, finalmente seremos capazes de dizer o que Charles Bridges disse certa vez: “Encontrei mais em Cristo do que jamais esperava desejar” (RYKEN, 2017, p.159). Ou como disse Paulo: “Ora, Àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos conforme o seu poder que opera em nós” (Ef 3.20).

Você já encontrou em Deus a plena satisfação do seu coração? Você já se encontrou com Deus e rendeu-Lhe seu coração? Ou você ainda busca se satisfazer com coisas que são efêmeras? Como veremos a seguir, não há nada de errado em desfrutar das alegrias e prazeres deste mundo, desde que você coloque as coisas no seu devido lugar, e não coloque coisa alguma no lugar de Deus em seu coração.

Quando ficar difícil para você compreender o que Deus está fazendo em sua vida, pense na obra de um tapeceiro. Você já viu aqueles tapetes coloridos e com figuras belas? Se você olhar pelo avesso, não compreenderá e muito menos apreciará a obra dele, pois, verá apenas nós e pontas sobrando. Quando, porém, você olha pelo lado certo, vê uma linda obra de arte. Assim acontece conosco hoje. Passamos por situações difíceis que não compreendemos de imediato, e muitas vezes continuamos sem entender. Contudo, devemos confiar em Deus e descansarmos no fato de que Ele sabe o que está fazendo. Devemos prosseguir confiantes em Sua providência e sabedoria alimentando a nossa fé com as verdades eternas, ainda que não as compreendamos. Esse é o lado certo das coisas pelo qual devemos vê-las.

É possível encontrarmos prazer nesta vida: “Sei que nada há melhor para o homem do que regozijar-se e levar vida regalada; e também que é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho” (v.12-13). Aqui, o substantivo “trabalho” não é o mesmo do v.10. Enquanto lá o sentido é de *atividades, tarefas*, aqui o substantivo עֲמָלָה quer dizer *ocupação da qual a pessoa retira os recursos para se sustentar*.

Salomão retorna ao assunto de **Ec 2.24**, e reforça o que ele disse lá ao afirmar que Deus não é contrário e nem se indigna conosco quando nos vê desfrutando dos resultados do nosso trabalho. Não é pecado fazermos banquetes, viajarmos para lugares diferentes, adquirirmos propriedades e bens, termos uma casa confortável ou um carro bom, desde que nunca nos esqueçamos que tudo isso (não só os bens, mas a capacitação para obtê-los), **“é dom de Deus”**. E, justamente porque o nosso trabalho é um dom de Deus, os frutos dele também são dádivas de Deus. Tal convicção nos livrará do pecado da murmuração e ingratidão.

Aplicação v. 12-13

Podemos desfrutar dos prazeres lícitos dessa vida. Se Deus não quisesse isso para nós, Ele não teria feito assim. Desfrute do seu trabalho, tenha prazer e alegria nas coisas que Deus proporciona para você, mas, não faça disso o alvo da sua vida, pois, Deus lhe dá essas dádivas a fim de impulsioná-lo para algo muito mais precioso, a saber, a eterna comunhão com Ele.

Não temos aqui um chamado ao hedonismo (a busca do prazer como um fim em si mesmo), mas sim, a darmos o devido valor às coisas, e vê-las como bênçãos de Deus. Só daremos o devido valor a elas se o nosso coração estiver em Deus. Só desfrutaremos delas corretamente, se primeiro, nosso coração estiver em Deus. No momento em que nosso prazer estiver nas coisas somente, seremos tomados pela ingratidão e insatisfação, porque essas coisas são temporárias e efêmeras e, jamais poderão fazer por nós o que só Deus pode. Não podemos nos descuidar do fato de que nosso coração é uma *“fábrica de ídolos”* como disse Calvino. Com facilidade desviamos os nossos olhos da pessoa de Deus e passamos a idolatrar as coisas. Devemos sempre nos lembrar que Deus tem um propósito sublime em tudo o que Ele faz e nos dá, como veremos a seguir.

Deus tem um propósito imutável para tudo: “Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe pode acrescentar e nada lhe tirar; e isto faz Deus para que os homens temam diante dele. O que é já foi, e o que há de ser também já foi; Deus fará renovar-se o que se passou” (v.14-15).

Deus não somente tem um propósito em todas as coisas que ele fez, mas, também, esse propósito é imutável, por isso Salomão afirma: **“Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe pode acrescentar e nada lhe tirar”**. As obras de Deus não precisam de reparos, ajustes ou melhorias. Longe de ser fatalista aqui, Salomão está enaltecendo a sabedoria, o poder e soberania de Deus sobre tudo o que existe e acontece. Tal como disse Michael Fox: *“Deus atropela os esforços insignificantes do homem, e nada substancialmente novo pode interromper o curso maravilhoso dos eventos ordenados por Deus”* (in RYKEN, 2017, p.164).

Uma das principais mentiras que Satanás vem ensinando desde o princípio é a do livre-arbítrio. **Nunca seremos livres para escolhermos o que vamos fazer!** Ou o homem está sob o poder do pecado, e, portanto, é um pecador perdido, ou está sob o poder do Espírito Santo, tendo sido regenerado, vivificado e santificado por Ele e pela Palavra. Como ímpio não convertido, ele não consegue fazer absolutamente nada sem a contaminação do seu pecado; como salvo e redimido por Cristo, ele não poderá fazer a sua própria vontade, mas em tudo o que fizer

terá que se submeter a Cristo e cumprir a vontade do Seu Salvador, pois, doutra forma, estará desobedecendo-O. Seja como for, o homem nunca estará livre para fazer o que bem quiser.

“e isto faz Deus para que os homens temam diante dele”. Na parte final do v.14 (e na conclusão do livro em Ec 12.13) encontramos o propósito pelo qual Deus faz todas as coisas: ser reverenciado e adorado pelos homens. O verbo “**temer**” (אָרֶא) deve ser entendido dentro do contexto geral das Escrituras, que nos mostram que o temor a Deus é sempre descrito de forma positiva. Ainda que seja possível a interpretação de *temor* como medo e pavor, o sentido mais comum do termo nas Escrituras (e aqui) é de respeito e reverência. Philip Ryken afirma: “(...) o *temor de Deus* é um dos conceitos mais positivos de toda a Bíblia. *Temer a Deus* significa reverenciá-lo e estremecer diante de seu grande poder” (RYKEN, 2017, p.164). Sidney Graidanus vai na mesma direção e diz: “Esse ‘temor’ não é uma atitude de terror ou medo. É um comprometimento de todo o ser para confiar e crer no Deus vivo” (GREIDANUS, 2017, p.110). Assim sendo, a reverência a Deus implica não no medo de um escravo em relação ao seu senhor cruel, mas, na obediência de um filho que se vê acolhido e protegido pelo amor de seu pai.

O amor incondicional de Deus conduz o coração de Seus filhos à adoração reverente. E essas mesmas obras de Deus, no Dia do Juízo Final, servirão como testemunho de Sua existência, a qual os ímpios ignoraram durante suas vidas. O juízo de Deus é um dos temas centrais do livro do Eclesiastes, e até mesmo está na conclusão do livro (cf. 12.14). O v.15 aponta justamente para esse tema quando diz: “**O que é já foi, e o que há de ser também já foi; Deus fará renovar-se o que se passou**”. Para nós, criaturas limitadas pelo tempo, o passado e o futuro estão totalmente fora do nosso alcance, mas para Deus que é eterno e atemporal, o passado, o presente e o futuro estão disponíveis a Ele para apresentarem-se como testemunhas no Seu santo tribunal.

Este versículo ecoa uma das promessas mais maravilhosas das Escrituras: a restauração da Criação quando Cristo voltar para buscar a Sua Igreja (cf. Rm 8.18-22). Naquele glorioso Dia, a Criação será redimida da sua escravidão e restaurada à perfeição original. Deus fará acontecer novamente, renovará o que se passou.

Outra verdade que extraímos da parte final desse versículo, é que nesta vida estamos sujeitos a passar pelas mesmas coisas, agradáveis ou não, mais de uma vez. Não há nada de incomum ou extraordinário nisso.

Aplicação v.14-15

Em Cristo somos levados e capacitados a desfrutar do amor de Deus, a nos achegarmos a Ele sem medo ou receio de sermos fulminados por Sua glória por sermos pecadores (cf. Hb 4.16).

Pense no grande privilégio que você e eu temos. Diferentemente dos ímpios que jamais alcançarão misericórdia da parte de Deus, nós podemos nos aproximar do Trono da graça de Deus e clamarmos por Sua misericórdia e socorro, sem temermos ser fulminados por Sua justiça, e isto porque Ele vê a justiça de Cristo em nós, e não a nossa podridão espiritual e pecaminosidade. Podemos adorá-Lo agora, e faremos isso por toda a eternidade. Os ímpios, por sua vez, passarão toda a sua vida ignorando Deus e desprezando Sua vontade. Porém, no Dia do Juízo Final se curvarão diante Dele, reconhecerão Sua glória e majestade, mas, independente, disso, serão lançados no lago de fogo eternamente. Se nós,

os filhos de Deus não precisamos temer o Dia do Juízo (cf. 1Jo 4.17-18), para os ímpios, esse dia será o primeiro de uma eternidade de horror indescritível. “A pessoa que teme a Deus nada mais receia senão o desfavor de Deus. Esse adorador deseja acima de tudo conhecer intimamente o Deus vivo e sujeitar-se à sua vontade” (GREIDANUS, 2017, p.110). Temos que dizer como o salmista: “agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; dentro do meu coração, está a tua lei” (Sl 39.9), e agirmos como o Senhor Jesus Cristo que disse: “Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis (...) A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (Jo 4.32,34).

Se a sua confiança em Deus não o leva a adorá-Lo com mais e mais amor reverente, você está se enganando, e pior, tratando-O como um ídolo qualquer. Tudo o que Deus faz em nossas vidas, na criação e na História tem como propósito levar os homens renderem-se a Ele, quer seja hoje quanto no Dia do Juízo Final. Se você ainda não se rendeu a Cristo, nem entregou a Ele a sua vida reconhecendo-O como seu único Salvador e Senhor, faça-o o quanto antes.

O terceiro assunto que ocupa a nossa vida debaixo do sol sobre o qual Salomão discorre, diz respeito às

3) Reflexões sobre a miséria humana, 3.16-22

O Senhor Jesus disse: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5.6). As Bem-aventuranças são afirmações sobre o caráter dos filhos de Deus, e, também, promessas que Deus faz a eles. Nesta bem-aventurança por exemplo, o caráter dos filhos de Deus é de alguém que anseia com todas as forças do seu ser pela justiça de Deus, e a promessa que lhes é feita é de que o próprio Deus haverá de fartá-los, saciá-los em sua fome e sede pela justiça Dele.

Salomão, encerrou o trecho anterior (v.15) apontando para o assunto do trecho seguinte (v.16-22), a saber, o juízo de Deus. Ele então passa a falar sobre o que ele viu e sobre o que ele refletiu. Ele viu a injustiça entre os homens, a total desumanidade e perversidade, e isso o levou a refletir sobre o fim de todos os homens e animais: voltarem ao pó da terra do qual foram formados. Vejamos em primeiro lugar:

O que ele viu? “Vi ainda debaixo do sol que no lugar do juízo reinava a maldade e no lugar da justiça, maldade ainda” (v.16). Três palavras aqui são importantes para entendermos o versículo: “juízo” (מִשְׁפָּט - *juízo*), “justiça” (צֶדֶק - *retidão, correteude*), e “maldade” (רָשָׁע - *injustiça, tortuosidade, iniquidade*). A primeira está relacionada a tribunal, o ato de decidir um caso e aplicar a sentença; a segunda, com postura moral, retidão nas ações; a terceira, por sua vez, aponta para um acúmulo de pecado. Enquanto “juízo” aponta para o local onde a justiça é aplicada, “justiça”, por sua vez, aponta para quem faz o julgamento e aplica a sentença, e a “maldade” é o que é praticado onde, quando e por quem a justiça deveria ser aplicada.

Nos primórdios da nação de Israel, o lugar do juízo era o tenda da congregação, e Moisés era quem julgava o povo quando este praticava injustiças. Nos dias da monarquia em Israel, o juízo era executado na sala do trono, e aos reis cabia o julgamento e a aplicação da justiça. Hoje temos os Fóruns e os tribunais de onde os juízes julgam as causas e aplicam as sentenças. E tal como em nossos dias, também foi nos dias de Salomão, de onde e de quem se esperava que a justiça reinasse, era de lá que vinha somente **“maldade e (...) maldade ainda”**.

É tanta injustiça nesse mundo, que até o lugar do juízo é injusto, e a podridão desse sistema jurídico só revela o mal e a miséria espiritual que está em cada coração. Juízes promulgam sentenças injustas libertando criminosos que contrataram advogados inescrupulosos para defende-los; e esses mesmos juízes condenam inocentes sem as devidas provas e processo legal (lembremo-nos do que fizeram com o nosso Senhor Jesus!). Policiais extorquem dinheiro, aceitam suborno, corrompem porque são corruptos. Adultos pedófilos que abusam de crianças indefesas devastando suas vidas. Maridos que oprimem suas esposas; esposas que manipulam desrespeitam a seus maridos. Pais que são violentos e desamorosos com seus filhos, ou que não lhes dão a devida disciplina, deixando de lhes mostrar amor verdadeiro. Filhos que desobedecem, desonram e desprezam a seus pais. Nas igrejas também vemos a injustiça, pois, líderes se comportam como cães gulosos, lobos vorazes predando o rebanho de Cristo, oprimindo as pessoas em vez de apresentar-lhes o Verdadeiro Evangelho. Vemos também irmãos que não tratam biblicamente os desentendimentos entre si, e saem espalhando seu veneno e amargor. **Enfim, a injustiça/maldade não é somente um julgamento e sentença equivocada cometida nos tribunais; a injustiça/maldade é todo traço de iniquidade, de pecaminosidade em nossos pensamentos, palavras e ações que trazem desonra a Deus e ao próximo, revelando a nossa natureza espiritual miserável e podre.**

Diante de tanta maldade o que ele constatou? O Pregador fez três constatações.

A primeira constatação: “Então, disse comigo: Deus julgará o justo e o perverso; pois há tempo para todo propósito e para toda obra” (v.17). O que fazer se, de onde e de quem esperamos justiça encontramos só injustiça? Este versículo vem mostrar que há um tempo para a execução da justiça, e quem a executa é o próprio Deus. Aqui, Salomão não está tratando do Juízo Final, mas, do juízo de Deus no tempo por Ele estipulado. Ainda que o ímpio seja julgado hoje por Deus e sofra consequências de suas ações injustas, ele voltará à sua injustiça. **Somente o Dia do Juízo Final porá fim a toda injustiça.**

Deus estabeleceu tribunais e autoridades entre os homens para que a justiça seja promulgada. Contudo, quando a justiça não é praticada, o próprio Deus vem vindica-la.

Aplicação v.16-17

Você tem fome e sede da justiça de Deus? Incomoda o seu coração ver tanta maldade, especialmente onde deveria haver justiça? Quando você vê um ato de maldade sendo impetrado contra um indefeso, seu coração é tomado por uma ira santa? Quando alguém lhe faz uma injustiça isso lhe incomoda tanto quanto ver outra pessoa ser injustiçada? Ou as injustiças que lhe incomodam são apenas as que são contra você? As injustiças que você vê sendo feitas contra outras pessoas não lhe incomodam? Você simplesmente pensa: *“Não é da minha conta. Já tenho os meus problemas”*? Lembre-se que um crente de verdade, não leva em conta as injustiças e maldades que as pessoas lhe fazem; em vez disso, as entrega a Deus e confia Nele para fazer-lhe justiça. E quando o crente vê injustiças sendo praticadas contra

outras pessoas, especialmente aquelas que não têm como se defender, ele entra em defesa do injustiçado, e, com as diretrizes da Palavra de Deus, ele se empenha em estabelecer a justiça.

E quanto aos seus pecados? Você fica incomodado, aflito, triste e angustiado por seus pecados? Para você é mais fácil se indignar com os seus pecados ou com os pecados dos outros? Os seus pecados você ignora e esconde, e, o dos outros você expõe e espalha a fim de manchar a reputação dele? **Quando você pensa no lugar onde a justiça deve ser praticada, o seu coração é o primeiro lugar que você pensa?**

Aqueles que estão debaixo de sua autoridade, veem em você retidão moral, conduta temente a Deus? Veem você como alguém que foi revestido pela justiça de Cristo exalando o Seu bom perfume? **O primeiro lugar onde a justiça deve ser praticada é em nosso coração.**

Deus vem executar o Seu juízo de tempos em tempos. No Antigo Testamento, vemos várias ocasiões em que, num dia o Senhor Deus executou seu juízo, por exemplo: o dilúvio, a torre de Babel, o Êxodo, nos dias dos Juízes de Israel, nos cativos assírio e babilônico, enfim, esses momentos na História do povo de Deus que ficaram conhecidos como “o terrível Dia do SENHOR” (Jl 2.11), ou “o dia da vingança do SENHOR” (Is 34.8). No Novo Testamento passou a apontar para o dia da volta de Cristo (cf. 1Co 5.5; 1Ts 5.2; 2Ts 2.2; 2Tm 1.18; 2Pe 2.10). Todas aquelas ocasiões do Antigo Testamento em que Deus executou Seu juízo contra os ímpios e fez justiça pelos Seus filhos que por Ele clamaram, todas as vezes no Novo Testamento e até nossos dias em que Deus executou Sua justiça, não podem ser comparados com o que será no dia da volta do Senhor Jesus Cristo, o Dia do Juízo Final. **Este será o Grande e Terrível Dia do Senhor, será o último juízo de Deus sobre este mundo, por isso será o Juízo Final.**

Hoje, Deus executa juízo e justiça; juízo contra os pecadores, e justiça a favor de Seus filhos, mesmo havendo ainda prevalência da maldade neste mundo. Mas, no Dia do Juízo Final, não haverá escapatória para os ímpios, não caberá recurso ou apelação para eles, pelo simples fato de que lá não haverá para quem apelar ou recorrer. A sentença lá será definitiva. **Somente aqueles que foram revestidos com a justiça de Cristo nesta vida debaixo do sol, é que verão o Sol da Justiça resplandecendo sobre eles por toda a eternidade.**

Por que as pessoas são injustas umas com as outras? Por que há tanta maldade sendo despejada em nossos relacionamentos? Por que alguém que foi investido de autoridade para fazer a justiça prevalecer, usa sua posição para oprimir, machucar e infligir dor aos que dependem desse sistema? A resposta é que o ser humano vive numa disputa constante, um querendo ser e se mostrar melhor, mais poderoso, mais respeitado e temido que o outro. Por questão de arrogância, um se vê como mais importante que o outro; em vez de usar a posição que lhe foi conferida para fazer o bem aos outros, usa-a em benefício próprio, para sua promoção pessoal.

Mas, aí suscita-se outra questão seguida de mais uma constatação: por que Deus permite tanta injustiça e maldade?

A segunda constatação: **“Disse ainda comigo: é por causa dos filhos dos homens, para que Deus os prove, e eles vejam que são em si mesmos como os animais” (v.18)**. Salomão continua a sua busca por respostas, e as palavras **“Disse ainda comigo”** enfatizam essa busca. Havia mais um motivo para Deus permitir que os homens pratiquem suas injustiças e iniquidades: **“é por causa dos filhos dos homens, para que Deus os prove, e eles vejam que são em si mesmos como os animais”**. Em outras palavras, ele disse: *“A respeito da vida humana, penso que Deus põe à prova as pessoas para que vejam por si mesmas que, apesar de terem vivido com opulência e grandeza, na hora da morte são como os animais”*. **Aos arrogantes presunçosos, que se acham mais importantes que os demais, fica a dura verdade de que quando o assunto é a morte, eles não são em nada diferentes dos animais**. As Escrituras não estão endossando o ensino da Ciência Moderna que afirma que o homem é um “animal racional”. Apenas estão dizendo que todos os seres vivos morrem. Em outras passagens, os homens são comparados às plantas, como por exemplo **Tg 1.11** onde vemos que o rico em toda a sua glória é como a erva que murcha, seca e cai com o calor do sol. O profeta Jeremias compara o ímpio ao arbusto solitário, e o justo, à árvore plantada junto às correntes das águas (**Jr 17.5-8**). O profeta Isaías descreve essa verdade assim: **“Uma voz diz: Clama; e alguém pergunta: Que hei de clamar? Toda a carne é erva, e toda a sua glória, como a flor da erva; seca-se a erva, e caem as flores, soprando nelas o hálito do SENHOR. Na verdade, o povo é erva; seca-se a erva, e cai a sua flor, mas a palavra de nosso Deus permanece eternamente” (Is 40.6-8)**. Em todas essas passagens o ensino é claro: **não seja arrogante, e nem injusto com o seu próximo; você é um miserável mortal, e a morte nivelará todos; não só o rico com o pobre, mas, os homens com os animais!**

Salomão ainda afirma que Deus prova os corações. Por quê? Ele assim o faz não porque não conheça a fundo as pessoas, pois, Ele as conhece completamente; Ele as criou e sabe perfeitamente o que vai em seus corações. Ele prova os homens para que **“eles vejam que são em si mesmos como os animais”**. É aquilo que chamamos de **“choque de realidade”**. Deus permite que passemos por essas circunstâncias para que olhemos para dentro de nós mesmos e vejamos o que somos de fato, em vez de enganarmo-nos a nosso respeito. **Vivemos assoberbados, envoltos e cegos em nossa própria insignificância, até que Deus nos põe diante de um caixão, de uma cova, ou nos faça ver um animal morto, atropelado na estrada e cheguemos à conclusão de que uma hora será a nossa vez, e quando a morte chegar para nós, nos mostrará que não somos, nesse sentido, nem um pouco melhores que os animais.**

Aplicação v.18

Quando você vir alguém praticando a injustiça, ou quando você for o alvo da maldade de alguém, e principalmente, quando você for o injusto cometendo alguma injustiça contra alguém, lembre-se: a morte é inevitável, e nesse sentido, todas as pessoas são como os animais: *“Somos feitos de carbono, temos sistemas biológicos semelhantes, e quando morremos deterioramos” (NETO, 2020, p.210)*.

Deus não prova somente os ímpios. Ele prova todos os homens e revela o que está no coração de cada um. Quando você sofre com a injustiça e maldade alheia, o que vem à tona do seu coração? O que está aí dentro que é revelado? Preocupação consigo mesmo? Desejo de vingança? Tranquilidade por confiar no cuidado de Deus? Quebrantamento e humildade diante de Deus sabendo que você não é nada sem a graça Dele? **As circunstâncias revelam o que está em nosso coração. Que bom será se o que for revelado for algo que nos leve a sermos mais humildes de dependentes de Deus!**

Continuando a comparação dos homens com os animais, o Eclesiastes diz: **“Porque o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão”** (v.19-20). Os homens têm em comum com os animais:

- ✓ **A mesma condição:** **“o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro”** (v.19a). Todos estão na condição de mortais. Todos estamos sob a tirania do tique-taque do relógio, com a diferença que nós humanos sabemos olhar as horas. Mas, no tempo determinado por Deus, nosso relógio biológico parará de funcionar e morreremos.
- ✓ **O mesmo fôlego de vida:** **“todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade”** (v.19b). Quando Deus formou ao homem do pó de terra, Ele **“soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”** (Gn 2.7). O mesmo não aconteceu com os animais. Então, o fôlego de vida que Deus deu ao homem fez dele um ser com alma racional, capaz de relacionar-se com Deus inteligivelmente – coisa para a qual nenhum outro ser na Criação foi capacitado. O fôlego de vida ao qual Salomão se refere aqui é a vida biológica. Os animais são criaturas vivas, assim como os homens; mas, diferentemente de nós, os animais não são racionais. Então temos uma vantagem sobre os animais. Quando Salomão diz que **“nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais”**, isso deve ser entendido a respeito da morte – todos morreremos. Virá o dia em que cada um de nós, homens e animais, dará seu último suspiro, **“porque tudo é vaidade”**, tudo é passageiro e transitório.
- ✓ **Todos tem a mesma origem e o mesmo destino:** **“Todos vão para o mesmo lugar”** (v.20). Todos são feitos da mesma matéria: **“todos procedem do pó”**. Todos terão o mesmo destino: **“e ao pó tornarão”**. Essas palavras ecoam Gn 3.19: **“tu és pó, e ao pó tornarás”**. Para todos os lugares que olhamos vemos pó. Vemos pó nos móveis da nossa casa, no chão que pisamos, no vento que levanta o pó. A canção intitulada *“Poeira”* da dupla sertaneja, Pena Branca e Xavantinho, diz: *“Poeira entra em meus olhos, não fico zangado não, pois, sei que quando eu morrer meu corpo vai para o chão. Se transformar em poeira, poeira vermelha, poeira, poeira do meu sertão”*.

Aplicação v.19-20

Você já parou para pensar que na poeira que nos cerca estão os resíduos dos restos mortais de muitos animais e seres humanos misturados? As verduras, cereais e outros alimentos que colhemos do solo, todos foram fertilizados com os restos mortais de homens e animais. Que golpe em nosso orgulho e soberba, não é mesmo? Somos humilhados na vida e na morte.

Olhe para o seu coração. Lute ferozmente contra o seu orgulho. Você é pó, só que ainda consegue respirar, mas, por mais que você viva neste mundo, sua hora chegará, e o seu corpo tornará ao pó.

A morte é humilhante. Ela apodrece o nosso corpo, esse corpo que tanto cuidamos, com o qual tanto nos preocupamos. Ela nos nivela aos animais, e juntamente a eles apodrecemos e viramos pó. Pergunte-se: vale a pena ser arrogante? Vale a pena passar por cima das pessoas e feri-las antes que elas firam a você?

Em vez disso, lembre-se do que Deus nos ordena: **“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus” (Mq 6.8).**

As injustiças que sofremos por parte de outros e causamos nos outros são frutos de um coração corrupto, corrompido e mau (v.16-17). E nesse sentido, não há um justo sequer na face da terra. A única solução para pecadores tão desprezíveis e maus é a graça de Deus. Sem o novo nascimento, a regeneração espiritual, o novo coração, o homem continua nesse estado de total depravação. Mesmo nós que fomos salvos e regenerados por Cristo, lutamos constantemente contra o pecado em nossos corações. E para que não nos iludamos pensando que não temos pecado dentro de nós, ou que somos melhores que os ímpios que vivem sem se importar com a vontade de Deus, basta vermos que sentimentos e pensamentos passam em nosso coração naqueles momentos em que sofremos alguma injustiça. Deus prova os nossos corações nessas circunstâncias para nos humilhar e nos lembrar que sem Sua graça, não somos nem um pouco diferentes dos ímpios, e teremos o mesmo fim que os animais – todos viraremos pó após a morte.

Salomão continua fazendo mais comparações entre nós e os animais, semelhanças essas que nos causam consternação e ferem nosso orgulho.

O v.21 diz: **“Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?”**. O que *Kohelet* está dizendo aqui é simples: quando o ar sair dos pulmões pela última vez, quer dos homens, quer dos animais, quem sabe para onde vai esse ar? O dos homens sobe, e o dos animais, desce?

Walter Kaiser levanta uma questão importante sobre este versículo. Ele afirma que este versículo, corretamente traduzido e interpretado, não é uma pergunta, mas, sim, uma afirmação, pois, o verbo **“dirigir”**, tanto referindo-se ao fôlego de vida dos homens quanto dos animais, é um particípio ativo com o artigo a ele ligado e não, como alguns incorretamente insistem em usar o sinal hebraico do interrogativo. Além disso, a expressão **“Quem sabe”**, aparece nove vezes no Antigo Testamento (Et 4.14; Ec 2.19; 6.12; Sl 90.11; Ec 3.21; 8.1; Pv 24.22; Jl 2.14; Jn 3.9), sendo que, apenas três dessas nove referências (Et 4.14; Ec 2.19; 6.12) são interrogativas. Assim sendo a tradução ficaria assim: *“Não há muitos que levam a sério, como deveriam, o fato de que o espírito do homem vai para cima e o espírito dos animais vai para baixo, para a terra”* (cf. KAISER, 2015, p.116). Devemos ainda observar como o restante do livro trata esse assunto. Em Ec 12.7, Salomão voltará a esse assunto e dirá: **“e o pó volte à terra, como era, e o espírito volte a Deus, que o deu”**, e ainda em Ec 12.14 Salomão voltará a falar sobre o juízo de Deus quando todos haverão de comparecer diante Dele. Qual seria o sentido dessa conclusão do livro se a existência humana acaba ali na cova e não há nada além, no pós morte? Kaiser conclui: *“Aqui, a expressão pede um objeto direto e não consiste numa observação displicente de que realmente ninguém seria capaz de dizer a diferença entre o destino dos homens e o dos animais; eles podem e devem!”* (ibid, p.117). Obviamente, Salomão conhecia o ensinamento dos antigos, segundo o qual, quando os animais morrem, eles simplesmente morrem, mas quando uma pessoa morre, seu espírito vai para Deus para Lhe prestar contas.

A terceira constatação: **“Pelo que vi não haver coisa melhor do que alegrar-se o homem nas suas obras, porque essa é a sua recompensa; quem o fará voltar para ver o que será depois dele?”** (v.22). Se haveremos de morrer e voltaremos ao pó como os animais, então devemos

aproveitar cada minuto dessa vida. Mas como? Fazendo o que bem entendermos? Não! Devemos vive-la para a glória de Deus, dando a Ele graças por tudo o que pudemos conquistar por meio do nosso trabalho. O Pregador está aqui dizendo que devemos aceitar a vida que Deus nos dá, por mais difícil que seja, pois, ela é um dom Dele (**cf. 2.13**), e também devemos desfrutar dessa vida com alegria em nosso coração, nos regozijando em Deus por nos capacitar a realizar muitas obras com as nossas mãos, e dar-nos a oportunidade de saborear os frutos do nosso trabalho com alegria, gratidão e satisfação mesmo quando os frutos forem diferentes do que esperávamos. **É recompensador vermos os frutos do nosso trabalho servindo tanto a nós quanto a outros.**

Não temos aqui um chamado ao hedonismo (a busca do prazer como um fim em si mesmo), ou ao imediatismo (desfrutar agora, e não deixar para depois), e nem mesmo ao materialismo (a nossa vida consiste em ter as coisas). Pelo contrário, temos aqui um chamado das Escrituras para desfrutarmos dessa vida de forma sábia, sem desperdiçarmos o nosso trabalho e tempo, pois, as oportunidades que teremos nesta vida, se limitam somente a essa vida. As oportunidades são únicas. A morte cessará nossas atividades nesta vida.

Na parte final do versículo quando ele diz: **“quem o fará voltar para ver o que será depois dele?”**, Salomão não está negando a verdade sobre a vida eterna. Ele apenas está analisando as coisas do ponto de vista da cessação das atividades. Até aos dias de Salomão não havia nenhum registro de alguma ressurreição, ainda que essa esperança sempre tivesse feito parte da fé do povo hebreu, como podemos constatar no livro de Jó: **“Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim”** (Jó 19.26-27). Essas palavras de Jó expressando sua confiança em Deus de que fosse ele curado das feridas ou viesse a morrer e ser sepultado (**“revestido”** com a terra), ele estaria na presença Deus. Assim temos a base para a doutrina da ressurreição no Antigo Testamento.

Aplicação v.21-22

Em lugar algum nas Escrituras somos estimulados a usufruir daquilo que não cultivamos, plantamos e produzimos. Paulo disse aos tessalonicenses preguiçosos: **“se alguém não quer trabalhar, também não coma”** (2Ts 3.10), e a Timóteo ele disse: **“O trabalhador é digno do seu salário”** (1Tm 5.18). Enquanto você está vivo, produza, e, produzindo, desfrute para a glória de Deus. Mas, lembre-se que Deus lhe dá esses recursos para que você supra sua família, sustente a obra Dele e socorra aos necessitados, pois, como Paulo disse: **“Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber”** (At 20.35). A miséria material de muitos pode ser minimizada diante da nossa misericórdia se administrarmos bem os recursos que Deus nos dá. **A nossa própria miséria material pode muito bem ser extinguida se deixarmos a preguiça e formos diligentes com as oportunidades que Deus nos dá.**

A doutrina da ressurreição é uma das mais importantes da fé Cristã. Um verdadeiro crente tem sua fé fortemente alicerçada na ressurreição de Cristo (1Co 15.1-19). O que era algo vago para Jó e Salomão, para nós, hoje, é uma das mais importantes convicções da nossa fé. À dúvida de Salomão **“quem o fará voltar para ver o que será depois dele?”**, podemos responder com toda a força do nosso coração em alto e bom tom: JESUS! Sim, Ele nos resgatará da cova; fará com que o pó do nosso corpo que foi espalhado pelo vento, se ajunte e se apresente diante Dele para ser revestido com Sua glória, **“E, quando este**

corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória” (1Co 15.54). Quando isso acontecer, este corpo que um dia foi semelhante ao dos animais na sua morte, será então semelhante ao de Cristo em Sua glória (Fp 3.20,21). Apesar de sermos miseráveis pecadores, Deus nos dará da Sua glória quando nos ressuscitar. Nessa existência debaixo do sol, não passamos de pó da terra; na glória eterna seremos gloriosos à semelhança do nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou para nos fazer participantes da Sua glória. Você consegue ver uma honra maior que essa para seres que não passam de pó?

O próximo assunto que ocupa a nossa vida “debaixo do sol” é:

4) Como lidar com o pecado da ganância, 4.1-16

Uma definição básica de ganância seria: *desejo exagerado de possuir algo, principalmente bens materiais*. A ganância é a externalização, a ação causada por um desejo pecaminoso dentro do coração de alguém que crê que sua segurança, felicidade e reconhecimento pessoal dependem de suas posses.

Neste capítulo, Salomão trata sobre a ganância, ainda que não use esse termo em momento algum. Nos v.1-5 ele apresenta três pecados que resultam da ganância e, nos v.6-16, lançando mão de três comparações ele apresenta três maneiras de evitarmos esse pecado.

Três pecados que resultam da ganância

É claro que existem muitos outros pecados que decorrem do pecado da ganância. Aqui este texto, porém, são apresentados três. O primeiro pecado que resulta da ganância é a **opressão do mais forte sobre o mais fraco**.

“Vi ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol: vi as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse; vi a violência na mão dos opressores, sem que ninguém consolasse os oprimidos” (v.1). Três palavras se destacam aqui: “opressões, oprimidos” e “opressores”. Por que uns se acham no direito de oprimir os outros? Porque são movidos pela ganância. Quanto mais têm, mais querem mesmo que para isso tenham que oprimir os outros para deles lhes extorquir algo que queiram. Tiram vantagem da fraqueza alheia.

Anteriormente, Salomão observara que os tribunais e os tronos onde a justiça deveria ser promulgada, a injustiça e a maldade reinavam (cf. 3.16), mas há um trono onde a justiça não falha: o de Deus (cf. 3.17). Deus, porém, não espera que a justiça seja praticada somente nos tribunais, mas em todos os lugares, pois é exatamente isso que Ele requer de todos os homens.

Contudo, a tragédia da queda no pecado, faz com que homens que estão em posição de autoridade ou em melhor condição material, promovam opressões, sendo opressores dos mais fracos e vulneráveis, fazendo deles pessoas oprimidas. Aqueles que receberam a incumbência e a autoridade para governarem a fim de promover a justiça, usam da posição que receberam em benefício próprio.

Este mundo é um mundo de injustiças, de opressões, de explorações dos mais fracos pelos mais fortes. Por causa do pecado, os homens *“passaram a olhar o mundo de maneira predatória”* (cf. NETO, 2020, p.224).

Olhando para os oprimidos e injustiçados, Salomão ainda deparou-se com outra realidade dura e cruel. Os oprimidos teriam de sofrer com as opressões dos opressores, **“sem que ninguém consolasse”**. Por duas vezes Salomão diz isso neste versículo. Quer por indiferença ou por impotência, ninguém conseguia trazer consolo aos oprimidos, nem mesmo o grande rei Salomão que, por várias vezes demonstrou saber aplicar o juízo e a justiça, se via como capaz de trazer algum consolo a todos os oprimidos.

Tal era a tristeza e desolação do coração do rei-pregador ante às opressões dos opressores sobre os oprimidos, e a sua própria limitação em restringir tanta maldade, que ele disse: **“Pelo que tenho por mais felizes os que já morreram, mais do que os que ainda vivem; porém mais que uns e outros tenho por feliz aquele que ainda não nasceu e não viu as más obras que se fazem debaixo do sol”** (v.2-3). Para Salomão, a morte era a cessação de todo sofrimento. Aqui ele não está negando as verdades bíblicas relacionadas com a eternidade, mas, simplesmente afirmando que as pessoas quando morrem não sofrem mais com essas maldades deste mundo. O v.3 complementa essa ideia quando ele diz que **“uns e outros”**, ou seja, os vivos e os mortos estão em desvantagem se comparados aos que não nasceram ainda, pois, enquanto os que não nasceram não tiveram o desprazer de ver e sofrer com as injustiças deste mundo, os que estão vivos e os que já morreram tiveram essa infelicidade não só de sofrerem com as injustiças, como também não verem ninguém capaz de refreá-las.

Aplicação v.1-3

Se neste mundo teremos de lidar com as injustiças daqueles que deveriam coibi-las com a justiça, se os nossos tribunais estão dominados pela iniquidade e corrupção, e mesmo quando autoridades lutam por fazer o que é certo e têm de enfrentar um sistema corrompido e maligno sendo muitas vezes frustradas em seu intento de promulgar a justiça, não podemos jamais nos esquecer que: **“Os que contendem com o SENHOR são quebrantados; dos céus tropeja contra eles. O SENHOR julga as extremidades da terra, dá força ao seu rei e exalta o poder do seu ungido”** (1Sm 2.10). Ainda: **“Ele mesmo julga o mundo com justiça; administra os povos com retidão”** (Sl 9.8). E devemos seguir firmes na prática da justiça, pois: **“Então, se dirá: Na verdade, há recompensa para o justo; há um Deus, com efeito, que julga na terra”** (Sl 58.11). E quando formos oprimidos pela maldade dos opressores, lembremo-nos que: **“O SENHOR faz justiça e julga a todos os oprimidos”** (Sl 103.6). E se aqueles de quem esperarmos a justiça forem injustos conosco, e ao nosso redor parecer que a injustiça reina, há um trono santo que jamais se corromperá: **“Deus reina sobre as nações; Deus se assenta no seu santo trono”** (Sl 47.6), e o Seu reinado é eterno: **“O SENHOR reina para sempre; o teu Deus, ó Sião, reina de geração em geração. Aleluia!”** (Sl 146.10). Se neste mundo ninguém for capaz de fazer justiça por nós, mesmo que por mais interessado e desejoso que seja, nosso Deus não nos desampará.

Ainda que os gananciosos nos oprimam para arrancarem de nós o que temos, nosso Deus nos promete saciar-nos com a Sua justiça. Em tudo isso Deus está nos mostrando que a nossa confiança deve estar somente Nele.

Os que hoje derramam as lágrimas dos oprimidos, se confiarem em Deus podem ter a certeza de que: **“Tragará a morte para sempre, e, assim, enxugará o SENHOR Deus as lágrimas de todos os rostos, e tirará de toda a terra o opróbrio do seu povo, porque o SENHOR falou” (Is 25.8)**, e que se depositarem sua fé em Cristo, podem estar certos de que Ele lhes fará justiça: **“E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Ap.21.4)**.

Porém, não nos esqueçamos que Deus nos salvou e nos capacita a sermos agentes da justiça neste mundo. Aos crentes competem um viver em justiça, combatendo as injustiças onde quer que estiverem. E faremos isso se estendermos a nossa mão aos que sofrem (cf. **Rm 12.15**), se andarmos em amor verdadeiro (cf. **Ef 5.2**), se não nos alegrarmos com a injustiça, mas, nos regozijarmos com a verdade (cf. **1Co 13.6**), se preferimos dar a honra ao outro em vez que requerê-la para nós (cf. **Rm 12.10**). Se assim agirmos, ainda que não consigamos acabar com a dor neste mundo, certamente aliviaremos o sofrimento de muitos e evitaremos o sofrimento de outros. Tão-somente, o que conta é que devemos nos importar com os que estão sofrendo com a opressão dos perversos.

O segundo pecado que resulta da ganância é a **inveja contra o próximo**.

“Então, vi que todo trabalho e toda destreza em obras provêm da inveja do homem contra o seu próximo. Também isto é vaidade e correr atrás do vento” (v.4). Um coração ganancioso além de procurar levar vantagem sobre as outras pessoas, mesmo que para isso lance mão de ações opressoras, violentas e injustas, assim o faz por conta das motivações de seu coração corrompido e pecaminoso. Aqui, Salomão apresenta uma das motivações mais comuns a todos os homens: a inveja (חַמְדָּה – *inveja, ardor, ciúme*). Ela é o fomento de todas as obras humanas, especialmente das obras injustas. E não devemos minimizar a amplitude desse pecado. Quando Salomão disse que **“todo trabalho e toda destreza em obras provêm da inveja do homem contra o seu próximo”**, ele não está usando uma expressão exagerada, uma hipérbole. Antes, ele falou divinamente inspirado pelo Espírito Santo, o qual conhece perfeitamente os corações humanos. Então, quando a Bíblia diz que todo o trabalho e toda a habilidade com que os homens fazem as coisas tem como motivação a inveja, devemos investigar o nosso coração sob a luz da Palavra de Deus.

O pecado da inveja nos faz distorcer o sentido das bênçãos de Deus. O trabalho pode ser distorcido pelo pecado. A inveja nos faz quebrar o mandamento de Deus (**Lv 19.18b; Mt 22.39**). Basta ler os Dez Mandamentos e veremos que a maioria das coisas que não devemos cobiçar são coisas que o dinheiro pode comprar.

A inveja nos leva a uma competição implacável contra os outros para obtermos maior ganho, lucro, prestígio e destaque. Tudo isso é futilidade, **“é vaidade e correr atrás do vento”**, ou seja, ficamos de mãos vazias.

Mas, há um outro aspecto igualmente lastimável da inveja. Por trás dela, é muito comum que esteja o nosso desejo de sermos exaltados pelas pessoas. Queremos não somente o que os outros têm, mas, queremos que eles também queiram ter o que temos e nos invejem também. Queremos que as pessoas nos admirem, nos invejem, mas, sem conseguirem o que conseguimos, afinal, se conseguirem, não mais nos invejarão, mas, passarão a olhar para nós com desprezo e indiferença. E para conseguirmos isso, apelamos para o exibicionismo. O homem sempre foi assim, mas, temos a impressão que em nossos dias a cosia está ainda mais exacerbada. Vejam como isso é ridículo e sórdido.

Somos uma sociedade exibicionista. O nosso exibicionismo está em toda parte, nos nossos bens, nas nossas roupas, nos nossos diplomas, e especialmente nas nossas redes sociais. Duas amigas conversavam, quando uma moça disse à outra que postaria em suas redes sociais, algumas fotos antigas de uma viagem ao exterior. Sua amiga lhe perguntou por qual motivo iria fazer isso, esperando ouvir uma justificativa plausível, e a moça lhe disse: *“Este ano não conseguirei viajar, e como estou vendo todo mundo viajando e postando fotos de suas viagens, decidi não ficar para trás”*. O que é isso? Inveja.

Deus nos criou para a Sua glória, para que nos satisfaçamos Nele (conforme vimos em 3.9-15). Deveríamos desejar somente a glória de Deus. Porém, o pecado depravou tudo isso, fazendo com que deixássemos de buscar a glória de Deus para buscarmos a nossa própria glória. Diferentemente de Deus que tem glória própria e não precisa da adoração e do serviço de ninguém para ser o que Ele é e para Sua satisfação pessoal, nós não temos glória própria e precisamos do reconhecimento e admiração dos outros para nossa satisfação pessoal. Se tivermos bens, posses e realizações de empreendimentos e ninguém nos notar e admirar, ficaremos insatisfeitos. Por isso, fazemos de tudo para chamar a atenção das pessoas e despertar nelas a inveja a nosso respeito. Um grave pecado, pois, deixamos de desejar a glória de Deus, para desejarmos a glória dos homens.

Aplicação v.4

Desejar aquilo que Deus deu a outra pessoa em vez de se contentar com aquilo que Ele lhe deu, é pecado não só de descontentamento, mas também de arrogância e soberba por achar que você é melhor e superior ao seu próximo. É pecado de insolência e irreverência para com Deus, pois, você está dizendo que Ele não sabe como cuidar de você tão bem quanto você acha que sabe, e, por isso Ele não lhe dá o que você acha que merece.

O pecado da inveja nunca vem sozinho. Caim invejou Abel, e irado, chegou a ponto de assassinar seu irmão (**Gn 4**). Saul teve inveja de Davi quando ouviu as mulheres cantando e dizendo que a soma dos inimigos que Deus fez cair pelas mãos de Davi era dez vezes mais do que a soma dada a ele (**cf. 1Sm 18.6-16**); a partir de então, Saul perseguiu ao ungido do SENHOR Deus com toda a fúria e ódio do seu coração, o que lhe custou o reino e a vida. Ananias e Safira, invejando a notoriedade que Barnabé recebeu da Igreja quando vendeu sua propriedade e entregou tudo aos apóstolos, mentiram a respeito de uma propriedade que venderam, e retiveram parte do valor entregando o restante aos apóstolos como se fosse todo o montante (**cf. At 5**). Deus os puniu com a morte por mentirem.

Se você for tentado a se exhibir, lembre-se que não há absolutamente nada de louvável em tal atitude, pelo contrário, você está sendo instrumento de Satanás para levar outros a pecarem. Se eles pecarem que não seja pelo seu incentivo. Em vez disso, seja um exemplo

de conduta modesta e humilde diante de Deus e dos homens, pois, quanto mais humilde você for, mais Deus será visto em sua vida, e é só isso que importa. Tenha em você a mesma disposição mental que teve o nosso Senhor Jesus Cristo, pois, sendo Deus igual ao Pai em glória e poder, não tomou isso como usurpação, não se aferrou a isso, mas, humildemente Se submeteu em obediência ao Pai (cf. Fp 2.5-11).

O terceiro pecado que resulta da ganância é a **preguiça**.

“O tolo cruza os braços e come a própria carne, dizendo:” (v.5). À primeira vista parece contraditório associar a preguiça à ganância, pois, geralmente os gananciosos são dedicados ao trabalho e estão sempre se movendo para conseguirem algo mais. Neste mundo encontramos gananciosos diligentes, mas, também encontramos gananciosos tolos que são preguiçosos, e por isso, são ineptos para administrarem o que têm. O substantivo **“tolô”** (טֹלָה) quer dizer *estúpido, tapado, simplório, arrogante, insensato*, sendo este último, o sentido aqui (e no v.13). No conceito bíblico, o tolo é aquele que não teme a Deus, que não se importa com a vontade de Deus, e que não busca conhece-Lo e servi-Lo, em contraste com **“O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria”** (cf. Sl 11.10).

Por não temer a Deus, o ganancioso tolo é incapaz de administrar o que tem. Ele cruza os braços, o que nos faz lembrar de Pv 6.10,11; 24.33,34 que dizem exatamente a mesma coisa: **“Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para encruzar os braços em repouso; assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado”**. A sua inépcia em administrar o que tem, o faz comer **“a própria carne”**, isto é, os poucos recursos que juntara em sua vida.

A lei que ele tem para si é a **do maior lucro com o menor esforço**. Um exemplo de um ganancioso tolo e preguiçoso é o daquele que gasta seus poucos recursos na jogatina, nas loterias e jogos de azar na esperança de enriquecer facilmente, sem esforço. Ele quer ser rico (para ele a riqueza é só dinheiro) para bancar seus luxos e desejos sem ter que trabalhar duro para isso.

Há um detalhe neste versículo para o qual devemos atentar. Na ARA aparece o verbo **“dizendo”** no final dele conectando com o próximo versículo, dando a entender que o que é dito no v.6 sai da boca do tolo. Ocorre que não existe esse verbo no texto hebraico e em nenhuma outra versão do Antigo Testamento, exceto na ARA e na Vulgata Latina. Por isso deixaremos de fora esse verbo para que o sentido do próximo versículo não seja distorcido.

Aplicação do v.5

A preguiça é um pecado que é a sua própria punição. Os preguiçosos são tolos pois, não temem a Deus e desprezam Seu mandato para serem produtivos. Ficam fora da força de trabalho, o que revela a insensatez de seus corações. A preguiça consome não só o que temos, mas, o que somos, minando nosso autocontrole, nosso senso de realidade, nossa capacidade de cuidar de nós mesmos e dos outros.

Assim como o trabalho exagerado motivado pela ganância e inveja podem levar você à uma vida de destruição (tanto sua quanto de outros), a inatividade preguiçosa também é profundamente autodestrutiva. Qual desses erros é mais tentador para você? Você é consumido pela inveja, e trabalha desmedidamente para ter mais e mais para sustentar seus

supérfluos, ou você acredita que está acima de tudo isso, e adota uma atitude tão negativa em relação ao trabalho que acaba fugindo dele?

Você deve fugir da preguiça não só porque ela resultará em pobreza (há muitos pobres que não são preguiçosos), mas, porque ela é pecado, é mau uso (ou não uso) dos recursos que Deus lhe confiou para o seu bem, e para o bem daqueles que precisam ser ajudados por você (cf. Ef 4.28). Além disso, o trabalho identifica você com Deus e com o Senhor Jesus Cristo, pois, como Ele mesmo disse: **“Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”** (Jo 5.17).

Saiba gerir seus recursos, busque a sabedoria por meio do temor a Deus – isso fará com que você administre seus recursos com prudência, pois, você verá que esses recursos não são seus, mas de Deus, que lhe emprestou para o seu bem. Não seja ganancioso e nem preguiçoso. Não desperdice seu dinheiro com jogos de azar. Empregar o seu dinheiro em jogos de azar é pecado, pois, além de ser mau uso do dinheiro que Deus lhe deu, as motivações por trás dessa prática são pecaminosas, tais como: (1) insatisfação com o que Deus lhe dá, (2) tola confiança no dinheiro passando que se você tiver muito dinheiro terá uma vida tranquila, o que ignora totalmente a advertência do Sl 62.10: **“se as vossas riquezas prosperam, não ponhais nelas o coração”**, e (3) porque ele desvia o seu foco daquilo que é mais importante: **“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”** (Mt 6.19-21). Além de tudo isso, os jogos de azar baseiam-se no princípio da defraudação, isto é, para que um tenha vantagem, muitos outros serão prejudicados. Mesmo que em nossa legislação tal prática não seja um crime (exceto aqueles jogos ilegais), ela é um pecado por todas essas razões apresentadas.

Não defraude e nem explore as pessoas para lucrar em cima delas. A cada um Deus concede como Lhe apraz. Tão somente desenvolva os recursos que Deus lhe confiou, e se nesse exercício Ele permitir que você prospere e enriqueça de forma lícita, não se deixe dominar pelas riquezas. Lembre-se de que o dinheiro é um bom servo, mas, um péssimo senhor. Lembre-se do que as Escrituras dizem sobre isso: **“Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores”** (1Tm 6.8-10).

Como evitar o pecado da ganância

Depois de refletir sobre o pecado da ganância e seus resultados nefastos (ou pelo menos alguns deles), Salomão agora se volta para falar sobre a solução para o pecado da ganância e como lutar contra ela em nosso coração. Ele lança mão de três comparações e todas elas começando com o adjetivo טוב - bom, adequado para uma finalidade (v.6,9 e 13).

Primeira comparação: Contentamento versus descontentamento. “Melhor é um punhado de descanso do que ambas as mãos cheias de trabalho e correr atrás do vento” (v.6).

Por que ter somente uma mão cheia é melhor do que ter as duas mãos cheias? Não devemos focar na quantia, mas, no conteúdo. Enquanto o punhado (observe o singular) é de “descanso”, os dois punhados (duas mãos em forma de concha) estão cheios de “trabalho e correr atrás do vento”. Salomão não está se contradizendo em relação ao versículo anterior onde ele condenou a preguiça e o ócio. Em vez disso, aqui ele está falando sobre o contentamento.

Na vida, às vezes “menos é mais”. Você já ouviu esse ditado? É melhor (טוֹב - bom, adequado para uma finalidade), se contentar com o que Deus lhe deu e descansar em Seu cuidado, do que sair esbaforido enchendo as duas mãos com trabalho e coisas que Deus não quer para você, pois, **“Melhor é o pouco, havendo o temor do SENHOR, do que grande tesouro onde há inquietação”** (Pv 15.16), e, também **“Melhor é o pouco, havendo justiça, do que grandes rendimentos com injustiça”** (Pv 16.8) – compare com o v.1. Ou ainda **“Melhor é um bocado seco e tranquilidade do que a casa farta de carnes e contendias”** (Pv 17.1).

O contentamento com aquilo que Deus tem nos dado é parte da solução para o pecado da ganância em nosso coração. Mas, se em vez de termos contentamento, estivermos o tempo todo ocupados com o nosso trabalho e motivados pela ganância, quer seja em obtermos mais e mais coisas, ou termos mais dinheiro para pagarmos por aquilo que já adquirimos antes mesmo de termos condições de pagar (o nome disso é “dívida”), à semelhança do preguiçoso que foge do trabalho, estaremos desonrando a Deus – enquanto o preguiçoso O desonra com sua desobediência e preguiça, o ganancioso O desonra por não confiar em Sua providência e em não se contentar com o que Deus lhe tem dado.

Um coração descontente com o que tem recebido de Deus será um competidor disputando com os outros por bens e posses, lançará mão até mesmo de recursos pecaminosos como o da opressão, será um predador voraz espalhando a maldade e injustiça sem se importar com **“as lágrimas dos oprimidos”** (v.1).

Aplicação v.6

Desfrute do seu trabalho com tranquilidade, seja grato a Deus e contente com o que Ele lhe tem dado administrando com sabedoria. Se Deus o abençoar em sua boa administração, você certamente obterá mais. Mas, não faça disso o alvo da sua vida. O Seu alvo deve ser honrar a Deus com sua gratidão e ser diligente com os recursos que Ele lhe conceder.

O Senhor Jesus também adverte contra o desejo de adquirir duas mãos cheias. Ele diz: **“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui”** (Lc 12.15). Jesus conta a parábola do rico insensato que achava que tinha o suficiente para muitos anos. O homem era rico, mas Deus o chamou de louco. **“Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus”** (Lc 12.21), disse Jesus.

O Senhor Jesus quer que você foque a sua vida não em ajuntar posses neste mundo, mas, em promover o reino de Deus e Sua justiça. Não se inquiete com o que comer, beber e vestir (coisas básicas da vida). Deus sabe que você necessita disso e não lhe deixará faltar o necessário (cf. Mt 6.31-33).

Os v.7-8 descrevem uma cena muito triste que exemplifica uma vida gananciosa: **“Então, considere outra vaidade debaixo do sol, isto é, um homem sem ninguém, não tem filho nem irmã; contudo, não cessa de trabalhar, e seus olhos não se fartam de riquezas; e não diz: Para quem trabalho eu, se nego à minha alma os bens da vida? Também isto é vaidade e enfadonho trabalho”**. O *Kohélet* observou algo que não faz sentido algum nesta vida: um homem que vive completamente sozinho neste mundo, sem filhos, sem irmãos, mas, mesmo assim se esforça para obter toda riqueza que puder. Salomão aponta para o fato de que esse homem, a certa altura de sua vida, deveria parar abruptamente, olhar ao seu redor, contemplar tudo o que conquistara e se perguntar: *“Para quem estou trabalhando? Por que deixo de aproveitar tantos prazeres que poderia estar aproveitando só para continuar trabalhando mais e mais?”*. Salomão então conclui: *“Não faz sentido viver assim; é muito angustiante, cansativo e fútil”*.

O Pregador aponta o descontentamento desse homem nas palavras **“e seus olhos não se fartam de riquezas”**. Como já foi visto em 3.11, há no coração do homem um senso da eternidade que o impulsiona em sua busca por satisfação, porém, nada neste mundo é suficiente para satisfazê-lo pelo fato de que seu coração foi criado para se satisfazer somente em Deus. Enquanto o homem não nasce de novo, enquanto ele não é regenerado pelo Espírito Santo, seu coração continuará insatisfeito ainda que tenha muitas riquezas.

Philip Ryken conta sobre uma moça crente que ao recitar o Salmo 23, trocou algumas palavras do primeiro versículo, e disse: *“O SENHOR é o meu pastor: isso é tudo que me faltava”*, e conclui: *“Muitos de nós querem tantas coisas na vida que se torna difícil dizer isso, mas independentemente se Jesus é tudo que queremos ou não, a verdade é que Ele é tudo o que precisamos”* (cf. RYKEN, 2017, 193).

A vida desse homem solitário é tão agitada em busca de riquezas que ele não se dá conta dessa futilidade. Salomão aponta para isso quando afirma: **“e não diz: Para quem trabalho eu, se nego à minha alma os bens da vida?”**. Ele não para e reflete sobre a futilidade de sua vida, e, por isso mesmo, não se pergunta por que é que trabalha tanto se nem mesmo consegue desfrutar de tudo o que conquistou, e pior, que haverá de deixar tudo para outro que nem seu parente é desfrutar. O Pregador já havia falado sobre essa maneira fútil de lidar com a vida em 2.21, quando pôs-se a refletir no fato de que deixaria para seu filho inepto todo o seu glorioso reino. Mas, a situação desse homem aqui é ainda pior, pois, não tem nenhum parente para deixar seus bens como herança.

Mas, há ainda outro agravante. Até a memória de sua pessoa desaparecerá. É óbvio que Salomão não menciona o nome desse homem por se tratar aqui de uma mera ilustração fictícia. Porém, na vida real, quando um homem solitário, sem cônjuge, sem descendentes, ascendentes ou parentes colaterais morre, todos os seus bens ficam para o pior herdeiro que existe, o Estado, que não lhe fará nenhuma menção honrosa até mesmo porque não tem nenhum parente para ver isso. E assim, sua memória cairá no esquecimento de todos.

Aplicação v.7-8

Um coração contente com a vida que Deus lhe deu, não se afadiga num trabalho sem sentido, e ainda que não tenha alguém do seu sangue com quem compartilhar haverá de ser uma bênção na vida de outras pessoas, diferentemente daquele que é ganancioso e avarento. E a avareza é idolatria (cf. Cl 3.5).

É melhor você ter menos, e ter mais tempo para dedicar-se a Deus, à sua família, aos seus irmãos na fé e aos seus amigos, do que viver sozinho, agitado e sem sentido, para no fim deixar tudo para quem sequer o ajudou a conquistar tudo que você tem. É melhor não se sobrecarregar para ter tudo o que o seu coração deseja, e desejar tudo o que Deus quer para sua vida, pois, **“A bênção do SENHOR enriquece, e, com ela, ele não traz desgosto (Pv 10.22).**

Isso nos remete para a próxima comparação que Salomão faz que nos mostra como evitar o pecado da ganância.

Segunda comparação: vida compartilhada versus vida solitária. Estes versículos são os prediletos nas cerimônias de casamento, e não há nada de errado nisso, afinal estes versículos falam sobre os benefícios de termos uma companhia e dos perigos de uma vida solitária. Porém, não devemos limitar o ensinamento aqui somente ao casamento. O ensino aqui também diz respeito ao companheirismo entre amigos, entre irmãos de sangue, e irmãos na fé.

Deus não nos criou para uma vida solitária. Isto fica evidente quando lá no Éden, após ter criado o homem, disse: **“Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18).** A Bíblia não trata a solidão com simpatia, e mostra que uma vida solitária é regida pelo egoísmo. Em Pv 18.1 lemos: **“O solitário busca o seu próprio interesse e insurge-se contra a verdadeira sabedoria”.** A NVT traduz assim: *“Quem vive isolado se preocupa apenas consigo e rejeita todo bom senso”.* O solitário ouve apenas a própria voz, e, quem se acostuma a ouvir apenas a própria voz, vê-se como lei para si mesmo e, por isso, rejeita até mesmo a sabedoria na voz de outra pessoa.

Os benefícios mútuos de uma vida compartilhada listados aqui são:

- ✓ **Melhores resultados:** **“Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho” (v.9).** Em se tratando de coisas e bens materiais, o Pregador disse: *“Menos é melhor”.* Mas, em se tratando de relacionamentos, *“Mais é melhor”.* Um casal que trabalha e administra juntos os recursos, é melhor, pois, valem mais dois juntos do que um sozinho, uma vez que o esforço de dois consegue melhores resultados. O homem solitário dos versículos anteriores não teve tempo para constituir família, nem para estabelecer amizades, e nem para ter comunhão com irmãos na fé. A vida se torna muito mais prazerosa, feliz e valiosa se for compartilhada. **Na matemática divina, quando dividimos, não subtraímos, multiplicamos.** Não são duas pessoas com duas metades, mas, duas pessoas com o tudo de Deus para cada uma. Corações que sabem compartilhar com outros aquilo que têm, caminham mais leves, com menos peso desnecessário.
- ✓ **Ajuda mútua:** **“Porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante” (v.10).** A vida é um terreno escorregadio e cheio de perigos e obstáculos. Às vezes nossas quedas se devem por erros que comentemos, mas às vezes se dá pela maldade de outros. Quem está sozinho sofre muito mais para se levantar, e às vezes nem consegue mais. Mas, aqueles que nessa caminhada desfrutam de companheiros leais, a dor da queda é superada e a caminhada prossegue. Vem-me à mente Barnabé. Quando ninguém mais queria estar junto a Saulo, Barnabé estendeu-lhe a mão e caminhou com o recém-convertido perseguidor da Igreja. Quando Paulo esquecendo-se de ser misericordioso com o jovem João Marcos quando este “caíra” em deserção deixando a equipe missionária

(cf. At 13.13-15; 15.36-41), e depois querendo reunir-se a ela, lá estava Barnabé estendendo a mão ao jovem Marcos que, não somente o acompanhou nas viagens missionárias posteriores, como também veio a ser útil para o velho Paulo que estava em vias de martírio (cf. 2Tm 4.11), e para a Igreja ao deixar o Evangelho que leva o seu nome.

- ✓ **Conforto nas dificuldades:** “**Também, se dois dormirem juntos, eles se aquecerão; mas um só como se aquecerá?**” (v.11). A dificuldade aqui é o frio, mas existem muitas outras formas de dificuldades nesta vida nas quais o conforto da presença de um companheiro faz toda a diferença. **Implícita aqui está a verdade sobre a intimidade.** Para dividirmos a cama com alguém é necessário um certo grau de intimidade. Pensando assim, a intimidade com uma pessoa também traz calor à nossa alma. O solitário leva a vida com mais frieza e insensibilidade, por isso sua vida é triste.
- ✓ **Proteção nos perigos:** “**Se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade**” (v.12). Na caminhada da vida encontramos opositores. Sozinhos será muito mais difícil. Mas, enfrentar dois exige mais esforço, esforço dobrado. Um casal unido resiste aos ataques de Satanás para leva-los ao adultério ou ao divórcio (cf. 1Co 7.5); na comunhão da Igreja encontramos estímulo ao amor e às boas obras (cf. Hb 10.24). Neste mundo, os crentes correm vários perigos: “...a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1Jo 2.16), além de Satanás à espreita como um leão para nos devorar (cf. 1Pe 5.8). Se estivermos ao lado de outros irmãos, não nos faltará proteção, apoio e incentivo para prosseguirmos especialmente quando falharmos. Quanto à parte final do versículo “...o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade”, muito utilizado nas cerimônias de casamento referindo-se ao homem, mulher e Deus (cordão de três dobras), ainda que seja verdade que a presença de Deus num casamento seja necessária e capacitadora, não é esse o ensino aqui. O que Salomão está dizendo de maneira bem simples é: se é melhor serem dois em vez um, é muito melhor é serem três em vez de dois. Se ele estivesse se referindo somente ao casamento aqui, teríamos um problema, pois, num casamento, uma terceira pessoa entre o casal é uma intrusa, com exceção de Deus e dos filhos. Deus sustenta o casamento e os filhos quantos mais forem, melhor, tal como afirma o Sl 127.5 sobre a bênção de uma família com muitos filhos: “**Feliz o homem que enche deles a sua aljava; não será envergonhado, quando pleitear com os inimigos à porta**”.

Aplicação v.9-12

Philip Ryken afirma:

“Jesus disse que não somos simplesmente Seus servos, mas verdadeiramente Seus amigos. Encontramos a maior recompensa quando trabalhamos em parceria com Ele, confiando em Sua graça para nos ajudar com cada tarefa difícil e pedindo a Sua bênção para tudo o que fazemos, a despeito das nossas fraquezas, e usando-nos para a Sua glória. Quando nossos corações estão frios, Jesus nos abraça com Seus braços de amor para nos aquecer. Quando caímos, ele nos levanta, lembrando-nos de que nossos pecados realmente foram perdoados e que, pelo poder do Espírito Santo, Ele pode nos ajudar a ficar em pé. Quando nos encontramos em perigo desesperador, lutando contra os poderes do inferno, Jesus nos defende e nos resgata – não só por meio de Sua morte, mas também por meio do poder da vida eterna. Jesus é o amigo do qual mais precisamos. Você já se tornou Seu amigo, depositando a sua confiança nele? Realmente é melhor serem mais de um quando um dos dois é o melhor de todos” (RYKEN, 2017, p.205).

Cristo também nos provê todas essas bênçãos no seio da família e da Igreja. É fato que existem aqueles que receberam de Deus a condição de viverem o celibato e castidade. Mas tal condição é uma exceção e não algo a ser almejado, por ser algo muito difícil. Deus quer ver Seus filhos constituindo família, criando filhos em Sua presença, perpetuando assim, a linhagem santa, tal como vemos na CFW, Cap. XXIV-II: “O matrimônio foi ordenado para o auxílio mútuo de marido e esposa (Gn 2.18), para a propagação da raça humana por uma sucessão legítima, e da Igreja por uma semente santa (Ml 2.15), e para evitar-se a impureza (1Co 7.2,9)”.

É importante ressaltarmos que os primeiros cristãos não eram solitários. Lucas relata que **“todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade” (At 2.44-45)**. Na Igreja, somos membros uns dos outros, e ainda que muitos, somos um só corpo em Cristo.

Terceira comparação: Um coração ensinável *versus* um coração arrogante: “Melhor é o jovem pobre e sábio do que o rei velho e insensato, que já não se deixa admoestar” (v.13). Nessa comparação, o Eclesiastes coloca duas figuras: um jovem pobre, porém, sábio, e um rei velho que é insensato, cuja insensatez é constatada pela sua arrogância em não deixar-se admoestar e nem permitir que lhe seja ensinado algo que seria importante ele aprender.

O mesmo substantivo usado no v.5 para “tolo” é empregado aqui para “insensato” (כְּסִיל). Tal rei não se deixa “admoestar” (נְהַר – *advertir, ensinar*). A ideia aqui não é a de que ele cometeu um erro aleatório, pontual, mas, sim, de que este rei vive tomando decisões erradas, e persiste em seus erros mesmo quando seus conselheiros tentam adverti-lo. Em Pv 12.15 lemos: **“O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvidos aos conselhos”**. A Bíblia ordena o respeito aos anciãos, pois, espera-se deles sabedoria e sensatez. Contudo, arrogantes e estúpidos (outro significado para כְּסִיל), também envelhecem, e pior ainda, podem ser colocados em postos importantes diante de uma nação. Por isso, esperava-se desse rei velho que fosse sábio. Observe que a sabedoria não significa ter conhecimento de todas as coisas, mas, ser humilde quando necessitar ser ensinado ou repreendido. Em sua estupidez e arrogância, esse rei velho era tão isolado e solitário quanto aquele homem solitário da primeira comparação (cf. v.7-8). Se ele fosse um rei sábio viveria cercado de seus conselheiros; nunca estaria sozinho.

Mas, por mais arrogante e prepotente que ele seja, um dia ele será substituído. Quem será seu sucessor? O jovem pobre e sábio que **“ainda que”** tivesse saído **“do cárcere para reinar”** tivesse nascido **“pobre no reino deste” (v.14)**. Salomão conjectura aqui a seguinte situação: aquele jovem pobre e sábio poderia ter estado na prisão por algum motivo, mas, saiu de lá e veio a ser tão bem-sucedido a ponto de tornar-se rei e ficar no lugar do rei velho e insensato. Não deve nos causar estranheza essa conjectura de Salomão, pois, não foi assim com José, filho de Jacó? Qual crime ele cometeu para ser lançado na prisão? Nenhum. E não foi exatamente de lá da prisão que Deus o tirou e o colocou como governador do Egito (cf. Gn 41.41-44)?

“Vi todos os viventes que andam debaixo do sol com o jovem sucessor, que ficará em lugar do rei. Era sem conta todo o povo que ele dominava” (v.15-16a). Esse jovem sábio não era mais um pobre, pois se tornara rei sobre uma numerosa nação que o seguia. Contudo, mesmo sendo sábio, ele também é advertido a não se tornar insensato encantando-se com a admiração e bajulação de seus súditos. Um sério perigo ronda a vida de todos os líderes: o encanto pela popularidade.

Na parte final deste versículo, Salomão faz um alerta: **“...tampouco os que virão depois se hão de regozijar nele. Na verdade, que também isto é vaidade e correr atrás do vento”**. O que Salomão quer dizer aqui é ainda que o jovem pobre e sábio que se tornou rei tenha grande popularidade e poder sobre um povo numeroso, depois dele surgiria uma nova geração que teria sucessores no lugar desse jovem rei que não se mostrariam contentes com o ele fizera e nem mesmo reconheceriam sua popularidade. Na primeira oportunidade que tivessem, não só o substituiriam como também apagariam da memória coletiva os feitos desse jovem e sábio rei. Novamente lembramos aqui de José de quem se diz: **“Entrementes, se levantou novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José” (Êx 1.8)**. *“Quão inconstantes são as pessoas! O herói de hoje é o sujeito imprestável de amanhã. Enquanto os governantes tremem e procuram, diligentemente, tornar seguro o seu trono, as pessoas clamam por mudança e revolução”* (KAISER, 2015, p.122).

Assim sendo, é melhor termos um coração ensinável que aprende não só com as próprias experiências como também com as dos outros, em vez de ter um coração arrogante e prepotente, que pensa que por estar numa posição elevada pode desprezar as pessoas e se portar como a lei suprema, a encarnação do poder e sabedoria, o que na verdade, não passa de estupidez e insensatez; tudo o que a pessoa pensa a respeito de si de forma elevada, não é nada do que pensa, somente autoengano, **“Na verdade, que também isto é vaidade e correr atrás do vento” (v.16c)**.

Aplicação v.13-16

A sabedoria é uma bênção de Deus. A verdadeira sabedoria está totalmente ligada ao temor a Deus. Sem isso, ela não passa de exibicionismo intelectual arrogante. Ela deve ser aprendida com humildade ouvindo, olhando e imitando aqueles que são sábios. Mas, uma verdade inquietante em relação à sabedoria, é que assim como podemos adquiri-la, também podemos perde-la. A soberba e a vaidade corroem a sabedoria especialmente quando temos os olhares, a admiração e o aplauso das pessoas.

Você se importa com a opinião alheia? Deseja tanto a aprovação das pessoas? Tem medo de ser rejeitado? Você se encontra numa posição de destaque e tem medo de cair dela, de ser substituído por outro mais popular e querido que você?

Há uma oração em forma de poema, datada da Idade Média, cujo autor é desconhecido. Fariamos bem se a memorizássemos, e, todas as vezes que no nosso coração estiver desejoso de reconhecimento, aplauso e popularidade, essa oração servir como um antivírus, uma vacina protegendo nosso coração. Ei-la:

Óh Jesus, manso e humilde de coração
Ouve-me, livra-me, Jesus
Do desejo de ser estimado
Do desejo de ser consultado
Do desejo de ser exaltado
Precioso Jesus, manso e humilde de coração
Ouve-me, livra-me, Jesus
Do desejo de ser honrado
Do desejo de ser louvado
Do desejo de ser aprovado

Livra-me Jesus
Do medo de ser humilhado
E desprezado
Livra-me Jesus
Do medo de ser exortado
Ser esquecido.

Dá-me a graça de desejar
Que outros sejam
Mais amados e estimados que eu
Dá-me a graça de, posto à parte
Ver os outros, sendo escolhidos
Que os meus lábios
Possam ter a graça de sorrir
Enquanto os meus olhos
Estão chorando
Cristo é alegria que preenche
A porção dos que te amam
A herança de valor
Se eu te tenho
Eu descanso por ter tudo
Se me falta tua beleza
Eu procuro em vão por bens

Coisas como a ganância, o egoísmo, o isolamento e a popularidade nada mais são que ídolos do nosso coração, pífios substitutos da glória de Deus em nosso coração desviando a nossa atenção da pessoa bendita de nossos Senhor Jesus Cristo. Enquanto seu coração buscar essas coisas você estará em pecado contra Deus e vazio em seu coração.

Renda-se a Cristo. Ele veio para libertar você de tudo quanto o escraviza e o destrói. Ele veio para moldar em você o caráter Dele, para que você O conheça e o reconheça como o seu bem mais precioso, o qual você tendo, nada mais lhe faltará.

Salomão passara pelo tribunal, pelo mercado, pelos campos e pelo palácio observando os vários assuntos que ocupam a vida **“debaixo do sol”**. Agora ele se via diante do templo, aquele magnífico templo para o culto e glória de Deus que foi construído sob o seu séquito. Ele passa a falar sobre aquela atividade humana mais sublime de todas: o culto a Deus. Sim, não há atividade mais sublime, mais dignificante e honrosa para pecadores como nós do que o culto a Deus. Tudo em nossa vida encontra seu sentido no culto a Deus, quando ali conectamos tudo o que está abaixo do sol com Aquele que está acima do sol. Todas as vaidades dessa vida são desfeitas como vapor diante do Eterno. Por isso mesmo devemos considerar que, ou nossa vida condiz com o nosso culto mostrando verdadeira piedade, ou nossa vida está em discordância com o nosso culto revelando assim a nossa hipocrisia. **O nosso dia a dia reflete de um jeito ou de outro a importância que Deus tem para nós.**

A obra redentora de Cristo tem como objetivo transformar pecadores miseráveis, em adoradores aceitáveis na presença de Deus. Aqui em 5.1-7 o Pregador trata de um importante elemento que deve estar presente em nosso culto a Deus: o temor. E ele então nos mostra que

5) Sem temor não há culto aceitável a Deus (5.1-7)

Sidney Greidanus afirma o seguinte sobre esses sete versículos: *“Eclesiastes 5.1-7 é um texto único em Eclesiastes porque foca a adoração no templo de Deus. Este é um texto de pregação ideal para resistir à tendência contemporânea de transformar a adoração a Deus em entretenimento social ou em um espetáculo pomposo”* (GREIDANUS, 2017, p.253).

No trecho anterior (4.1-16), a linguagem era de reflexão, observando o comportamento ganancioso das pessoas e as consequências desse pecado. Aqui (5.1-7) a linguagem é de instrução e orientação no que diz respeito à maneira de se comportar durante o culto a Deus.

Nestes versículos encontramos uma estrutura bem clara na qual quatro advertências são feitas, seguidas de razões para essas advertências, e reforçadas por provérbios, exceto a primeira advertência. Tudo isso aponta para o fato de que o temor diante de Deus é constatado num culto que expressa verdade e integridade entre as palavras e as ações do adorador.

A primeira advertência

“Guarda o pé, quando entrares na Casa de Deus”, a razão para essa advertência é que **“chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal”** (v.1). Das quatro advertências, somente essa não tem um provérbio reforçando. Em outras palavras, Salomão está dizendo é que quando entrarmos na Casa de Deus (i.e. no Seu culto), **devemos ter cuidado com as nossas ações para que estas sejam conduzidas pela Palavra de Deus**. É justamente isso que quer dizer a expressão **“Guarda o pé”** (שָׁמַר (רַגְלֶיךָ) (רַגְלֶיךָ)). Sendo os nossos pés órgãos de locomoção, eles estão relacionados aos caminhos por onde andamos. Aqui se trata de um eufemismo que aponta para o **nosso comportamento**. O que fazemos **“na Casa de Deus”**? Adoramos a Ele, Lhe rendemos culto. Nosso dia a dia tem que condizer com o nosso culto. Como já dissemos anteriormente, tudo em nossa vida se resume em adorarmos a Deus. O culto que rendemos a Deus no domingo deve se estender em nossos pensamentos, palavras e ações durante a semana. Não pode haver uma dicotomia entre o culto a Deus e a nossa vida.

Os caminhos (comportamento) pelos quais andamos durante a semana têm de ser iluminados pela luz Palavra de Deus, para a qual devemos prestar toda atenção tal como indicam as palavras **“chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos”**. Essa é a razão pela qual devemos ter cuidado com as nossas ações na Casa de Deus, no Seu culto. Mas, por que é melhor ouvir (a Palavra) do que fazer (sacrificar)? A resposta está na parte final do versículo: os tolos (הַכְסִּילִים) oferecem sacrifícios conforme o que pensam ser o correto, e não de acordo com a Palavra de Deus. A palavra **“sacrifícios”** vem da palavra זָבַח – *abater, imolar para sacrifício*,

apontando para o momento mais importante do culto no Antigo Testamento, a saber, quando o cordeiro era abatido num sacrifício comunal, isto é, em favor de toda a comunidade do povo de Deus. Observe que os tolos fazem algo sublime (sacrifícios), mas, **“não sabem que fazem mal”**, pois não o fazem de acordo com a Palavra Deus. Se antes eles tivessem dado ouvidos à Palavra de Deus para serem instruídos na forma como Deus que ser adorado, certamente seriam aceitos por Deus e não seriam tolos.

Ressaltamos ainda o fato de que à semelhança de muitos hoje, os tolos descritos aqui, são sinceros quando oferecem sacrifícios, mas, por não obedecerem à Palavra de Deus, seus sacrifícios e culto não são aceitos. A desobediência sob pretexto de sinceridade, não deixa de ser reprovada por Deus.

Aplicação v.1

Tal como podemos ver no relato sobre Caim e Abel, Deus aceita ou rejeita a oferta juntamente com o adorador. Para Deus, um culto prestado por um coração desobediente, não é culto, é insulto, é abominável, é repulsivo e digno da Sua ira.

Tomemos ainda dois exemplos fatídicos, um do Antigo e o outro do Novo Testamento: Nadabe e Abiú (**Lv 10.1-2**) os quais trouxeram fogo estranho na presença de Deus e foram consumidos pelo fogo da Sua ira, e o de Ananias e Safira (**At 5.1-10**) que mentiram sobre a oferta que trouxeram para a Igreja, sendo severamente punidos por Deus com morte súbita. Esses dois casos são emblemáticos porque *“Cada um desses terríveis atos de julgamento ocorreu no início de uma nova era de adoração (quando o tabernáculo foi inaugurado e nos dias da igreja primitiva), demonstrando para todos os tempos quanto Deus zela pela adoração adequada”* (RYKEN, 2017, p.211).

A Palavra de Deus tem que ocupar lugar central em nossa vida e em nosso culto. Não podemos viver de forma agradável a Deus se não obedecermos à Sua Palavra; não podemos cultuar a Deus da forma como Ele exige ser cultuado, se não formos instruídos por Sua Palavra quanto à Sua santa vontade. **Por isso, a melhor coisa a se fazer antes de fazer qualquer coisa para Deus é ouvir o que Ele tem a dizer.**

Não temos o direito de introduzirmos no culto a Deus coisas que julgamos ser convenientes, nem mesmo sob o pretexto de estarmos dando a Ele o “nosso melhor”, a “nossa excelência”.

“Quando contemplamos a santidade de Deus e a comparamos com a nossa própria adoração profana, é um milagre ainda estarmos vivos” (Ibid.). É por isso que só adoramos a Deus de forma aceitável a Ele quando o fazemos por meio de Jesus Cristo. E como isso acontece? Só podemos ser aceitos por Deus pela morte e sacrifício de Cristo. Ele ofereceu sacrifício perfeito a Deus, através do qual Ele perdoou todos os nossos pecados, inclusive os pecados que temos cometido em nossa adoração quando esta não está de acordo com a Palavra de Deus. Mas, também somos aceitos por Deus pela vida de perfeita obediência de nosso Senhor Jesus Cristo. *“Segundo Hebreus, ele tomou as palavras do Salmo 22.22 e fez delas as suas próprias: “Cantar-te-ei louvores no meio da congregação”* (Hb 2.12). *Estas palavras se referem à adoração que Jesus ofereceu no templo e na sinagoga. Imagine o Filho de Deus cantando os salmos inspirados pelo Espírito e usando-os para louvar o Pai. Por meio da fé em Cristo, essa adoração perfeita pertence agora a nós, como se nós mesmos a tivéssemos oferecido a Deus. Isso é parte do que*

significa conhecer Cristo: nossa adoração imperfeita é aceita pelo Pai por causa da adoração perfeita oferecida pelo Filho” (Ibid.).

A segunda advertência

“Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus”, a razão para tal é: **“porque Deus está nos céus, e tu, na terra”,** seguidas do provérbio de reforço **“portanto, sejam poucas as tuas palavras. Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos, e do muito falar, palavras néscias” (v.2-3).**

A segunda advertência é composta de duas frases que são um paralelismo sinonímico (a segunda frase repete e reforça o que diz a primeira), onde **“boca”** (פֶּה) e **“coração”** (לֵב) são colocados em paralelo com o mesmo significado estando completamente ligados, a final **“a boca fala do que está cheio o coração” (Lc 6.45)**. Se quisermos conhecer o coração de uma pessoa, as palavras que saem de sua boca são os indicadores, e, ainda que ditas com falsidade, da mesma forma revelam a falsidade do coração dela.

“Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus”. Com a boca falamos coisas inconvenientes, palavras agressivas, insultos, impropérios, palavras preconceituosas, raivosas, mas, de todas essas palavras, Salomão destaca que **as piores são aquelas dizemos a Deus irrefletidamente** (אַל-תְּהַבֵּהֶל – *não seja precipitado*), no impulso da emoção do momento. É fato que todas as palavras que dizemos, são ditas na presença de Deus porque Ele é onipresente, e nem mesmo precisamos dizê-las para que Ele as conheça, pois, Ele as conhece mesmo antes de as proferirmos (cf. Sl 139.4). Mas, aqui, o Pregador está se referindo às palavras que proferimos no culto, como as vezes que estamos cantando louvores a Ele e não refletimos na letra do que cantamos, ou quando oramos tão mecanicamente, que a nossa oração se torna previsível diante da Igreja, ou ainda os votos que fazemos a Deus de forma totalmente irrefletida. Não devemos nos apressar em dizer qualquer coisa para Deus, **mas devemos refletir muito sobre o que vamos dizer a Ele, pois, até esse ato de reflexão demonstra nosso temor por Ele.**

Essa advertência aponta para aquilo que Rm 12.1 chama de **“culto racional”,** ou seja, um culto feito com entendimento, pensando e embasando cada parte dele na Palavra Deus, e não num emocionalismo descontrolado, irracional e histérico como o que se vê nos movimentos carismáticos. **Um culto regido pelos sentimentos e emoções não promove conversões verdadeiras, porque conversões emotivas e emocionadas dependem das circunstâncias e sentimentos e não da Palavra de Deus, e por isso mesmo sucumbem diante das provações.** Um culto regido por sentimentos em vez do que prescreve a Palavra de Deus, é **“sacrifício de tolo”,** mesmo tendo toda sinceridade, porque substitui o que a Palavra de Deus diz por invencionices humanas e sugestões de Satanás (cf. Confissão de Fé de Westminster, Cap. XXI, §1):

A luz da natureza mostra que há um Deus, que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda a força (Rm 1.18,20; Jr 10.7; Sl 19.1-6); mas, o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo, e é tão limitado pela sua própria vontade revelada, que Ele

não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras (Dt 12.32; At 17.24,25; Êx 20.4-6; Cl 2.20-23).

A razão para essa segunda advertência é **“porque Deus está nos céus, e tu, na terra”**. Essa declaração é o cerne dessa passagem. Nessa declaração está implícito os temas principais dos livro: (1) a vida debaixo do sol só tem sentido se estiver conectada com Deus que está acima do sol, (2) o temor a Deus é elemento essencial para prestarmos um culto aceitável a Ele e vivermos de forma a honra-Lo neste mundo. Essa declaração também fala sobre quem é Deus e quem nós somos; Ele é o Criador, e nós, Suas criaturas; Ele habita na mais excelsa glória, e nós, a terra poeirenta da qual fomos tomados e um dia nosso corpo fará parte (3.20). É fato que Deus também habita com os quebrantados de coração (cf. Is 57.15), mas não podemos jamais perder de vista a transcendência de Deus. Quando a Bíblia diz que Ele habita em nosso coração contrito, ela está declarando a misericórdia e bondade Dele em Se importar conosco e em nos socorrer. Mas, jamais devemos nos apresentar diante Dele esquecendo-nos de quem Ele é e de quem nós somos. Um culto que não reconhece e exalta a glória e infinitude do ser de Deus, não passa de idolatria, um culto falso. “O Deus a quem adoramos – ou fingimos adorar – é o Deus soberano e poderoso que governa todo o universo” (RYKEN, 2017, p.214). Se essa verdade não causar profundo impacto em nosso coração, nossa adoração não será aceitável aos olhos de Deus.

A conclusão: **“portanto, sejam poucas as tuas palavras”**. Gregório de Nissa (395 d.C.), um dos pais da Igreja escreveu: “Sabendo como é ampla a diferença entre a natureza divina e a nossa, permaneçamos silenciosamente dentro de nossos próprios limites” (in RYKEN, 2017, p.214). O que Salomão quis dizer com **“sejam poucas as tuas palavras”**? Ele está chamando a nossa atenção para outro elemento que deve estar presente em nosso culto a Deus: **a humildade**. Somente um coração humilde reconhece a sua insignificância e pequenez diante de alguém maior. Se isso deve ser verdade em nossos relacionamentos com outros homens, muito mais deve ser em relação a Deus.

O provérbio no v.3 que reforça essa conclusão de limitarmos nossas palavras diante de Deus, diz: **“Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos, e do muito falar, palavras néscias”**. Matthew Henry comentando este versículo, diz: “Vamos falar com Deus, e sobre Ele, em suas próprias palavras, palavras que as Escrituras ensinam; e que nossas palavras, palavras de nossa invenção, sejam poucas, para que, não falando por obrigação, nós não falemos de forma errada” (HENRY, 2010, vol.3, p.916). Salomão faz uma comparação aqui entre **“muitos trabalhos”** e **“muito falar”**. Assim como um coração ocupado e preocupado com muitos afazeres (עֲשָׂוִי) terá uma noite agitada com muitos sonhos (e pesadelos), da mesma forma, o muito falar (ou falar irrefletida e precipitadamente) na presença de Deus, certamente resultará em **“palavras néscias”**, ou seja, pelo palavreiro excessivo se conhece a insensatez do coração da pessoa.

Aplicação v.2-3

Quando cultuamos a Deus usando Suas próprias palavras tais como as encontramos nas Escrituras, não erramos, pois, estamos afiançados pelo que o próprio Deus diz. Quando nossas conversas foram conduzidas pela Palavra de Deus, tal como disse Paulo aos crentes efésios: **“falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com**

hinos e cânticos espirituais” (Ef 5.19), nos edificaremos mutuamente e honraremos a Deus.

Emílio Garofalo diz o seguinte: *“Muitas vezes, o culto se torna um encontro onde todo mundo fala, cada um conta uma história, ocorre todo tipo de conversa mole e as pessoas se esquecem da seriedade do que falamos diante de Deus em culto”* (NETO, 2020, p.249). Por esse motivo, não temos a prática dos tais “testemunhos” dados durante o culto como o fazem muitas igrejas. É reprovável nossa atitude quando entramos pelas portas do templo e não guardamos a reverência, a solenidade e circunspecção que a santidade de Deus exige. Entramos no culto a Deus conversando sobre banalidades, fazendo algazarra, a ponto de o dirigente ter que pedir nosso silêncio e postura reverente, pois, o culto será iniciado em instantes. Tais atitudes demonstram a pouca ou nenhuma importância que Deus tem para nós. Na verdade, a preparação para cultuarmos a Deus não começa alguns minutos antes, ou quando o liturgo diz para nos recolhermos em nosso espírito em atitude de oração, ou ainda quando ouvimos os músicos fazendo um prelúdio. A preparação começa na segunda-feira e se estende por toda a semana quando ordenamos todos os nossos afazeres para que eles não nos impeçam de estar na Casa de Deus no Seu dia. **Devemos viver todos os dias da semana tendo o Dia do Senhor como o principal deles, porque nesse Dia santo tudo será ordenado para o culto solene e descanso físico e espiritual em Deus.** Ao nos levantarmos no domingo pela manhã, enquanto nos preparamos para vir ao culto, nosso coração e pensamentos devem ser direcionados para essa atividade mais sublime que temos, pois, todos os nossos assuntos, preocupações e afazeres **“debaixo do sol”** têm prazo de validade, não durarão muito tempo, mas, o culto divino, romperá os portais da eternidade, e nunca terá fim. Como disse Garofalo: *“Estar no culto sem o coração investido na ocasião é tolice. É enorme tolice perder as poucas oportunidades que você, como pó, tem de aproximar-se e participar de algo que vai durar para sempre”* (Ibid.).

Quando você estiver se preparando no domingo de manhã para vir à Casa de Deus, fale menos, fale o necessário, guarde um espírito de reflexão e contemplação na presença de Deus. Quando entrar pelas portas do templo, recolha-se em oração na presença de Deus, e se for para despertar algo em seus irmãos, que seja a reverência e a solenidade, em vez de conversas fiadas e desnecessárias. Lembre-se que todas as nossas palavras estão diante de Deus – que elas sejam para a glória Dele! Se o Senhor Jesus condenou os cambistas que transformaram a Casa de Deus em um **“covil de salteadores”** (Mt 21.12), nós a transformamos numa feira barulhenta. Perdemos a noção de onde e na presença de quem estamos.

Meça, pense e repense suas palavras na presença de Deus. **Enquanto você estiver ouvindo sua própria voz em tagarelices, você não ouvirá o que Deus tem a lhe dizer.**

A terceira advertência

“Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo”, e a razão para essa advertência é **“porque não se agrada de tolos”,** por isso, a conclusão a que ele chega é **“Cumpre o voto que fazes”**. O v.5 traz um provérbio reforçando a advertência: **“Melhor é que não votes do que votes e não cumpras”**.

Nossas ações são resultado dos nossos pensamentos, e em outras vezes, também são das nossas palavras. **O Pregador se refere aqui às nossas ações decorrentes das nossas palavras, ou seja, os votos que fazemos a Deus (תָּוֶדֶר נֶדָר).** A Confissão de Fé de Westminster inclui os juramentos e votos como elementos do culto a Deus, Cap. XXI, §V:

A leitura das Escrituras, com santo temor (At 15.21; At 17.11; Ap 1.3), a sã pregação (1Tm 4.2) da Palavra e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com entendimento, fé e reverência (Tg 1.22; At 10.33; Hb 4.2; Mt 13.19; Is 66.2); o cântico dos salmos, com gratidão (Cl 3.16; Ef 5.19; Tg 5.13) no coração; bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo – são partes do culto comum oferecido a Deus (Mt 28.19; At 2.42; 1Co 11.23-29), além dos juramentos religiosos (Dt 6.13), votos (Sl 116.14; Is 19.21; Ne 10.29), jejuns solenes (Jl 2.12; Mt 9.15; 1Co 7.5; Ef 4.16) e ações de graça em ocasiões especiais (Sl 107), os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias, devem ser usados de um modo santo e religioso (Jo 4.24; Hb 10.22).

E ainda no Cap. XXII, §I:

O Juramento legal é uma parte do culto religioso (Dt 10.20) em que o crente, em ocasiões próprias e com toda a solenidade, chama a Deus por testemunha do que assevera ou promete; pelo juramento ele invoca a Deus a fim de ser julgado por ele, segundo a verdade ou falsidade do que jura (2Co 1.23; 6.22,23; Êx 20.7).

As Escrituras apresentam os votos e juramentos a Deus como coisas sérias e que não podem ser tratadas com levandade. Temos várias advertências na Palavra de Deus, tais como: **“Oferece a Deus sacrifício de ações de graças e cumpre os teus votos para com o Altíssimo”** (Sl 50.14), no Sl 65.1 diz: **“A ti, ó Deus, confiança e louvor em Sião! E a ti se pagará o voto”**. A CFW Cap. XXII, §II, afirma:

O único nome pelo qual se deve jurar é o Nome de Deus, Nome que se pronunciará com todo o santo temor e reverência (Dt 6.13); jurar, pois, falsa ou temerariamente por este glorioso e tremendo Nome, ou jurar por qualquer outra coisa é pecaminoso e abominável (Jr 5.7; Tg 5.12; Mt 5.37). Contudo, como em assuntos de gravidade e importância, o juramento é autorizado pela Palavra de Deus, tanto sob o Novo Testamento como sob o Velho, o juramento, sendo exigido pela autoridade legal, deve ser prestado com referência a tais assuntos (1Rs 8.31,32; Ed 10.5; Mt 26.63,64).

Temos ainda outros exemplos, como o de Ana, que prometeu a Deus consagrar ao Seu serviço no templo, o filho que ela pediu a Ele (**1Sm 1.11**). E ela assim o fez. Quando o Senhor Jesus disse: **“de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por**

ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto” (Mt 5.34-36), não estava nos proibindo de fazer juramentos, mas sim, nos advertindo a que sejamos cuidadosos em honrar nossa palavra: **“Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno” (v.37)**, e a não termos dubiez no que dissermos. É o mesmo sentido da advertência que Salomão está trazendo aqui nestes versículos.

No Cap. XXII, §III a CFW diz:

Quem vai prestar um juramento deve considerar refletidamente a gravidade de ato tão solene, e nada afirmar senão do que esteja plenamente persuadido ser a verdade. Ninguém deve obrigar-se, por juramento, a qualquer coisa que seja ou que acredite ser boa e justa e por aquilo que pode e está resolvido a cumprir. É, porém, pecado recusar prestar juramento concernente a qualquer coisa justa e boa, sendo exigido pela autoridade legal (Jr 4.2; Gn 24.2,3,9; Ne 5.12).

“porque não se agrada de tolos”. A tolice é descrita na Bíblia como *loucura*, *insensatez*, porque ela revela total falta de temor a Deus. Uma pessoa que faz votos na presença de Deus e não os cumpre é tola, ou seja, demonstra não ter temor algum pela pessoa de Deus. Na Bíblia, a loucura não é vista como “doença mental”, mas sim, como falta de temor a Deus. Existem muitas pessoas com problemas e distúrbios mentais que são tementes a Deus, ao passo que todos aqueles que são tidos por “normais”, mas, ignoram e desprezam a Deus e a Sua Palavra, são os verdadeiros loucos! Quando pessoas fazem votos a Deus e são relapsas em cumpri-los, demonstram falta de temor a Ele. A CFW, Cap. XXII, §V – VII, diz:

§V. O voto é da mesma natureza que o juramento promissório; deve ser feito com o mesmo cuidado religioso e cumprindo com igual fidelidade (Ec 5.4-6; Sl 66.13,14; Sl 61.8; Dt 23.21,23).

§VI. O voto não deve ser feito a criatura alguma, mas só a Deus (Sl 76.11); para que seja aceitável, deve ser feito voluntariamente, com fé e consciência de dever, em reconhecimento de misericórdias recebidas ou para obter o que desejamos. Pelo voto obrigamo-nos mais restritamente aos deveres necessários ou a outras coisas, até onde ou quando elas conduzirem a esses deveres (Sl 50.14; Gn 28.20-22).

§VII. Ninguém deve prometer fazer coisa alguma que seja proibida na Palavra de Deus, ou que impeça o cumprimento de qualquer dever nela ordenado, nem o que não está em seu poder cumprir e para cuja execução não tenha promessa ou competência da parte de Deus (At 23.12; Mc 6.26; 1Co 2.9; Ef 4.28; 1Ts 4.11,12; 1Co 7.23); por isso, os votos monásticos, que os papistas fazem do celibato perpétuo, pobreza voluntária e obediência

regular, em vez de serem graus de maior perfeição, não passam de laços supersticiosos e iníquos com os quais nenhum cristão deve embarçar-se.

Voltando para o nosso texto, o *Kohélet* não está falando de votos pecaminosos, mas, sim, sobre aquelas promessas que fizemos de consagrar algo para Deus, como eram os sacrifícios e ofertas nos tempos bíblicos. As palavras de Asafe no Sl 76.11 ilustram bem isso: **“Fazei votos e pagai-os ao SENHOR, vosso Deus; tragam presentes todos os que o rodeiam, àquele que deve ser temido”**.

Para evitarmos a insensatez da falta de temor a Deus devemos ser prudentes e reverentes em Sua presença. **Observe o movimento entre as advertências até aqui.**

Na primeira advertência, Salomão descreve a pessoa estando à porta do templo entrando para cultuar. Devia refletir sobre a sua conduta cotidiana, pois, não se pode separar o dia a dia da pessoa de seu ato de culto; um influencia o outro – ou o culto molda o viver diário da pessoa, ou o seu viver diário tornará seu culto desprezível para Deus.

Na segunda advertência, a pessoa já está cultuando a Deus. Por isso deve prestar atenção ao que diz na presença de Deus. As palavras ditas durante o culto devem ser aquelas que as Escrituras dizem. O culto a Deus é determinado e orientado por Sua Palavra, e quando assim acontece, o coração do adorador também é orientado para e pela glória de Deus.

Na terceira advertência, o adorador após ter prestado toda atenção à Palavra de Deus, ter sido impactado e confrontado pela Palavra, deve manter-se prudente diante de Deus, pois, nesse momento, se ele der vazão às emoções acabará fazendo votos e promessas irrefletidamente, no impulso de suas emoções, e, com o passar dos dias e as emoções se esfriarem, facilmente ele deixará de cumprir o que prometeu a Deus.

Quando Salomão diz: **“Melhor é que não votes do que votes e não cumpras”**, ele não está desestimulando as pessoas a fazerem votos, mas, sim, chamando a atenção delas para que vejam o quão sério e solene isso é. O que deve ser entendido aqui é Deus não exige de Seus filhos que façam votos a Ele todas as vezes que O cultuarem. **Mas, quando, voluntariamente as pessoas fizerem um voto a Deus, deverão ser diligentes em cumpri-lo.** De outra sorte seria melhor não terem prometido algo que Deus não lhes pedira. **Porém, devemos atentar para o fato de que um coração que nada promete também com nada e ninguém se compromete!**

Aplicação v.4-5

Não guie suas palavras e ações pelo calor das emoções. Seja prudente diante de Deus. É muito comum vermos pessoas que ao passarem por um aperto em sua vida, prometerem a Deus que farão algo se Ele tiver misericórdia e tirá-las do aperto em que se encontram. Depois que passam esses momentos difíceis, vemos essas pessoas relaxando e deixando de cumprir o que prometeram. Por que fazem assim? Porque se deixaram levar pela emoção do momento, mas, não agiram com prudência diante de Deus, e pior, agora demonstram mais imprudência ainda não cumprindo o que prometeram.

Aqui cabe uma reflexão sobre os votos que um dia fizemos a Deus em ocasião de culto, tal como os votos do matrimônio, os da nossa profissão de fé e batismo, os do batismo

de nossos filhos, e os do oficialato. Quantos casamentos estão em vias de ruírem ou já estão totalmente destruídos porque os votos que foram feitos diante da Igreja, testemunhas, e, principalmente, diante de Deus foram quebrados pela falta de amor e respeito? Quantos crentes quebram os votos que fizeram na sua pública profissão de fé e batismo deixando de guardar o Dia do Senhor, de cultuar com os irmãos, de terem uma vida de oração e estudo da Palavra, de sustentarem a obra do Senhor com seus recursos financeiros? Quantos pais que não instruem seus filhos nos caminhos do Senhor, não trazem seus filhinhos pequenos à Casa de Deus para ensiná-los a importância de serem Seus adoradores, tal como prometeram no dia em que os apresentaram a Deus pelo batismo? Quantos oficiais da Igreja são relapsos com os compromissos que um dia assumiram e juraram manter quando foram ordenados, e hoje tratam a Igreja de Cristo como se fosse sua empresa, seu negócio, ou são infiéis à doutrina da Igreja, tal como no caso de nós presbiterianos que juramos subscrever aos Símbolos de Fé e os ensinarmos aos irmãos?

Pessoas que agem assim para com Deus não são confiáveis, não são bons exemplos a serem imitados, pois, se alguém não tem qualquer temor de quebrar os votos que um dia fez a Deus, certamente quebrará quaisquer outros votos.

A quarta advertência

“Não consintas que a tua boca te faça culpado, nem digas diante do mensageiro de Deus que foi inadvertência”, e a razão para essa advertência é **“por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra, a ponto de destruir as obras das tuas mãos?”**, e o provérbio que reforça tal advertência é **“Porque, como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras; tu, porém, teme a Deus” (v.6-7).**

Salomão continua o que vem dizendo desde o início sobre o tomar cuidado com as palavras ditas na presença de Deus no Seu culto. **Já advertira sobre três pecados:** falar desmedidamente desprezando a Palavra de Deus (cf. v.1), falar precipitadamente ignorando a santidade de Deus (cf. v.2), falar tolamente demonstrando falta de temor a Deus (v.4). **Agora, ele adverte sobre o quarto pecado:** falar dolosamente (v.6).

“Não consintas que a tua boca te faça culpado”. Como nos tornamos culpados de dolo diante de Deus quanto ao que Lhe falamos em nossos votos? A resposta está na frase **“nem digas diante do mensageiro de Deus que foi inadvertência”.** O substantivo **“mensageiro”** (מַלְאָךְ) significa *mensageiro*, *anjo*. Pelo contexto aqui, o sentido de *anjo* está descartado. Resta, então, o sentido de *mensageiro*. Quem seria esse mensageiro aqui? Uns entendem que era a pessoa do sacerdote que servia no templo recolhendo as ofertas e os sacrifícios que as pessoas traziam para Deus, e o contexto aqui corrobora para essa interpretação. Mas, podemos também considerar que era o próprio Salomão, pois, como vimos na introdução da exposição desse livro, *Eclesiastes*, significa **“O Pregador”**, e este era o próprio Salomão diante da congregação do povo de Deus ali reunida para receber a instrução da parte Dele. **Salomão, portanto, era o mensageiro de Deus para o Seu povo.** Tudo o que alguém dissesse **“diante do mensageiro de Deus”** teria um peso enorme pois, estaria dizendo diante da Congregação ali presente, tendo Deus como sua principal testemunha. Em outras palavras, Salomão está dizendo: *“Não tente se desculpar alegando que você se enganou quando fez o voto, pois, queria dizer outra coisa bem diferente do que o que você disse”.* Se alguém, depois de fazer um voto diante do mensageiro de Deus e da Congregação viesse depois alegando

que cometeu um equívoco em suas palavras, pois, queria fazer algo bem diferente do que prometera a Deus, estaria agindo dolosamente. Enganar as pessoas é fácil, mas, a Deus, é impossível!

Nos tempos de Jesus, Ele acusou os fariseus e escribas de pecado semelhante. Motivados pela ganância, esses líderes religiosos manipulavam aquilo que era conhecido por Corbã (cf. **Mc 7.5-13**). No Antigo Testamento, os judeus eram instruídos a fazer ofertas votivas como forma de demonstrar sua devoção a Deus e contribuir para as necessidades do templo. A palavra “Corbã” era usada para descrever essas ofertas consagradas, que eram destinadas ao tesouro do templo para financiar seu funcionamento. Esses líderes religiosos usufruíam daquilo que era ofertado, e quando eram questionados sobre o socorro que deveriam prestar aos seus pais necessitados em cumprimento do quinto mandamento, diziam: *“Não posso dispor desse recurso para eles porque é oferta consagrada a Deus, é Corbã”*. Eles não estavam cumprindo nem o quinto mandamento e nem os votos que foram feitos. Eles usavam gananciosamente essas ofertas, e se justificavam com palavras que indicavam piedade. Mas, não havia nada de piedoso em seu comportamento, e, por isso Cristo os condenou.

Semelhante pecado, cometemos quando deixamos de cumprir os votos que fizemos a Deus e tentamos nos desculpar dizendo que fomos mal compreendidos naquilo que dissemos. Há uma anedota que exemplifica bem isso. Conta-se que um homem ao ver que no mesmo dia, suas duas vacas pariram. Uma delas teve um bezerro totalmente branco, e a outra, totalmente preto. Isso o impressionou, pelo que ele fez um voto a Deus dizendo que um dos dois bezerros era do Senhor Deus, mas, não estipulou qual. Os bezerros cresceram, e num certo dia, o branco caiu num buraco e morreu. Ao ser avisado do ocorrido, o homem disse: *“Que pena, morreu o boi do Senhor”*.

Quando deixamos de fazer o que havíamos prometido a Deus, ou mudamos nosso voto, ou falamos dolosamente diante de Deus, tornamo-nos culpados de grave pecado diante Dele. Quando fazemos um voto que contém algo pecaminoso como foi o voto que Jefté fez, no qual sua filha acabou sendo sacrificada (**Jz 11.29-40**), ou o de Herodes que culminou com a decapitação de João Batista (**Mt 14.1-12**), pecamos contra Deus. Quando prometemos algo que está muito além das nossas capacidades físicas, espirituais e materiais, e por isso não cumprimos, pecamos contra Deus, já no momento em que fazemos o voto.

Quando Salomão pergunta: **“por que razão se iraria Deus por causa da tua palavra, a ponto de destruir as obras das tuas mãos?”**, nos alerta quanto ao fato de que todas as vezes que fazemos um voto a Deus, ou esperamos receber algo Dele, ou é por questão de comprometimento (como os votos do batismo, ordenação, etc.). **Há uma obra pretendida por trás de um voto. Se não cumprirmos nossos votos a Deus, Ele próprio destruirá o que desejamos receber.** Quando alguém participa do culto público abrigando no coração o dolo (prometer sem ter a intenção de cumprir e se justificar dizendo que o fez por engano, ou ainda, que as pessoas entenderam errado o que ele disse), chama sobre si a repreensão e o julgamento do Senhor (**Is 1.10-20; Am 5; Sl 50**).

“Porque, como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras; tu, porém, teme a Deus” (v.7). O provérbio para reforçar a advertência repete o que foi dito no v.3 sobre um sono agitado por sonhos (pesadelos) resultantes das muitas preocupações de um dia cheio de afazeres, sendo algo tão inútil e vazio como o falar demais. A NVT captou bem o sentido aqui: *“Sonhar demais é inútil, assim como o falar muito. Em vez disso, tema a Deus”*.

“tu, porém, teme a Deus”. Alguém que seja um mero frequentador de igreja e não um adorador genuíno e convertido a Cristo de fato, que não oferece sua mente e coração, raciocínio e devoção a Deus, mas, somente palavras soltas ao vento, não passa de um tagarela irracional, que pensa que pelas suas muitas palavras, Deus aceitará o seu culto.

O temor a Deus é o assunto principal do livro do Eclesiastes (12.13). Um coração que não teme a Deus vive correndo atrás do vento, do vapor, ao que Salomão descreve como “ vaidade”. Aqui, o Pregador nos exorta a avançar saindo da vaidade para a reverência, do que é efêmero para Aquele que é Eterno.

Em que se resume a vida de um homem que não teme a Deus? Hoje, ele é um louco correndo atrás do vento; amanhã, quando ele se tornar pó, o vento correrá atrás dele soprando seus restos mortais e espalhando-os para todo lado. Hoje, tudo pelo que ele luta, trabalha e se afadiga, desvanecerá como vapor e será destruído pelo tempo, e muitas vezes em pouco tempo, muito antes de que se imagina. **Então, quando estivermos na presença de Deus, no Seu culto, em vez de verborragia, de orações egoístas pedindo e pedindo mais e mais coisas para Deus, falando como crianças tagarelas que não têm sabedoria, tenhamos temor a Ele.**

Aplicação v.6-7

Charles Bridges define o temor a Deus como “o grande fundamento da santidade” (In RYKEN, 2017, p. 221). Você quer saber o que é viver em santidade? Pois bem, é o tempo todo estar consciente de que os olhos de Deus estão sobre você; Ele vê não só as suas ações e palavras, mas, principalmente, o seus pensamentos. Ele sabe qual a motivação de seu coração ao fazer uma oração, um voto, cantar um hino de louvor e estar assentado nos bancos do templo para ouvir a Palavra de Deus.

Temer a Deus significa viver cada minuto dos seus dias como se estivesse aqui no culto adorando-O, para que quando você estiver aqui adorando-O, o seu culto seja aceito por Deus.

Mas em Cristo já não somos aceitos por Deus? Não são a obediência e o sacrifício Dele suficientes para nos tornar aceitáveis a Deus? Com certeza, sim. Então, por que ainda insistimos em dizer que o nosso culto deve ser aceitável a Deus como se isso dependesse de nós? **Precisamos distinguir o que são os méritos de Cristo e o que é nossa responsabilidade.** Só podemos ser aceitos e mantidos na presença de Deus por causa dos méritos de Cristo; só por Ele temos acesso ao trono da graça de Deus; só por Ele somos salvos, santificados e aceitos como justos diante de Deus; **nada do que fizermos além do que Cristo fez pode melhorar nossa condição diante de Deus, e da mesma forma, nenhum pecado nosso pode nos banir da presença de Deus porque estamos em Cristo, unidos a Ele (cf. Rm 6.1-7).** E justamente por conta da nossa união com Cristo, temos de viver de forma santa e cheia de temor a Deus. Fomos escolhidos e salvos por Ele para sermos **“santos e irrepreensíveis perante Ele” (Ef 1.4),** devemos constantemente nos apresentar o nosso corpo como **“sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso [nosso] culto racional”** não nos deixando amoldar e conformar nossa mentalidade à mentalidade desse mundo corrompido, mas, renová-la constantemente à luz da vontade de Deus revelada em Sua Palavra (Rm 12.1-2).

Qual a importância o culto a Deus tem para você? Como você se prepara para adorá-Lo? Como você se comporta no culto a Deus? **A sua postura no culto revela o quanto Deus é importante para você. Uma postura relaxada no banco conota um espírito desatento e displicente diante de Deus. Um olhar desatento e distraído indica um coração cujas motivações não estão em Deus.**

Estando no culto, a voz que você mais ouve é a do seu coração, ou a de Deus em Sua Palavra? Você ainda está tentando agradar a Deus por seus próprios esforços e méritos, ou você após ter experimentado o fracasso em agradar a Deus, também adotou uma postura irreverente de “tanto faz”, ou de arrogância, dizendo: “*Estou sendo sincero diante Dele, e Ele sabe que estou fazendo o meu melhor*”? Não é o seu melhor que Deus quer, mas sim, dar a você o melhor Dele, a Sua Palavra para que, por meio dela você seja santificado e capacitado a adorá-Lo tal como Ele ordena.

Adore a Deus confiado totalmente no Senhor Jesus. Não ouse se aproximar de Deus se iludindo com um ou outro ato de obediência. Deus exige de nós nada menos do que obediência perfeita, e como Ele sabia que não há um homem sequer que consiga tal excelência na obediência, deu-nos o Seu Filho, santo, puro e sem pecado para viver a obediência que não conseguimos, e morrer para nos resgatar para Deus.

Quando você fizer um voto a Deus, não trate com leviandade. Deus não aceita promessas tolas. Lembre-se que a nossa salvação é resultado de um pacto que a Trindade Santa fez na eternidade, quando o Pai perguntou: “**A quem enviarei, e quem há de ir por nós?**”, e o Seu santo Filho respondeu: “**Eis-me aqui, envia-me a mim**” (Is 6.8). E ele veio. Deus é um Deus que cumpre o que promete, ama quem cumpre o que promete, e odeia aos levianos e tolos que prometem e não cumprem.

O nosso culto a Deus não é momento para performances e exibições vaidosas, mas, uma oportunidade de termos um vislumbre do que será a eternidade ao lado de Cristo. O nosso culto a Deus deve ser um exercício constante de esvaziamento do nosso eu, e de exaltação do ser de Deus através da revelação de Jesus Cristo na Palavra.

Quando rendemos a Deus o culto que Ele requer de nós, somos confrontados, transformados e santificados por Sua Palavra. O resultado imediato da ação da Palavra de Deus em nós é que adquirimos sabedoria para viver, pois recebemos a orientação da Palavra de Deus para tomada de decisões e poder para executar o que Ele nos ordena em nosso viver diário. **No desígnio de Deus, enquanto O cultuamos da forma como Ele requer, Ele nos transforma naquilo que Ele quer.** Quando, porém, cultuamos a Deus conforme os nossos desejos e invencionices, transformamos o culto a Deus em idolatria do nosso próprio eu, pois, o nosso objetivo será agradar a nós mesmos.

Depois de mostrar como os adoradores devem se portar na presença de Deus em culto solene, **Salomão passa a mostrar como é a vida daqueles que vivem de acordo com a vontade de Deus.** Os assuntos tratados neste trecho (5.8 – 6.12) são: a busca incansável pelo dinheiro e posses (Ec 5.8-20), e o descontentamento do coração escravizado pela ilusória satisfação que os bens materiais trazem (Ec 6). Esses temas já foram tratados no livro. O retorno a eles não deve nos causar estranheza, pois, a repetição de temas e assuntos, além de importante

para firmar o aprendizado, acaba revelando outros aspectos que anteriormente não foram abordados; sempre há algo mais a ser ensinado e aprendido.

O assunto principal aqui nos v.8-20 é

6) Colocando o dinheiro no seu devido lugar, 5.8-20

Nos v.1-7 Salomão falou sobre o verdadeiro culto, aquele que é exclusivo de Deus e que deve ser realizado com temor a Ele em total obediência à Sua Palavra. **Porém, o altar do nosso coração é disputado o tempo todo pelos ídolos, sendo um dos principais deles, o dinheiro.**

“Dinheiro não traz felicidade. Manda comprar”, “Se dinheiro não traz felicidade, dê o seu para mim e viva feliz”; “Dinheiro não traz felicidade, mas quando a gente tem fica feliz”. Certamente você já ouviu esses dizeres tolos. Espero que não tenha acreditado em nenhum deles!

“Dinheiro não traz felicidade. E nem compra. Nem manda buscar. O dinheiro pode perigosamente sufocar a adoração em seu coração” (NETO, 2020, p. 255). E justamente por não temerem a Deus e não adorá-Lo, os homens colocam o dinheiro como um ídolo, um substituto de Deus em seus corações. E o que o dinheiro **mal utilizado** traz consigo?

Opressão e injustiça na sociedade (v.8-9)

Em cada nível da sociedade vemos opressão, exploração e injustiça sendo praticadas por quem tem oportunidade de fazê-lo. E não importa o regime de governo ou sistema econômico adotado por um povo, sempre veremos opressão, exploração e injustiça, porque essas coisas não dependem de sistemas políticos, governamentais e econômicos (embora alguns desses sistemas facilitem para essa desgraça aumentar), mas, dependem de algo muito mais profundo: a corrupção do ser humano. **É o coração do homem, sua essência, a fonte dessa corrupção** (cf. Jr 17.9; Mt 15.18-19; Tg 4.1).

“Se vires em alguma província”, Salomão cita a estrutura social dos seus dias quando fala das províncias. Hoje, temos os Estados e os municípios que mantém a União Federal. E nos dias de Salomão, ou em qualquer período da História, sempre houve **“opressão de pobres e o roubo em lugar do direito e da justiça”**. E quando ele diz: **“não te maravilhes de semelhante caso”**, obviamente, não está aqui nos dizendo para não nos importarmos com a injustiça e ignorá-la. De jeito nenhum! O servo de Deus **“não se alegra com a injustiça, mas, regozija-se com a verdade”** (1Co 13.6), e em várias partes da Bíblia somos admoestados a não nos conformarmos com a injustiça, como por exemplo em Dt 16.19: **“Não torcerás a justiça, não farás acepção de pessoas, nem tomarás suborno; porquanto o suborno cega os olhos dos sábios e subverte a causa dos justos”**, em Mq 6.8: **“Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”**. O que Salomão está dizendo aqui é que não devemos ficar admirados como se isso fosse algo inédito ou impossível de acontecer. Infelizmente, viemos num mundo injusto, onde a

injustiça impera, e por isso mesmo, nós que fomos revestidos com a justiça de Cristo, devemos lutar contra toda forma de injustiça.

O fato de não sabermos exatamente a qual tipo de injustiça Salomão está se referindo aqui, dá ainda mais peso ao seu argumento, pois mostra que há tantos tipos de injustiças, que não devemos nos surpreender quando virmos mais um sendo praticado (nosso Brasil é um celeiro de injustiças!). A NVT traz a seguinte versão desse versículo: *“Não se surpreenda se, em toda a terra, você vir os pobres sofrendo opressão pelos poderosos, e a justiça e o direito sendo pervertidos. Cada oficial é subordinado a uma autoridade superior, e a justiça se perde em meio à burocracia”*. Onde existem corações corrompidos pelo pecado, haverá coisas como opressão, exploração e injustiça. Onde existe burocracia, em vez de organização (como se espera), o que se vê são oportunidades de corrupção, suborno, estelionato. Enfim, em todos os lugares e em todos os tempos sempre vemos esse trio infernal: opressão, exploração e injustiça. O único lugar em que essas coisas não existem é no céu. **Neste mundo, conviveremos com elas, mas não pacificamente; temos que combatê-las.**

Mas, não só a burocracia (a má) é uma fonte de desgraça. O Pregador fala também da hierarquia corrupta: **“porque o que está alto tem acima de si outro mais alto que o explora, e sobre estes há ainda outros mais elevados que também exploram”**. A hierarquia, tanto como a burocracia, devem ser para o bem comum e para a manutenção da ordem. Mas, quando pessoas que foram colocadas num posto de autoridade para supervisionar e coordenar a sociedade a fim de torná-la apropriada para o convívio, em vez disso, se aplicam a tirarem proveito em benefício próprio para se locupletarem do trabalho e recursos alheios, o que se vê é uma cadeia de exploração e injustiça que devasta a sociedade, transformando-a em algo insuportável.

“O proveito da terra é para todos; até o rei se serve do campo”. Até mesmo o rei tira proveito desse sistema! A interpretação desse versículo é difícil. A maneira mais segura de interpretá-lo é vendo-o como um elo, uma transição para o que será dito a seguir. Assim sendo, Salomão está, em outras palavras, dizendo: *“Todos tiram proveito do lucro da terra. Muitos trabalham, e colhem. Daí vêm outros a serviço do rei, e levam parte do lucro. Esses que estão a serviço do rei, por vezes, aproveitam o posto em que estão e retiram dos trabalhadores mais do que é devido. O rei, para manter o seu reino e a administração do mesmo, gasta o que arrecadou do povo. Enfim, todos se beneficiam, mas todos acabam abrindo mão de parte de seus lucros para manutenção do reino”*.

Aplicação v.8-9

É impossível passarmos por esses versículos sem relacioná-los com a dura realidade que temos passado em nosso país. Um país riquíssimo em recursos naturais, cobiçados por muitos outros países, mas, que tem governantes iníquos, irresponsáveis, gananciosos. Como lidar com isso? Por que Deus nos permite estar à mercê dessas pessoas? Diante de tudo isso, nós filhos de Deus, como devemos agir?

Não deixe de pagar seus impostos. Não burla a lei por mais tentador que seja. Porém, não saia caçando impostos pagando mais o que devido. Quando não for ilegal deixar de pagar algum tributo, então deixe. Lembre-se do que o nosso Senhor disse: **“Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22.21)**.

Ore pelos nossos governantes. A oração é a única arma eficaz que temos. Se há alguém que pode mudar tudo isso, esse alguém é Deus. Ore para que Deus nos capacite com poder

e graça para testemunharmos sobre Ele e Seu cuidado para conosco em meio a tudo isso, afinal, não dependemos dos governos, mas, de Deus.

Por fim, não se esqueça que Deus está lhe preparando para a Glória Eterna, e certamente, o gerar em seu coração o desapego pelas coisas materiais faz parte desse processo divino em sua vida. Nenhum governante neste mundo, por mais sincero, honesto e dedicado que seja, conseguirá acabar com a corrupção que oprime e causa injustiças. Mas, nós temos a esperança: **“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto”** (Is 9.6-7).

Ilusões e desgostos (v.10-17)

Depois de ter abordado o assunto sobre os efeitos danosos e pecaminosos do amor pelo dinheiro numa escala nacional e em todas as camadas da sociedade, Salomão passa a falar num nível pessoal e individual. A tentação de ter mais dinheiro não é exclusiva daqueles que mexem com um alto volume dele; todas as pessoas estão propensas a cair nessa tentação e a fazerem o que for possível para obter mais dinheiro.

Então somos advertidos: **“Quem ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda; também isto é vaidade”** (v.10). Precisamos considerar que *“o desejo humano excede as aquisições, não importa quão grandes sejam as aquisições”* (KAISER, 2015, p.128). A insatisfação em nosso coração é algo tão rasteiro e sórdido que, mesmo que demonstremos gratidão pelo que temos, sempre nos pegamos pensando e desejando o que não temos e o que faremos para consegui-las. *“Isso explica o surto súbito de insatisfação que sofremos quando percebemos que não temos o dinheiro para comprar algo que desejamos ou a culpa que sentimos quando o compramos mesmo assim e acumulamos dívidas por causa disso”* (RYKEN, 2017, p.230).

Aplicação v.10

Como não cair nessa armadilha do nosso coração? Primeiramente, ouça o que o Pregador diz. Não importa o quanto de dinheiro você tiver **“também isto é vaidade”**. Sua conta bancária nunca estará cheia. Sempre haverá um vazio a ser preenchido nela. Mas até os espaços que nela foram preenchidos por dinheiro, são vaidade, vazios. Então, contente-se com o que Deus tem-lhe dado. Ele sempre providenciará para você o pão de cada dia e aquilo que for necessário para sua subsistência.

Olhe para o que você tem recebido de Deus. **Fique satisfeito onde você está, em vez de desejar estar onde a ilusão do seu coração lhe projeta.**

Em 1Tm 6.6 lemos: **“De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento”**. Um coração piedoso revela contentamento com a providência de Deus em sua vida. Um coração descontente com o que tem, revela impiedade e falta de conversão. **O lucro que a piedade nos dá, é a capacidade de desfrutarmos com alegria o que Deus nos proporciona.**

O dinheiro proporciona a compra de muitos bens. Mas:

- ✓ **Exige mais e mais pessoas para administra-lo, e para mantê-las fica caro. “Onde os bens se multiplicam, também se multiplicam os que deles comem” (v.11a).** Salomão fala de sua própria experiência. Em 1Rs 4.22-28 temos registro da multidão que estava a serviço dele em seu palácio e no seu exército. Para sustenta-los, ele precisa dispor diariamente de três toneladas da melhor farinha e seis toneladas de farinha comum, de dez bois gordos, vinte bois de pasto e cem carneiros, além dos veados, as gazelas, os corços e aves bem-tratadas. Tudo isso servia para alimentar os que estavam a seu serviço.
- ✓ **Atrai todo tipo de parasitas que se beneficiam do alheio e trazem problemas.** No meio desses servos, certamente havia aqueles que eram corruptos e tentavam tirar proveito. As festas dessas pessoas estão cheias de “penetras”, suas casas estão cheias de interesseiros se passando por amigos. No final das contas, **“que mais proveito, pois, têm os seus donos do que os verem com seus olhos?”(v.11b).** A pergunta retórica de Salomão aqui, aponta para o fato de que não importa quem seja o dono e quem seja servo, ou um mero parasita, no final das contas todos têm o mesmo proveito, a saber, o de ver os bens com seus olhos, e todos tirarem um pouco de proveito dessas coisas. Alguém pode dizer: *“tal coisa me pertence”*, mas, seus empregados também se beneficiam desses bens. Se aquelas coisas fossem somente dele, não teria que vê-las sendo distribuídas entre outras pessoas que ali estão para ajudá-lo a administrar. Uma realidade que tanto patrões quanto empregados precisam admitir é que um precisa do outro, e aqueles que se julgam donos de alguma coisa, para poderem desfrutar de algum conforto que essa coisa possa lhe dar, precisará que empregados e servos o ajudem a administrar, mas, para isso terá que ver parte do valor da coisa ser repartido com quem o ajuda. No final das contas, todos desfrutam como se todos fossem donos.
- ✓ **Traz um sono perturbado. “Doce é o sono do trabalhador, quer coma pouco, quer muito; mas a fartura do rico não o deixa dormir” (v.12).** A palavra “trabalhador”, no hebraico, aqui neste versículo está na forma verbal “o que trabalha”, e o sentido aqui é o de um trabalhador braçal, de um servo que desempenha um trabalho para outro. Essa pessoa, **“quer coma pouco, quer muito”**, tem um bom sono porque não tem grandes preocupações. Salomão aqui está contrastando com o v.11, onde ele falou do senhor (patrão). Aqui ele está falando do servo (empregado). Por mais difícil que seja a vida de um servo, ele não perde noites de sono tentando descobrir como vai manter suas posses, tal como acontece com os ricos, que com suas fortunas podem comprar uma cama bem macia, mas, não um sono tranquilo. Se o salário do servo é mirrado e mal dá para comprar as coisas que deseja comer, ou se recebe um salário bom que proporcione comer bem, ele tem um sono tranquilo, **porque sua tranquilidade não vem do dinheiro, mas, de seu contentamento.** Salomão continua: **“mas a fartura do rico não o deixa dormir”**. Nos versículos seguintes Salomão mostrará outras razões pelas quais o sono do rico é atormentado. Aqui ele apenas contrasta que a mesa farta do rico (via de regra) o leva à glotonaria e à indigestão.

Nos v.13-17 Salomão passa a falar sobre a falsa prosperidade que o dinheiro traz – uma prosperidade temporária. **O que passaremos a considerar aqui deve nos levar a refletir sobre o fato de que, na Bíblia, a prosperidade não se limita apenas ao campo material; ela é muito mais que isso.**

“Grave mal vi debaixo do sol: as riquezas que seus donos guardam para o próprio dano” (v.13). Martinho Lutero afirmava que Deus permite certas pessoas enriquecerem para a ruína delas. Observe o final do versículo, onde ele diz que toda a riqueza acumulada por uma pessoa é **“para o próprio dano”**. Tais pessoas são avarentas. Elas guardam mais e mais dinheiro na tola esperança de que se tiverem muito dinheiro estarão tranquilas e não passarão necessidade. Mas, se estão a perder noites de sono, a levar vidas desregradas e atormentadas, mais cedo ou mais tarde, sua saúde vai embora, e junto a ela, o dinheiro acumulado.

As pessoas querem mais dinheiro porque pensam que se tiverem uma boa quantia estarão seguras. Mas, segurança externa que o dinheiro traz (proteção, vigias, cofres reforçados, sistemas de alarmes e seguros, etc.) não é capaz de trazer segurança ao coração inquieto. A possibilidade de perder **“tais riquezas”** de uma hora para outra **“por qualquer má aventura”** trará insegurança e instabilidade não só para ele, mas, para sua família, pois, **“ao filho que gerou nada lhe fica na mão”**(v.14). Aquele que andava opulentemente, exibindo suas riquezas, que tinha fartos banquetes todos os dias, agora sequer tem algo a deixar como herança para o seu filho. A hipótese que Salomão levantou aqui é mais comum do que se pensa. Quantos que fizeram um investimento do seu dinheiro em algo que parecia seguro e rentável, mas, por algum problema na economia do país, ou foram enganados por algum vigarista, viram seu investimento ir para o ralo? Outros que investiram grandes somas no mercado de ações e perderam tudo em questão de minutos? Os exemplos são muitos. Mas a sua humilhação não para aí. Ele olha para o seu filho e sabe que não terá nada que deixar para ele porque perdeu tudo. Este homem transmitia à sua família a sensação de segurança com sua riqueza; agora, falido porque seu investimento fracassou, ele se vê humilhado.

“Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará, indo-se como veio; e do seu trabalho nada poderá levar consigo” (v.15). Mas, esse é o fim de todos os homens, quer morram ricos ou pobres. **Nada levarão consigo.** Deixarão tudo para trás; tudo o que têm, e até tudo o que não têm. A tal situação, o Pregador considerou que **“Também isto é grave mal: precisamente como veio, assim ele vai” (v.16a).** A linguagem desses versículos nos é familiar, pois nos lembra a história de Jó. Quando aquele fiel servo de Deus perdeu tudo que tinha, ele disse: **“Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!” (Jó 1.21).** Também nos lembra o apóstolo Paulo que aplicou a mesma verdade a todos nós: **“... nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele” (1Tm 6.7).** O dinheiro traz a ilusão de perpetuidade, mas, a dura realidade é que somos mortais, e nem mesmo nosso corpo levaremos conosco, razão pela qual um dia Cristo virá para buscar nossos corpos pela ressurreição. Martinho Lutero disse: *“Assim como abandonarei minhas riquezas quando eu morrer, eu as abandonarei enquanto estiver vivo”* (in RYKEN, 2017, p.235). **Estamos caminhando para a eternidade, e, por isso mesmo, deveríamos viajar com pouca bagagem.** A parte final do v.16 cai como um raio sobre nós: **“e que proveito lhe vem de haver trabalhado para o vento?” (v.16).** Quem passa a vida toda ajuntando tesouros para si, na verdade está ajuntando para o vento, isto é, inutilmente.

“Nas trevas, comeu em todos os seus dias, com muito enfado, com enfermidades e indignação” (v.17). Essa é a situação em que a cobiça nos deixará. **Pior do que a escravidão que o dinheiro traz, é o vazio que ele deixa – basta olhar para sua carteira poucos dias depois do pagamento.** O amor do dinheiro envolve a alma na escuridão atormentando-a com muitas ansiedades, levará embora a sua saúde física, emocional e espiritual. Ou algum infortúnio nesta vida levará tudo de você, ou a morte tirará você de seus bens.

Aplicação v.11-17

Em suma, quanto mais dinheiro tivermos, mais desejaremos ter; e quanto mais tivermos, menos satisfeitos estaremos (cf. v.10). Quanto mais dinheiro tivermos, mais pessoas virão atrás dele, especialmente o governo, e quanto mais ricos formos, mais perceberemos que a riqueza não nos faz bem (cf. v.11). Quanto mais dinheiro tivermos, mais teremos com o que nos preocupar (cf. v.12). Quanto mais dinheiro tivermos, mais nos machucaremos agarrando-nos a ele (cf. v.13). Quanto mais tivermos, mais teremos a perder (cf. v.14). Quanto mais tivermos nesta vida, mais deixaremos para trás (cf. v.15). Quanto mais utilidade acharmos para o dinheiro, mais inútil ele nos será quando tivermos que distribuí-lo (cf. v.16). Quanto mais pensarmos que o dinheiro nos trará alívio, mais tormentos teremos para conquista-lo e mantê-lo (cf. v.17).

De Deus recebemos não só as condições de obtermos as coisas, mas, também a capacidade de desfrutar dos prazeres que essas coisas podem nos dar. De Deus recebemos a condição de juntarmos recursos para comprarmos uma cama macia, e também a capacidade de dormirmos tranquilamente nela; de comprarmos alimentos e termos uma mesa farta, bem como a capacidade de nos nutrirmos e ficarmos satisfeitos comendo esses alimentos. Se Ele não nos der a capacidade de desfrutar, então teremos corrido atrás do vento a vida toda.

Quando seu coração for assediado pelas tentações do dinheiro, lembre-se dessas advertências que o Senhor Jesus deixou: **“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”** (Mt 6.24). E ainda Ele nos recomenda em Lc 12.15: **“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui”**.

Quando o Senhor Jesus contou a parábola do semeador, destacou o seguinte sobre a que caiu entre os espinhos: **“A que caiu entre espinhos são os que ouviram e, no decorrer dos dias, foram sufocados com os cuidados, riquezas e deleites da vida; os seus frutos não chegam a amadurecer”** (Lc 8.14). Quantos crentes que foram abençoados por Deus e viram seus empreendimentos prosperarem, mas, em vez de permanecerem aos pés de Cristo em obediência e devoção, curvaram-se diante do dinheiro, e, aos poucos foram se afastando a ponto de hoje estarem totalmente desviados da Verdade? Infelizmente, muitos!

No Sermão do Monte, o Senhor Jesus advertiu a Seus discípulos que não se comportassem como os gentios (incrédulos) que vivem angustiados e preocupados quanto ao que comerem e beberem. Em vez disso, os Seus discípulos devem buscar o Reino de Deus e a Sua justiça, e ficarem tranquilos com as demais coisas (comida, bebida e vestimenta), pois, todas elas serão acrescentadas (cf. Mt 6.32-33). Observe que Jesus disse que elas nos seriam **“acrescentadas”**. Mas, acrescentadas a quê? Ao Reino de Deus e à Sua justiça, pois, essas duas coisas são as essenciais para os crentes.

Lembre-se ainda do décimo mandamento, **“Não cobiçarás”** (Êx 20.17). O desejo de ter mais e mais dinheiro é impulsionado pelo pecado da cobiça. O escritor de Provérbios também afirma: **“Não te fatigues para seres rico; não apliques nisso a tua inteligência. Porventura, fitarás os olhos naquilo que não é nada? Pois, certamente, a riqueza fará para si asas, como a águia que voa pelos céus”** (Pv 23.4-5). Aqueles que foram

criados para se satisfazerem com nada menos do que o Eterno, jamais se satisfarão com o que é temporário.

Até aqui vimos que o dinheiro mal utilizado traz consigo, opressão e injustiça na sociedade (v.8-9), O dinheiro proporciona a compra de muitos bens, exige mais e mais pessoas para administrá-lo, e para mantê-las fica caro e atrai todo tipo de parasitas que se beneficiam do alheio e trazem problemas (v.11), traz um sono perturbado pelas preocupações (v.12), e a prosperidade que o dinheiro traz é transitória (v.13-17). Estamos viajando rumo à eternidade, e, por isso mesmo, deveríamos caminhar com pouca bagagem.

Os v.18-20 são tanto uma conclusão desse capítulo quanto uma ponte, uma transição para o próximo capítulo, contrastando uma coisa boa e bela que ele viu (5.18) com algo mal que ele viu neste mundo (6.1). E qual é a conclusão a que o Pregador chegou?

Desfrutar em vez de acumular (v.18-20)

Anteriormente, em 2.24-26 e em 3.22 Salomão já havia chegado a essa conclusão. Agora, ele a repete ampliando-a um pouco mais. Desfrutar diariamente daquilo que Deus nos concede, como uma refeição com sua família, uma pausa para um sorvete no trajeto de um lugar a outro atendendo a um compromisso, ou um café com um amigo ou um irmão, ou a compra de um bem, ou uma viagem de férias para descansar, enfim, qualquer coisa que podemos adquirir com o dinheiro que ganhamos, deve ser desfrutada com alegria em nosso coração em vez ficarmos agitados querendo mais e mais dinheiro para adquirirmos ou fazermos algo que com o dinheiro que temos no momento não seja suficiente. Daí caímos na armadilha do nosso coração ganancioso que nos diz que devemos sair em busca de mais dinheiro.

“Eis o que eu vi: boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção” (v.18). A conclusão a que Salomão chegou (**“Eis o que eu vi”**) foi que **qualquer alegria nesta vida deve ser vista como uma dádiva de Deus**. Por isso ele descreve tal coisa como **“boa e bela”** (טֹב וְאֶשְׂרֵיפָהּ – *adequado para um fim e agradável*). O adjetivo **“bela”**, no hebraico, indica algo mais do que a beleza na aparência física, podendo também referir-se aos atributos de Deus. **Tudo o que Deus faz é bom e belo, ou seja, de conformidade com Seu caráter santo e puro**. Os simples atos de **“comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho”** árduo e extenuante **“debaixo do sol”**, deve ser aproveitado e desfrutado deliciosamente, em vez de ficar angustiado e frustrado correndo atrás de mais dinheiro na ilusão de que com mais dinheiro, mais alegrias terá. Se o homem entender que, viva ele poucos ou muitos anos, os mesmos serão **“poucos dias da vida”** que Deus lhe deu, compreenderá uma verdade preciosa: **“a sua porção” dada por Deus deve desfrutada e saboreada momento a momento, um dia de cada vez**. Veja o que diz o próximo versículo.

“Quanto ao homem a quem Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer, e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus” (v.19). De Deus recebemos não só a capacitação para adquirirmos dinheiro para nossa manutenção, mas, também recebemos a capacitação para desfrutarmos de tudo o que Ele nos dá. Tão triste quanto

passar fome e não ter o que comer, é estar diante de uma mesa farta e não ter apetite por causa de um câncer ou uma úlcera no estômago. Coisa boa e bela é saborearmos de uma mesa simples e modesta como se fosse um banquete farto, com as mais variadas iguarias. Coisa boa e bela é ver um crente usando com sabedoria o dinheiro adquirido sem se entregar à avareza, cobiça e ganância guardando cada centavo de forma idólatra, ou sem desperdiçá-lo enterrando-se em dívidas comprando coisas supérfluas e inúteis, mas, em vez disso, ele age com responsabilidade, com generosidade e frugalidade, e, após ter feito tudo isso, traz em seu rosto o sorriso de um coração satisfeito em ser canal de bênção na vida dos outros, reconhecendo que **“isto é dom de Deus”**.

O antídoto contra a insatisfação do dinheiro que se deseja ter é a gratidão a Deus. Um coração que reconhece o cuidado de Deus a cada momento de sua vida curta, desfrutará com alegria do que Deus lhe deu e não se escravizará ao desejo de ter mais e mais dinheiro **“Porque não se lembrará muito dos dias da sua vida, porquanto Deus lhe enche o coração de alegria”** (v.20), ou seja, não viverá seus dias preocupado e angustiado em adquirir mais dinheiro porque Deus enche o seu coração de alegria. **Dessa forma, até a gratidão de um coração é vista como uma dádiva de Deus.**

Philip Ryken faz a seguinte afirmação: *“Essa profunda descoberta nos ajuda a obter uma visão equilibrada dos nossos bens terrenos. O mundo criado por Deus está repleto de muitas e ricas dádivas, mas o poder para desfrutá-las não está nas dádivas em si. É por isso que sempre é inútil adorar as dádivas no lugar do Doador. A capacidade de desfrutar riqueza, família, amizades, comida, trabalho, sexo ou qualquer outra dádiva vem exclusivamente de Deus”* (RYKEN, 2017, p.239).

Aplicação v.18-20

Convido você a avaliar seu coração diante de Deus agora. Você tem em Deus toda a felicidade e satisfação que seu coração precisa, ou no lugar Dele você colocou o dinheiro? Você está como aquele coração descrito como o solo cheio de espinhos que mesmo apresentando algum fruto espiritual, tem priorizado ter mais e mais dinheiro nessa vida, esquecendo-se da vontade de Deus para você de busca-Lo e ter Nele a plena satisfação do seu coração?

Não estenda suas mãos ao dinheiro. Apenas trabalhe todos os dias, um dia de cada vez, e o resultado de seu trabalho será trazido por Deus. Não fique esperando o dia do pagamento para ficar alegre; alegre-se a cada dia nas simples coisas dessa vida, porque todas as coisas, quer sejam simples, quer sejam grandiosas, vêm das mãos de Deus, e tudo o que Ele faz é bom e belo.

Exercite a gratidão a Deus em seu coração por cada coisa que Ele lhe der, em cada situação que Ele permitir você passar. A gratidão tornará sua vida mais leve, mais suave, mais prazerosa. O coração que está cheio de gratidão não tem espaço para a insatisfação porque compreende que tudo o que tem recebido de Deus é por graça e misericórdia.

Walter Kaiser afirma (KAISER, 2015, p.129):

Quão triste é os mortais gastarem todos os seus dias trabalhando e suando para receber o gozo que Deus oferece como um dom, se apenas as pessoas o buscassem da

maneira que ele, em seu plano excelente e belo, escolheu dá-lo. A felicidade, o gozo, o prazer e o conhecimento de como toda a essência da vida está integrada num padrão significativo no plano de Deus estão todos ligados no Deus vivo. Conhecer a “eternidade” de todas as coisas, se podemos reformular Jo 17.3, é “conhecê-lo”.

Quando o seu coração estiver cheio de gratidão a Deus, quando o louvor a ele extravasar em seus lábios, então O louve porque até essa gratidão e louvor a Ele, são dádivas Dele para você, porque louvá-Lo é a maior e mais sublime de todas as atividades nesta vida. Essa capacidade dada por Deus de desfrutarmos das coisas que conquistamos continua sendo o assunto do próximo capítulo.

Vejamos agora, o último dos assuntos que ocupam a nossa vida “**debaixo do sol**”. Em 5.18-20, *Kohelet* destacou que de Deus recebemos os bens materiais e a capacidade de desfrutarmos de tudo o que conquistamos com nosso trabalho. A quantia de bens varia de uma pessoa para outra; há os que têm muito, há os que têm pouco. Porém, quando se tem a alegria que Deus dá ao coração, quer tenha pouco ou muito, a vida é prazerosa e feliz, porque há contentamento no coração.

Mas, em 6.1-12, Salomão apesar de ainda continuar afirmando que é Deus que dá às pessoas a prosperidade e riquezas materiais, ele agora trata daqueles casos em que Deus não dá às pessoas a capacidade de desfrutar dessas coisas. Daí somos levados a refletir sobre:

7) Quando ter bens não faz bem, 6.1-12

Philip Ryken afirma que **Ec 6** “*é um dos capítulos mais sombrios da Bíblia*” (RYKEN, 2017, p.245), pois neste capítulo, Salomão aborda questões que intrigam até mesmo os mais piedosos corações. Os questionamentos que ele apresenta aqui só Deus pode responder, e que quase sempre não responde, pelo fato de que Ele é Deus e não deve satisfação a ninguém a respeito das coisas que Ele faz. Pior do que ter questionamentos que só uma pessoa pode responder, é essa pessoa não ser obrigada a nos responder, e assim ficarmos inquietos ainda mais com os nossos pensamentos, não é mesmo?

Podemos dar o seguinte título para este capítulo: **quando ter bens não faz bem**. Salomão descreve três situações em que ter bens não faz bem. Em primeiro lugar, quando mesmo tendo tantos bens, não temos o bem maior que é a alegria que Deus dá ao nosso coração (v.1-6); em segundo, lugar, quando nossos desejos e apetites são insaciáveis, e por isso, não temos satisfação alguma (v.7-9); e em terceiro lugar, quando vivemos tão presos a esta vida e perdemos a perspectiva do que é eterno (v.10-12).

Ter bens materiais não faz bem **quando nos falta a alegria de Deus** (v.1-6). Quando não temos a alegria de Deus resultante da capacitação que Ele próprio nos dá de desfrutarmos

das coisas que Ele nos proporcionou, não temos o próprio Deus, ou seja, não estamos desfrutando do próprio Deus. **Todas as dádivas de Deus para nosso deleite são para que O conheçamos mais e mais e nos deleitemos Nele. As bênçãos de Deus não são um fim em si mesmas; são meios que contribuem para um fim, o de conhecermos a Deus deleitando-nos Nele.**

Salomão começa dizendo: **“Há um mal que vi debaixo do sol e que pesa sobre os homens”**. Esta é a terceira vez que ele afirma ter constatado um **“mal”** (cf. 5.13,16). Um mal que está debaixo do sol e sobre as nossas cabeças. O substantivo מַל (mal) pode significar *mal, ferida, maldade, perversidade, desastre, miséria*. Qualquer uma dessas palavras é apropriada ao sentido do texto aqui, pois, Salomão tem em vista aqui **“o homem a quem Deus conferiu riquezas, bens e honra, e nada lhe falta de tudo quanto a sua alma deseja, mas Deus não lhe concede que disso coma; antes, o estranho o come; também isto é vaidade e grave aflição”** (v.1-2). Que vida infeliz a desse homem. Este homem é a descrição de um coração infeliz e sem paz. Ele tinha tudo aquilo que se considera necessário para uma vida plena e feliz. Deus lhe concedera **“riquezas, bens e honra”** (עוֹשֶׁר וְנִכְסִים וְכָבוֹד). As duas primeiras (עוֹשֶׁר וְנִכְסִים) estão relacionadas às posses, tanto de terras, gado, coisas materiais, como de recursos para adquiri-las. A terceira (וְכָבוֹד) pode ser traduzida por *esplendor, magnificência, glória*. Este homem tinha condições de comprar o que bem desejasse, bem como tinha o reconhecimento e o respeito das pessoas. Pode-se dizer que ele era valioso e valorizado. No entanto, ele se achava incapacitado de desfrutar de tudo isso. Salomão não descreve como era essa incapacitação, se era uma enfermidade, ou se a sua vida foi interrompida repentinamente não tendo tempo de aproveitar, ou talvez uma guerra ou uma crise econômica o impediu. **Aos olhos humanos limitados pela sua miséria espiritual, não havia nenhuma causa aparente; mas, aos olhos daqueles que, como Salomão, contemplam as realidades espirituais que envolvem a vida humana, fôra o próprio Deus quem o impedira de comer, beber, isto é, desfrutar de tudo o que ajuntara em sua vida.** Para piorar a situação, outra pessoa é que haveria de desfrutar de todos os seus bens, e pior, seria um **“estranho”** (נִכְרִי), alguém que não tinha nenhum parentesco com ele. Nada poderia ser mais desonroso a um judeu daqueles dias do que morrer sem ter descendência.

“também isto é vaidade e grave aflição”. Algumas versões trazem *“também isto é vaidade e má enfermidade”* (ACF e ARC). Da mesma forma que ele inicia o v.1 ele encerra o v.2, um mal, uma enfermidade. Na verdade, a riqueza dada por Deus sem a capacidade de desfrutá-la dada pelo próprio Deus é como uma doença (וְהָלָה) terrível.

Mas, e se ao invés de um estranho desfrutando de seus bens, ele tivesse gerado uns **“cem filhos”** e em vez de uma vida curta tivesse vivido **“muitos anos, até avançada idade”**, isso solucionaria o seu problema? Não! Porque o problema dele não estava na quantidade do que ele tinha (filhos, anos, bens e riquezas), mas, no que ele não tinha, a saber **“a sua alma não se fartar do bem”**, ou seja, **ele não encontrava satisfação alguma nesta vida.**

Vemos aqui duas coisas consideradas grandes bênçãos, sinais do favor especial de Deus: recursos abundantes e uma grande família. Mas no caso desse homem, sua família não o amava, pois quando morresse nem sequer seria pranteado. Ao dizer que **“e além disso não tiver sepultura”**, Salomão aponta para o fato de que em vida, este homem teve honras; mas, quando olhava para a sua morte, não tinha esperança de sequer ter um enterro digno.

Então Salomão faz uma comparação terrível: **“digo que um aborto é mais feliz do que ele; pois debalde vem o aborto e em trevas se vai, e de trevas se cobre o seu nome; não viu**

o sol, nada conhece” (v.3-4). A comparação que é feita com “um aborto” (לְנֶפֶשׁ – *fôlego de vida interrompido*) é emblemática. Nem sempre os israelitas daquela época davam nome a uma criança natimorta. Assim, ela não era lembrada. Acreditava-se que essa era uma forma de encorajar os pais a superarem sua tristeza mais rapidamente.

O que Salomão está dizendo aqui é que é melhor ser um aborto durante o parto do que abortar durante toda vida. É melhor não ver a luz do sol, e com ela todas as dores e mazelas desta vida, especialmente, a frustração de ter tudo o que se considera necessário para uma vida feliz, mas, não ter vida, vitalidade, saúde, condições físicas, emocionais e espirituais para desfrutar plenamente dessas coisas. É melhor não ser lembrado e nem ter um nome porque é um natimorto, do que ter seu nome lembrado como alguém infeliz que nem mesmo conseguiu desfrutar de algo do muito que conquistou. É curioso o fato de que de nem de um nem do outro é dito o nome. Ambos caem no esquecimento. É isto o que Salomão quis dizer com: **“Todavia, tem mais descanso do que o outro, ainda que aquele vivesse duas vezes mil anos, mas não gozasse o bem”**. Um ser que teve sua existência interrompida no seu nascimento, tem muito mais vantagem do que alguém que pudesse viver **“duas vezes mil anos”** numa vida infeliz. Essa hipérbole que Salomão usa é para mostrar que longevidade cheia de tristeza, frustração e vazio, não é vantagem nenhuma sobre uma vida tão curta como a de um natimorto que sequer viu a luz do sol. A mensagem que Salomão quis deixar clara aqui é: por mais riquezas que uma pessoa tenha, se não puder desfrutá-las, seria melhor que nem houvesse nascido. **“Porventura, não vão todos para o mesmo lugar?”** (v.4-6), a morte vem para todos!

Aplicação v.1-6

Neemias disse: **“porque a alegria do SENHOR é a vossa força”** (Ne 10.2). Você diz o mesmo? A alegria que fortalece você e que está em seu coração é a alegria do SENHOR?

Sabe por que existem tantos que se dizem crentes, mas estão vivendo uma vida sem alegria? Porque estão colocando na criação as expectativas e esperanças que deveriam estar colocando somente no Criador. **O princípio básico que Salomão destaca aqui é que ninguém é capaz de gozar as dádivas de Deus sem o Deus que concede as dádivas. Desfrutar das dádivas de Deus sem Deus é idolatria, algo que aumentará ainda mais o vazio do coração da pessoa.**

Você será incapaz de desfrutar com alegria das dádivas do Criador sem Ele. Não fique planejando viver feliz; viva feliz agora! Como isso é possível? Sendo grato a Deus.

Sem Deus, seus bens serão estorvos e pesos sobre seus ombros; mesmo tendo uma grande família, você não verá e nem sentirá o amor de ninguém.

O dom da verdadeira alegria vem de Deus, e não pode ser encontrado em lugar algum fora Dele e em nenhuma outra pessoa.

Outra situação em que ter bens não faz bem é **quando somos insaciáveis em nossos apetites** (v.7-9). Por “apetites” quero dizer “necessidades lícitas” que se tornam “desejos incontrolláveis”. Temos vários tipos de apetites. Sempre temos apetite para mais. A capacidade de desfrutar a vida vem de dentro do ser. É uma questão de caráter, não de circunstâncias. **“Porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação”**, Paulo escreve aos filipenses (Fp 4.11). O

termo grego αὐτάρκης, traduzido por “**contente**”, transmite a ideia de “*completo, adequado, que não precisa de coisa alguma de fora*”; é a postura de um coração sereno e em paz, que recebeu de Deus e tem dentro de si todos os recursos de que precisa para encarar a vida com coragem e superar as dificuldades. “**Tudo posso naquele que me fortalece**” (Fp 4.13). Mas, quando não temos a alegria de Deus e a satisfação Nele, nada do que pudermos adquirir nos saciará.

“**Todo trabalho do homem é para a sua boca; e, contudo, nunca se satisfaz o seu apetite**” (v.7). Aqui o *Kohelet* nos diz o que acontece quando alimentamos esses apetites insaciáveis: ficamos como fome de novo; os mesmos desejos voltam dia após dia. “*Nós nos alimentamos para ter forças para o trabalho, para ganhar o nosso pão de cada dia, que então comemos para ter forças para voltar ao trabalho no dia seguinte, e assim continua, dia após dia*” (RYKEN, 2017, p. 251).

Talvez o apetite de uma pessoa seja por sabedoria e por conhecimento, coisas que em si mesmas boas e plausíveis. Quando Salomão diz: “**Pois que vantagem tem o sábio sobre o tolo?**” (v.8a), não está menosprezando a sabedoria (justo ele que também fala sobre ela!), mas sim, mostrando que tanto pessoas sábias, quanto as tolas também têm desejos insaciáveis que a vida não satisfaz plenamente. É o mesmo sentido da segunda frase desse versículo, “**Ou o pobre que sabe andar perante os vivos?**”. Um pobre que é sábio e prudente, que sabe se comportar perante os vivos, também luta contra desejos e apetites insaciáveis, dos quais, se ele perder o controle, se tornará um escravo. Um exemplo disso é a avareza e a cobiça que não são pecados exclusivos de quem é rico; pobres também lutam contra esses pecados.

Por isso então, Salomão conclui: “**Melhor é a vista dos olhos do que o andar ocioso da cobiça; também isto é vaidade e correr atrás do vento**” (v.9). O que ele está dizendo aqui é que devemos nos contentar e aproveitar o que temos em vez de desejarmos o que não temos; quanto menos nos contentarmos com o que temos e mais quisermos o que não temos, mais sem sentido será nossa vida. Philip Ryken afirma: “*Mas o desejo é um vagabundo, jamais satisfeito em ficar em casa, ele sempre sai para vagar pelo mundo (...) Nossos desejos estão sempre a caminho, mas nunca alcançam o destino. Este é o desejo da alma humana: vagar*” (RYKEN, 2017, p.251).

Aplicação v.7-9

Todos temos apetites. Existem apetites lícitos; existem os ilícitos também. Os apetites lícitos são necessidades que temos e precisam ser supridas. Mas, por causa do pecado que em nós ainda reside, essas necessidades reais, lícitas e saudáveis são transformadas em coisas pecaminosas quando elas passam a nos dominar. Por exemplo: a necessidade de comida se transforma em gula; a de descanso, em preguiça; a de dinheiro, em ganância e avareza; a de sexo, em lascívia e luxúria, etc.

Falando sobre essas necessidades do corpo, o apóstolo Paulo diz: “**Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas**” (1Co 6.12). Observe que ele está falando de coisas legais, porém inconvenientes, coisas que em si mesmas não são pecaminosas, e mesmo assim, nem todas eram convenientes, e por isso mesmo, ele não se deixaria levar pela legitimidade delas, pois, pela inconveniência delas ele ficaria dominado por elas.

Mais a diante em 1Co 10.23, ele vai dizer: “**Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam**”. Se na passagem anterior ele Paulo

focou no cuidado com seu próprio coração não se deixando escravizar por coisa alguma, mesma que fosse lícita, agora aponta para o aspecto comunitário, ou seja, ele está pensando no próximo, em como ser edificante para o seu irmão. Paulo afirma que mesmo coisas lícitas e não pecaminosas, se não forem edificantes, devem ser deixadas de lado. Coisas edificantes são aqueles que contribuem para o crescimento de cada um no amor bíblico. Se as coisas que fazemos em comunidade, como Igreja de Cristo não contribuem para o crescimento de todos em amor, tais coisas, mesmo que não sejam ilícitas, devem ser deixadas de lado.

Nosso apetite é insaciável enquanto ele não estiver submetido ao senhorio de Cristo. De nada adiantará você correr desesperadamente atrás do dinheiro e dos bens materiais e acumulá-los em seus cofres se você não submeter seu coração (a fonte dos seus desejos) a Jesus. Um coração submisso a Cristo, encontrará satisfação em tudo o que fizer e tiver, porque tudo o que fizer e tiver terá como objetivo a glória de Deus, e não motivos egoístas e egocêntricos.

Por fim, outra situação em que ter bens não faz bem é **quando vivemos sem a perspectiva do eterno (v.10-12)**. Esses versículos nos fazem olhar para o que é eterno, não só no aspecto da transitoriedade das coisas dessa vida, mas, principalmente no que diz respeito ao Deus Eterno que já determinou todas as coisas (deu-lhe nomes), **apontando assim para a Sua soberania e a providência que são verdades que acalmam o nosso coração diante das incertezas dessa vida**. Crer em Deus sabendo que Ele tem tudo sob controle, e tudo cumpre o propósito Dele, é refrigério para o nosso coração.

Estes versículos estão no meio do livro do Eclesiastes, e ainda aqui, Salomão está às voltas com as mesmas questões do início do livro: nada há novo debaixo do sol. **“A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome, e sabe-se o que é o homem, e que não pode contender com quem é mais forte do que ele” (v.10)**. A versão deste versículo na BKJ fica assim: *“Aquele que existe já foi nomeado, e sabe-se que é homem, e ele não pode contender com o que é mais forte do que ele”*. A NVT, por sua vez, traz assim: *“Tudo já foi decidido; sabia-se há muito tempo o que cada pessoa seria. Portanto, não adianta discutir com Deus sobre nosso destino”*. Tudo e todos que existem, foram trazidos à existência por determinação divina. **Não há um só ser neste universo, quer seja espiritual, ou humano, animal ou planta que veio à existência sem ter sido determinado por Deus. Também, não há fato, circunstância, situação e acontecimento, que ocorra à parte da vontade de Deus.** Mas, se o coração ficar infeliz com a situação atual? Fará algum sentido discutir com Deus sobre isso? Não seria imprudência e insensatez **“contender com quem é mais forte do que ele”**.

O coração que não se rende à soberana vontade de Deus e nem vê cada coisa em sua vida como dirigida e submetida à Sua poderosa mão, viverá inquieto, fazendo questionamentos inúteis e, por isso mesmo, viverá insatisfeito. Salomão continua: **“É certo que há muitas coisas que só aumentam a vaidade, mas que aproveita isto ao homem?” (v.11)**. O substantivo “coisas”, em hebraico é דְּבָרִים *“palavras”* e deve ser assim traduzido por estar em conexão com o versículo anterior. Muitas palavras contestando e contendendo com o Criador sobre os acontecimentos desta vida, não passam de coisas **“que só aumentam a vaidade”**, ou seja, coisas sem nenhum valor, vazias, sem consistência.

“Precisamos conhecer os nossos limites, e um dos nossos limites é que não possuímos sabedoria para ganhar de Deus numa discussão. Não importa o que se diga, dizendo a Deus que ele deveria fazer isso ou aquilo, nossas palavras nunca conseguirão mudar o seu sábio plano para governar o universo” (RYKEN, 2017, p.254).

Quanto mais multiplicamos nossas palavras contestando Deus, tanto mais aumentamos nossa iniquidade, e mais inútil será. Devemos nos lembrar do que disse o apóstolo Paulo: **“Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?” (Rm 9.20).**

Aplicação v.10-11

Às vezes, as pessoas tentam discutir com Deus – como Jó, por exemplo – mas normalmente se arrependem disso mais tarde. Após Deus lhe responder, Jó teve de confessar: **“Na verdade, falei do que não entendia... Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42.3,6).**

Uma das verdades mais importantes que devemos aprender em nossa caminhada da Fé é que Deus não nos chamou para nos dar satisfações das coisas que Ele faz. Ele também não nos chamou para dar explicações sobre o que Ele faz com as nossas vidas. O chamado Dele para nós é para confiarmos Nele, e isto quer dizer confiar em Sua sabedoria, direção e poder. Ele sabe o que faz; Ele não erra; Ele não fracassa; Ele não tem reparos a fazer em Seus planos. Tudo Nele é perfeito. Haverá questionamentos que faremos por não entendermos o que está acontecendo. Esses questionamentos devem ser reverentes e piedosos com o objetivo de buscarmos a compreensão da vontade de Deus para nós, e não devem ser atos irreverentes e rebeldes contestando a Sua santa vontade. Isso é loucura, insensatez, pois, como podem míseros mortais contenderem com Aquele que é o Todo-Poderoso?

Tudo já foi determinado por Deus. O nosso empenho deve ser somente para conhecermos a vontade Dele a fim de executá-la. Se em cada momento estivermos focados em fazer tudo de acordo com a Palavra de Deus, não pecaremos, e assim, faremos tudo de acordo com a vontade Dele.

Quando os caminhos pelos quais Ele nos conduzir nos trouxerem sofrimentos e dor, confiemos Nele, pois, como disse o profeta Oseias: **“Vinde, e tornemos para o SENHOR, porque ele nos despedaçou e nos sarará; fez a ferida e a ligará” (Os 6.1).**

Salomão também lança mão de perguntas retóricas ao encerrar este capítulo. Essas são perguntas referentes à vida e à morte.

A primeira: **“Pois quem sabe o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida de vaidade, os quais gasta como sombra? (v.12a).** Quem de nós, nesta breve vida sabe qual a melhor forma passar os dias? Qual dentre os mortais é suficientemente sábio para dizer qual é a melhor forma de viver? Olhando para essa vida, tem-se uma certeza: ela não só é passageira, mas, também curta. A vida é curta, mesmo quando é longa, basta perguntar a uma pessoa com mais de 90 anos se a vida demorou a passar, ou foi tão veloz como a sombra de uma nuvem. **A morte vem, talvez mais tarde do que pensamos, mas, certamente, mais cedo do que desejamos. Então qual é a forma sábia de se viver? E a resposta é: olhando para o Deus Eterno.**

Salomão começou este capítulo falando sobre um terrível mal que ele constatou debaixo do sol. Agora, encerra este capítulo fazendo-nos olhar para o eterno Bem, o *Summum Bonum* que está acima do sol, o Deus Eterno. A sua segunda pergunta: **“Quem pode declarar ao homem o que será depois dele debaixo do sol?” (v.12b)**, tem resposta, uma única resposta; somente uma pessoa pode ser esse alguém que pode declarar ao homem o que será e virá depois que ele partir dessa vida: Deus.

Muitos dizem que a vida leva a nada, e que cada pretensão contrária é ilusão. Mas, não conseguem provar sua posição. Nós, crentes em Cristo Jesus, cremos em Sua Palavra. Ele disse que estaria na glória preparando-nos um lugar para que onde Ele está, estejamos como Ele (cf. Jo 14.2). A única certeza que os ímpios não têm, é a única que os crentes têm.

Aplicação v.11-12

Entenda isso: (1) Deus é a fonte da sabedoria, e, (2) o coração humano é desorientado por causa do pecado e precisa da orientação divina. Quando você busca a sabedoria humana para responder a questionamentos do seu coração, ou para encontrar direcionamento em meio às dúvidas e incertezas desta vida, está entregando o seu coração a alguém que, como você, não sabe qual direção seguir. **Você poderá até encontrar uma ou outra orientação que lhe será útil de alguma forma para essa vida, mas, para a principal questão da sua vida, a saber, a eternidade, nenhuma filosofia humana tem a resposta além da que Deus lhe dá em Sua Palavra.**

Agora, reflita comigo: se a Palavra de Deus tem as respostas para as questões que são da eternidade, respostas estas que ninguém mais tem, por que então as respostas que ela nos dá em relação às coisas desta vida seriam desprezadas por nós e substituídas filosofias humanas? Há algo mais perverso e ímpio do que isso? Até mesmo o argumento da “Graça Comum” torna-se algo perigoso que desvia o nosso coração da Verdade, pois, se cremos que ímpios podem receber a iluminação de Deus para nos darem orientações certas (como pensam os integracionistas adeptos da Psicologia, Psicanálise, Psiquiatria, etc.), então somos obrigados a crer que há algo que se equipara à incomparável e inigualável Palavra de Deus.

Quando Deus e Sua Palavra forem o maior bem do seu coração, você viverá contente com tudo o que Ele lhe conceder, sem se apegar a essas coisas, mas colocando seu coração lá no céu, na Glória Eterna, onde Cristo o aguarda. Enquanto isso, seus passos serão dados sob a luz da Palavra de Deus, seu coração será pastoreado e dirigido por ela, bem diferente daqueles que desprezam a Palavra de Deus e buscam a sabedoria louca dos homens.

Os próximos capítulos, **Ec 7 – 8**, continuam a discussão do problema que vem sendo apresentado desde o **Ec 3**, a saber, todas as coisas nesta vida (**“debaixo do sol”**) só podem ser compreendidas se estiverem conectadas a Deus, que está acima do sol.

O capítulo anterior terminou com uma pergunta que aponta para Deus (cf. 6.12). Só Ele pode dizer o que há de acontecer. Ninguém mais, além de Deus, pode saber e muito menos declarar o que o futuro trará a cada um de nós. Essa verdade expõe a nossa limitação, fragilidade, incompetência e a total necessidade que temos de orientação. A prática do aconselhamento se faz necessária porque nosso coração é desorientado e é confuso por natureza. Precisamos de

orientação, mas, não de qualquer orientação. Tem que ser a orientação correta, e esta, só é possível ser encontrada na Palavra de Deus. Qualquer outra orientação que recebermos, ainda que nos traga algum benefício, este será temporário. Somente a Palavra de Deus tem para nós a orientação que não somente será segura para essa vida como o será para toda a eternidade.

O assunto que veremos em Ec 7 – 8 será: **a importância do conhecimento de Deus**. É importante que busquemos o conhecimento de Deus para:

8) Compreendermos o que é melhor, 7.1-10

Uma palavra que se repete 9 vezes nos v.1-11 é o adjetivo טוב que aqui é traduzido por “**melhor**” no sentido de *bom, agradável, amável, excelente*. Salomão já usara desse expediente em Ec 4.6, 9 e 13; 5.5.

Algo que fazemos todos os dias é comparar e escolher a melhor das opções à nossa frente. Se vamos à feira, escolhemos as melhores frutas e verduras de conformidade com critérios tais como preço, qualidade, e se estão adequadas para o consumo imediato. Se vamos tomar uma decisão, escolhemos aquilo que melhor atenda aos nossos interesses. Se vamos vestir uma roupa, escolhemos a que melhor se adequa à atividade que iremos fazer. Se vamos fazer um serviço em nossa casa, usamos as ferramentas com as quais melhor desempenharemos o trabalho.

Porém, ao falar “*do que é melhor*”, as opções que Salomão nos apresenta, parecem não ser as melhores, porque não são as mais agradáveis, pelo menos não conforme estamos acostumados a ver as coisas. O adjetivo טוב funciona aqui como um “cabide” no qual ele pendura uma série de provérbios que comparam várias coisas entre si. **O objetivo de Salomão ao fazer essas comparações é mostrar quais coisas melhor nos ensinam a viver sabiamente.**

O *Kohélet* começa dizendo: “**Melhor é a boa fama do que o unguento precioso**” (v.1a). Naquelas regiões empoeiradas e áridas, óleos e perfumes eram valiosos não somente pela fragrância agradável que tinha, mas, também pela sensação de alívio que davam (cf. Sl 133). Tais substâncias eram muito caras (cf. Mt 26.7-9). Salomão então afirma que melhor, muito mais agradável e proveitoso do que um perfume caríssimo, é um bom nome, uma boa reputação; melhor do que apresentar-se cheiroso e perfumado, é ter uma reputação ilibada resultante de um caráter exemplar.

Aplicação v.1a

Philip Ryken faz alguns apontamentos esclarecedores aqui (RYKEN, 2017, p. 261):

“Considere, portanto, o tipo de nome que você está criando para si mesmo. Quando as pessoas pensam em você, quais os traços de seu caráter que lhes vêm à mente? Trata-se de qualidades de Cristo? Para dar alguns exemplos: Você é mais conhecido por ser uma pessoa alegre ou por ter um espírito crítico? Você é conhecido por sempre falar a verdade absoluta ou por inventar histórias difíceis de acreditar? Você é generoso com o que tem ou você tende a ser pão-duro? Caráter é como você vive, e mais cedo ou mais tarde você será

conhecido pelo caráter que você cultiva. Cultive um bom nome – não para si mesmo, mas para Jesus”.

Como crentes consideremos as palavras de Paulo: **“Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem”** (2Co 2.15). O perfume que devemos trazer em nossas vidas é a vida de Cristo em nós, edificando os salvos e repelindo os ímpios.

A primeira parte do v.1 nos prepara para o que será dito sobre a vida e a morte. Assim como a boa reputação é mais proveitosa do que perfumes caríssimos, **“e o dia da morte, melhor do que o dia do nascimento”**. A vida pode apresentar-se tão dura e amarga que a morte pode parecer ser um alívio. Em Ec 6 vimos como a vida de uma pessoa pode ser desesperadamente amarga e sofrida mesmo estando cercada de muitos bens materiais. No hebraico há um jogo das palavras **“nome”** (נֶפֶשׁ) e **“unguento”** (נִיחֹיִם) que rimam entre si. **O que Salomão quis aqui mostrar é o contraste entre dois dias importantes:** o dia em que recebemos o nosso nome (o dia do nascimento), e o dia em que deixamos o nosso nome e tudo o mais que temos (o dia da morte). *“A vida que transcorre entre esses dois acontecimentos determina se esse nome deixará para trás um aroma agradável ou um mal cheiro insuportável”* (WIERSEBE, 2010, vol.3, p. 486).

Aplicação v.1b

Porém, a morte só será um alívio para aqueles que partiram desse mundo para a glória eterna com Cristo. Do contrário, se alguém viveu como ímpio e morreu em sua impiedade, a eternidade lhe será de sofrimento eterno, infinitamente pior do que qualquer sofrimento que teve nesta vida. Dídimo, o Cego, comentando este versículo disse que o dia da morte para o cristão é melhor porque é o fim de todo mal. Algo muito semelhante Paulo disse aos Filipenses: **“Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constringido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne”** (Fp 1.21-24).

O que v.1b está dizendo aponta para o que é dito no v.2. Por que o dia da morte é melhor, mais proveitoso, do que o dia do nascimento? Por que **“Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete”** (v.2a)? Paradoxalmente, a morte tem mais a nos ensinar sobre a vida, do que a própria vida. Funerais não são divertidos como é uma festa de aniversário. Na casa onde está acontecendo um funeral **“...se vê o fim de todos os homens”**. Ao olharmos um cadáver em seu caixão, somos levados a pensar sobre o fato de que um dia será a nossa vez de estarmos ali. Ninguém escapará da morte, exceto os que estiverem vivos no dia da volta de Cristo para buscar a Sua Igreja. A morte é o fim dessa vida; é o último acontecimento da nossa existência neste mundo; é um evento intransferível, insubstituível, inadiável. É o fim. Ir a um funeral é melhor no sentido de que ali somos ensinados a ser sábios na forma como vivemos, e, assim, nos prepararmos para morrer; ali somos lembrados de forma bem clara, haveremos de ajustar contas com Deus.

Um modo de viver sabiamente é se preparar todos os dias para o dia da morte. Daí a advertência: **“e os vivos que o tomem em consideração”**. Por não conseguirem se livrar da morte, as pessoas preferem nega-la e ignorá-la. Porém, ao se depararem com um funeral, as pessoas são obrigadas a considerar. No hebraico, a expressão לִבְנֵי אָדָם que a ARA traduz por **“tomem em consideração”**, literalmente é *“tragam isso no coração”*, *“pensem nisso seriamente o tempo todo”*.

Num banquete ou numa festa, ninguém pensa no dia da sua morte. Todos querem celebrar, festejar e rir, porém: **“Melhor é a mágoa do que o riso”** (v.3a). O substantivo מַעֲזָה que aqui foi traduzido por **“mágoa”** tem o sentido de *“aflição”*. Essas palavras devem ser entendidas em referência à morte. Irmos à casa onde há luto, seremos tomados pela tristeza, pela dor, pela perda, e isso causará em nós aflição. Isso não nos fará mais felizes, não arrancará de nós o riso como seria num banquete ou numa festa, mas, certamente nos fará mais sóbrios e sensatos. **A dor é mais eficiente que a alegria em nos amadurecer**. É isso que Salomão quis dizer com **“porque com a tristeza do rosto se faz melhor o coração. O coração dos sábios está na casa do luto, mas o dos insensatos, na casa da alegria”** (v.3b-4). O substantivo לֵב *“coração”*, é o mesmo do v.2 e que é repetido no final do v.3 e início do v.4, apontando o *“ser interior”*, ou seja, quem somos de fato. Salomão não está salientando aqui a felicidade, mas, a sanidade do coração.

Quando o Pregador diz que **“o coração dos sábios está na casa do luto, mas o dos insensatos, na casa da alegria”** (v.4), quer dizer que uma pessoa sábia pensa na morte com frequência, enquanto um tolo só pensa em se divertir. Somos a geração do entretenimento. Já observou como temos tanta coisa para nos entreter e divertir? Fala-se até na tal *“indústria do entretenimento”*. Somos incentivados a aproveitarmos ao máximo as nossas vidas divertindo-nos o tempo todo. Não há nada de errado em termos momentos de diversão; o próprio Deus nos concede momentos de alegria e folga. O problema está em buscarmos isso o tempo todo e fazermos da diversão o grande objetivo da nossa vida. Isso é coisa de gente imatura que não teme a Deus (חֲסִידֵי – *insensato, tolo, estulto*). Quanto mais barulho, mais risadas e mais distrações, menos se pensa na morte. Mas um coração sábio está sempre considerando a morte, não porque a deseja, mas, porque sabe que ela é inevitável, e para esse dia deve se preparar.

Aplicação 2-4

Quando estamos diante do corpo morto de uma pessoa querida, refletimos sobre várias verdades, tais como a brevidade da vida, a fragilidade do ser humano – coisas microscópicas como uma bactéria ou um vírus podem levar-nos a óbito. Diante de um caixão somos obrigados a encarar o fato de que não temos controle algum sobre a vida e a morte, pois, tal controle está nas mãos de Deus. Somos levados a considerar o fato de que a morte põe fim à nossa breve e rápida existência neste mundo, e abre as portas da eternidade para nós.

Na casa onde há luto temos a oportunidade de chorar com os que choram (cf. Rm 12.15), nos permitindo assim, compartilharmos da dor do próximo, tal como o Senhor Jesus diante do túmulo de Lázaro, Seu amigo (cf. Jo 11.35). A dor que sentimos diante da morte pode ser um meio de amadurecimento e aperfeiçoamento para o nosso coração dependendo da forma como encaramos a morte.

Pais de filhos pequenos devem expô-los a funerais para aprenderem sobre a morte desde cedo. As crianças precisam ser alertadas para o fato de que a morte vem para todos,

e às vezes, muito cedo. A estultícia é característica da criança e ela precisa ser guiada em sabedoria o quanto antes.

Não evite pensar na morte. Antes, prepare-se para esse dia, e a única maneira eficaz de se preparar para ele é vivendo cada momento da sua vida para a glória de Deus, apartando-se do pecado, depositando toda a sua confiança e esperança na Palavra de Deus, olhando para a dor e o sofrimento não como inimigos, mas, como ferramentas que Deus usa para lapidar o seu caráter e fazê-lo mais parecido com o Senhor Jesus (cf. **Rm 8.28-30**), pois, nos céus são entram os que tiveram seu caráter moldado ao de Cristo. Entre estar com os que choram num luto ou entre os que estão festejando alegres, prefira os primeiros, pois tanto você será um instrumento de consolo quanto será aperfeiçoado em vários sentidos.

“Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que ouvir a canção do insensato” (v.5). A palavra **“repreensão”** (נִפְעָרָה) tem o sentido de *reprovação*. Logo, Salomão está falando aqui daquelas situações em que cometemos algum erro ou pecado, e então Deus levanta um servo Dele, que é sábio (חָכָם – *prudente, hábil, perspicaz, instruído*) para nos repreender, apontar o nosso erro, e chamar a nossa atenção para o que é certo. Por mais que isso nos machuque, é incomparavelmente melhor do que ser bajulado pelo insensato. A palavra **“canção”** (שִׁיר) significa também *elogio*. O sentido aqui não é apenas de uma palavra agradável, não ofensiva, que não confronta, mas, principalmente, uma palavra que massageia o ego. Um exemplo de uma **“canção do insensato”** em nossos dias é a educação construtivista e positivista na qual uma criança não pode ser repreendida ou corrigida, pois, crê-se com isso que ela será afetada em seu caráter de forma negativa que irá atrapalhar seu desenvolvimento. Mas, a Bíblia é clara: **“A vara e a disciplina dão sabedoria, mas a criança entregue a si mesma vem a envergonhar a sua mãe” (Pv 29.15).**

O Pregador então dá mais uma razão pela qual devemos nos apegar à repreensão do sábio por mais amarga que ela seja, e nos afastarmos dos elogios do insensato por mais que eles soem como suaves canções aos nossos ouvidos: **“Pois, qual o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela, tal é a risada do insensato; também isto é vaidade” (v.6).** No hebraico, temos um jogo com as palavras **“espinhos”** (סִיּוּרִים) e **“panela”** (פֶּלֶי), cuja pronúncia é muito parecida tal como acontece com nossos ditados populares nos quais fazemos rimas. O objetivo de Salomão aqui ao empregar essas figuras de linguagem é mostrar não só a inconveniência das risadas de um tolo (um som ruidoso como o de espinhos no fogo), mas, principalmente, a efêmera alegria do tolo. Tal como um fogo abastecido por espinhos acaba rápido, assim é a alegria do insensato. Como se diz, é *“um fogo de palha”*. Daí a repetida conclusão de Salomão: **“também isto é vaidade”**, ou seja, vazio e inútil.

Aplicação v.5-6

Como você lida com a repreensão? Você a recebe com humildade reconhecendo que mereceu ser repreendido, ou você não admite ser repreendido? A forma como você lida com a repreensão revela quem você é de fato – um crente humilde, ou um hipócrita arrogante.

Alguém que se importa o bastante para confrontar você, lhe dirá que precisa levar a sério a vida e a morte. Ouvir a crítica edificante de um amigo piedoso pode salvar a sua

alma. Pessoas sábias lhe dirão todas as coisas que Eclesiastes ensina. Elas dirão que viver pelo prazer e pelo trabalho por lucro egoísta é correr atrás do vento. Elas dirão que Deus tem um tempo para tudo, inclusive um tempo para o nascimento e para a morte. Também dirão que é melhor ser ferido com o agulhão de uma repreensão sábia que o levará à alegria eterna, do que ser aplaudido por insensatos cuja alegria é como fogo de palha, e que culminará no fogo do inferno.

Ser sábio implica também em buscar lugares onde você receberá repreensão sábia, em vez de buscar lugares de algazarra e baderna que só servem para distraí-lo e desviá-lo da questão mais séria e grave da sua vida: onde você vai passar a eternidade?

A sabedoria adquirida através da repreensão dada pelo sábio nos faz **ver a realidade sobre o nosso coração: “Verdadeiramente, a opressão faz endoidecer até o sábio, e o suborno corrompe o coração” (v.7)**. Este versículo deve ser entendido à luz do Sl 125.3 diz: **“O cetro dos ímpios não permanecerá sobre a sorte dos justos, para que o justo não estenda a mão à iniquidade”**. Se um sábio for exposto à opressão por muito tempo, é provável que ele sucumba. Ver alguém que foi posto numa posição de autoridade usar dessa posição para oprimir àqueles por quem deveriam estar fazendo justiça, pode levar à ira até mesmo um coração sábio. Se Deus não sustentar com Sua graça esse coração, por mais sábio que seja, poderá sucumbir à ira, e não será difícil esse coração sábio adotar práticas e meios corrompidos (como o suborno) para fazer justiça com as próprias mãos.

Essa é uma dura verdade sobre o nosso coração: por mais sábios, justos e piedosos que sejamos, devemos sempre trazer à memória o que a Palavra de Deus diz: **“Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10.12)**. Por mais que a nossa causa seja justa, se nos deixarmos levar pela ira, pecaremos contra Deus **“Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus” (Tg 1.20)**.

Aplicação v.7

A verdade encontrada neste versículo é uma dura realidade sobre o nosso coração. Mesmo tendo sido justificados por Cristo, mesmo tendo recebido o Seu perdão e a purificação dos nossos pecados, mesmo sendo novas criaturas em Cristo Jesus, se não for a misericórdia de Deus nos sustentando, podemos cair no pecado e cometermos as maiores iniquidades. Até mesmo nossos atos de justiça corrigindo atos de injustiça dos ímpios, podem ser contaminados pelo pecado e, assim, acabarmos pecando contra Deus.

Por tudo isso, precisamos exercitar a humildade, especialmente quando formos repreendidos. Deus está usando essa pessoa para nos trazer de volta à sensatez e para afastar-nos do pecado.

Precisamos da repreensão da Palavra de Deus, pois, com facilidade nos desviamos do caminho, perdemos o foco, especialmente quando olhamos ao nosso redor e vemos a injustiça e a maldade tendo sucesso, ainda que seja temporário. **Por isso, é melhor olhar para frente.**

Salomão diz: **“Melhor é o fim das coisas do que o seu princípio”** (v.8a). Ele está falando do resultado quando diz **“o fim das coisas”**. Muitas coisas, no seu começo, não são promissoras, mas, acabam de forma maravilhosa quando se tem a bênção de Deus. Os **“humildes começos”** (cf. **Zc 4.10**) são conduzidos por Deus a um final glorioso – olhe a manjedoura de Belém, passe pelo túmulo vazio em Jerusalém, e olhe para o Trono da Glória do nosso Senhor Jesus. Veja aquela boa obra que Deus começou em nosso coração de forma tão singela, a qual, certamente atingirá o seu ápice glorioso no dia da volta de Cristo (cf. **Fp 1.6**).

“...melhor é o paciente do que o arrogante. Não te apresses em irar-te, porque a ira se abriga no íntimo dos insensatos” (v.8b-9). Esses versículos repetem o que foi dito no v.7 e devem ser interpretados à luz de outras partes das Escrituras Sagradas, como por exemplo, o **Sl 73**. Ali o salmista começa falando do caráter de Deus declarando a bondade do Senhor (v.1). Ele então prossegue mostrando que ele se deixou consumir pelo pecado da inveja que tinha dos ímpios para os quais tudo parecia favorável a despeito de suas iniquidades (v.2-11). Seu coração ficou tão amargurado que ele até chegou a questionar se havia alguma vantagem em servir a Deus (v.12-16). Porém, quando ele entrou no santuário de Deus, e ali meditou na santidade de Deus, então ele atinou com o fim dos ímpios (v.17), aos quais certamente Deus castigará e derrubará (v.18-20), e assim, ele recobrou a sensatez e voltou-se para Deus em quem ele tinha todo o seu prazer (v.21-28).

Aplicação v.8-9

Somos chamados ao exercício da paciência, pois, ela revela nossa dependência de Deus. O coração que confia em Deus, é paciente e aguarda o Seu agir.

A paciência é característica do fruto do Espírito Santo no coração que foi regenerado (**Gl 5.22-24**). O oposto da paciência não é a agitação, mas, a arrogância. Um coração arrogante não sabe esperar em Deus; ele age impensada e impacientemente, e, por isso mesmo transborda em ira revelando a sua insensatez (total falta de temor a Deus) quando as coisas não saem como ele quer.

Uma das maneiras mais claras de reconhecer se realmente confiamos nos planos de Deus é ver quanto nos irritamos quando as coisas não acontecem como e quando nós queremos – esse é o pecado da exasperação.

Quando nos depararmos com o aparente sucesso dos ímpios, devemos nos lembrar e obedecer o que nos diz o **Sl 37**.

Lembre-se de que a promessa de herdar a terra é feita aos mansos (**Mt 5.5**), e estes são os que confiam em Deus e Dele esperam o socorro ante à maldade dos perversos.

Quando as coisas parecerem embaralhadas e confusas, não perca de vista o que ainda está por vir. Cristo prometeu nos buscar, nos resgatar desse mundo corrupto e decadente para levar-nos à Sua glória onde habita a justiça e a paz.

“Jamais digas: Por que foram os dias passados melhores do que estes? Pois não é sábio perguntar assim” (v.10). Continue seguindo em frente! Em todos os tempos, a nostalgia e o saudosismo sempre estiveram presentes. Não há uma só época em que a geração anterior tenha

sido enaltecida e a atual criticada. Em qualquer época as pessoas dizem: “Antigamente não era assim. Era muito melhor”. Nostalgia e saudosismo são coisas perigosas, pois nos atrapalham de glorificarmos a Deus no presente, e revelam nossa insatisfação com o que Ele está fazendo em nossa vida agora. Por isso, Salomão começa o versículo com um sonoro **“Jamais digas”**, ou *“jamais pergunte por que os dias passados foram melhores do que os atuais”*. E ele justifica: **“Pois não é sábio perguntar assim”**. E por que não é sábio falar desse jeito? **Porque fazer tal questionamento é atentar contra a sabedoria e soberania de Deus**. Tal questionamento revela falta de sabedoria, falta de temor a Deus, pois, não estamos felizes com a forma como Ele tem conduzido as coisas.

Aplicação v.10

A ilusão que alimentamos sobre “os bons tempos do passado” nada mais é do que a combinação de uma péssima memória com muita imaginação. Se formos honestos, veremos que qualquer época traz suas dificuldades, desgostos e dores, assim como também encontramos alegria, realizações e bons momentos. É melhor viver o presente, até porque é somente ele que temos, e ainda assim, por pouco tempo. E a melhor maneira de vivermos bem o presente momento é vive-lo para a glória de Deus, confiando em Sua sabedoria perfeita, que conhece o fim desde o começo, porque do começo ao fim Ele está conduzindo todas as coisas.

Não se prenda ao passado. Deus está preparando-nos para algo que: **“Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam”** (1Co 2.9).

Buscarmos o conhecimento de Deus é importante para

9) Obtermos a sabedoria, 7.11-22

O conhecimento que adquirimos a respeito de Deus muda completamente a forma como olhamos para a vida. Aqui, Salomão aponta as seguintes áreas em que o conhecimento de Deus nos capacita com sabedoria para: lidarmos com o dinheiro (v.11-12), considerarmos a providência de Deus (v.13-14); vivermos em justiça (v.15-22).

Sabedoria para lidar com o dinheiro: “Boa é a sabedoria, havendo herança, e de proveito, para os que veem o sol. A sabedoria protege como protege o dinheiro; mas o proveito da sabedoria é que ela dá vida ao seu possuidor” (v.11-12). A tradução desse versículo não é uniforme entre as versões. A ACF e a ARC trazem *“Tão boa é a sabedoria como a herança...”*, enquanto a NVT diz: *“A sabedoria é ainda melhor quando acompanhada do dinheiro”*.

Ainda que o dinheiro possa acabar, ser roubado ou perder seu valor, ter dinheiro é algo bom, é **“de proveito”**. Em que sentido Salomão diz que **“a sabedoria protege como protege o dinheiro”**? O que ele está dizendo é que tanto a sabedoria quanto o dinheiro podem proporcionar proteção, mas a sabedoria tem uma vantagem: **“ela dá vida ao seu possuidor”**. A sabedoria traz a proteção para nossa alma; ela nos ajuda a lidar com a realidade da morte; ela

nos protege contra a tolice da ira pecaminosa que deseja a vingança; ela nos ajuda a ter uma visão ampliada em relação às coisas que Deus está fazendo no mundo.

Aplicação v.11-12

Podemos fazer coisas boas com o dinheiro, tanto para nós, quanto para outras pessoas, e para a Obra de Deus. Podemos ajudar aos necessitados e proporcionar mais conforto para os nossos. Mas, a sabedoria é muito melhor. A sabedoria oriunda do conhecimento de Deus não somente nos abençoa nesta vida, mas, principalmente nos prepara para a hora da nossa morte, para estarmos na glória com Cristo.

Uma pessoa rica sem sabedoria desperdiça sua fortuna, mas o sábio é capaz de obter mais riquezas e usá-las de forma que glorifique a Deus e abençoe outras pessoas.

A sabedoria de Deus nos impedirá de sermos escravos do dinheiro; ela nos fará sermos bons mordomos do dinheiro que pertence a Deus e que Ele confiou ao nosso cuidado e administração, e que um dia haveremos de Lhe prestar contas.

Sabedoria para considerar a providência de Deus. Quando se pensa na providência de Deus é muito comum cometermos o erro de entendê-la apenas como as coisas materiais que Ele nos dá para a nossa subsistência. **Mas, a providência divina abrange todas as obras de Deus em relação à Sua criação, e diz respeito à Soberania de Deus sobre tudo o que existe e acontece.**

Há dias bons e dias maus; há dias de alegria e tranquilidade, mas, há dias de lágrimas, dor e tribulação nos quais nossa alma é agitada severamente. Seja como for a situação em que nos encontrarmos, precisamos:

- ✓ **Prestar atenção às obras de Deus: “Atenta para as obras de Deus”.** O verbo נִחַן – *ver, examinar, inspecionar, perceber, considerar*, aponta para um exame cuidadoso das coisas que estão acontecendo em nossa vida não como mero acaso, mas, por serem **“obras de Deus”**. Quando ele pergunta: **“quem poderá endireitar o que ele torceu?”**, obviamente não está dizendo que Deus faz coisas imorais, pecaminosas, ou, malignas. **Por essas coisas torcidas por Deus, Salomão se refere àquelas coisas que gostaríamos de mudar, mas não temos poder algum para isso** (vide Ec 1.15). Pense aqui nos limites do nosso físico, tal como enfermidades e limitações trazidas pelo avançar da idade ou por um acidente, ou ainda aqueles infortúnios que nos sobrevêm sobre os quais não temos qualquer controle. **Em vez de espernearmos e murmurarmos, devemos prestar atenção às obras de Deus, ou seja, no que Ele está fazendo através desses acontecimentos.** Isso significa reconhecer a Soberania de Deus. O crente, aquele que ama a Deus sabe que todas as coisas concorrerão para o seu bem que é ter o seu caráter moldado conforme o caráter de Cristo (cf. Rm 8.28-29), e quando ele humildemente se submete a Cristo, não será tomado pelo desespero ou desânimo, mas, saberá que tudo o que está fora do seu controle, não está fora do controle de Deus.
- ✓ **Desfrutar do cuidado de Deus em qualquer circunstância: “No dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele” (v.14).** Há dias em que desfrutamos de prosperidade e abundância, saúde e tranquilidade, enquanto em outros, a adversidade nos vira de cabeça para baixo. Novamente o verbo נִחַן – *ver, examinar, inspecionar,*

perceber, considerar, aparece aqui. Não importa como estejam sendo os nossos dias, **todos eles estão sob a mão de Deus**; Ele **“fez tanto este como aquele”**. Em todos os dias somos chamados a confiar em Deus e a depender totalmente do Seu cuidado. Quando Salomão diz: **“para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele”**, apresenta a justificativa para Deus fazer tanto dias bons quanto dias maus. **O que ele está dizendo é que nada das coisas desta vida está garantido, e ninguém sabe o que o futuro lhe reserva.**

Aplicação v.13-14

Não sabemos o que acontecerá conosco nos próximos minutos e horas, ainda que tenhamos uma agenda já estipulada. **Não sabemos o que irá nos acontecer, mas, se amamos a Deus e confiamos em Sua providência amorosa e poderosa, sabemos que o que importa não é o que irá acontecer, mas, a companhia Dele conosco.**

Deus em Sua soberana vontade e eterna bondade nos dá a única certeza que realmente importa nesta vida, a saber, a certeza da vida eterna com Ele. Quem tem essa bendita certeza em seu coração não deve se entristecer com as adversidades da vida. Antes, deve desfrutar das alegrias que puder desfrutar cheio de gratidão a Deus, e quando for acometido por adversidades, confiar em Deus que sabe o que faz, inclusive quando permite que Seus filhos passem por esses dias difíceis.

Não temos como saber se os dias futuros trarão prosperidade ou adversidade, ou até mesmo se esses dias chegarão. Também não precisamos nos entregar ao desespero se confiarmos em Deus. **O único dia futuro que deve nos importar é aquele em que nos encontraremos com Cristo, quer seja no dia da nossa morte ou na volta Dele.**

Considerar as obras de Deus é mais do que simplesmente pensar nelas; é entregar-se por inteiro a Deus, é confiar sem reservas no Seu infinito poder que pode mudar as circunstâncias se Ele assim o quiser, e se isso servir para mudar nosso coração tornando-nos mais puros, santos e confiantes Nele. Lembre-se de que você não deve buscar mudar as circunstâncias da vida, mas, sim, o seu coração.

Sabedoria para viver em justiça. Essa é uma das partes do livro do Eclesiastes mais difíceis de ser interpretada. Salomão apresenta aquilo que chamamos de paradoxo. Um paradoxo é um fato que contraria a lógica daquilo que é ordinário. Eis o paradoxo: justos que perecem (subentende-se, que morrem bem jovens) praticando a justiça, e perversos que têm vida longa praticando a perversidade. Esse é um exemplo claro daquilo que ele disse no **v.13** sobre as coisas que Deus torceu, coisas que gostaríamos de muda-las se pudéssemos.

“Tudo isto vi nos dias da minha vaidade: há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade” (v.15). Isto é exatamente o oposto do que se espera de um mundo governado por Deus. Como pode isso acontecer se Deus está no governo desse mundo? Como pode um justo (צַדִּיק – *correto, certo*) perecer enquanto pratica a justiça (צִדְקָה – *retidão*) e o que é certo, ao passo que um perverso (רָשָׁע – *alguém culpado de crime, um criminoso*) tem vida longa enquanto pratica a perversidade (רָעָה – *ruim, desagradável, maligno*). Ao dizer **“Tudo isto vi nos dias da minha vaidade”**, o Pregador está nos mostrando o que ele constatou. Como já dissemos em outro momento, a Literatura de Sabedoria da qual o livro do

Eclesiastes faz parte, não é uma literatura de promessas, mas, de constatações. Salomão não está dizendo que *todos* os justos morrem cedo mesmo praticando a justiça e que *todos* os perversos têm vida longa mesmo vivendo no crime. Antes, ele está apenas constatando que acontece com certa frequência nesta vida **“debaixo do sol”**, justos sofrerem muito e morrerem cedo mesmo praticando a justiça, e perversos tendo vida longa mesmo sendo criminosos. Desde que o mundo existe, isso sempre aconteceu.

“Não seas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio; por que te destruirias a ti mesmo? Não seas demasiadamente perverso, nem seas louco; por que morrerias fora do teu tempo?” (v.16-17). Mas, estaria Salomão se contradizendo em face a tudo o que ele já disse até aqui sobre a sabedoria? Certamente, não.

Os advérbios **“demasiadamente”** e **“exageradamente”**, são a chave para entendermos o que Salomão está dizendo aqui. Ao contrário do que muitos pensam, ele não está fazendo o contraste entre algo certo (ser justo) e algo errado (ser ímpio) colocando-os como dois extremos.

A bem da verdade, o que Salomão está fazendo aqui é apontar para dois pecados: a autojustiça e a impiedade. No pecado da autojustiça, as pessoas se veem como justas, sábias e corretas em seu proceder. Comparam-se aos outros e se veem como melhores. Contudo, a justiça dessas pessoas não é a justiça de Deus, mas, uma justiça-própria carregada de hipocrisia. Tais pessoas quando sofrem alguma injustiça, se veem como não merecedoras de sofrimento, e por isso mesmo, não aceitam as adversidades e injustiças dessa vida. Elas se perguntam: *“Por que coisas ruins acontecem com uma pessoa tão boa como eu?”*. No pecado da impiedade, as pessoas, praticam abertamente toda sorte de pecado não se importam em desonrar a Deus e nem mesmo com o juízo Dele. Enquanto a autojustiça vem carregada de vaidade e cegueira sobre o seu real estado espiritual, a impiedade não se importa nem um pouco com seu estado deplorável, antes, até mesmo se gaba de ser assim (cf. Sl 36.1-4).

Comentando esse versículo, Philip Ryken afirma:

“Nesse caso, a pessoa que o Pregador tem em mente é justo demais apenas em um sentido específico. Ele não possui a santidade verdadeira que vem por meio da fé, mas apenas a santidade hipócrita que vem por meio das obras (...) O Pregador nos adverte dizendo que não devemos ser hipócritas. Não devemos pensar que nossa tentativa de sermos mais justos nos salvará no dia do juízo. Tampouco devemos acreditar que somos tão justos a ponto de não merecer sofrer qualquer adversidade, isso que é injusto para alguém como nós: jamais ter algo torto em sua porção” (RYKEN, 2017, p.291-2).

“Bom é que retenhas isto e também daquilo não retires a mão; pois quem teme a Deus de tudo isto sai ileso” (v.18). Quando o Pregador afirma **“retenhas isto”**, e **“daquilo não retires a mão”**, está concluindo o que disse nos v.16-17, mostrando que o servo de Deus deve se afastar desses dois extremos pecaminosos desagradáveis a Deus: a hipocrisia da autojustiça e o entregar-se à impiedade inata em seu coração. Isto fica claro quando ele diz: **“pois quem teme a**

Deus de tudo isto sai ileso”. A NVT traduz assim esse versículo: *“Preste atenção a estas instruções, pois quem teme a Deus evita os dois extremos”*. A maneira correta de se viver é temendo a Deus – essa é a diferença entre o sábio e o insensato.

Ryken afirma:

“Temer a Deus significa venerar Deus. Significa saber que ele é Deus e que nós não somos. Significa admirá-lo por sua beleza majestosa. Significa respeitá-lo por seu poder maravilhoso. Ter o temor verdadeiro e apropriado de Deus nos ajudará a não sermos tão farisaicos. Saberemos que Deus nos vê como realmente somos, e isso nos ensinará a não fingir ser algo que não somos. O temor de Deus também nos impede de levar uma vida perversa, pois quando entendemos a sua santidade, a última coisa que queremos é cair sob o seu julgamento” (RYKEN, 2017, p.294).

Aplicação v.15-18

Quero chamar a sua atenção novamente para o **v.15** na sua parte inicial quando Salomão chama os dias de sua vida de **“dias da minha vaidade”**. O que ele está ressaltando aqui é a realidade dessa vida; ela é **הֶאֱוָה** *vapor*, especialmente se comparada com a vida eterna, com a glória eterna que nos aguarda. Ter essa verdade diante de nossos olhos e pulsando em nosso coração nos livrará do engano de pensarmos que há injustiça em um justo morrer cedo e um ímpio ter uma vida longa. E por que pensamos assim? Porque perdemos de vista a glória eterna. Como os demais pecadores, acabamos por nos agarrar a esta vida como se ela fosse a única existência que teremos. Contudo, para os que amam a Deus, há a vida eterna na Sua bendita glória, nos céus onde Ele próprio habita.

Neste mundo veremos o tempo todo essas coisas acontecerem, justos sofrendo e ímpios se regalando. Este mundo é um mundo caído e pecaminoso. Não dá para esperar coisas boas provindas de um mundo assim. O mais provável é vermos justos sendo perseguidos e até assassinados tal como aconteceu com Abel que foi assassinado pelo seu invejoso e irado irmão Caim, ou Nabote que por recusar-se a vender sua herança para o perverso e frouxo rei Acabe, ou ainda Estêvão que foi apedrejado por ser fiel a Cristo, entre tantos outros que as Escrituras nos apresentam.

Mas olhar para a glória eterna também nos ajudará a não cairmos no engano do nosso coração com sua justiça-própria, pois, quando refletirmos na santidade dos céus, também refletiremos em nossa total depravação e incapacidade de agradar a Deus por nossas próprias obras, e admitiremos nossa total dependência da graça e misericórdia de Deus reveladas em Cristo Jesus. Correremos para Ele e Nele nos abrigaremos. Será a justiça Dele que nos garantirá diante da justiça de Deus.

Isso afetará completamente a forma como nos relacionaremos com as pessoas. Não seremos hipócritas, fingindo ser os mais justos entre os mortais, e nem teremos uma justiça-própria que nos faça sentir que somos merecedores de alguma coisa boa. Também não descambiaremos para a impiedade alegando que não há vantagem alguma em viver de forma justa, uma vez que podemos sofrer a despeito da nossa obediência a Deus. Em vez disso,

seremos humildes e sinceros diante de Deus; aceitaremos Dele tanto dias de prosperidade quanto os de adversidade como ambos vindos da Suas santas mãos; seremos gratos pela vida que temos **“debaixo do sol”**, pois, a veremos como a preparação para vivermos eternamente ao lado Daquele que está acima do sol. Não veremos os dias felizes desta vida como recompensa por algum ato justo nosso, até porque sermos justos e andar na retidão é dever todo ser humano, especialmente de nós, filhos de Deus; também não veremos os dias de dor e tristezas como algo imerecido e indevido a nós porque somos obedientes a Deus, mas, veremos que mesmo quando formos obedientes cumprindo minuciosamente a Lei de Deus, ainda assim seremos falhos, e que a nossa justiça não passa de **“trapo da imundícia”** (Is 64.6).

Os próximos versículos enfatizam ainda mais a nossa pecaminosidade. **Primeiramente, Salomão adverte quanto a importância que deve ser dada à sabedoria e a sua busca: “A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade”** (v.19). Por que devemos buscar a sabedoria? A resposta óbvia e constrangedora: é porque não a temos. Nascemos insensatos e tolos por natureza. Nascemos necessitados de orientação, e se Deus não tiver misericórdia de nós e nos alcançar com a mensagem do Evangelho, passaremos toda a vida na escuridão da ignorância e do pecado caminhando para o inferno. Passaremos a vida toda dando ouvidos a fábulas e credices, sendo iludidos e enganados por mentiras.

O v.20 reforça ainda mais a verdade sobre a nossa natureza pecaminosa, depravada e insensata, e faz isso de forma direta e clara: **“Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque”**.

O primeiro lampejo da sabedoria em nosso coração é quando Deus nos permite conhecer Sua Palavra. Ao sermos expostos ao Evangelho, o Espírito Santo toca em nosso coração nos dando vida espiritual abrindo nossos olhos espirituais para vermos e cremos nas verdades espirituais da Graça Salvadora. Ele também nos faz ver e aceitar a dura realidade sobre nós, a saber, sem o amor do Deus Pai, sem a justiça do Deus Filho, e sem a iluminação e vivificação do Deus Espírito Santo, continuaremos mortos espiritualmente e totalmente incapacitados de qualquer bem espiritual para a salvação.

A sabedoria é, portanto, um dom de Deus ao pecador levando-o a teme-Lo e amá-Lo de todo o coração. O sábio é aquele que reconhece o agir de Deus em todo o tempo de sua vida e anda de acordo com a Lei de Deus dependendo inteiramente da graça e justiça de Cristo. É assim que a sabedoria fortalece um coração. Ela faz com que aquele que era um insensato e estulto em seus pecados seja transformado num sábio que vê e entende a vida da perspectiva da presença de Deus, que faz suas escolhas e toma suas decisões não apenas como quem escolhe o que é melhor, mas, como alguém que sempre age pensando em glorificar a Deus cada vez mais.

Um coração fortalecido pela sabedoria não vive procurando saber tudo o que dizem a seu respeito. O homem que disse isso estava assentado num trono, e poderia colocar servos espalhados por todos os lugares para capturarem o que as pessoas estavam dizendo sobre ele. Em vez disso Salomão entendeu que ele deveria saber o que reter daquilo que estavam falando sobre ele. Por isso ele disse: **“Não apliques o coração a todas as palavras que se dizem, para que não venhas a ouvir o teu servo a amaldiçoar-te”** (v.21). Há um ditado popular que usamos que diz: **“Quem fala o que não deve, escuta o que não quer”**. Poderíamos adaptá-lo ao ensinamento deste

versículo e dizermos: “Quem quer saber de tudo o que está sendo dito sobre si, não gostará de tudo o que do que ouvirá”. A sabedoria nos fortalece e nos ajuda a não nos preocuparmos excessivamente com o que estão dizendo a nosso respeito. E quando o que ouvirmos sobre nós não nos agradar ou forem palavras injustas, a sabedoria nos ajudará a responder com gentileza e graça, pois, Cristo nos capacita a entregar flores àqueles que nos ferem, ou sermos qual o sândalo que perfuma o machado que o corta. Devemos acatar as palavras que Paulo ordenou a Tito ensinar aos membros da sua igreja: **“não difamem a ninguém; nem sejam altercadores, mas cordatos, dando provas de toda cortesia, para com todos os homens”** (Tt 3.2).

O *Kohelet* diz: **“pois tu sabes que muitas vezes tu mesmo tens amaldiçoado a outros”** (v.22). Salomão retoma em outras palavras o que ele disse no v.16 sobre o não sermos demasiadamente justos. Quando alguém disser algo sobre nós que não for verdadeiro e quisermos revidar ou fazer justiça ao nosso nome, devemos lembrar que também já cometemos esse pecado contra outras pessoas. Também já falamos propositalmente ou não dos outros aquilo que não correspondia ao que eram de fato, ou falamos verdades sobre eles que deveriam ter ficado encobertas.

Aplicação v.19-22

Conforme esses versículos, um coração sábio se importa com o que Deus diz a seu respeito. É Deus quem diz que somos pecadores assim como todas as outras pessoas neste mundo, cuja diferença, a única diferença é a graça de Deus que nos alcançou através do Evangelho. E que diferença!

No v.1 o Pregador falou sobre o valor da boa reputação. Devemos zelar por nossa reputação porque sobre nós está o nome de Cristo. Porém, quando o Senhor Jesus disse que por amor ao Seu nome haveríamos de ser injuriados, perseguidos e acusados falsamente, também disse que isso, longe de ser algo ruim, seria motivo de alegria: **“Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós”** (Mt 5.11). Esses versículos nos mostram que mesmo fazendo o que é certo, não temos garantia alguma de que não seremos atacados, caluniados e injuriados pelas pessoas. Isto acontece porque vivemos num mundo corrompido pelo pecado, sobrecarregado de injustiças, e que está sob o juízo de Deus. Contudo, independente de como as pessoas nos tratarem e do que disserem a nosso respeito, devemos permanecer firmes em praticar a justiça para a qual fomos capacitados por Deus quando Ele nos salvou.

Quando o que for dito a seu respeito for mentira, confie em Deus e confie a Ele, pois assim como Ele cuidou dos Seus servos no passado, cuidará de você. Não se desespere e nem se desanime com isso. Você não foi o primeiro e nem será o último a passar por isso, afinal, deste mundo não dá para esperar nada diferente.

Porém, quando o que for dito a seu respeito for verdade, que seja dito que você é fiel e temente a Deus, pois, do contrário, se o que disserem a seu respeito depor contra a honra de Cristo e do Evangelho, a sua única saída será o arrependimento e a confissão, seguidas de um viver que honre a Deus.

Todos os homens, especialmente os ímpios, têm problemas com o julgamento; todos nós temos nosso discernimento afetado pelo pecado e, por isso, julgamos mal. Todos nós já pecamos julgando as intenções das pessoas, algo que não temos o direito, o dever e muito menos a competência para fazer. O que podemos e devemos fazer é julgar as ações e os fatos, mas, para isso precisamos de discernimento, e este é resultado da sabedoria que Deus nos dá.

Por isso, buscamos o conhecimento de Deus para

10) Exercermos o discernimento, 7.23-29

O discernimento é a aplicação da sabedoria que nos foi dada por Deus. Mesmo tendo recebido a sabedoria (o temor) de Deus, necessitamos continuamente buscá-la. Nesta vida, nunca atingiremos o grau máximo de sabedoria; sempre seremos deficientes.

Tudo o que foi dito não só neste capítulo, mas tudo o que vem sendo dito desde o início do livro (cf. 1.13), resume-se na frase **“Tudo isto experimentei pela sabedoria”** (v.23a). Salomão se dedicou em extremo na busca pela sabedoria. Ele disse: **“tornar-me-ei sábio”**. Obviamente, aqui ele está falando do seu esforço inútil de obter a sabedoria sem Deus, apenas por seus esforços. A dura constatação: **“Mas a sabedoria estava longe de mim. O que está longe e mui profundo, quem o achará?”** (v.23b,24), refere-se à verdadeira sabedoria, aquela que vem de Deus e volta para Ele em adoração. A prova de que ele não buscou a verdadeira sabedoria está na idolatria em que ele caiu por permitir que seu coração fosse influenciado pelas suas muitas mulheres pagãs e idólatras.

“Apliquei-me a conhecer, e a investigar, e a buscar a sabedoria e meu juízo de tudo, e a conhecer que a perversidade é insensatez e a insensatez, loucura” (v.25). Ele então disse que se aplicou (סָבַב – *rodear, circundar, virar*) a: (1) **“conhecer”** (יָדַע – *aprender a conhecer, saber como*), (2) a **“investigar”** (חָיַר – *esquadrinhar*), e, (3) a **“buscar”** (בָּקַשׁ – *procurar para encontrar; desejar a face*). Essas ações mostram que Salomão se pôs a conhecer o máximo sobre tudo; das coisas mais triviais e corriqueiras, às questões mais difíceis sobre a razão da sua existência.

Ele procurou por toda parte, decidido a encontrar **“a sabedoria e meu juízo de tudo”**, ou seja, a razão das coisas acontecerem da forma que acontecem, e entender o propósito delas. Além disso ele também buscou **“conhecer que a perversidade é insensatez e a insensatez, loucura”** (רָשָׁע פֶּסֶל וְהַסְקָלוֹת הַלֵּלוֹת). Todos esses substantivos apontam para o mesmo sentido: falta de temor a Deus, irreverência para com Ele.

Todos nós, mais cedo ou mais tarde, de forma mais ou menos profunda, chegaremos aos mesmos dilemas. Perguntaremos: *“Por que as coisas são assim?”*, e teremos apenas duas saídas: **desistiremos de tudo e nos entregando ao desespero, ou confiaremos em Deus e esperaremos pela sabedoria que Ele nos dará para discernirmos e agirmos**. Se Ele torceu alguma coisa, nós jamais a endireitaremos. Se Ele assim o fizer, tem um propósito perfeito, e certamente nos capacitará com a sabedoria Dele. Esse é o caminho da humildade, ou como disse João Calvino é a *“ignorância instruída”* (In RYKEN, 2017, p. 308). Isso quer dizer que devemos nos esforçar ao máximo para compreendermos o sentido das coisas em nossa vida, mas, quando algo estiver

muito além da nossa compreensão devemos admitir que há mistérios que não conseguiremos desvendar. Lembremo-nos que Cristo não nos chamou para dar-nos todas as respostas, mas, para segui-Lo confiantes no Seu cuidado.

Aplicação v.23-25

Quando você estiver diante de algo que pela sua sabedoria e juízo (inteligência) não conseguir compreender, empenhe-se em buscar de Deus o discernimento para saber o que fazer e como fazer. Algumas coisas serão relativamente fáceis de se compreender, enquanto outras trarão mais dificuldade. Haverá também aquelas que você jamais compreenderá. Mesmo assim, você precisará da sabedoria de Deus em todas elas.

A sabedoria de Deus não é só para você conhecer as coisas e saber como lidar com elas, mas é principalmente para você conhecer a vontade de Deus para sua vida. É isso que Paulo quis dizer com: **“Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor”** (Ef 5.15-17). Somente com a sabedoria de Deus conseguiremos compreender e fazer a vontade Dele.

Salomão continua a descrever os resultados da perversidade, insensatez e loucura que viu nos homens. De uma forma ou de outra sempre chegamos no mesmo ponto: o pecado é a causa dos problemas dessa vida. Quer sejam pecados específicos cometidos por nós, ou pecados que outros cometeram e, de alguma forma nos afetaram.

“Achei coisa mais amarga do que a morte: a mulher cujo coração são redes e laços e cujas mãos são grilhões” (v.26a). Quem seria essa mulher? Alguns entendem que Salomão não está falando de uma mulher em específico, mas do pecado da sedução. Outros entendem que, embora ele não mencione o nome de alguém esteja se referindo a uma mulher em específico. Seja qual for, o ensino é o mesmo. Philip Ryken afirma:

“O alerta é aberto o suficiente para que possa ser aplicado a muitas situações na vida, mas uma maneira óbvia de aplicá-lo é mantendo-se longe das seduções do pecado sexual, inclusive das tentações trazidas pela televisão e pela internet. As pessoas a chamam de realidade virtual, mas o perigo é real. Quando a tentação vem, em vez de se deixar seduzir pelo desejo pecaminoso, lembre ao seu coração de que a mulher sedutora é uma armadilha. Se você ceder aos seus encantos, o resultado será mais amargo do que a morte. Ela o levará para o pecado que destrói a alma, ela destruirá a sua capacidade de se entregar à intimidade verdadeira, e você jamais se tornará o homem (ou a mulher) que Deus quer que você seja” (RYKEN, 2017, p.310).

Como nos livrarmos dessa sedução? Salomão responde: **“quem for bom diante de Deus fugirá dela, mas o pecador virá a ser seu prisioneiro”** (v.26b). No v.20 Salomão já nos mostrou que não há ninguém nesse mundo que seja bom e que não peque. O adjetivo **“bom”** (טוב) contrasta com as palavras **“perversidade”**, **“insensatez”** e **“loucura”** do v.25, apontando para um viver piedoso diante de Deus. Somente uma vida de obediência à Palavra de Deus e de temor diante de Dele pode livrar nosso coração das seduções e tentações sexuais. Justamente por falhar em obedecer a Deus e teme-Lo, Salomão amargou terrível fracasso em sua vida.

Os v.27-28 devem ser entendidos no contexto de Eclesiastes para não cometermos o mesmo erro que os ímpios ao vê-los como machistas, sexistas, misóginos ou coisa parecida. A Bíblia está cheia de relatos sobre homens e mulheres que pecaram terrivelmente. O pecado não é algo exclusivo ou mais concentrado num sexo. A raça humana toda está corrompida como deixará claro o último versículo.

Salmão fez mais duas constatações. A primeira: **“Eis o que achei, diz o Pregador, conferindo uma coisa com outra, para a respeito delas formar o meu juízo, juízo que ainda procuro e não o achei: entre mil homens achei um como esperava, mas entre tantas mulheres não achei nem sequer uma”** (v.27-28). Devemos entender esses dois versículos em seu contexto bíblico, e, também no seu contexto pessoal e direto. Salomão não está dizendo que todas as pessoas em todos os lugares são assim, mas está relatando a sua experiência pessoal, que pode incluir seu conhecimento sobre terceiros. Salomão conhecia muitos homens, mas, apenas alguns eram sábios e santos, como por exemplo o profeta Natã. Também conhecia muitas mulheres e teve mil esposas e concubinas, as quais adoravam deuses estrangeiros e foram tropeço para ele (cf. 1Rs 11.3). O Eclesiastes não encontrara nenhuma mulher **“entre tantas mulheres”**, que fosse como ele esperava, isto é, sábia. É isso o que acontece com um homem que tenta amar mil mulheres ímpias.

A segunda constatação que ele fez foi: **“Eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias”** (v.29). Duas verdades cruciais para a Fé Cristã são encontradas neste versículo: o homem foi criado por Deus em perfeição, e, por sua conta e vontade caiu num estado de total depravação.

O substantivo **חֵטְא** tanto indica toda a humanidade, como nosso pai Adão, que foi criado perfeito e em perfeita retidão moral e espiritual. Mesmo assim, ele **“mas ele se meteu em muitas astúcias”**. O verbo **חָקַק** - *buscar, desejar*, indica que não foi algo inesperado ou uma mera armadilha. Pelo contrário, no relato de Gn 3 sobre a queda, lemos: **“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu”** (Gn 3.6). O que se vê aqui é o mesmo que João descreve em sua primeira carta: **“porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo”** (1Jo 2.16).

Para que ninguém conte vantagem sobre ninguém, as Escrituras nivela todos nós sob a régua da iniquidade. C. S. Lewis disse: *“Descender do Senhor Adão e da Senhora Eva é uma honra grande o bastante para levantar a cabeça do mais pobre mendigo e uma vergonha grande o bastante para curvar os ombros do maior imperador da terra”* (In RYKEN, 2017, p.314).

Assim como nossos pais Adão e Eva, também nos metemos em muitas **חֵטְא** - *astúcias, invenções, complicações*. Pode não ter sido essa a resposta que Salomão pretendia encontrar quando começou sua busca intensa para entender como as coisas são e o sentido da vida. Porém, sem dúvida alguma, essa verdade é crucial para obtermos a verdadeira sabedoria. **Enquanto o pecador não reconhece e confessa humildemente a sua pecaminosidade e a sua total depravação, não buscará por Deus e Sua salvação.** Pelo contrário, continuará na sua justiça-própria se queixando das situações da vida vendo-as como injustiças contra si mesmo; olhará ao redor e se verá como o mais puro e o melhor dos seres humanos, e se continuará em sua revolta contra Deus culpando-O por seus sofrimentos aos quais julga imerecidos. Em suma, continuará se metendo em muitas complicações, indo de mau a pior.

Aplicação v.27-29

Se as Escrituras terminassem em **Ec 7** certamente não teríamos esperança alguma. Eclesiastes nos trouxe até aqui, mas, não pode nos levar até onde devemos e precisamos ir. Ainda bem que as Escrituras nos levam ao Evangelho, a Cristo!

O primeiro Adão não é o único Adão. Há o segundo Adão, Jesus Cristo (**1Co 15.45**). Graças a Deus por ter-nos enviado Seu Filho Jesus Cristo para nos resgatar da nossa corrupção total e da nossa merecida condenação. Podemos nos unir a Paulo e dizer: **“Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7.25)**. Cristo é o único homem que permaneceu em Seu estado de retidão moral, mesmo tendo sido severamente tentado aos pecado todos os dias de Sua vida sofrida neste mundo (cf. **Hb 4.15**).

Voltemos àquela pergunta que nos acompanhou por todo este capítulo. Por que coisas ruins acontecem a pessoas boas? Eis a resposta: isso aconteceu uma única vez, e ainda assim, a pessoa se voluntariou para tal. Não existem pessoas boas neste mundo. Todos são pecadores; todos se meteram e se metem em muitas confusões pecaminosas, não há um só que não peque. Então, quando coisas ruins acontecerem conosco, precisamos nos lembrar que elas não são imerecidas e injustas, pois, afinal, é isso que pecadores metidos a espertalhões merecem. O que eles não merecem é a graça de Deus que os salva, perdoa, santifica, e os torna sábios para a vida eterna.

Continuando sua instrução sobre a importância de se adquirir o conhecimento de Deus o qual nos dá a verdadeira sabedoria, o rei Salomão passa a nos mostrar outra área da nossa vida em que dela necessitamos: os nossos limites. Eis algo com o qual nos deparamos o tempo todo e que é uma dura realidade para todos nós. Somos limitados; não podemos fazer o que bem quisermos, e se extrapolarmos os limites estabelecidos, precisaremos lidar com as consequências. Por isso, precisamos do conhecimento de Deus para

11) Lidarmos com os nossos limites, 8.1-17

Neste capítulo, Salomão nos mostra quatro áreas da nossa vida em que somos limitados: em nosso relacionamento com as autoridades (**v.1-4**); em nossa capacidade de conhecermos o futuro (**v.5-9**); no enfrentamento das injustiças (**v.10-15**) e, em nossa capacidade de compreendermos as obras de Deus (**v.16-17**). Vejamos cada uma.

Somos limitados em nosso relacionamento com as autoridades (**v.1-4**). Salomão abre o assunto aqui trazendo mais uma nota sobre a sabedoria. **“Quem é como o sábio? E quem sabe a interpretação das coisas? A sabedoria do homem faz reluzir o seu rosto, e muda-se a dureza da sua face” (v.1)**. Este versículo funciona como uma transição do que vem sendo dito em **Ec 7** sobre a sabedoria adquirida através do conhecimento de Deus. O que Salomão está dizendo aqui é que coisa muito boa é ter sabedoria.

As duas perguntas retóricas que ele faz **“Quem é como o sábio? E quem sabe a interpretação das coisas?”** (v. 1a), são uma só pergunta, e não é porque para ele ninguém seja sábio. Ainda que um homem sábio seja algo difícil de ser encontrado (cf. 7.28), a sabedoria é algo a ser alcançado por aqueles que adquiriram o conhecimento de Deus o qual se expressa em temor a Ele. Daí a parte final deste versículo **“A sabedoria do homem faz reluzir o seu rosto, e muda-se a dureza da sua face”** (v.1b), aponta para Êx 34.29-35 que relata o momento em que Moisés desce do Monte Sinai onde esteve face a face com a glória de Deus e teve seu rosto resplandecendo. Por causa disso, o judeu piedoso sempre almejou ter a aprovação de Deus expressa na glória do Seu santo rosto, como fica claro em passagens como Nm 6.23-27: **“Assim abençoareis os filhos de Israel e dir-lhes-eis: O SENHOR te abençoe e te guarde; o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o SENHOR sobre ti levante o rosto e te dê a paz. Assim, porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei”**. Ou ainda como o Sl 34.5 que diz: **“Contemplai-o e sereis iluminados, e o vosso rosto jamais sofrerá vexame”**.

Aplicação v.1

A verdadeira sabedoria é resultado da revelação gloriosa da face de Deus aos Seus filhos. E para que O conhecêssemos, Ele Se revelou a nós na face de Seu Filho Jesus Cristo, **“em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos”** (Cl 2.3). É Jesus quem nos revela o Pai tal como Ele disse a Filipe: **“...há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?”** (Jo 14.9).

A sabedoria que Cristo nos dá aformoseia o nosso rosto porque ele reflete a transformação do nosso coração. Um crente verdadeiro não se parece sábio; ele é sábio porque tem a Cristo em seu coração e a nova vida que Ele lhe dá por meio do Seu sacrifício santo.

Philip Ryken afirma:

A sabedoria bíblica traz transformação pessoal. Ela faz uma diferença em nosso testemunho, mostrando às pessoas a alegria de conhecer Cristo. Faz também uma diferença em nossos relacionamentos. Em vez de viverem mal-humoradas o tempo todo (uma tentação para todos nós), as pessoas sábias têm uma alegria interior que irradia e alcança outras pessoas. Você já viu esse tipo de alegria no rosto de um cristão mais velho, mais sábio? Deus faz seu rosto brilhar? Quando orarmos pelo nosso progresso espiritual, devemos pedir a Deus uma sabedoria maior para trazer uma alegria crescente para nossa vida em nosso testemunho de Jesus Cristo. Quando sua face brilhar sobre nós (veja Nm 6.25), nossos próprios rostos brilharão com a sabedoria da sua graça radiante (veja 2Co 3.18).

Agora, o *Kohélet* passa a tratar objetivamente da questão do nosso relacionamento com as autoridades. Ele diz: **“Eu te digo: observa o mandamento do rei, e isso por causa do teu juramento feito a Deus”** (v.2). Nos tempos bíblicos, a monarquia era a forma de governo, e esses versículos devem ser entendidos nesse contexto. Porém, a aplicação deles se estende a todos os princípios sobre as autoridades. Para nos ajudar a compreendê-los, precisamos recorrer a Rm 13.1-7 que diz: **“Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas.**

De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação. Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela, visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal. É necessário que lhe estejais sujeitos, não somente por causa do temor da punição, mas também por dever de consciência. Por esse motivo, também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo, constantemente, a este serviço. Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra”. Em suma, toda autoridade é instituída por Deus, Ele nos deu princípios reguladores para a vida em comunidade, os quais são necessários para a manutenção da ordem. Quem se opõe a esses princípios, se opõe a Deus e haverá de sofrer as sanções da lei. Por isso, uma vida de sujeição e obediência às autoridades tem tranquilidade. Mas, nossa sujeição deve ir além do medo de sermos punidos; devemos fazer isso por **“dever de consciência”**, diz Paulo, com o que ele concorda com Salomão que diz: **“por causa do teu juramento feito a Deus”** (v.2).

Há ainda outra forma de entendermos as palavras **“por causa do teu juramento feito a Deus”** (v.2). A ARC traduz este versículo assim: *“Eu digo: observa o mandamento do rei, e isso em consideração para com o juramento de Deus”*. Isto aponta para a promessa de Deus ao rei Davi de estabelecer seu trono eternamente, o que evoca o direito divino concedido ao rei (e por conseguinte, às demais autoridades).

Aplicação v.2

A nossa obediência às autoridades tem por base nossa obediência a Deus, e devemos obedecê-las até quando elas não forem um obstáculo à nossa obediência a Deus. Se isso acontecer, então não devemos obedecê-las, pois, **“Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens”** (At 5.29). Um estudo das perguntas 123 a 133 do Catecismo Maior de Westminster, as quais tratam do Quinto Mandamento, tanto no seu significado restrito (em relação aos pais, os progenitores), quanto no seu significado amplo (em relação a todas as demais autoridades), nos instruirá sobre o nosso dever de obedecer e honrar aqueles a quem Deus colocou como autoridade sobre nós. *“Todo cristão é chamado para ser um cidadão obediente à lei e para responder a qualquer pedido piedoso de ajuda que o governo faça. Isso inclui tudo, desde pagar todos os impostos a responder ao apelo do presidente de prestar serviços voluntários”* (RYKEN, 2017, p.325).

Quando Salomão disse: **“Não te apresses em deixar a presença dele, nem te obstines em coisa má”** (v.3a), ele se refere ao sistema monárquico no qual o rei **“faz o que bem entende”** (v.3b), e cuja palavra **“tem autoridade suprema”**, é incontestável, pois, **“quem lhe dirá: Que fazes?”** (v.4).

Como devemos entender essas palavras? Nos tempos antigos, uma audiência com o rei era uma questão de vida ou morte. Assim sendo, o retirar-se apressadamente de sua presença, ou comportar-se atrevidamente diante dele sem as devidas formalidades, como por exemplo olhar diretamente para o rei sem a sua permissão, ou mesmo apresentar-se diante dele com tristeza no

rosto (cf. Ne 2.1-3), poderia sofrer pena de morte. Era isso que ele quis dizer com “coisa má”, ou seja, coisa que não deve ser feita porque trará terríveis consequências.

Não é sábio medir forças com quem tem um poder e autoridade tão amplos como era o caso dos reis. Mas, em nossos dias, não temos alguém com autoridade absoluta assim. Antigamente, o rei era a lei. Hoje, a lei é o rei (ou pelo menos deveria ser). Em nosso sistema de governo, todos, inclusive as autoridades estão debaixo da Constituição Federal, e quando uma autoridade não está se comportando de acordo com as leis estabelecidas, tais pessoas devem ser depostas de seus cargos.

Aplicação v.3-4

Quando estamos debaixo de uma autoridade benevolente e justa, nossa obediência não é algo difícil. Há, porém, situações em que a obediência a uma autoridade estabelecida se torna algo difícil para nós. Quando vemos um juiz corrupto, subornável e inescrupuloso, ou um chefe de estado ditador, arrogante e que não aceita ser repreendido e desobedecido, ou um policial extorquindo as pessoas, sem dúvida alguma, nos deparamos com um terrível dilema. Certamente, o Eclesiastes não está dizendo que devemos obedecer a tudo o que uma autoridade nos ordenar, inclusive quando suas ordens forem pecaminosas. Antes, o que ele está dizendo é que devemos ser sábios no tratar com as autoridades e obedecê-las até que isso não seja uma afronta direta a Deus.

É tentador desobedecer a um governo corrupto e a leis injustas. Mas, qual deve ser a resposta do crente a isso? **Uma vida de santidade e temor a Deus.** Lembre-se de Daniel e seus amigos quando lhes foi ordenado comerem das “finas iguarias” (Dn 1.5) do rei, as quais eram comidas consagradas aos ídolos, ou quando eles foram obrigados a se ajoelharem diante da estátua de Nabucodonosor, e, por desobedecerem, foram lançados na fornalha, ou ainda Daniel quando se recusou a obedecer a ordem real de fazer suas orações somente ao rei e não a Deus, e foi lançado na cova dos leões. Mas, na maioria das vezes, não houve esse livramento. João, o batista foi decapitado, os apóstolos foram presos, açoitados e torturados, Estêvão foi apedrejado, isso sem falar na longa lista de mártires que foram trucidados nas arenas. O que importa é persistir numa vida de santidade, ou seja, em obediência a Deus, e, certamente isso não inclui sonegar impostos mesmo sob o pretexto de não darmos dinheiro a um governo corrupto, ou fazermos justiça com as próprias mãos, pois, nosso sistema judicial é letárgico e viciado.

Também não somos proibidos pelas Escrituras de combatermos tiranias e ditaduras. Podemos e devemos fazer isso, mas, tudo dentro das normas da lei, exceto quando as leis dos homens ferirem a Lei de Deus. Por exemplo: o aborto é permitido pelas nossas leis, portanto, é legal; porém, ele fere diretamente o Sexto Mandamento. Devemos então não somente não praticá-lo como principalmente, combater-lo. **Em se tratando das leis, todos temos limites, todos somos limitados por elas.**

Somos limitados pela nossa incapacidade de conhecermos o futuro (v.5-9). Não temos apenas algumas limitações quanto a conhecermos o futuro mesmo que ele esteja a um minuto de distância; **na verdade, somos totalmente incapazes de conhecê-lo.** E isso pode ser angustiante para aqueles que não têm o conhecimento de Deus e a sabedoria que Ele dá.

Os v.5-6 estão ligados com o que foi dito nos quatro primeiros versículos sobre a conduta diante do rei: **“Quem guarda o mandamento não experimenta nenhum mal; e o coração do sábio conhece o tempo e o modo. Porque para todo propósito há tempo e modo; porquanto é grande o mal que pesa sobre o homem”**. Aquele que sabe se portar diante do rei, acatando-lhe **“o mandamento”** (veja v.2), isto é, as ordens que ele dá, **“não experimenta nenhum mal”**, ou seja, não sofrerá nenhuma punição por parte do rei. A NVT traz da seguinte este versículo: *“Quem obedece às suas ordens não será castigado. Quem é sábio encontrará o tempo e o modo apropriado de fazer o que é certo, pois há um tempo e modo para tudo, mesmo em meio às dificuldades”*. O sábio **“conhece o tempo e o modo”** de se dirigir ao rei; ele sabe que **“para todo propósito há tempo e modo”**, ou seja, há o tempo certo de se apresentar diante do rei, e o modo certo de fazer as coisas que o rei lhe ordenou, ou de fazer um pedido ao rei, como aconteceu com Neemias e Ester.

Aplicação v.5-6

Se era necessário saber portar-se diante de um rei humano, como ainda o é hoje diante de quaisquer autoridades, muito mais necessidade temos de sabedoria para nos portarmos diante do Rei dos reis, o Deus Eterno, que é santo e justo. Necessitamos de sabedoria para entendermos o tempo e o modo de fazermos as coisas que Deus requer de nós; o tempo e o modo determinados por Ele. Deus promete dar-nos toda a sabedoria de que necessitarmos para compreendermos a Sua vontade (cf. Tg 1.5-6), e Ele mesmo nos capacita com poder para executarmos a Sua vontade (cf. 2Pe 1.3-4). Busquemos em Deus a sabedoria e o poder para fazermos o que Ele nos ordena e para o que fomos salvos.

Mas, o que seria esse **“grande o mal que pesa sobre o homem”** (v.6b), ou que **“dificuldades”** seriam essas (cf. NVT)? Os v.7-9 respondem a esta pergunta mostrando outras áreas da vida do homem em que ele é totalmente limitado. Não percamos de vista o que Salomão vem dizendo desde o início deste capítulo sobre o poder que o rei exercia sobre seus súditos, inclusive o poder de dar cabo da vida deles.

Salomão descreve os limites de todo ser humano, inclusive os do rei que mesmo tendo poder e autoridade sobre a vida dos outros, ele não passa de um mortal, igual aos demais, que também morrerá e se apresentará diante de Deus para prestar-Lhe contas.

A primeira limitação que ele destaca é: **“Porque este não sabe o que há de suceder; e, como há de ser, ninguém há que lho declare”** (v.7). Este versículo está ligado ao v.3 que mostra que as decisões do rei são conhecidas somente por ele a menos que ele próprio as revele. Ninguém é capaz de saber o que sairá da cabeça do rei (ou de quem quer que seja). Ninguém é capaz de saber o que o futuro trará, e como as coisas acontecerão. E se você olhar para os lados, para os seus pares, não terá informação alguma, porque ninguém é capaz de lhe declarar o que haverá de acontecer. É a sensação de andar no escuro sem poder enxergar o mínimo necessário para saber em que direção se deve ir. Todos nós somos incapazes de saber o que as próximas horas, ou mesmo minutos, nos reservam mesmo que tenhamos uma agenda muito organizada.

A segunda limitação que ele destaca é: **“Não há nenhum homem que tenha domínio sobre o vento para o reter; nem tampouco tem ele poder sobre o dia da morte; nem há tréguas nesta peleja”** (v.8a). O substantivo רֶחַץ que a ARA traduz por **“vento”**, também significa

“espírito”, o fôlego de vida. Outras versões (ACF, NVT, ARC, BRP e SBP) trazem a palavra “espírito” em vez de “vento”. O substantivo hebraico רֵיחַ é uma onomatopeia, ou seja, o som que a coisa faz dá a ela o seu nome. Para o hebreu, o vento tem esse som, e sendo o espírito o sopro, o fôlego da vida, as duas palavras são aplicadas aqui. **O que esses versículos estão mostrando é que nenhum nós tem domínio sobre a vida e sobre a morte, sequer temos domínio sobre o vento, quer venha ele em forma de uma brisa suave e refrescante, quer em forma de um furacão, um vendaval que destrói tudo pela frente.** Com relação à nossa existência neste mundo, mais cedo ou mais tarde, o ar sairá de nossos pulmões pela última vez e não retornará mais; somente expiraremos e nunca mais inspiraremos. O nosso espírito deixará o nosso corpo (cf. Hb 9.27), nosso corpo tornará ao pó, e o nosso espírito tornará para Deus (cf. Ec 12.7). Os médicos ajudam os bebezinhos a virem ao mundo, e também aos enfermos a recuperarem sua saúde, e a curá-los de todas as suas enfermidades, exceto a última.

A incerteza sobre a vida e a certeza sobre a morte travam uma luta ferrenha em nossa alma, tal como disse o Pregador, **“nem há tréguas nesta peleja”**. Podemos passar algum tempo ignorando essa realidade, mas, ela não desiste de nós, e sempre retorna à nossa mente, e todas as vezes que ela retorna, pode nos fustigar terrivelmente o coração se não estivermos firmes em nossa fé em Cristo.

A parte final do v.8 apresenta a terceira limitação de todos os homens: **“nem tampouco a perversidade livrará aquele que a ela se entrega”**. A limitação a qual ele descreve aqui pode ser entendida de duas formas:

- ✓ Em relação àqueles que têm autoridade sobre os outros e usa de seu posto em benefício próprio trazendo grande aflição aos que estão sob sua autoridade (o v.11 abordará com mais profundidade esse assunto). A perversidade e a astúcia (cf. 7.29) com que tal autoridade se portou, não o livrará diante de Deus quando tiver que Lhe prestar contas. Tal pessoa poderá “se dar bem” nesta vida, levar vantagem sobre os outros e até mesmo arruinar a vida dos outros (cf. v.9) mas, não lhe trará nenhuma vantagem quando estiver diante do Criador, antes mesmo agravará ainda mais sua situação.
- ✓ Em relação à lei da semeadura: o que se planta é o que será colhido. Um homem que se entrega à perversidade, não colherá nada diferente disso; estará totalmente preso à colheita. A sua perversidade não somente lhe impõe uma colheita amarga, como também é totalmente incapaz de livrá-lo de suas consequências. Não há como escapar. *“Nem mesmo os ímpios, que parecem poderosos, podem se livrar de sua impiedade”* (GREIDANUS, 2017, p.429).

Ele conclui então com uma constatação: **“Tudo isto vi quando me apliquei a toda obra que se faz debaixo do sol; há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo”** (v.9). Observando atentamente tudo o que é feito no mundo, Salomão se deparou com algo horrível: pessoas que estão sob o domínio de um rei que tem o poder de exigir-lhes obediência a ponto de perderem suas vidas, como acontece com os soldados que são convocados para a guerra, da qual muitos não voltam com vida, ou ainda, quando esse rei não é sábio e prudente e traz aflição e dor ao povo com impostos exorbitantes (o próprio Salomão cometeu esse erro, e depois seu filho Roboão, cf. 1Rs 12.11). *“Pessoas que têm autoridade são inclinadas a buscar seus próprios interesses independentemente do dano que causem a outras pessoas. O poder corrompe, como se diz, e um poder absoluto corrompe absolutamente”* (GREIDANUS, 2017, p.429).

Aplicação v.7-9

O futuro pode causar angústia a nosso coração se no presente não estivermos em comunhão com Deus. O apóstolo João diz que aqueles que estão seguros, confiantes e certos do amor de Deus em suas vidas e estão em comunhão com Ele, não têm por que temerem o futuro, especialmente o Dia do Juízo (cf. 1Jo 4.17). Se o seu coração estiver em Cristo, você poderá responder à pergunta de Salomão e dizer: *“Estou em paz, não há mais guerra em meu coração por causa das inquietações da vida, da morte e do futuro. Eu sei que hoje Cristo está comigo, e no futuro, estarei com Ele em Sua glória”*.

Nunca siga pelo caminho da perversidade. Não flerte com o pecado. Não responda pecaminosamente às maldades daqueles que perversamente lhe prejudicam. A esperteza perversa e astuta não durará muito, e quando as consequências surgirem mostrarão quanta tolice foi ter seguido nesse caminho.

Se Deus lhe conferir alguma autoridade e poder sobre a vida de alguém, lembre-se que é seu dever cuidar, proteger e ser benéfico para com essa pessoa. Quando você for colocado debaixo da autoridade de alguém, comporte-se demonstrando que você é submisso a Deus, e caso essa pessoa não aja com prudência e temor a Deus, entregue-a a Deus, e deixe que Ele trate com ela.

Hoje, não temos um rei humano, mas, temos um Rei Eterno no céu. Se perante um rei humano deveríamos saber o tempo e o modo de agir, muito mais devemos nós saber o tempo e o modo de servir a Deus de acordo com a Sua santa vontade. Não se esqueça de que você não tem domínio sobre nada, nem mesmo sobre o seu espírito, e quando este for chamado por Deus, ninguém poderá deter. Essa verdade, longe de lhe causar frustração ou coisa parecida, deve levá-lo a se submeter a Deus com alegria e a servi-Lo com amor, pois, a graça divina nunca o levará para onde a providência divina não possa cuidar de você.

Somos limitados no enfrentamento das injustiças (v.10-15). Como não bastasse vermos pessoas em cargos de autoridade usando o seu posto para arruinar a vida daqueles que estão sob sua responsabilidade, ainda nos deparamos com a dura realidade de que por mais que quiséssemos combater as injustiças, somos limitados em nosso poder de fazê-lo.

A primeira injustiça que Salomão destaca aqui está relacionada à honra sendo dada a quem não a merece, e não sendo dada a quem a merece: **“Assim também vi os perversos receberem sepultura e entrarem no repouso, ao passo que os que frequentavam o lugar santo foram esquecidos na cidade onde fizeram o bem; também isto é vaidade”** (v.10). Este versículo é um daqueles de difícil tradução. A ARA e a ARC seguem na mesma direção contrastando os ímpios sendo honrados em sua morte, enquanto homens bons caíram no esquecimento daqueles que por eles foram beneficiados; a ACF segue outra direção e fala dos ímpios entrando e saindo do lugar santo, vivendo de forma hipócrita, e quando morrerem serão esquecidos; e a BRP e a SBP vão numa direção ainda mais diferente mostrando que os maus ao serem sepultados recebem

elogios e, quando as pessoas regressam do cemitério, já se esquecem do mal que eles fizeram na cidade.

Ficaremos aqui com a ARA e a ARC que soam concordes com o contexto anterior e imediato. Anteriormente, Salomão já tratara desse paradoxo do mau se dando bem, e do bom se dando mal (7.15). Nos v.11 e 14 ele voltará a esse assunto. Então, podemos concluir que aqui no v.10 ele está tratando novamente desse paradoxo em que maus são honrados, e bons são esquecidos. A bem da verdade, ambos são esquecidos pelos homens: os perversos têm suas maldades esquecidas e, por isso são transformados em santos em seus funerais, e, os justos são esquecidos de suas obras justas por causa da ingratidão das pessoas.

É possível que aqui Salomão estivesse falando de um caso específico de um funeral de um homem cuja vida foi de impiedade e, que, mesmo assim, na sua morte recebeu honras de um homem piedoso. Isso inquietava o *Kohélet*: perversos sendo lembrados com honra em seus funerais (“...perversos receberem sepultura e entrarem no repouso”), ao passo que homens piedosos (“que frequentavam o lugar santo”), não receberam a mesma honra, e pior, “foram esquecidos na cidade onde fizeram o bem”. O que seria esse “lugar santo”? Uns entendem que era a cidade de Jerusalém, o centro do culto a Deus, enquanto outros comentaristas entendem que seria o interior do templo, onde somente os sacerdotes entravam para oficiarem diante de Deus em favor do povo.

Salomão concluiu: “também isto é vaidade”, ou seja, tanto o ser honrado ou esquecido imerecidamente depois de morto, é algo vazio, sem valor.

Aplicação v.10

Refletir seriamente sobre a morte partindo da perspectiva das Escrituras nos ajuda a viver com sabedoria. Estar diante de um túmulo é algo desconfortável para um coração acostumado com os confortos dessa vida, mas, como já nos disse o Pregador “Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que tomem em consideração” (7.2).

Os tolos, aqueles que não conhecem a Deus e nem O temem, lidam com a morte tentando amenizar a má reputação da pessoa e promovendo-a à bem-aventurança do céu. É como se diz por aí, em vida foi um demônio e depois de morto as pessoas o transformaram num santo. Você mesmo já deve ter participado de um funeral onde palavras lindas foram ditas sobre o cadáver, as quais você pensou se tratarem de outra pessoa, mas não daquela pessoa ali no caixão. Tal como disse o Rev. Ewerton Tokashiki: “A morte não santifica ninguém. Se viveu como um ímpio e morreu como um ímpio, perecerá eternamente como ímpio”.

Os sábios, aqueles que conhecem a Deus e O reverenciam, descansam na certeza de que mesmo que venham a ser esquecidos por aqueles a quem eles fizeram bem, jamais serão esquecidos por Deus, “Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos” (Hb 6.10).

Não corra atrás da glória dos homens e das honras que eles podem lhe dar; eles são hipócritas e ingratos. Busque a glória de Deus, almeje ser encontrado por Ele fiel e aprovado.

A segunda injustiça a que Salomão se refere aqui está relacionada à prevaricação por parte de quem cabe executar a justiça e essas pessoas demoram em fazê-lo ou até mesmo deixam de fazer o que devem. A letargia, o descaso e a morosidade em corrigir um erro e sentenciar um delinquente traz outros problemas: **“Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal”** (v.11). Primeiramente, essas palavras mostram que a justiça humana além de falha, é também lenta e morosa. Pode-se justificar isso pelo fato de que os homens não têm conhecimento pleno dos fatos e, por isso mesmo precisam de tempo para a apuração das coisas a fim de se executar a justiça. Mas, sabemos muito bem que quando os que estão no poder querem dar celeridade aos julgamentos, eles conseguem ser rápidos, basta terem interesse. E quando percebemos essas coisas, bate um desânimo em nosso coração e temos vontade de agir com as próprias mãos, não é mesmo?

Mas a declaração de Salomão aqui revela algo bem mais nefasto sobre a natureza pecaminosa dos homens. Ele diz que **“o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal”** quando estes não veem a execução da justiça sobre os malfeitores. **Mas, a morosidade ou até mesmo a impunidade é motivo para que pratiquemos o mal? Com certeza, não.** Fazermos o que é certo não depende de vermos as outras pessoas agindo corretamente. Salomão não está aqui justificando ou mesmo nos autorizando que ajamos com as próprias mãos, ou que saíamos por aí revidando o mal. Ele apenas está constatando que é assim que muitas pessoas agem, e se não tomarmos cuidado com o nosso coração, nós mesmos somos capazes de agir assim também. **As pessoas praticam o mal porque elas são más, são depravadas, são degeneradas. Até mesmo aqueles que foram resgatados por Cristo e transformados por Seu amor, ao menor descuido com seus corações, praticarão o mal.**

Aplicação v.11

No que depender de nós devemos ser céleres em tratar com o erro e aplicar a justiça para que os perversos não encontrem algum incentivo de continuarem em suas obras más. Por exemplo: pais de filhos pequenos que são relapsos e procrastinadores no que tange à disciplina de seus filhos, contribuem para que seus filhos cresçam praticando o pecado cada vez mais. Muitos pais pensam que agindo assim estão sendo misericordiosos, quando na verdade estão sendo desobedientes à Palavra de Deus que os ordena criarem seus filhos na admoestação e disciplina do Senhor (cf. Ef 6.4).

Quando o seu coração for tentado a praticar o mal, como por exemplo quando você vir o governo esbanjando o dinheiro dos nossos impostos e sentir-se tentado a sonegar impostos, ou você se deparar com a lentidão dos magistrados, a impunidade daqueles que deveriam pagar por seus crimes, e o seu coração irar-se com isso, lembre-se do que a Palavra de Deus diz: **“Não te indignes por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos que praticam a iniquidade. Pois eles dentro em breve definharão como a relva e murcharão como a erva verde”** (Sl 37.1-2). É exatamente disso que se tratam os próximos versículos.

Se a justiça dos homens é falha, morosa e parcial, há uma justiça suprema que não falha, vem na hora certa e é imparcial – a justiça de Deus.

Se é fato que Deus faz muitas coisas ficarem tortas em nossa vida (cf. 7.13), é igualmente fato que Ele as endireitará; haverá uma correção final de todos os males. O Eclesiastes então diz: **“Ainda que o pecador faça o mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus. Mas o perverso não irá bem, nem prolongará os seus dias; será como a sombra, visto que não teme diante de Deus”** (v.12-13). Uma das principais ilusões que o pecado produz ao coração dos homens, é fazê-los acreditar que sempre escaparão das consequências de seus atos malignos. Mas, ainda que pratique o mal muitas vezes sem serem pegos, ainda que tenham muitos anos de vida, um dia Deus acertará as contas com eles.

Os ímpios haverão de receber o justo castigo e punição de suas muitas maldades; os piedosos **“que temem a Deus”**, cujo temor é fruto do conhecimento que receberam a respeito de Deus e os encheu de sabedoria, receberão da parte de Deus o bem. Ainda que possamos aplicar essas palavras ao Dia do Juízo Final, devemos, primeiramente aplicá-las a essa vida. É fato que encontramos homens maus e perversos vivendo muitos anos. Mas, o conceito de longevidade aqui vai muito além da quantidade de anos que uma pessoa possa viver. Tem a ver com a piedade diante de Deus, o que redundará em uma vida abençoada por Ele. Para o perverso, a promessa é que ele **“não irá bem, nem prolongará os seus dias”**, os quais passarão como uma sombra (לֵצַלָּה). Pense nas sombras das nuvens que desaparecem rapidamente com o vento. Enquanto isso, para os **“que temem a Deus”** a promessa é de que receberão de Deus o **“bem”**. Assim é a vida dos homens, quer vivam muitos ou poucos anos; quer sejam ímpios ou piedosos. A morte vem repentinamente ou pode demorar. Mas, somente os piedosos é que aproveitarão plenamente o tempo de vida que receberem de Deus.

Salomão aponta mais uma injustiça com a qual lidamos neste mundo: **“Ainda há outra vaidade sobre a terra: justos a quem sucede segundo as obras dos perversos, e perversos a quem sucede segundo as obras dos justos. Digo que também isto é vaidade”** (v.14). Essa injustiça não é cometida por Deus, porque isso iria contra o Seu caráter santo e justo. Antes, essa injustiça descrita aqui, aponta para as ações dos homens, tal como vimos no v.10 sobre as honras dadas a um ímpio e o esquecimento em relação aos justos. A repetição do substantivo **“vaidade”** (הַבָּהֳלָה) no começo e final do versículo sinaliza para o fato de que essas obras dos homens não passam de ilusão. Então, se nos depararmos com pessoas boas sofrendo como se fossem más, e pessoas más tendo boa sorte, como se fossem boas, não nos esqueçamos **“que também isto é vaidade”**, ou seja, passará rapidamente se comparado à eternidade, onde os piedosos serão recompensados por Deus, e os ímpios punidos para todo o sempre.

O Pregador diz: **“Então, exaltei eu a alegria, porquanto para o homem nenhuma coisa há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se; pois isso o acompanhará no seu trabalho nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol”** (v.15). Neste versículo, ele repete o que já dissera em outras passagens do livro (2.24-26; 3.12-13,22; 5.18-20). Mas, observe a crescente mudança em sua fala. Em 2.24 ele disse que **“Nada há de melhor para o homem do que comer, beber, etc.”**. Depois em 5.18 ele disse que havia visto apenas isso. Mas, aqui, ele fala de uma experiência mais profunda. Ele disse: **“Então, exaltei eu a alegria...”**. O verbo **“exaltar”** (שָׁבַח) significa *“louvar, enaltecer”*. A vida é de fato, dura e injusta. Mas, aqueles que olham para essa

vida com os olhos da fé, têm outra perspectiva, e isto quer dizer que devemos viver no temor de Deus, pois, esse mesmo temor que nos faz viver com os olhos voltados para a eternidade, também nos dá a sabedoria para viver neste mundo a despeito das injustiças sofridas. Mas, não só isso. Também temos plenas condições de louvarmos a Deus, e nos alegrarmos profundamente Nele. Um coração focado na pessoa bendita de Deus, cujos pensamentos, palavras e ações são governados pelo temor a Ele, não viverá aterrorizado e amedrontado; antes, viverá cheio de alegria por saber que Deus está presente em sua vida. As coisas simples e ordinárias dessa vida são desfrutadas com alegria por esse coração; ele não busca por coisas grandiosas, por sensações e emoções fortes e impactantes, sua caminhada com Deus não depende de ele ver um milagre a cada dia, mas, de desfrutar com alegria das coisas mais simples, como o cheiro e o sabor de um café, uma conversa salutar com um amigo, ou deitar-se no tapete da sala enquanto brinca com seus filhos, ou num abraço aconchegante de seu cônjuge, no frescor de uma brisa ao sol do meio-dia, no lavar uma louça, preparar uma refeição, no som do relógio de ponto quando começa mais um dia de trabalho. Enfim, para aquele que tem a Deus como o seu bem mais precioso, a felicidade e a alegria estão em cada momento da vida.

Aplicação v.12-15

Ainda que o medo esteja presente no conceito de temor a Deus, há algo mais. Temor a Deus é ter a certeza de Sua presença conosco o tempo todo, e por esta razão nos afastamos daquilo que desagrade a Deus. **“Perto está o SENHOR dos que têm o coração quebrantado e salva os de espírito oprimido. Muitas são as aflições do justo, mas o SENHOR de todas o livra”** (Sl 34.18-19). E mais **“Perto está o SENHOR de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade”** (Sl 145.18). Que conforto é para o crente saber e crer nessa verdade.

Sempre que as pessoas se deparam com injustiças, em vez de questionarem os pecadores, questionam a Deus: *“Como pode Deus permitir que tal coisa aconteça com o fulano?”*, é a pergunta que eles fazem. Não podemos nos esquecer que vivemos num mundo caído no pecado, e que o pecado traz severas consequências a todos nós. Com isso não estamos dizendo que não devemos nos importar com a injustiça. Pelo contrário, devemos nos lembrar do que o Senhor Jesus nos ordenou: **“buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”** (Mt 6.33). Devemos desejar que Deus faça justiça pelo Seu povo, mas a justiça Dele não vem separada de Seu reino. Para então desejarmos que Ele faça justiça por nós, devemos estar totalmente imersos e submissos ao Seu reino, do contrário seremos alvo da justiça pela qual clamamos.

Quando ficarmos confusos ao ver a injustiça cometida contra nós, lembremo-nos do que disse o apóstolo Paulo: **“Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas”** (2Co 4.16-18). Essa promessa bendita, não somente nos mantém firmes rumo ao céu de glória, mas, enche o nosso coração da verdadeira alegria, quando à nossa volta só encontramos a tristeza causada pelas injustiças dos homens. Se você aproveitar cada um de seus dias para viver glorificando a Deus tal como você foi salvo para fazer, você encontrará a felicidade e a alegria plena. Mas, tome cuidado para não fazer da glória de Deus um meio para alcançar um fim, a sua felicidade. É justamente o contrário que Salomão está

afirmando aqui. Alcançamos a alegria e a felicidade quando temos nossos olhos fixos na glória de Deus. Dessa forma, o desejo e a obediência que glorificam a Deus, têm como alvo a glória de Deus na eternidade, e quando o coração tem esse desejo e obediência, sem dúvida alguma encontra a plena alegria nessa vida.

Somos limitados em nossa capacidade de compreendermos as obras de Deus (v.16-17). Ele disse: **“Aplicando-me a conhecer a sabedoria e a ver o trabalho que há sobre a terra – pois nem de dia nem de noite vê o homem sono nos seus olhos –, então, contemplei toda a obra de Deus e vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para a descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar”**. Se compreender as obras dos homens que são nossos semelhantes é uma tarefa muitas vezes difícil, o que se pode dizer das obras de Deus? Salomão estava diante daquela velha questão: os homens se empenham tanto em alcançar a felicidade, mesmo tendo que abrir mão de algo tão importante como o sono. Esse é o retrato de uma vida sem Deus, sem o conhecimento Dele.

O conhecimento de Deus nos leva ao temor à Sua Pessoa, e uma vida cheia de temor a Deus nos faz sábios. Mas, ainda que obtenhamos essa sabedoria, não somos capazes de compreender tudo o que Deus faz. Observe como Salomão enfatiza a incapacidade do homem em compreender as obras de Deus: **“vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol”, “por mais que trabalhe o homem para a descobrir, não a entenderá” e, “ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar”**.

Essa verdade frustra o coração arrogante que quer saber de tudo e entender todas as coisas para ter controle sobre tudo. Mas, ao coração que confia em Deus, essa verdade é libertadora. De que nos serviria entender como as coisas são se não podemos modifica-las? De que adianta sabermos quem é o responsável ou o culpado por um infortúnio que nos acometeu, se não podemos fazer nada para mudar a situação? Então, em vez de ficarmos nos debatendo inquietos com essas questões, devemos descansar nosso coração em Deus que não somente sabe todas as coisas, mas, as tem sob Seu controle.

Aplicação v.16-17

“É assim que funciona a vida cristã: não se trata apenas daquilo que compreendemos no final, mas também daquilo em que nos transformamos ao longo do caminho. O discipulado é uma viagem e não apenas um destino” (RYKEN, 2017, p.355).

Deus, muitas vezes nos leva por caminhos que não conseguimos compreender no momento em que passamos por eles. Isso Ele faz para que aprendamos a confiar Nele e a adora-Lo independentemente das circunstâncias. Onde o nosso entendimento encontra limites, a nossa fé e amor a Deus avançam além.

Em vez de ficar se queixando daquilo que você não tem, alegre-se e desfrute daquilo que Deus lhe concede. Se Ele não lhe dá a compreensão de tudo e nem lhe revela tudo o

que você gostaria de saber, descanse o seu coração em Deus, Ele sabe o que faz e para onde está conduzindo sua vida.

Chegamos à última parte desse trecho do livro que começou no **Cap. 3**, na qual Salomão vem discutindo o problema sobre a vida **“debaixo do sol”** e as vicissitudes que todos os homens enfrentam. Nessa parte (**Cap. 9 – 10**), o rei-pregador aborda **Questões de vida e morte**. Ele já trabalhara esses assuntos anteriormente, mas, agora, traz outras verdades sobre o tema. Esses dois capítulos estão divididos em quatro partes: a morte vem para todos (**9.1-10**), a vida é imprevisível (**9.11-18**), a tolice mata (**10.1-11**) e, morrendo pela boca (**10.12-20**).

A primeira questão sobre a vida e a morte que Salomão trata aqui é:

12) A morte vem para todos 9.1-10

O *Kohelet* abre este capítulo com uma declaração **“Deveras me apliquei a todas estas coisas para claramente entender tudo isto: que os justos, e os sábios, e os seus feitos estão nas mãos de Deus”** (v.1a). Por **“todas essas coisas”** devemos ter em mente tudo o que foi dito em *Ec* 8. Ali, vimos Salomão relutando com os caminhos de Deus aos quais ele não compreendia. Até então, seu coração ainda não havia alcançado aquele amor adorador que deve estar presente na vida de alguém que amadureceu na Fé, que faz com que o crente adore a Deus com alegria e devoção sincera apesar da dor. Contudo, Salomão permanecera firme em sua Fé, e ela prevaleceu. Ele continuou crendo que Deus é soberano e está no controle absoluto de todas as coisas. Nada foge do Seu olhar nem escapa de Suas mãos. É exatamente isso que acontece quando ficamos firmes na Fé, pois, mesmo que o amor em nosso coração esteja frio, é através da Fé firme e constante na pessoa de Deus que o nosso coração volta a ser aquecido. **Não são os sentimentos que fortalecem a Fé, mas, sim, a convicção e a ação decidida de permanecer na Fé que nos livra da apostasia e heresia.**

Depois de ter se aplicado com todo o empenho de seu ser a compreender as coisas **“debaixo do sol”**, Salomão chegou à seguinte conclusão: **“que os justos, e os sábios, e os seus feitos estão nas mãos de Deus”**. Que declaração vigorosa da grandeza de Deus. Todos os feitos, de todos os homens, em todos os tempos cabem nas mãos de Deus, ou seja, Ele conhece tudo e todos, e por isso, julgará com sabedoria e equidade. As **“mãos de Deus”** são o Seu cuidado sobre Seus filhos, **“os justos, e os sábios”**, mas, também o Seu juízo sobre os ímpios.

Ele então contrasta a grandeza de Deus com a pequenez humana: **“e, se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem. Tudo lhe está oculto no futuro”** (v.1b). O homem, por mais entendido que seja das coisas, por mais recursos que tenha, não é capaz de saber o que o futuro lhe trará.

Quando Salomão fala sobre o amor e o ódio, a quem ele se refere? À primeira vista, somos levados a pensar no amor e ódio das pessoas (cf. v.6). Não sabemos como as pessoas nos tratarão no futuro. Pessoas a quem fizemos o bem poderão nos tratar com amor ou com ódio, com gratidão ou ingratidão. Mas, olhando para o contexto amplo, vemos que Salomão está se

referindo a Deus. Ele não sabia se Deus no futuro haveria de lhe dar amor ou ódio. Essa declaração parece contraditória ao Novo Testamento que nos mostra que podemos sim ter certeza do amor de Deus (cf. 1Jo 4.17-18). Devemos levar em consideração aquilo que é chamado de “**revelação progressiva**”, ou seja, as verdades bíblicas foram reveladas progressivamente, e somente em Cristo e no Evangelho é que temos a plena revelação delas. Logo, o entendimento que um crente nos dias do Novo Testamento tem é muito maior que o que tinha Salomão.

Assim sendo, vemos que as Escrituras tanto nos mostram que Deus tem em Suas mãos todos os Seus e os trata com amor (cf. Sl 95.7; Jo 10.28), como também tem em Suas mãos os ímpios e os trata do ódio (cf. Rm 9.13; Pv 6.16; Hb 10.31).

Aplicação v.1

O ímpio não tem segurança alguma quanto ao futuro, mas, aquele que teme a Deus e deposita somente em Cristo a sua fé e esperança, pode ter a bendita certeza de Seu amor eterno e imutável. Aquelas mãos que foram perfuradas lá na cruz por causa dos nossos pecados, nelas estão os filhos de Deus. A esperança e a segurança do crente não estão em suas mãos, mas nas mãos de Deus.

Enquanto isso, os ímpios, não têm qualquer segurança real quanto ao futuro, mas, somente devaneios e ilusões calcadas em suas próprias obras. Viverão seus dias sobrecarregados com seus pecados, sem saber que futuramente receberão a pior expressão do ódio de Deus: o inferno. A única solução para eles é Deus Se voltar em amor para eles, tal como fez conosco.

Em Cristo, podemos dizer: “**Se Deus é por nós, quem será contra nós?**” (Rm 8.31); mas, sem Cristo não há esperança alguma para nós.

Prosseguindo, Salomão afirma: “**Tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro; tanto ao que sacrifica como ao que não sacrifica; ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento**” (v.2). Estes versículos apontam para uma verdade clara e cristalina “**debaixo do sol**”. Há apenas dois grupos de pessoas aos olhos de Deus: o que O teme e o que O despreza. Aquele que teme a Deus é descrito aqui nestes versículos como: “**justo, bom, e puro**” que consequentemente “**que sacrifica (...) que jura**” a Deus, ou seja, O adora reverentemente tal como Ele assim determina; e o “**perverso, impuro, e pecador**” que, consequentemente “**que não sacrifica (...) que teme o juramento**”, isto é, evita fazer juramentos a Deus porque para ele Deus não tem importância alguma. Ele teme fazer o juramento não por causa de Deus, mas, para não ter o peso de uma responsabilidade. A distinção aqui é entre a pessoa que entra em aliança com Deus, e aquele que evita entrar em aliança com Deus.

Diante disso, muitos são levados a pensar que se fizerem parte do grupo dos que estão em aliança com Deus não sofrerão nesta vida e, até mesmo terão tudo do bom e do melhor em abundância, ao passo que se vierem a fazer parte do grupo que não entra em aliança com Deus padecerão nesta vida. Mas, o Pregador destrói esse castelo de areia: “**Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol**” (v.3a). Há um mal que sucede a todos, diz o Eclesiastes, e esse mal

é descrito em três aspectos: **“a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos”** (v.3b).

- ✓ **“a todos sucede o mesmo”**. As chuvas vem sobre todos, o sol nasce para todos, o oxigênio é distribuído a todos; todos sofrem, todos, choram, todos riem, ou seja, tudo nesta vida é comum a todos os homens (cf. Mt 5.45). Todos já tiveram dor de dente, já passaram aperto.
- ✓ **“também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem”**. O **“coração”** (לֵב - *ser interior, mente, vontade, coração, inteligência*) do homem **“está cheio”** (מָלֵא - *cheio, pleno, abundante, transbordante*) **de maldade** (רָע - *ruim, mau, desagradável, maligno*). Também o coração é o abrigo de **“desvarios”** (הוֹלָלוֹת - *loucuras*), o que pode ser constatado atos de violência, como assassinatos, ou vícios autodestrutivos, sexo e drogas, ou ainda em como machucamos as pessoas que mais nos amam e das quais mais precisamos, incluindo os membros de suas próprias famílias. *“Estamos vivendo em um mundo louco. Absolutamente louco”* (RYKEN, 2017, p.364).
- ✓ **“depois, rumo aos mortos”**. A morte nivela todos. Não importa se o homem foi rico ou pobre, trabalhador ou vagal, sadio ou doente, desse ou daquele país, e até mesmo se foi temente a Deus ou não, um dia todos nós encararemos a morte. Mesmo tendo sido salvo por Cristo, regenerado pelo Espírito Santo e vivido piedosamente, a morte um dia virá para você. O que Salomão está dizendo aqui é que todos um dia irão para a sepultura. **“Todos pecaram”** (Rm 3.23) e por isso receberão o que merecem **“o salário do pecado é a morte”** (Rm 6.23).

Aplicação v.2-3

A sepultura é o último destino de todos os neste mundo, mas, não é o destino final dos homens. As Escrituras são claras em contundentes em nos mostrar que após a morte vem o juízo eterno que apontará para dois destinos distintos: a glória eterna ou o tormento eterno (cf. Hb 9.27).

A única coisa que realmente importa nesta vida é depositar sua confiança em Cristo. Uma das maiores loucuras que podemos cometer é confiar em nosso próprio coração, isto é, em nós mesmos. Ainda que tenhamos sido resgatados por Cristo, lutamos contra a pecaminosidade que ainda pulsa em nosso coração, e embora ele não esteja mais tão cheio de maldade por causa da obra de Cristo em nós, ainda tem dentro de si muita maldade e desvarios que precisam ser arrancados e destruídos, e todo pensamento dele deve ser levado à obediência de Cristo (cf. 2Co 10.5), e essa luta durará até à sepultura. Mas, somente os que estiverem nessa luta por terem recebido a nova natureza em Cristo é que herdarão a glória eterna.

Você já observou como as pessoas fazem pouco caso da morte? As pessoas contam piadas, fazem troça com o assunto. Nos funerais não há qualquer traço de solenidade ou gravidade, antes, o que se vê são gargalhadas, conversas fúteis, algazarra. Isso não apenas mostra falta de empatia com os familiares que perderam seu ente querido, como também indica o total desconforto que as pessoas sentem diante da morte, e como pessoas que disparam a falar quando estão nervosas, elas se comportam desrespeitosamente nos funerais. Os homens tratam com desdém a morte até que um dia estejam frente a frente com ela.

Antes de analisarmos os **v.4-10** detalhadamente, é **importante ressaltarmos que aqui Salomão está tratando das coisas desta vida. Não devemos entender essas palavras em referência à vida no pós morte**, para que não entremos em conflito com o restante das Escrituras quando falam sobre a condição eterna do homem após a morte. Philip Ryken afirma (RYKEN, 2017, p.368):

Precisamos olhar também para além do livro de Eclesiastes, para o evangelho de Jesus Cristo e a promessa da ressurreição. Eclesiastes não tem todas as respostas, tampouco alega tê-las. Lembre-se, este não é o tipo de livro que continuamos a ler até recebermos todas as respostas, mas o tipo de livro que nos ajuda a saber como servir a Deus mesmo quando não temos todas as respostas. Faz também parte de um livro maior que dá respostas mais completas a muitas das mesmas perguntas que Eclesiastes apenas começa a levantar.

Ao afirmar **“Para aquele que está entre os vivos há esperança”(v.4a)**, Salomão não está tratando da vida pós morte na eternidade. Observe o final do **v.6** onde ele deixa isso bem claro: **“para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol” (v.6b)**. **Como crentes em Cristo Jesus e tendo a revelação do Novo Testamento diante de nós, sabemos que a nossa existência não termina na sepultura**. Apenas a existência neste mundo termina, mas, prosseguiremos para a eternidade, porque temos almas imortais. Mas, não é disso que o Pregador está falando aqui. Ele apenas está dizendo que se você estiver ao lado de um cadáver não pode esperar desse cadáver nenhuma ajuda, nenhum benefício, nem mesmo uma palavra. Não há nada ali para você, a não ser um corpo em decomposição. Daí o provérbio: **“porque mais vale um cão vivo do que um leão morto” (v.4b)**, pois, é melhor estar ao lado de alguém que, embora seja mais fraco, mas que esteja vivo (**“um cão vivo”**), do que se vangloriar de ter ao seu lado alguém considerado mais forte, mas que esteja morto (**“um leão morto”**).

E o ponto central aqui é **onde há vida, há esperança, e que estar vivo é melhor que estar morto**. Salomão então passa a mostrar alguns problemas que a morte traz. Primeiramente, a ignorância: **“Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma” (v.5a)**. É claro que devemos entender essa afirmação em referência às coisas dessa vida. Um morto, ou seja, um cadáver, não tem consciência alguma do que está acontecendo aqui, ao passo que os vivos têm essa consciência. Pense nas honras prestadas aos defuntos nos funerais. Nada é mais inútil. Nem mesmo o pretexto de “honrar a memória do falecido” tem algum proveito como indica a afirmação de Salomão **“nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento” (v.5b)**. O único efeito de tais honrarias é para consolo dos familiares que estão vivos. Se quisermos honrar alguém, e quisermos que essa pessoa saiba disso, façamos isso em vida.

Outro problema que a morte traz é a cessação das emoções que nos fazem sentir vivos: **“Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol” (v.6)**. Um cadáver na sepultura não tem qualquer reação, qualquer sentimento emocional e físico. É apenas um objeto inanimado em processo de se transformar em pó. *“Quando refletimos sobre todas as coisas que perdemos por meio da morte – as pessoas que amamos e todas as pequenas alegrias da vida neste lindo planeta – chegamos a apreciar o fato de que ainda estamos vivos e respirando. Por mais difícil que a vida seja, ela ainda é melhor do que a outra opção. Onde há vida, há esperança”* (RYKEN, 2017, p.367).

Aplicação v.4-6

Diante da morte, num funeral, guarde seus lábios, demonstre respeito pela dor alheia, traga consolo aos corações que sofrem, confronte os pecadores mostrando-lhes que um dia todos nós estaremos ali num caixão, pois, a morte nivelará a todos nós. Para quê sermos arrogantes, orgulhosos e soberbos com os nossos semelhantes? Qual a finalidade se agarrar às coisas e às honras desta vida, se quando estivermos num caixão e num túmulo não passaremos de restos mortais em processo de decomposição?

Por mais difícil que seja a sua vida, e por mais que você queira estar na glória eterna, seja agradecido a Deus por ainda estar vivo. Vivos respiram, se movem, amam, têm sentimentos, podem louvar a Deus, se relacionar com as pessoas, etc., mas, os cadáveres na sepultura nada sabem, fazem ou sentem (nem mesmo os vermes os devorando).

Trate a morte como o assunto mais importante de sua vida, pois, para todas as outras questões dessa vida, há uma saída, mas, para a morte, não. Quando chegar a sua hora, é bom estar preparado. Há duas realidades esperando os homens após a morte: o céu ou o inferno. Para qual desses você irá?

Mesmo que não lhe pareça uma vantagem tão boa assim saber que você vai morrer porque está vivo (**cf. v.5a**), louve a Deus e viva cada dia de sua vida com alegria e gratidão, tal como veremos nos próximos versículos.

Herb Magidson, em sua música *"Enjoy Yourself"* de 1934, dizia:

Você fará aquela viagem de navio, aconteça o que acontecer;

Suas reservas estão feitas, mas você simplesmente não consegue partir.

No próximo ano, com certeza, você verá o mundo e realmente viajará;

Mas até onde pode ir se estiver dois metros debaixo da terra?

Divirta-se, já é mais tarde do que você imagina!

Divirta-se, enquanto sua pele ainda estiver rosada!

Os anos passam num piscar de olhos,

Divirta-se, divirta-se, já é mais tarde do que você imagina.

Todos nós já ouvimos ou conhecemos alguma história de alguém passou anos de sua vida planejando algo, tentando conquistar algum bem, ou fazer uma viagem, mas, não deu tempo, pois, a morte chegou antes, ou pelo menos, antes do esperado.

O que fazer então diante do irreversível fato de que um dia morreremos? A resposta de Salomão é: *“Enquanto está vivo, aproveite a vida”*. Claro que com isso ele não está falando de um viver desregrado e licencioso, dominado pelo egoísmo. Não nos esqueçamos que o Autor acima do autor do livro é o Espírito Santo e Ele jamais nos traria uma recomendação dessas.

A dor, a tristeza, a futilidade e vaidade da vida, e a morte não são os únicos temas do Eclesiastes. Aqui também encontramos temas como a alegria, a paz, o desfrutar do que o nosso trabalho pode nos proporcionar, entre outros assuntos agradáveis. Nestes versículos (assim como em 2.24-26; 3.12-13; 5.18 e 8.15), temos uma janela que se abre trazendo luz e uma brisa suave à uma sala escura, afinal, ainda que a vida seja uma **“vaidade e correr atrás do vento”**, Deus também nos concede alegria e delícias nesta vida para nos lembrar que há algo infinitamente melhor nos esperando e que está sendo preparado pelo nosso Senhor Jesus (cf. Jo 14.2), e que esse algo não sofrerá interrupção por causa de reveses e infortúnios. Como diziam os puritanos: *“O céu é um longo santo Dia do Senhor sem fim. Não há shabbats no inferno”*.

Como devemos viver? O Pregador responde apontando para quatro áreas específicas:

- ✓ **Satisfação:** **“Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras”** (v.7). Há uma ordem aqui **“Vai”**, diz o Pregador num tom de urgência. Sim, é urgente, pois a vida passa rápido. A ênfase aqui não está no comer e beber, mas, em ter o coração cheio de alegria. Não vale a pena viver com o coração frustrado por não ter conseguido algo que tanto se desejou. É muito melhor viver alegre e contente com o que se tem, mesmo que seja pouco. Um coração grato e contente, agrada a Deus, pois, demonstra estar centrado Nele e não nas circunstâncias.
- ✓ **Conforto:** **“Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça”** (v.8). As roupas brancas naquela época, eram roupas especiais. Eram usadas em festas, pelos heróis de guerra em seus desfiles de vitória, pelos sacerdotes nos dias de festa em Israel, ou até mesmo pelos escravos no dia em que recebiam sua liberdade. Salomão também falou de óleo sobre a cabeça, o qual tanto servia para perfumar quanto para hidratar a pele que sofria com aquele clima árido e desértico. É muito comum ouvirmos uma interpretação alegorizada desse versículo apontando para santidade de vida. Mas, não é isso que Salomão está dizendo aqui. Ele apenas está nos dizendo para usufruirmos de um pouco de conforto nessa vida conquistado pelo nosso trabalho. Embora em nossos dias o conforto seja a grande força motriz que leva as pessoas a ficarem agitadas de um lado para outro, buscando cada vez mais dinheiro na esperança de poderem ter mais conforto, as Escrituras não condenam o conforto, mas, apenas os exageros em torno disso e o transformarmos o conforto num ídolo do nosso coração.
- ✓ **Companheirismo:** **“Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol”** (v.9). Aqui Salomão está falando sobre os prazeres diários do casamento e da vida em família. O marido deve olhar para sua esposa não apenas como mais uma pessoa dentre outras a quem ele ama, mas como aquela a quem ela ama exclusivamente. Além disso, deve ser por todos os dias de sua vida, afinal, o casamento é uma aliança até que a morte os separe, e o casal deve se empenhar para que seu relacionamento conjugal não esfrie. A esposa deve ser amada pelo marido como sendo a recompensa por todos os seus esforços neste mundo (cf. NVT). É claro que com isso, o *Kohélet* não está tratando a mulher como um objeto. Pelo contrário, está ensinando que cada marido deve valorizar sua esposa. Cada marido é chamado para alegrar a sua esposa enquanto se alegra em sua pessoa. Isso significa passar um tempo juntos como amigos. **O casamento deve ser a**

principal parceria e sociedade. Marido e mulher têm de ser companheiros um do outro e não meras companhias.

- ✓ **Responsabilidade:** “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (v.10). Essa ordem que nos é dada desfaz qualquer ideia de trabalhar aleatoriamente e sem propósito, fazendo o que bem quisermos. Não, definitivamente, não. Primeiramente, precisamos compreender que Deus não espera que façamos todas as coisas, mas, que façamos apenas tudo o que nos “**vier à mão para fazer**”, ou seja, tudo o que é deixado sob nossa responsabilidade por Ele mesmo. Em segundo lugar, devemos fazer “**conforme as nossas forças**”, isto é, com dedicação e empenho, e não de forma displicente e preguiçosa. Assumir responsabilidades é o grande divisor de águas entre um menino e um homem; é prova de maturidade. A grandiosidade da nossa responsabilidade se dá pelo fato de que é Deus quem nô-la dá a qual não pode ser levada relaxadamente. Por fim, devemos fazer com a consciência de que as oportunidades dessa vida são para essa vida somente.

Aplicação v.7-10

Desfrute hoje do que o seu trabalho lhe proporciona; não espere acumular muito, pois pode ser que esse muito não será suficiente para cuidar de uma enfermidade adquirida pelo cansaço e fadiga de ter trabalhado muito e desfrutado pouco. Deus nos deu um mundo belo e encantador para desfrutarmos dele para a Sua própria glória. Nesta vida, as maiores delícias e alegrias estão nas coisas simples e singelas. Aqueles que vivem em busca de coisas grandiosas e portentosas, possivelmente passarão os seus dias em fel de amargura e desiludidos com tudo. Mas, tome cuidado com os prazeres. Deus nos deu eles não somente para que aprendêssemos a ser-Lhe gratos, mas, também para compreendermos que nenhum prazer nesta vida pode ser comparado às alegrias da glória eterna. Os prazeres dessa vida são propositalmente transitórios para que possamos focar na busca pela glória eterna. Pense bem, se você pudesse adquirir todos os bens e riquezas deste mundo, na sua morte nada lavará consigo; tudo ficará para traz. Então, é loucura fazer disso o grande alvo da sua vida. Há um perigo mortal na busca dos prazeres como um fim em si mesmos. Eles podem ocupar tanto o nosso tempo, esforço e recursos que nos desviarão do amor a Deus; eles servirão de tropeço para nós fazendo com que busquemos os presentes em vez Daquele que nos presenteia.

Quer você sinta falta de satisfação, ou de conforto, ou de relacionamentos, ou ainda de responsabilidade que ocupem seu tempo e mente lhe dando um senso de utilidade e produtividade, não se esqueça que o que você mais precisa não é de algo, mas, de alguém, e esse alguém é Deus.

Pecamos não somente quando fazemos coisas ruins que desagradam a Deus, mas, até mesmo quando fazemos coisas lícitas e boas com propósitos errados, ou quando fazemos dessas coisas um fim em si mesmas e não para a glória de Deus. Pecamos não só quando deixamos de fazer a vontade de Deus, mas, quando fazemos a nossa vontade em vez da Dele, ainda que não sejam coisas pecaminosas o que estamos fazendo.

Mas não despreze as alegrias e prazeres que Deus lhe der nessa vida, ainda que eles não sejam o que o seu coração tanto deseja. Deus sabe dar boas dádivas aos Seus filhos (cf. Lc 11.11-13); Ele sabe o que nós necessitamos (cf. Mt 6.32). Deleite-se em todas as dádivas de Deus para sua vida. Alegre-se em Deus (cf. Sl 37.8).

Não somente a morte vem inesperadamente – do ponto de vista humano, é claro, pois, do ponto de vista de Deus ela vem no tempo certo determinando por Ele (cf. 3.2) – mas, muitas outras coisas nos sobrevêm inesperadamente. A vida é cheia de surpresas, umas boas, outras ruins. Por isso, neste trecho do livro adotaremos como tema:

13) A vida é imprevisível, 9.11-18

Nossa mente busca por previsibilidade nas coisas da vida, e essa previsibilidade faz com que alimentemos certas esperanças. Se trabalhamos, esperamos receber nosso salário; se cuidamos de nosso corpo com alimentação correta e atividade física saudável, esperamos ter uma boa saúde; se criamos nossos filhos sob a luz das Escrituras Sagradas e no temor do Senhor Deus, esperamos que eles professem a mesma fé que temos e permaneçam nos caminhos da Palavra de Deus. Mas, pode acontecer exatamente o contrário. Após ter trabalhado dedicadamente aquele mês, você é chamado no RH e recebe o aviso prévio; mesmo tendo cuidado da saúde, num *check-up* rotineiro você descobre uma doença terrível que certamente o levará à morte não antes de sugar todos os seus recursos; seu filho ao ingressar na universidade, rebela-se contra todos os ensinamentos que você lhe deu na Palavra de Deus, porque os professores dele o convenceram a abraçar ideologias diabólicas sob a promessa de se tornar livre e dono de seu destino.

Assim, descobre-se que a vida não é uma locomotiva presa a um trilho; às vezes (ou muitas vezes) ela descarrila desses trilhos, pelo menos do nosso ponto de vista. É exatamente isso que Salomão está dizendo no v.11: **“Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso”**. O que Salomão está dizendo aqui é que nem sempre os mais rápidos e mais fortes vencem as disputas, que nem sempre os mais sábios e inteligentes conquistam as coisas e bens (cf. NVT). Podemos agrupar as habilidades aqui descritas por Salomão em duas áreas: física e moral.

A habilidade física descrita aqui é a ligeireza. A vitória nem sempre é dos mais velozes na corrida (a palavra que foi traduzida pela ARA por **“prêmio”** **פְּרִיז**, que deve ser traduzida por **“corrida”**). Um exemplo bíblico disso foi Asael que era rápido como uma gazela, mas, da nada adiantou sua ligeireza, pois, morreu pela lança de Abner que sabia manuseá-la (cf. 2Sm2.17-23).

As habilidades morais descritas aqui são: valentia, sabedoria, prudência e inteligência. A vitória nem sempre é daquele cuja valentia é vista por todos, tal como o gigante Golias que metia medo em todos os israelitas, inclusive no grandalhão rei Saul, porém, foi do menino Davi, cuja valentia e coragem eram movidas pelo temor e zelo para com o nome santo de Deus (cf. 1Sm 17). Quanto às outras três habilidades espirituais descritas aqui, todos nós já encontramos ou pelo menos ouvimos falar de mendigos e andarilhos, que foram homens sábios, prudentes e inteligentes em seus negócios e empreendimentos, mas, um revés em suas vidas levou-os à bancarrota e, hoje, mendigam o pão e dependem do favor dos outros por terem perdido suas riquezas.

“porém tudo depende do tempo e do acaso”. Tudo (prêmio, vitória, pão, riqueza e favor) “depende” não das habilidades da pessoa, mas, “do tempo e do acaso”, literalmente, “de estar no lugar certo na hora certa” (NVT). As Escrituras não trabalham com a ideia de acaso como a nossa cultura popular trabalha. O substantivo “acaso” vem hebraico é אָסוֹף e deve ser traduzido e entendido como “ocorrência, acontecimento, evento”. Não se trata de algo que acontece aleatoriamente sem a coordenação e determinação divina. O verbo hebraico אָסַף, que aqui foi traduzido por “depender”, literalmente é “deparar, encontrar, suceder, acontecer, vir a encontrar”. E isso nos ajuda a entender o sentido correto do substantivo “acaso”. Não há nada que esteja fora do controle e determinação de Deus; Ele está no comando de todos os eventos da vida “debaixo do sol”. Walter Kaiser explica este versículo assim (KAISER, 2015, p. 204):

O termo אָסַף, segundo sujeito da frase, não deve ser traduzido por “acaso”. A palavra hebraica אָסַף significa simplesmente “ocorrência” e vem do verbo אָסַף “encontrar” (cf. 1Rs 5.4). No entanto, é fato que esta “ocorrência”, ou “evento”, normalmente é uma ocorrência má. Em razão do verbo compartilhado por esse sujeito composto estar no singular (אָסַף “suceder, acontecer”), a ideia é uma só. O “tempo” é um tempo de juízo a ser administrado por Deus, no qual ele pode permitir que os eventos e as situações da vida subjuguem e destruam aqueles cuja dotação de habilidades parece negar qualquer possibilidade do fracasso deles. É inútil confiar na capacidade humana em vez de no Deus vivo. (Grifo é meu).

Aqueles que confiam em si mesmos, isto é, em suas próprias habilidades, logo se depararão com situações que revelarão a total falta de controle da parte deles. As Escrituras ressaltam a loucura e insensatez que é confiar em si mesmo (cf. Sl 37.3-7; Pv 3.5-8), e chamam isso de arrogância e soberba, coisas que precedem à ruína de uma pessoa (cf. Pv 16.18).

Salomão continua descrevendo a limitação e finitude humanas para humilhar ainda mais àqueles que pensam ser alguma coisa por causa de suas habilidades. As habilidades humanas não são uma garantia de sucesso na vida. Ao homem que pensa saber de tudo e ter tudo sob controle é dito “Pois o homem não sabe a sua hora”. Usando figuras bem vívidas, e porque não dizer, humilhantes, o *Kohelet* ilustra a condição do homem: “Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles” (v.12). Neste versículo é destacada a imprevisibilidade da qual estamos falando: “no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles”. Pela mesma razão pela qual peixes e pássaros são apanhados inesperadamente, os homens também são apanhados pela calamidade. Tal como a rede do pescador ou a armadilha do caçador caem inesperadamente sobre os peixes e os pássaros, a calamidade (רָעָה – ruim, mau, aflição, miséria, ferida), “assim se enredam também os filhos dos homens”. Há aqui tanto o aspecto de um infortúnio, algo que está totalmente fora do controle dos homens pegando-os de surpresa, quanto a ideia de consequência por suas más obras (“se enredam”) trouxeram sobre eles tal desgraça. Fiados em sua sabedoria, sagacidade e esperteza, vivem como se nada fosse possível de lhes atingir. Mas, justamente por estarem tranquilos com seu aparente sucesso, de repente tudo sai do seu controle.

Aplicação v.11-12

A vida é imprevisível. Seus infortúnios são inevitáveis e muitas vezes não há como escapar deles. Em sua misericórdia, Deus nos diz que devemos esperar o inesperado. Quando as dificuldades vierem, até mesmo quando vierem repentinamente, não devemos nos surpreender. E quando a vida é boa, não devemos acreditar que nossas próprias habilidades naturais nos pouparão de tempos difíceis. Não importa quão talentosos sejamos, ou quão bem estejamos preparados ou quantas vantagens tenhamos na vida, nós também podemos sofrer um dia mau (cf. RYKEN, 2017, p.443).

Infortúnios sobrevêm tanto aos que temem a Deus quanto aos que não O temem. A diferença é que aqueles que temem a Deus ainda que sejam pressionados diante de uma situação difícil, não desanimarão; ainda que fiquem perplexos diante da adversidade, não desanimará; ainda que sofra terrível perseguição, jamais serão abandonados por Deus; ainda que sejam abatidos e derrubados pelo adversário, Deus não permitirá que eles sejam destruídos (cf. 2Co 4.8-9); sempre experimentarão o cuidado de Deus e a Sua doce voz guiando os seus corações aflitos enchendo-o da mais perene esperança.

Agora, o Pregador passa a mostrar um exemplo de sabedoria: **“Também vi este exemplo de sabedoria debaixo do sol”** (v.13a). Numa pequena cidade, havia poucos homens. Essa cidadezinha caiu nas garras de um grande rei que a invadiu e a sitiou. Mas, dentre aqueles poucos homens havia um que era pobre, porém sábio, e que por sua sabedoria livrou aquela cidade, mas, desta, ele só recebeu indiferença, pois, ninguém se lembrou do que ele fizera.

Salomão descreve essa sabedoria como:

- ✓ **Grandiosa** – **“que foi para mim grande”** (v.13b): algumas versões traduzem essas palavras por *“muito me impressionou”*. E era de se impressionar mesmo! Aquele grande (entenda-se poderoso, cf. NVT) rei veio contra a cidadezinha e **“sitiou-a”**, ou seja, cercou-a de tal forma que ninguém poderia sair, **“e levantou contra ela grandes baluartes”** (v.14), que eram grandes rampas as quais eram enchidas com entulho e terra para dar acesso à cidade. Sim, era grandioso o poder bélico desse rei, mas, havia algo ainda mais grandioso, **“Encontrou-se nela um homem pobre, porém sábio”**. Aquele pobre sábio **“a livrou pela sua sabedoria”** (v.15a). Ele não usou sua sabedoria de forma egoísta, mas empregou-a para o bem dos outros. Salomão não descreve como esse homem empregou sua sabedoria para livrar aquela cidade das garras daquele grande rei. Mas, pelo fato de ele ser descrito como **“pobre”** (יָדָנָה) certamente não foi com tributos e tesouros (tal como muitas guerras foram assim encerradas), pois, ele não os tinha.
- ✓ **Ignorada** – **“contudo, ninguém se lembrou mais daquele pobre”** (v.15b). Em 8.10, o Pregador já mostrara como a memória das pessoas é fraca, e elas se esquecem até mesmo do bem que alguém lhes fez. As pessoas se esquecem de coisas importantes, tal como o demonstrar gratidão pelo bem que lhes foi feito, porque são instáveis e volúveis. Tão logo recebem um benefício, saem em busca de outros benefícios, e, se não os recebem, se põem a reclamar e a murmurar, e assim se esquecem do bem que receberam. O advérbio **“ninguém”** enfatiza ainda mais a ingratidão dos concidadãos do pobre sábio. Parece exagero de Salomão? Não. A ingratidão está presente em **todos** os corações num grau maior ou menor, mas, está presente em todos.
- ✓ **Valorizada** – **“Então, disse eu: melhor é a sabedoria do que a força, ainda que a sabedoria do pobre é desprezada, e as suas palavras não são ouvidas. As palavras dos sábios, ouvidas**

em silêncio, valem mais do que os gritos de quem governa entre tolos. Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra, mas um só pecador destrói muitas coisas boas” (v.16-18). As palavras desses versículos devem ser entendidas como uma comparação entre um rei que embora forte, autoritário e poderoso está em desvantagem diante de um homem sábio.

- A sabedoria é melhor **“do que a força”**. Salomão não disse que a sabedoria é mais forte, mas sim, que ela é melhor. A destruição daquela cidadezinha foi evitada pela sabedoria daquele homem pobre. Aquele grande rei com todo o seu arsenal nada pôde diante da sabedoria de um pobre, porém, sábio, **“ainda que a sabedoria do pobre é desprezada, e as suas palavras não são ouvidas”** (v.16) pelos seus concidadãos, como fica subentendido. A NVT traduz assim este versículo: *“...embora a sabedoria seja melhor que a força, o sábio é desprezado quando é pobre. Suas palavras logo são esquecidas”*. Como vimos no v.11, as pessoas têm expectativas e desejam alguma previsibilidade diante das circunstâncias. Espera-se que um homem sábio também tenha adquirido riquezas; daí quando se vê um pobre falando com sabedoria, não damos muita atenção, pois, a sabedoria na boca de um pobre não parece convincente. Mas isso só mostra a nossa pobreza de espírito e ticanhez de nossos conceitos. O Senhor Jesus mesmo declarou: **“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui”** (Lc 12.15).
- A sabedoria é valiosa: **“As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, valem mais do que os gritos de quem governa entre tolos”** (v.17). A voz mais alta nem sempre é a voz mais sábia. A única voz que fala mais alto do que tudo e todos e faz tudo e todos se calarem diante dela, é a voz de Deus (cf. Sl 29.3-11). Em se tratando de seres humanos mortais, geralmente aqueles que gritam para serem ouvidos só porque estão num posto de autoridade, não passam de autoritários desprezíveis que são acompanhados e bajulados por tolos – somente tolos dão ouvidos a um autoritário cuja vontade é imposta sobre os demais. Por isso *“Mais vale prestar atenção na palavras tranquilas dos sábios, do que nos gritos de quem governa tolos”* (NVI). Quantos homens destruíram seus lares porque impuseram aos gritos a sua vontade, ou quantos foram instrumentos de Satanás causando divisão na Igreja de Cristo por estarem em algum posto de autoridade e abusarem da autoridade desse posto? Tais pessoas têm o coração cheio de ira e orgulho.
- A sabedoria é melhor do que o poder – **“Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra, mas um só pecador destrói muitas coisas boas”** (v.18). No v.15 vimos que um só homem sábio livrou aquela cidadezinha das garras de um grande rei que a cercou e a invadiu. A despeito de todo o seu arsenal, aquele rei não conquistou a cidadezinha, porque **“Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra”**. *“O Pregador não está negando que haja um tempo para a guerra. Tampouco está negando a utilidade de armas na hora da luta. Mas ele diz que a sabedoria é superior a qualquer armamento”* (RYKEN, 2017, p.448). Um homem sábio, sabe usar as palavras certas, na hora certa e da maneira certa, ao passo que **“um só pecador destrói muitas coisas boas”**. Em casa, palavras calmas honram mais a Deus e quase sempre são mais eficientes – especialmente a longo prazo – do que muita gritaria. O mesmo pode ser dito em relação à igreja, onde uma conversa honesta e uma comunicação autêntica pautada pelas Escrituras costumam evitar grandes conflitos. Devemos aplicar esses princípios a todas as esferas da nossa vida e relacionamentos. Porém, se optarmos pelo caminho do homem, nosso egoísmo e soberba prevalecerão e causarão muitos danos.

Aplicação v.13-18

Como encarar essa vida tão imprevisível? Como diz a canção popular: “*É preciso saber viver*”. Mas saber viver não com a sabedoria dos homens, e sim, com a sabedoria de Deus, que vem como fruto do conhecimento que Ele nos dá por meio de Sua revelação, e se traduz em temor e reverência diante Dele. Mas saber viver não com a sabedoria dos homens, e sim, com a sabedoria de Deus, a qual é mais sábia que a sabedoria dos homens (cf. 1Co 1.25), que vem como fruto do conhecimento que Ele nos dá por meio de Sua revelação, e se traduz em temor e reverência diante Dele. Ainda que a sabedoria humana tenha algum valor, ela vai até a sepultura, ao passo que a sabedoria de Deus nos conduz à eternidade. Somente a sabedoria divina que é encontrada claramente nas Escrituras pode nos salvar, tal como disse Paulo a Timóteo: **“e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”** (2Tm 3.15). Se algum de nós não têm essa sabedoria deve pedir a Deus **“que a todos dá liberalmente e nada lhes impropria; e ser-lhe-á concedida”** (Tg 1.5). *“A principal maneira como Deus responde a nossa oração por sabedoria é dando-nos seu Filho Jesus Cristo, a quem a Bíblia identifica como sabedoria de Deus”* (RYKEN, 2017, p.450).

Volte seus olhos novamente para a ilustração que Salomão usou sobre o pobre sábio que livrou aquela pequena cidade das mãos do rei invasor. Ainda que ela não seja uma profecia ou coisa parecida a respeito do Senhor Jesus, ela pode ser entendida como uma analogia à Sua vida e obra. O Senhor Jesus era um homem pobre. Não tinha onde reclinar a cabeça (cf. Mt 8.20); todas as coisas que Ele usou foram emprestadas, até o túmulo onde fora sepultado. Ele dependia completamente do Pai e do Espírito Santo até mesmo para ter pão diário ainda que tivesse o poder de fazer isso com uma só palavra. Mas, esse pobre homem é o Homem Perfeito, o mais sábio que já pisou nessa Terra. A humanidade estava presa e sitiada pelo diabo; veio o Senhor Jesus e com Sua sabedoria libertou os homens da tirania do diabo.

Cristo veio para derramar Sua sabedoria sobre nós a fim de que soubéssemos que podemos confiar Nele e em Seu sacrifício para estarmos seguros eternamente da nossa salvação. A Fé em Cristo não se trata de “sentir”, mas de “saber”. E é por isso que somente através da Sua Palavra podemos adquirir a sabedoria para a salvação.

Diante de tudo isso, ainda que a vida seja amargamente imprevisível para nós, podemos viver com sabedoria, e isso implica em sermos:

- Gratos a Deus por todo o Seu cuidado para conosco, ainda que percamos uma ou outra corrida ou soframos uma ou outra derrota, ainda que nos falte o pão ou alguns recursos para termos uma vida mais confortável, não é disso que dependemos para viver, mas do favor de Deus.
- Contentes em Deus, mesmo quando não alcançamos o que desejamos, ou não temos as informações sobre o nosso futuro as quais gostaríamos de saber. Ou passamos nossa vida resmungando e reclamando (o que mudará a nossa situação somente para pior fazendo-nos ainda mais infelizes), ou louvando a Deus aceitando Sua vontade para nós.
- Dependentes de Deus. Um coração grato e contente diante de Deus, não pedirá supérfluos. Antes, orará segundo a vontade de Deus, e por isso, receberá o que pediu (cf. 1Jo 5.14). A nossa prática de falar com Deus muda não só o nosso jeito

de falar com as pessoas, mas, principalmente o nosso coração. Ela também nos faz humildes na presença de Deus. E a principal demonstração de humildade diante de Deus é não confiarmos em nossas habilidades e confiarmos inteiramente em Cristo e Sua obra salvífica.

- Generosos com os necessitados. Em tempos de aperto que nos sobrevém inesperadamente, temos a tendência pecaminosa de nos agarrarmos as coisas de forma avarenta e egoísta, em vez de sermos generosos e socorrermos aqueles que são mais necessitados do que nós. Muitas vezes a forma como Deus provê o socorro para os homens é através de outros homens. E nesse sentido, até ímpios podem ser usados por Ele, mas, o conveniente é que sejamos nós esses instrumentos.
- Fiéis a Deus em todo o tempo. Se nem sempre os mais ligeiros vencem as corridas, nem sempre os valentes vencem as batalhas, nem sempre os sábios têm pão, nem os prudentes enriquecem, e os inteligentes são favorecidos, então para quê continuar fiel a Deus? Essa é a pergunta que o ímpio faz o tempo todo. Mas, o crente diz como o profeta Habacuque: **“Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no SENHOR, exulto no Deus da minha salvação. O SENHOR Deus é a minha fortaleza, e faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente”** (Hc 3.17-19). A fidelidade a Deus anda de mãos dadas com a confiança inabalável em Sua pessoa e caráter.

A segunda questão sobre a vida e a morte que Salomão trata neste trecho do livro é

14) A tolíce mata, 10.1-11

Em **Ec 9** vimos o quão importante é a sabedoria para lidarmos com as situações nesta vida, especialmente quando a morte se aproxima, e ainda que não sejamos reconhecidos pelos homens pelas boas obras que fizemos com base na sabedoria que Deus nos deu, a sabedoria é não só o melhor caminho, mas, o único que devemos trilhar. Agora, em **Ec 10** o Pregador passa a falar sobre o oposto da sabedoria, a tolíce. E ele nos adverte: **a tolíce mata!**

Mas, o que é a tolíce? A Bíblia a apresenta como sinônimo de loucura, e define o tolo não como alguém de pouca inteligência, ou com dificuldade cognitiva, ou com algum distúrbio mental, mas, sim, como alguém a quem **falta o temor a Deus**. Tal pessoa pode ser inteligente e com muitas habilidades, mas, por não temer a Deus, revela-se tola, louca, porque não se importa com Deus. Os tolos são pessoas arrogantes e soberbas, são autoconfiantes e presunçosas, que vivem sem se importarem com Deus e em fazerem Sua santa vontade. Philip Ryken diz: *“o tolo, por sua vez, é caracterizado por uma desobediência impulsiva, uma arrogância egoísta e um desrespeito irrefletido pela santidade de Deus”* (RYKEN, 2017, p.459). **Todo pecado é um desrespeito pela santidade de Deus.**

Para ilustrar o que ele disse sobre **“um só pecador destrói muitas coisas boas”** (9.18), o *Kohélet* apresenta algumas histórias curtas, alguns provérbios, algumas comparações e exortações, e tudo isso conectando-se pelo contraste que ele faz entre a sabedoria e a tolice.

Começando com uma comparação, ele diz: **“Qual a mosca morta faz o unguento do perfumador exalar mau cheiro, assim é para a sabedoria e a honra um pouco de estultícia”** (v.1). O ensinamento central aqui é: fazer o que é certo dá muito mais trabalho do que fazer o que é errado, e o erro não precisa ser grande para estragar tudo de bom que é feito. Uma pequena mosca morta e em decomposição estraga o conteúdo de um vaso cheio de perfume. E essa figura é ainda mais impressionante se compararmos o tamanho de uma mosca com o de um vaso de perfume. Da mesma forma é um pouco de **“estultícia”** (טְּלִיטָה – *loucura, insensatez*) o é para a sabedoria e a honra.

Mas, quem de nós nunca teve um lapso de insensatez? Quem de nós nunca cometeu um erro que manchou nossa reputação e, pior, desonrou a Deus? Walter Kaiser afirma que aqui Salomão não está tratando meramente de deslises eventuais em nossa vida, mas, sim, *“sobre a tendência do predomínio da loucura sobre a ‘sabedoria honrosa’”* (KAISER, 2015, p. 208), ou seja, devemos ficar atentos o tempo todo ao nosso coração, pois, o pecado que ainda habita em nós sempre aproveitará as oportunidades que tiver para vir à tona e exalar seu fedor mortal. **Não somos pessoas boas que cometem um ou outro ato de insensatez; somos pessoas más que dependem totalmente de Cristo para fazerem algo bom que glorifica a Deus**, e que por isso, precisamos ficar atentos o tempo todo com o nosso coração, sempre investigando as nossas motivações e desejos, e ao menor sinal de insensatez agirmos com os recursos que Deus nos dá para não pecarmos contra Ele, pois, bastará um único pecado para darmos um mau testemunho, e em vez de exalarmos o bom perfume de Cristo (cf. 2Co 2.15), exalaremos o fedor mortal do pecado, desonrando e ofendendo a santidade do nosso bom Deus.

Aplicação v.1

Cuidado com aquelas coisas que parecem insignificantes e tolinhas. Uma palavra impensada ou rude, uma decisão apressada, ou uma reação grosseira, um prazer imoral, ou uma explosão de raiva quando encontrados em nós, colocam tudo a perder.

Muitos casamentos são destruídos por causa de um ato de infidelidade; mágoas e inimizades nascem de uma palavra torta e impensada; assassinatos são cometidos em resposta a uma palavra ou ato grosseiros.

O Senhor Jesus fala sobre a *“ética das pequenas coisas”*. Ele disse **“Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito”** (Lc 16.10). O mesmo ensinamento é encontrado na parábola dos talentos (Mt 25.21-23). Se não tomarmos cuidado com as pequenas moscas do pecado que pairam sobre nós, veremos terríveis consequências em nossa reputação e testemunho cristão.

O tolo desagrada a Deus porque é moralmente cego (2.14), preguiçoso (4.5), iracundo (7.9), e não aceita conselhos (9.17). Por causa de tudo isso, o tolo tem sérias dificuldades para se orientar nessa vida **“debaixo do sol”**. O Pregador diz: **“O coração do sábio se inclina para o lado direito, mas o do estulto, para o da esquerda”** (v.2). No sentido figurado, a Bíblia sempre trata

o “lado direito” (יָמִין – *mão direita*) como o lado bom, e o esquerdo (שְׂמאל – *mão esquerda*) como mau, ruim. Assentar-se à destra de alguém era sinal de honra e autoridade (cf. Cl 3.1). Era com a mão direita que um pai dava a bênção ao seu filho (cf. Gn 48.13-20). No Dia do Juízo, as ovelhas serão postas à direita e, os cabritos, à esquerda (cf. Mt 25.31-33). Até hoje, na cultura do Oriente Médio, cortar a mão direita de um ladrão, é uma forma de puni-lo socialmente, pois, é com a mão esquerda que as pessoas fazem sua higiene pessoal, e por isso, a mão esquerda de uma pessoa é considerada imunda. Logo, a mão esquerda é evitada e tudo o que ela toca torna-se imundo. Mesmo em nossa cultura, até bem pouco tempo, crianças em alfabetização que segurassem o lápis com a mão esquerda eram impedidas e forçadas a usarem a mão direita.

Aqui, direita e esquerda significam respectivamente, certo e errado. A NVT traz exatamente assim: “O sábio escolhe o caminho certo, mas o tolo toma o rumo errado”. Há vários exemplos nas Escrituras sobre isso: Abrão e Ló (Gn 13), Rute e Noemi (Rt 1.6-18), e ainda aqueles muitos que escolhem a porta larga que dá para um caminho espaçoso, porém, fatal em vez de escolherem a porta estreita que dá para o caminho estreito que conduz à vida, com o qual poucos acertam (cf. Mt 7.13).

A razão pela qual o tolo segue na direção errada é o seu “coração”, isto é, o seu eu, sua essência, a sede espiritual na qual se toma decisões, onde encontram-se suas afeições. **Tudo é uma questão de inclinação.** Em nossos dias fala-se muito sobre “compulsão”, mas, muito pouco sobre “impulsão”. Uns têm compulsão por comprar coisas sem ter necessidade e dinheiro para tal, outros têm compulsão por sexo, por comida. A Bíblia não fala tanto de compulsão, quanto fala de impulsão ao tratar das motivações do coração. A compulsão é algo externo nos puxando; a impulsão é algo interno nos empurrando, e esse algo interno é o pecado dentro do coração. Quando entendemos que não são as coisas que nos puxam, mas, o nosso coração que nos empurra, que se inclina para o pecado, atentaremos para a sabedoria que Deus nos dá e nos afastaremos do pecado. Além disso, não culparemos os outros pelos nossos erros.

Aplicação v.2

O apóstolo Paulo disse: “**Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito**” (Rm 8.5). Aqui encontramos o cerne da questão. Nossas inclinações são alimentadas pelas nossas cogitações, ou seja, os nossos pensamentos alimentam nossas vontades. Se os nossos pensamentos são focados na Palavra de Deus e nas coisas lá do céus, nosso coração, isto é, nossas vontades também serão direcionadas para Deus e para os céus. Mas, se os nossos pensamentos forem carnavais, direcionados para o pecado, nossas vontades também serão direcionadas para o pecado.

O que fazer então? Devemos fazer aquilo que as Escrituras chamam de “*renovação da mente*” (cf. Rm 12.1-2; Ef 4.22-24). Não permitamos que nossa mente seja ocupada por pensamentos que não glorifiquem a Deus. Se assim permitirmos, certamente seguiremos na direção errada e pecáremos contra Deus. Lembrando que o só escolher a direção errada já é pecado.

“Quando o tolo vai pelo caminho, falta-lhe o entendimento; e, assim, a todos mostra que é estulto” (v.3). A NVT traz assim este versículo: “Os tolos podem ser identificados apenas

pelo seu modo de andar”. A palavra “caminho” (דֶּרֶךְ) pode significar *caminho, estrada, direção, maneira, hábito, o curso da vida*. O sentido aqui é comportamental. O comportamento do tolo, o seu jeito de falar e de agir, as escolhas e decisões que toma, revelam sua tolice. É como se tivesse uma enorme placa pendurada no seu peito dizendo: “*Olhem para mim e vejam quantas idiotices eu digo e faço*”, só que essa placa está escrita num idioma que ele não conhece. Todos percebem que o tolo é tolo, menos ele. O tolo não se vê como tolo, mas, como sábio, por isso mesmo recusa bons conselhos (cf. Pv 12.15; 18.2; 23.9), diz a coisa errada na hora errada (cf. Pv 18.6), e faz somente o que os seus sentimentos mandam.

Aplicação v.3

“Não seja tolo! Uma das razões pelas quais a Bíblia define a diferença entre sabedoria e tolice é para que possamos escolher como viver bem. Não seja o tipo de pessoa que se recusa a ouvir uma crítica construtiva, ou que ignora o que pessoas santas estão tentando dizer, ou que explode em raiva descabida sempre que algo dá errado. Em vez disso, volte seu coração para Deus e peça a sua graça para seguir na direção certa, e não na direção errada – para seguir o caminho de Deus, e não o seu próprio” (RYKEN, 2017, p.463).

O cenário agora é o da vida palaciana continuando no assunto sobre a tolice contrastada com a sabedoria. Nos v.1-3 Salomão mostrou o contraste entre a sabedoria e a tolice. Agora, nos v.4-7, o Pregador apresenta **conselhos práticos sobre como lidar com os tolos que encontramos nesta vida**.

Encontramos tolos em todos os lugares. Gente que não teme a Deus, que zomba de Sua Palavra, que escarnece do povo de Deus. Encontramos também gente imatura, sem juízo, ingênua e insensata. Tais pessoas tornam a nossa vida mais difícil, especialmente se estiverem em posto de autoridade. Em 4.1 Salomão falou dos opressores e dos oprimidos e como é triste ver que aqueles que receberam a incumbência e a autoridade para cuidarem do povo, usando seu posto em benefício próprio. Em 8.2-4 o *Kohelet* instruiu sobre como se deve portar diante do rei, e com certeza, a tolice não é essa maneira. **Agora, nos v.4-7, temos um conselho e uma ilustração daquilo que ele disse no v.1 sobre um pouco de tolice estragando tudo.**

Primeiramente, vejamos o conselho: **“Levantando-se contra ti a indignação do governador, não deixes o teu lugar, porque o ânimo sereno acalma grandes ofensores”** (v.4). Como lidar com a tirania de um soberano? Como responder a uma autoridade autoritária e grosseira? A resposta é: seja humilde, reconheça a sua posição inferior e não afronte aquele que pelo poder que lhe foi conferido pode trazer tormentos para você, pois, **“há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo”** (8.9). Se em vez de bater de frente com as autoridades, um **“ânimo sereno”**, isto é, um espírito calmo for demonstrado, a probabilidade de se acalmar **“grandes ofensores”** é maior que incitar ainda mais a ira deles. Não é sábio afrontar uma autoridade, quer seja um filho em relação a seus pais, um cidadão em relação à polícia, um aluno ao professor, enfim, somente tolos respondem afrontosamente às autoridades. Claro que com isso não estamos dizendo que devemos ser coniventes com os abusos que essas autoridades praticam. Há meios legítimos de nos opormos aos seus erros. O que devemos é evitar os meios tolos!

“Ainda há um mal que vi debaixo do sol, erro que procede do governador: o tolo posto em grandes alturas, mas os ricos assentados em lugar baixo. Vi servos a cavalo e príncipes andando a pé como servos sobre a terra” (v.5-7). E quando o tolo está num posto de autoridade? Alguém o colocou lá. Conforme o v.5, o governador pôs um tolo num cargo elevado. Salomão não disse abertamente que o governador foi tolo, mas, sim, que ele pôs um tolo no comando. É claro que essa ação do governador foi tola e descuidada, pois, no v.6 ele relata o resultado desse erro: uma inversão de papéis, a saber, tolos que não são dignos de confiança sendo honrados com cargos de responsabilidade, e homens ricos com recursos e condições de emprega-los para o bem comum sendo preteridos e colocados sob a autoridade dos tolos.

No sistema monárquico como eram os tempos bíblicos, a coroa era hereditária, e nem sempre o filho de um rei que ficou em seu lugar era um homem sábio. O relato bíblico está repleto de casos de tolos que subiram ao trono. Num sistema democrático representativo como é o nosso, temos a maioria esmagadora de tolos ocupando os Três Poderes, homens vis e sem qualquer temor a Deus, que foram postos lá pelo povo igualmente tolo.

Infelizmente, há muitas pessoas tolas no governo. Mas por mais tolas que sejam, ainda assim, conseguem trabalhar e conquistar posições de liderança política. Algumas são completamente incompetentes. Outras usam sua posição para vantagens pessoais. Estão mais interessadas em seu *status* do que em servir. Quando a sua tolice é exposta, já é tarde demais – o prejuízo está feito. Depois, os outros se perguntam como jamais puderam dar-lhe tanta responsabilidade (RYKEN, 2017, p.465).

Quando pessoas erradas conquistam posição de autoridade, a sociedade sofre. A cena descrita no v.7, de **“servos a cavalo e príncipes andando a pé como servos sobre a terra”**, ilustra tudo o que foi dito nos versículos anteriores. Não que pobres não tenham o direito de ter algum conforto. Não é essa a questão aqui. Salomão apenas está descrevendo uma sociedade em que os papéis estão invertidos. Num mundo onde o pecado depravou tudo, é coisa muito comum vermos pessoas tolas receberem as honras que deveriam ser prestadas aos sensatos, e estes sendo preteridos em função daqueles. Nada pode ser mais desanimador do que ver tolos ignóbeis ocupando o lugar daqueles que são dignos de honra.

Aplicação v.4-7

O que fazer diante de alguém que despeja sobre nós a sua ira? A Bíblia nos ordena a mantermos a calma. Afinal, é melhor ter apenas uma pessoa irada do que duas.

O apóstolo Pedro recomenda-nos uma vida de silenciosa mansidão diante de tolos raivosos que querem nos agredir de alguma forma.

Se for alguma autoridade, ele disse: **“Sujeitai-vos a toda instituição humana por causa do Senhor, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem. Porque assim é a vontade de Deus, que, pela prática do bem, façais emudecer a ignorância dos insensatos; como livres que sois, não usando, todavia, a liberdade por**

pretexto da malícia, mas vivendo como servos de Deus. Tratai todos com honra, amai os irmãos, temei a Deus, honrai o rei” (1Pe 2.13-17).

Se for um patrão cruel, ele disse: “Servos, sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor, não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso; porque isto é grato, que alguém suporte tristezas, sofrendo injustamente, por motivo de sua consciência para com Deus” (1Pe 2.18-19).

Se for um esposo severo e grosseiro: “Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor. Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus” (1Pe 3.1-4). Certamente, o mesmo vale para o marido cuja esposa é grosseira e ríspida.

Tudo isso o apóstolo nos diz com base no exemplo do Senhor Jesus Cristo: “Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados” (1Pe 2.21-24).

Ainda é importante frisar que a promessa de herdar a terra é para os mansos (cf. Mt 5.5), e o próprio Senhor Deus os estabelecerá na terra (cf. Is 11.4).

Temos mais do contraste entre uma vida de tolice (v.8-9) e uma vida de sabedoria (v.10-11).

A tolice pode matar (v.8-9). Nestes versículos, Salomão não está falando sobre eventualidades, acidentes que podem acontecer com qualquer pessoa. Ele não está apenas mostrando que atividades perigosas realizadas com tolice pode ser fatal. Pelo contrário, **olhando para o contexto imediato, vemos que ele está falando sobre as consequências destrutivas de ações tolas, e todas essas ações maldosamente tramadas se voltam contra aquele que as tramou. É a tal “lei da sementeira”.**

- ✓ “Quem abre uma cova nela cairá...” (v.8a): compare essas palavras com os Sl 7.15-16 onde Davi fala sobre as ações do ímpio: “Abre, e aprofunda uma cova, e cai nesse mesmo poço que faz. A sua malícia lhe recai sobre a cabeça, e sobre a própria mioleira desce a sua violência”. A cova que o ímpio abriu como armadilha para outro, será a sua própria ruína.
- ✓ “...e quem rompe um muro, mordê-lo-á uma cobra”: é algo comum as fendas dos muros abrigarem animais peçonhentos. Quem rompe com os limites (os muros) corre sério perigo, fica vulnerável e exposto ao mal. “Qual ave que vagueia longe do seu ninho, tal é o homem

que anda vagueando longe do seu lar” (Pv 27.8). Quem ronda o pecado, certamente será destruído por ele.

- ✓ **“Quem arranca pedras será maltratado por elas”**: a NVT traduz assim: *“Quem trabalha numa pedreira corre o risco de ser ferido pelas pedras”*. Olhe para as mãos de um canteiro e você compreenderá essas palavras. Contudo, o sentido dessas palavras aqui não é o de um acidente que pode ocorrer a um trabalhador, mas, sim, de alguém que maldosamente arranca as pedras do chão e as põe como obstáculos para prejudicar outros. Compare com o que é dito sobre os que rejeitam a Cristo, a Pedra Angular: **“A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular e: Pedra de tropeço e rocha de ofensa. São estes os que tropeçam na palavra, sendo desobedientes, para o que também foram postos”** (1Pe 2.7-8). Assim como um canteiro descuidado que ignora o perigo de uma pedra removida de seu lugar, é o pecador que ignora a Cristo como sua única salvação.
- ✓ **“...e o que racha lenha expõe-se ao perigo”**. Da mesma forma que trabalhar numa pedreira é perigoso, lidar com a madeira também é. Rachar lenha é um trabalho bruto e o manuseio das ferramentas tem que ser feito com cuidado. Na Lei Mosaica havia prescrição sobre o caso de um acidente que acontecesse envolvendo o uso de um machado. Se dois homens estivessem no bosque cortando lenha e o machado de um escapasse do cabo e atingisse o outro acidentalmente e este viesse a morrer, o que manuseava o machado deveria se abrigar numa cidade de refúgio aguardando o julgamento (cf. Dt 19.5-6). Do contrário, poderia ser morto por vingança.

A sabedoria torna a vida mais fácil (v.10-11). Usando duas figuras, a do ferreiro e a do encantador de serpentes, Salomão diz: **“Se o ferro está embotado, e não se lhe afia o corte, é preciso redobrar a força; mas a sabedoria resolve com bom êxito. Se a cobra morder antes de estar encantada, não há vantagem no encantador”**.

O Eclesiastes quer mostrar que há uma maneira mais sábia de se viver, e **essa maneira é com paciência**. Anteriormente, no v.4, ele mostrou que um espírito calmo diante de uma autoridade iracunda é a resposta. Agora, ele mostra que diante de situações difíceis é melhor ter paciência, caso contrário, a situação ficará ainda pior. Trabalhar com um machado sem corte e que não foi afiado exigirá muito mais força de quem o manuseia e ele sofrerá muito podendo até se lesionar. Da mesma forma, se um encantador de serpentes se não esperar o momento exato da serpente ficar hipnotizada ele pode ser picado por ela. No primeiro caso, a paciência em afiar a lâmina antes de trabalhar evitará esforço e lesões desnecessários; no segundo caso, a morte.

Em 7.8, o *Kohelet* já dissera: **“...melhor é o paciente do que o arrogante”**. A arrogância faz a pessoa se ver como forte, poderosa e autossuficiente. A paciência leva a pessoa a agir na hora certa, tendo todos os fatores favoráveis a si. O paciente não precisa fazer força, pelo menos não desnecessariamente.

Aplicação v.8-11

Nós somos chamados a uma vida de paciência, mas de uma paciência originada na Palavra de Deus: **“Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”** (Rm 15.4). A Palavra de Deus nos dá paciência (perseverança) e consolação (bom ânimo) para mantermos a esperança. Essa é a maneira sábia de viver. Uma vida pautada pela Palavra de Deus e não pela nossa sabedoria e experiência.

As Escrituras nos ordenam: “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 4.15-21). Também a esperarmos com paciência no Senhor Deus: “Confiai nele, ó povo, em todo tempo; derramai perante ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio” (Sl 62.8).

Precisamos ser pacientes planejando nossas ações para que todas elas glorifiquem a Deus. Devemos planejar com paciência tudo o que vamos fazer. Bons resultados dependem de bons planejamentos.

“Sua lâmina está afiada? Você está golpeando a vida como um tolo ou permanecendo no gume afiado da sabedoria? Viver sabiamente pode exigir mais tempo no início, mas lhe poupa tempo a longo prazo. Certifique-se de que você possui as ferramentas certas para a tarefa que Deus lhe deu, e então invista o tempo necessário para prepará-las bem” (RYKEN, 2017, p.474). Um pai deve investir tempo e sabedoria na criação de seus filhos treinando-os para serem servos de Deus; um marido deve investir tempo e amor no seu casamento a fim de ver sua esposa feliz e crescendo espiritualmente; aqueles que desejam dedicarem-se ao ministério da Palavra devem gastar tempo se preparando nos estudos bíblicos para se tornar um bom despenseiro dos mistérios de Deus. O fato é que o sucesso não vem de repente e de qualquer jeito, mas, com muito empenho e paciência.

A tolice não somente mata, ela também envergonha. Sim, **a tolice envergonha (v.12-20)**. Ela traz vergonha para os seus portadores, bem como para os que estão a eles relacionados. Na segunda metade deste capítulo, Salomão vem falar sobre uma das primeiras e principais maneiras que um tolo se faz conhecer: através de suas palavras.

15) A tolice envergonha, v.12-20

O primeiro passo que o homem deve dar rumo à sabedoria que vem de Deus é o reconhecimento da sua miserável condição espiritual. Por ser pecador, ele é ignorante a respeito da vontade de Deus; por ser totalmente depravado por conta do pecado, ele é incapaz de compreender a vida da perspectiva de Deus, até que Cristo, por Sua graça e misericórdia Se revele a ele, vivificando o seu coração, abrindo seus olhos espirituais, e concedendo-lhe o dom da fé salvadora. Somente depois de tudo isso é que o homem passa a trilhar o caminho da sabedoria, a qual é o temor a Deus.

Continuando a usar seu estilo de ensino, o Pregador apresenta os seguintes contrastes entre a sabedoria e a tolice.

As palavras do sábio e as palavras do tolo: “Nas palavras do sábio há favor, mas ao tolo os seus lábios devoram. As primeiras palavras da boca do tolo são estultícia, e as últimas, loucura perversa. O estulto multiplica as palavras, ainda que o homem não sabe o que sucederá; e quem lhe manifestará o que será depois dele? (v.12-14).

Nestes versículos, o que ele diz sobre o sábio, apesar de ser bem mais sucinto em relação ao que ele diz do tolo, é muito significativo. Ele diz: **“Nas palavras do sábio há favor” (v.12a)**. O substantivo hebraico יָסָד – *favor*, significa também, *graça, charme, elegância, aceitação*. A pessoa que fala com sabedoria conquista boa reputação. Mas, o ensino que encontramos aqui, não é que se formos sábios receberemos algo das outras pessoas, mas, sim, que se formos sábios sempre teremos a dar aos outros, algo bom e valioso de conformidade com a Palavra de Deus. Dos lábios daquele que vive na presença de Deus, as pessoas que com ele convivem, esperam a sabedoria, **“Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens procurar a instrução, porque ele é mensageiro do SENHOR dos Exércitos” (Ml 2.7)**.

O sábio não age e nem reage guiado por suas emoções, mas, sim pela Palavra de Deus, e, por isso mesmo, transmite graça aos que o ouvem porque antes de falar ele mede e pesa suas palavras (cf. Pv 15.28). Há gentileza e cordialidade nas palavras do sábio, ele não fica na defensiva rebatendo as palavras dos outros, pelo contrário, quando alguém lhe dirige uma palavra grosseira e maldosa, ele entrega aos cuidados de Deus a situação enquanto responde com calma.

Muito diferente é a condição do tolo. O Kohelet diz que o tolo:

- ✓ **Se destrói com suas palavras:** “...mas ao tolo os seus lábios devoram” (v.12b). Algumas versões traduzem assim esse trecho: “...porém os lábios do tolo o destruirão” (TB), “...mas os lábios do tolo o devoram” (ARC e A21), “...mas o tolo é destruído pelo que diz” (NAA), “...mas os lábios do insensato o devoram” (NVI), e “...mas o tolo é destruído por aquilo que ele mesmo diz” (NVT). Em nossos dias dizemos coisas como: “Fulano deu um tiro no próprio pé”, ou “O peixe morre pela boca”. Algo bem parecido já foi dito em 4.5 sobre o tolo comer a própria carne por causa de sua preguiça. Essa “autofagia” é figurada. O que o Pregador está afirmando aqui é que as palavras tolas de um tolo se voltam contra ele próprio. O tolo não precisa que ninguém o destrua, pois, ele próprio faz isso consigo sem a ajuda de ninguém. O marido grosseiro e rude com sua esposa fazendo dela o alvo de suas críticas e piadas pode causar a destruição de seu casamento e de si mesmo; a esposa amargurada e insubmissa que não segura sua língua diante de suas amigas e fala mal de seu marido e o ridiculariza não percebe que está abrindo uma cova na qual ela própria cairá. Voltaremos neste assunto mais a diante.
- ✓ **Está preso numa espiral descendente:** “As primeiras palavras da boca do tolo são estultícia, e as últimas, loucura perversa” (v.13). Há uma decadência nas falas de um tolo. Ele vai de mal a pior em suas palavras. Ele começa mostrando que é apenas um imbecil falando coisas vãs e sem utilidade, o que por si só já é uma desgraça, especialmente, se considerarmos o que Cristo disse: **“Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo” (Mt 12.36)**. Mas, depois de sua muita tagarelice e palavrorio inútil, fica claro que há algo mais em suas palavras, a saber, **“loucura perversa”** (הוֹלָלוּת רָעָה). A princípio, o tolo só parece alguém que não teve boas oportunidades nesta vida para adquirir conhecimento, mas, quanto mais ele fala, fica evidente que o problema dele não é falta de oportunidade de aprendizagem, mas, falta de temor a Deus, revelando assim que seu problema não é cognitivo, mas, espiritual e moral. Ele é totalmente depravado em seu ser.
- ✓ **É arrogante e presunçoso:** “O estulto multiplica as palavras, ainda que o homem não sabe o que sucederá; e quem lhe manifestará o que será depois dele?(v.14). A NVT traduz assim:

“mesmo assim, fala sem parar. Ninguém sabe de fato o que acontecerá; ninguém é capaz de prever o futuro”. Ele nada sabe sobre o presente, pois, sua perspectiva dessa vida não é a de Deus, e mesmo assim, ele dispara a falar até mesmo sobre o futuro como se tivesse competência para isso. Devemos atentar para o que as Escrituras têm a nos dizer sobre isso: **“Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tai, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo (Tg 4.13-15). “Normalmente, tolos têm uma opinião bastante forte; tendem a ser prolixos. Por alguma razão, o tolo raramente se contenta em manter a sua tolice para si mesmo, insistindo em compartilhá-la com outros. As palavras se multiplicam. Os tolos não param, mesmo quando não sabem do que estão falando. Platão disse certa vez: ‘Homens sábios falam porque têm algo a dizer; os tolos falam porque precisam dizer algo’” (RYKEN, 2017, p.486).**

- ✓ **É incompetente: “O trabalho do tolo o fatiga, pois nem sabe ir à cidade” (v.15).** Como nos lembra Greidanus, não saber “ir à cidade é uma expressão idiomática que quer dizer “o tolo é incompetente”. Algo parecido em nossos dias seria “quem não tem competência não se estabelece”. A cena aqui descreve um homem cujo trabalho é fora da cidade. Pode ser entendido como trabalho de alguém ser no campo e a sua moradia na cidade. Daí por se fatigar em seu trabalho fica totalmente desorientado e não encontra o caminho de casa. Por que ele se fatigou em seu trabalho não é dito aqui, mas, pode ser pelos motivos descritos anteriormente no v.10, onde vimos que a preguiça em afiar o machado custa esforço dobrado. A falta de conhecimento do tolo fica evidente nas coisas mais simples da vida, tal como saber o caminho de volta para a casa depois de um dia de trabalho no campo. Se ele não sabe nem mesmo achar o caminho de onde mora, como se atreve a falar de coisas profundas que não sabe? Como levar a sério as palavras de um tolo que tem seu senso de direção e orientação danificado por sua arrogância? O tolo não somente se mete a falar do que não sabe, como também não sabe se orientar.

Aplicação v.12-15

É muito significativo saber que Deus Se comunica conosco por meio de palavras, a Sua Palavra. Toda a sabedoria que sai pela boca de um sábio vem do seu coração que transborda do amor de Deus. Uma pessoa sábia fala de acordo com a Palavra de Deus e, assim revela o seu caráter transformado por Deus. Do que o seu coração estiver cheio, sua boca transbordará (cf. Mt 12.34; Lc 6.45). Um coração sábio transborda pelos lábios louvores e gratidão da Deus, e quando dirige-se ao próximo trará palavras de encorajamento e edificação (cf. Ef 4.25); suas críticas serão para ajudar o próximo e não para revelar suas fraquezas. Um coração sábio não louva a si mesmo e nem se exalta, pois sabe que é melhor que **“Seja outro o que te louve, e não a tua boca; o estrangeiro, e não os teus lábios” (Pv 27.2).** Aquilo que a Bíblia chama de **“a palavra dita a seu tempo”** (cf. Pv 15.23; 25.11) são as palavras firmes (e até mesmo duras) quando precisam ser ditas para o bem da pessoa, ou seja, a fala do sábio é agradável não porque ele é um bajulador, mas, porque visando sempre a glória de Deus e o bem dos seus ouvintes. Meu irmão, suas palavras revelam a presença de Jesus em seu coração?

Perca a piada, mas, não perca um amigo e nem machuque um irmão com suas palavras. Não permita que algo que você quer dizer seja dito só porque você quis que fosse dito, antes: **“Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for**

boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem. E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4.29-30). Todas as palavras ditas fora dessas intenções e objetivos entristecem o Espírito Santo e causa danos terríveis aos outros e a si mesmo.

Não se acostume com palavras tolas, tanto as que lhe são ditas quanto as que você diz. **“Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes” (1Co 15.33”.** Paulo disse isso em relação aos falsos ensinamentos sobre a ressurreição de Cristo. Quando você empresta seus ouvidos para ensinamentos falsos e errados, em breve estará repetindo-os em suas falas e vivendo de conformidade com esses ensinamentos errados, e tal como o tolo descrito aqui, você irá de mal a pior. Observe o fim que tiveram aqueles de quem você adquire conhecimento. Por exemplo: como confiar nos ensinamentos de alguém cuja vida evidencia que ele foi parar no inferno? Você dá crédito a esse tipo de gente e deixa de lado a Palavra de Deus? Os filhos de Deus atentam para o que dizem outros filhos de Deus comprometidos com a Sua Palavra. Eles não buscam o conselho de ímpios. Como dizemos lá em Minas Gerais *“frango que acompanha pato morre afogado”*.

Não se atreva a falar daquilo que você não sabe, especialmente sobre o futuro, para que a única verdade sobre o futuro que importa saber e dela falar, que é a volta de Cristo, não seja levada a ridículo porque você fala pelos cotovelos. Quantos crentes são ineficientes em pregar o Evangelho porque falam de tudo e de todos sem qualquer critério perdendo assim a credibilidade. Se é verdade que o sábio conquista a atenção das pessoas, é igualmente verdade que a tagarelice e a torpeza no falar afasta as pessoas. Se você tiver que repelir alguém, que seja por ter falado a verdade em amor e a pessoa revelou-se ímpia desprezando a Palavra de Deus nos seus lábios, mas, que não seja porque você serviu de tropeço por causa de palavras torpes e frívolas.

O governo tolo e o governo sábio. “Ai de ti, ó terra cujo rei é criança e cujos príncipes se banqueteiam já de manhã. Ditosa, tu, ó terra cujo rei é filho de nobres e cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo para refazerem as forças e não para bebedice” (v.16-17). Eis uma área carente de sabedoria: a política. Um governo sábio é uma bênção, enquanto um governo tolo é uma maldição, um câncer, uma desgraça.

A cena que o Eclesiastes descreve no **v.16** é vexatória e desesperadora. Primeiramente, ele diz: **“Ai de ti, ó terra cujo rei é criança...”**. O substantivo hebraico נָעַר que aqui é traduzido por **“criança”** pode também indicar um jovem, pois, naquela cultura os jovens eram considerados crianças, especialmente se fosse o caso de um jovem imaturo. Mas, se por **“criança”** Salomão estivesse se referindo a infantes, então o sentido de נָעַר é *“cabeça vazia”*. Na cultura judaica, uma criança é alguém cuja cabeça é vazia, sem juízo, sem discernimento, ou como dizemos *um cabeça de vento*. Isso parece servir melhor ao sentido do texto aqui.

O que dizer de um governo conduzido por uma criança ou uma pessoa imatura? **“Ai!”** (אֵי) é uma interjeição que expressa lamento, dor, desespero, espanto, assombro, medo, ou seja, tudo o que um governo sem juízo e competência pode causar nas pessoas.

Salomão continua descrevendo essa cena de desgraça ao afirmar: **“...e cujos príncipes se banqueteiam já de manhã” (v.16).** *“O Pregador não está falando sobre um café da manhã rico, mas*

sobre um banquete real que inclui álcool o bastante para se embriagar. Em vez de se levantar de manhã para melhorar e defender seu país, esses príncipes caem em estupor embriagado. Eles têm ‘uma abordagem dissoluta e preguiçosa à vida, com ênfase em luxúria e indulgência pessoal’” (RYKEN, 2017, p.490).

Não há problema algum com uma festa apropriada no tempo apropriado. A Palavra de Deus condena a vida devassa e tomada pela embriaguez. Um exemplo disso foi o rei Carlos XII (1682 – 1718) que se tornou rei da Suécia quando ainda era um adolescente. Sua rotina diária incluía coisas como cavalgar pelo apartamento de sua avó, derrubar as pessoas nas ruas, praticar tiro com arma de fogo das janelas do seu palácio. Todos os pregadores de Estocolmo reagiram e combinaram de pregar **Ec 10.16** no mesmo domingo apontando para a calamidade em que a nação sueca se encontrava.

No v.17, o Pregador descreve o oposto. **“Ditosa, tu, ó terra cujo rei é filho de nobres e cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo para refazerem as forças e não para bebedice”**. É **“ditosa”** (דִּתוּסָה – *ó como é feliz, bem-aventurada*) a nação que tem um líder cuja linhagem é nobre e que não se entrega à glotonaria e à bebedice, mas, em vez disso tem domínio próprio e sabe o tempo certo de usar a mesa com a finalidade de refazer suas forças, ou como costuma-se dizer *“que come para viver, e que não vive para comer”*. Tal rei será benção para a nação.

Aplicação v.16-17

Olhando para este mundo até podemos encontrar um ou outro governante sábio, mas é mais comum encontrarmos homens tolos, arrogantes, dissolutos e esbanjadores, entregues ao prazeres e pouco se importando com a nação.

Philip Ryken afirma (RYKEN, 2017, p.491-92):

Podemos aplicar os mesmos princípios também ao contexto pessoal. Existe um tempo e um lugar para festejar na vida cristã. Mas existe também o perigo de gastar a nossa vida vivendo pelos nossos prazeres. Como você passa as suas manhãs? Aqui está uma palavra aos sábios: levante-se cedo para fazer o trabalho do reino que Deus lhe deu. Qual é sua relação com comida e álcool? Aqui está outra palavra aos sábios: não coma e beba em excesso pecaminoso, mas pratique o autocontrole pelo poder do Espírito Santo. **“Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo”**, dizem as Escrituras, **“e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências”** (Rm 13.14).

Se quisermos nos governar com sabedoria, faremos bem em seguir o exemplo do nosso Rei. Mesmo que o versículo 17 não seja uma profecia direta de Jesus Cristo, ele descreve adequadamente sua sabedoria e o caráter de seu reino. Como Filho de Davi e Filho de Deus, Jesus é duplamente “filho da nobreza”. Ele sabia quando festejar, como o fazia com seus discípulos. Mas sua primeira prioridade era a obra do reino de Deus. Portanto, em muitas ocasiões ele jejuou, alimentando-se apenas da Palavra de Deus (p. ex., **Lc 4.1-4**).

Nos **v.18-20**, encontramos **mais três frutos podres da tolice**. O primeiro pecado descrito aqui que se origina da tolice é:

Preguiça: “Pela muita preguiça desaba o teto, e pela frouxidão das mãos goteja a casa” (v.18). Salomão já tratara desse pecado em **4.5** quando falou sobre o tolo consumir seus poucos recursos porque não quer trabalhar. Um pouco atrás, no **v.15** ele afirmou que o tolo se

fatiga com seu trabalho, não porque seu trabalho seja pesado e muito, mas, porque ele se cansa rápido, pois, prefere ficar brincando, gastando seu tempo com lazer, ou simplesmente dormindo, porque é isso o que ele quer; quando ele se dá conta do tempo e trabalho a realizar, fica desanimado. É aqui que está a diferença entre meninos e homens, imaturos e maduros: meninos fazem o que gostam, homens fazem o que precisam fazer; meninos não têm apreço pela responsabilidade, homens de verdade prezam e cumprem suas responsabilidades.

No v.16 falou da desgraça que é para uma nação ter príncipes que se entregam à esbórnica logo pela manhã algo que não deveria acontecer nunca e em horário algum do dia principalmente por parte dos líderes – lembre-se de Davi levantando do seu leito à tarde em vez de estar no fronte da batalha, o resultado do seu ócio foi o adultério com Batezeba e o assassinato encomendado de Urias (cf. 2Sm 11).

Agora ele trata não só daqueles que estão em postos de liderança, mas, de qualquer pessoa que se entrega à preguiça. A NVI traz assim este versículo: *“Por causa da preguiça o telhado se enverga, e por causa das mãos indolentes a casa tem goteiras”*, dando a entender que o preguiçoso vê o seu teto se envergando e cedendo ao peso, mas, por falta de manutenção ele desabarará. Tal como naquela anedota em que dois preguiçosos deitados em suas redes, um se volta para o outro e pergunta: *“Você tem soro antiofídico?”*, e o outro responde: *“Por que? Alguma cobra picou você?”*, e ele replicou: *“Ainda não, mas olha ela vindo lá longe”*. A preguiça em seu coração e corpo, o faz um indolente, alguém que vive com os braços cruzados (compare com 4.5).

Aplicação v.18

O pecado da preguiça está intimamente ligado a outro pecado: **procrastinação**. A pessoa que sabe que deve cumprir suas responsabilidades, mas, prefere o ócio, em pouco tempo vê suas responsabilidades se acumularem, e junto a elas as contas e as despesas, chegando a um ponto em que ela tenta reagir, mas, daí não sabe por onde começar. Há à sua frente uma montanha de problemas que ela própria criou por causa de sua preguiça. Ela constata a sua impotência diante de tudo isso, a culpa toma conta de seu coração, pois, ela sabe que foi ela mesma a causadora de tudo isso. Quando começa a receber cobranças, quer sejam dos credores, ou daqueles que dependem dela cumprir suas responsabilidades, ela se vale de mentiras para se justificar. Mais culpa pesa em seu coração. Mas, ela precisa fazer algo, só não sabe o quê. Então busca ajuda em terapias, psicologias e outras invencionices humanas, e, geralmente, escolhe aquelas alternativas que fazem-na se ver como uma vítima, ou como doente, e em ambos os casos, ela foge da real e única solução: buscar a Deus confessando o seu pecado, pedindo o perdão e poder para cumprir cada uma de suas tarefas que foram negligenciadas, levem o tempo que levar, e exijam a força que exigirem.

Se o seu “teto” está envergando, ainda dá tempo de fazer os reparos, começando pelo seu próprio coração cheio de preguiça. Os recursos e a capacidade para isso, certamente Deus já lhe deu, pois, o simples fato de acordar de manhã já lhe é um recurso precioso, a saber, a vida! Viver é muito mais do que estar biologicamente ativo, é estar espiritualmente ativo e produtivo para a glória de Deus.

A preguiça está no coração, e como qualquer outro pecado, afeta também o corpo. O preguiçoso sempre está cansado mesmo não fazendo nada; o sábio energiza seu corpo pela sua atividade física, e, por isso, produz muito, cumpre suas responsabilidades ainda que sejam muitas.

Philip Ryken afirma (RYKEN, 2017, p.494):

Essa imagem de decadência fatal nos ajuda a reconhecer que a preguiça é um pecado mortal. Ela destrói a nossa alma, que é preguiçosa demais para buscar o seu próprio progresso espiritual. Mas essa não é a única coisa que a preguiça destruirá. Ela destruirá um relacionamento quando as pessoas se interessarem apenas por si mesmas e deixarem de investir muito na intimidade. Ela destruirá uma igreja que descansa sobre o que já conquistou em vez de fazer tudo que ainda pode fazer por Cristo. A preguiça pode até destruir um reino, especialmente quando as pessoas reivindicam mais direitos do que responsabilidades. Apenas um tolo negligenciaria algo tão importante quanto a santificação pessoal ou a unidade da família ou o serviço eficiente para a igreja e a nação.

O segundo fruto podre da tolice descrito aqui é:

Esbórnica: “O festim faz-se para rir, o vinho alegra a vida, e o dinheiro atende a tudo” (v.19). Alguns comentaristas entendem este versículo como uma nota positiva contrastando a vida infrutífera do tolo com a vida regalada e suprida de recursos do sábio. Porém, sigo aqui outros comentaristas que veem este versículo como relacionado aos príncipes preguiçosos e esbanjadores do v.16. Alguns entendem que as palavras deste versículo eram uma canção entoada pelos príncipes esbanjadores e indolentes (cf. GREIDANUS, 2017, p.565). Enquanto isso, a nação sofre com a falta de administração e ganância para a esbórnica de seus líderes, os quais para continuarem com essa vida de luxúria baixam mais impostos sobre a nação, afinal, **“o dinheiro atende a tudo”**, dizem eles com suas barrigas e cabeças cheias de vinho.

Aplicação v.19

É fácil fazer festa e mandar a conta para outros pagarem. Difícil mesmo é trabalhar duro para ter com o que pagar pelo que se necessita e quer sem ser peso para outros. Trabalhe duro, empregue seu dinheiro com sabedoria, supra o que for necessidade, pois, são os supérfluos que custam mais caro. Não seja pesado para ninguém, exceto por uma questão que fuja completamente do seu controle como um desemprego, uma enfermidade.

Ensine seus filhos desde cedo a darem valor no dinheiro sem idolatrá-lo. Mostre-lhes que para ganharem qualquer quantia precisarão dar aquilo que uma vez utilizado, não se tem mais: o tempo. Dizem que o tempo é dinheiro, mas, isso uma inversão de valores, pois, o dinheiro não tem o mesmo valor que o seu tempo, além disso, o dinheiro se recupera, o tempo não. Cada momento de nossa vida está prestes a se tornar uma memória. Que essas memórias sejam para a glória de Deus por termos utilizado com sabedoria o tempo que Ele nos deu.

O terceiro fruto podre da tolice descrito aqui é:

Esconjurção: “Nem no teu pensamento amaldiçoas o rei, nem tampouco no mais interior do teu quarto, o rico” (v.20a). Novamente, Salomão aborda o pecado do mau uso das palavras, expandindo o que dissera nos v.12-14.

Um povo sofre quando seus reis e príncipes (a palavra “ricos” aqui, é sinônima) são indolentes, preguiçosos, bebedores, gluttons e vivem na esbórnica em vez de estarem administrando

e cuidando dos interesses e necessidades da nação; tais líderes provocam os piores sentimentos no coração do povo. Salomão adverte de que não se deve amaldiçoar o rei nem no pensamento e nem mesmo com palavras. Não amaldiçoe no pensamento, porque Deus conhece o seu coração e você prestará contas a Ele. Não amaldiçoe nas palavras, porque aí as pessoas saberão o que você disse, e rapidamente chegará aos ouvidos do rei, o qual faz o que bem entende (cf. 8.3,9), e certamente ele o punirá. Salomão nos lembra que devemos tomar cuidado com as nossas palavras, ainda que tenhamos razão de nos queixar **“porque as aves dos céus poderiam levar a tua voz, e o que tem asas daria notícia das tuas palavras”**.

Aplicação v.20

“Um passarinho me contou”, ou ainda “as paredes têm ouvidos”. Nunca essas palavras fizeram tanto sentido como em nossos dias, onde tudo se tornou discurso de ódio para aqueles que querem empurrar goela abaixo em nós, suas ideologias e imbecilidades, sob a bandeira de uma tal democracia. Cuidado! Os passarinhos denunciante hoje, são as redes sociais!

Como devemos nos comportar em relação às autoridades que se mostram cada vez mais corruptas, incompetentes e esbanjadoras do nosso dinheiro com suas próprias farras? Primeiramente, devemos orar por eles: **“Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito. Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador”** (1Tm 2.1-3). E segundo lugar, devemos conscientizar as pessoas sobre a importância de votarem com sabedoria e não por conveniência. Devemos atentar para os princípios da Palavra de Deus enquanto estamos escolhendo nossos governantes. Infelizmente, sabemos o quão difícil é encontrar homens que atendam a esses critérios. Mas, nos tempos apostólicos era muito pior. Os governantes não eram escolhidos pelo povo, não havia democracia; eles perseguiam e matavam os nossos irmãos, e, mesmo assim, a ordem era para orar por eles, pois, **“Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador”** (1Tm 2.3b).

Quando estiver com seu celular nas mãos, cuidado com o que você diz nas redes sociais. Os passarinhos hoje são os algoritmos, e são tão burros quanto. Basta uma palavra e você poderá ser alvo de homens cruéis. Em vez de desabafar nas redes sociais, ponha-se de joelhos clamando a misericórdia e a justiça de Deus.

Há ainda outra aplicação que podemos fazer aqui, e trata-se do que falamos a respeito de quaisquer pessoas. O que você tiver que dizer sobre alguém, diga diretamente para a pessoa, pois, do contrário, poderão distorcer suas palavras e fazê-las chegar bem diferentes aos ouvidos daqueles de quem você disse alguma coisa. Cuidado também com aquelas pessoas que chegam dizendo a você algo sobre os outros, especialmente se disserem: *“Tenho algo a lhe dizer, mas, não conte para ninguém, é segredo”*, certamente mais pessoas estão sabendo desse segredo porque essa pessoa contou. Não seja ingênuo e saia por aí confiando coisas de sua vida a qualquer pessoa. O Senhor Jesus nos ordena: **“sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas”** (Mt 10.16).

“Santo Deus, pedimos humildemente a Ti que nos assistas com Tua graça dando-nos a compreensão da Tua vontade revelada a nós e registrada nesta porção das Escrituras Sagradas. Quando veremos que todas as coisas nesta vida só encontram seu sentido em Teu bendito ser, dá que sejamos transformados por Tua Palavra para sermos cada vez mais santificados para sermos ainda mais usados para a Tua glória. Assim suplicamos em nome do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, Teu unigênito, amém!”.

Conhecendo o Único Sentido da Vida

Tudo debaixo do sol encontra seu sentido em Cristo que está acima do sol

Parte III

Solucionando o Problema

Conectando tudo o que está debaixo do sol com Aquele que está acima do sol

Ec 11 – 12

Introdução

Chegamos então, à última parte da exposição do Livro do Eclesiastes. Salomão apresentou-nos o problema, a saber, o vazio de uma vida que não considera Deus (**Caps. 1 – 2**). Depois ele discutiu minuciosamente esse problema abordando-o em relação a várias questões da vida e da morte (**Caps. 3 – 10**). Agora, no desfecho do livro (**Caps. 11 – 12**) ele nos apresenta a solução desse problema quando ele conecta tudo o que está debaixo do sol com Aquele que está acima do sol. Deus é o único sentido da vida. Viver sem considera-Lo em nossos caminhos é perder a vida, é cair num vazio existencial sem possibilidade de felicidade verdadeira. Passar por essa vida sem submeter tudo a Deus, sem buscar em todas as ações glorifica-Lo e honrá-Lo é estar na antessala do inferno.

A parte final do livro será dividida em três temas: viver pela fé requer trabalho árduo (**11.1-6**); dias bons e dias maus (**11.7-12.8**); e, cuidando do coração para apresentá-lo a Deus (**12.9-14**). Vejamos primeiramente,

1) Viver pela fé requer trabalho árduo, 11.1-6

Aqueles que debocham da fé, tais como os ateus, os materialistas e evolucionistas entre outros, afirmam que o pressuposto da fé é para aqueles que têm mente pequena e limitada, pois, quem escolhe viver por fé, escolhe o caminho mais fácil, pois, não há necessidade de inquirição, de se buscar respostas, bastando apenas entregar tudo a Deus e responsabilizando-O por tudo o que nos acontecer de bom ou de ruim. Tal afirmação além de falaciosa é leviana.

O caminho da fé não é uma alternativa mais fácil e confortável. Contudo o seu fim (o céu) seja maravilhoso, a trajetória até lá é apertada e estreita, tal como afirmou o Senhor Jesus: **“porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mt 7.14)**. Viver pela fé requer muito esforço e trabalho árduo como indicam algumas ações descritas nestes versículos

A ordem: **“Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes que mal sobrevirá à terra” (v.1-2)**. Há três formas de interpretarmos esses versículos.

A primeira diz respeito à generosidade abnegada, onde o ato de lançar o pão sobre as águas significa estar disposto a repartir com os necessitados os recursos que temos, tal como quem lança o seu pão sobre as águas sem temer que este lhe fará falta e sem saber quem é que se beneficiará desse pão, seguindo aquela ideia expressa no ensino do Senhor de nossa mão esquerda

ignorar o que a nossa mão direita fizer (cf. Mt 6.3) de não ficarmos alardeando e fazendo propaganda das nossas obras. Quando for a nossa vez de passarmos por aperto, certamente virá até nós o “pão” que alguém “lançou sobre as águas”.

A segunda maneira de entendermos esses versículos diz respeito à confiança esperançosa, empregando uma imagem da agricultura, onde as sementes que deveriam servir de alimento, deveriam então ser lançadas, semeadas sobre as águas das inundações que estavam baixando deixando o terreno lamacento e próprio para o plantio. Quando a colheita chegasse, o alimento (pão) seria achado em abundância.

A terceira maneira de entendermos esses versículos diz respeito ao investimento sábio, e a figura empregada aqui é do comércio. Os navios de um reino eram enviados para lugares distantes de onde voltavam trazendo muitas riquezas. Tais navios partiam levando consigo recursos tanto para a sobrevivência dos marinheiros quanto para a realização das transações comerciais. O rei tinha que arriscar perder boa parte de seus tesouros quando os navios partissem; várias possibilidades de fracasso tais como naufrágios, piratas ou mesmo motins deveriam ser consideradas. Só havia uma forma de se obter lucros: arriscando-se a investir. A mesma ideia também pode ser vista no v.2 onde o investimento deve ser repartido entre várias aplicações (no v.6 essa ideia será expandida).

Qual das três interpretações é a correta? Penso que as três estão corretas e são complementares. Uma vida de fé se expressa pela generosidade abnegada não retendo de forma avarenta o que se tem sob a desculpa de estar se preparando para tempos difíceis. Em vez disso, a pessoa que vive por fé sabe que Deus lhe dá o pão de cada dia e a cada dia Ele lhe dará o de que necessitar. Se hoje ele tem algo a mais do que sua provisão diária necessita, então deve socorrer quem necessita. Na matemática de Deus, quando dividimos, multiplicamos.

Uma vida de fé confia em Deus e não cruza os braços; sabe discernir o tempo das coisas; sabe quando é hora de semear, e mesmo que ele só tem a quantia de semente para se alimentar por mais alguns dias, ele arrisca lança-la sobre a terra na esperança de vê-la germinar e produzir o necessário para o futuro. Ainda que chore temeroso enquanto semeia o que poderia lhe matar a fome por mais algum tempo, voltará jubiloso trazendo os feixes da sua colheita (cf. Sl 126.6).

Uma vida de fé investe com sabedoria os recursos que Deus lhe deu. Não investe apenas numa área, mas, em várias (“**reparte com sete e ainda com oito**”), pois, se vier algum mal sobre a terra, haverá mais pessoas com recursos, em vez de uns poucos, e isto certamente tornará a crise mais suportável. Mas, de todos os investimentos que podemos fazer, sem dúvida aqueles investimentos nas coisas do Reino de Deus são os melhores. Não só os recursos financeiros e materiais estão em vista aqui, mas, todos os demais recursos e dons de Deus, tal como o tempo, a capacitação intelectual e espiritual, a família, a Igreja, a obra missionária, o exercício da misericórdia, enfim, todas as oportunidades que Deus nos concede de aplicarmos nossos recursos e a nós mesmos no Seu Reino.

Aplicação v.1-2

Em tempos de aperto e carestia somos tentados a reter em vez de repartir sob a alegação de que devemos nos precaver para o futuro, e para que não venhamos a ser peso

para ninguém, então retemos hoje. Mas, longe de ser algo bom, isso só revela a avareza em nosso coração.

Tempos de aperto não devem restringir nossa generosidade, mas, para termos com o que acudir ao necessitado, devemos ser diligentes em trabalhar (cf. Ef 4.28). Devemos trabalhar com esmero e investir com sabedoria os frutos do nosso trabalho. Devemos diversificar nossos investimentos para termos ainda mais para investirmos naquilo que é eterno, a saber, o Reino de Deus.

Você é uma pessoa de fé? Sua fé está calcada em Deus mesmo quando Ele requer de você que reparta o pouco que você tem? Ou sua fé só é firme quando Deus em Sua misericórdia faz com que o pouco que você lançou sobre as águas volte em grande quantidade para você? Seus atos de generosidade são somente quando você tem em abundância ou você socorre ao necessitado mesmo quando seu reservatório está baixo? E seus investimentos? Dentre eles o principal tem sido no Reino de Deus? Você tem alegria em devolver a Deus o dízimo? Em ofertar para causas específicas? *“Quando se trata da obra do reino, deveríamos sempre ser investidores, dispostos a assumir riscos para a glória de Deus”* (RYKEN, 2017, p.509).

A advertência: **“Estando as nuvens cheias, derramam aguaceiro sobre a terra; caindo a árvore para o sul ou para o norte, no lugar em que cair, aí ficará. Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará”** (v.3-4). No v.3, Salomão está falando sobre circunstâncias da vida, e exemplifica com as figuras de nuvens carregadas que se desfazem em chuvas torrenciais, o que altera toda a paisagem, quando o **“aguaceiro”** derruba árvores (outra figura que ele usou) sem que ninguém saiba para que lado elas cairão. O que ele quer mostrar aqui é que até mesmo coisas comuns e corriqueiras estão fora da nossa capacidade de controlá-las.

Daí o v.4 usando uma figura extraída da agricultura, na qual um agricultor que fica observando o vento para lançar as sementes, caso o vento esteja forte, as sementes poderiam ser jogadas em lugar indesejado, ou, na hora da colheita, se em vez de ser diligente e colher logo sua lavoura ele ficar olhando as nuvens com medo de que chova e perca assim toda a colheita. O que tal agricultor deveria fazer tanto na semeadura quanto na colheita? Buscar novas alternativas para realizar o seu trabalho antes que seja tarde demais.

A advertência para todos nós aqui é: não interrompermos ou deixarmos de fazer a obra que Deus nos confiou porque estamos esperando aquela ocasião que julgamos ser a melhor. Em vez disso, devemos ser diligentes e fazermos agora aquilo que nos está proposto para ser feito agora!

Veja que Salomão não disse que observar as condições da natureza atrapalha o trabalho, mas, sim, que, **“Quem somente observa...”**. Esse advérbio de modo **“somente”** é muito importante para entendermos a mensagem. Ele aponta para a atitude de alguém que fica esperando aquele momento que ele julga ser o melhor para se fazer algo, e por ficar esperando e esperando, desejando as melhores condições, deixa escapar a oportunidade adequada.

Na língua grega há três termos relativos ao tempo. O primeiro é *cronos* (χρόνος) que se refere à medição do tempo; o segundo é *aion* (αἰών) que se refere às eras e às vezes à eternidade; e *kairós* (καιρός) que se refere ao tempo oportuno, às oportunidades. Este último, na mitologia grega é representado por uma figura humana cujo cabelo tem um chumaço, um topete. Ele veloz e fugidio, e as pessoas deveriam segurá-lo pelo chumaço de cabeça quando ele estivesse passando. A ideia é mostrar que as boas oportunidades da vida tem de ser agarradas no momento em que elas surgirem, e devemos ser rápidos em segurá-las porque elas fugirão de nós. Mas, se ficarmos apenas observando e esperando um momento melhor do que o que temos agora, possivelmente perderemos a oportunidade. Quem gosta de pescar entende bem essa situação. O peixe dá um ou dois puxões na isca, e se você não fiska-lo rapidamente, mas, ficar esperando um terceiro ou quarto puxão, certamente perderá o peixe.

Aplicação v.3-4

O tempo está passando (*cronos*), e todos estamos indo rumo à eternidade (*aion*). Entrementes, temos oportunidades (*kairós*) singulares para servirmos a Deus, e ainda que outras mais possam surgir, toda oportunidade que perdermos Deus cobrará de nós.

Muitas vezes, em nossa busca pelo ideal comprometemos o real, ou como se diz, nem sempre o inimigo do bom não é o ruim, mas, o ótimo – que o digam os perfeccionistas! Estes versículos nos advertem contra dois pecados muito sutis e frequentes em nossas vidas: o desejo de querer controlar todas as coisas e o perfeccionismo. Esses dois pecados se apresentam a nós como duas coisas boas. O desejo de controlar todas as coisas nos engana com a sensação de sermos organizados, afinal, quem tem tudo sob controle é alguém organizado e precavido. Já o perfeccionismo, nos faz roubar para nós a glória e a honra que devemos dar somente a Deus. Todo perfeccionista é um ladrão da glória de Deus. Ele não quer fazer bem feito para ser útil e bênção para o outros e para que Deus seja glorificado; ele quer fazer tudo certo nos mínimos detalhes para receber a glória, para ser notado e admirado pelos homens.

Não fique buscando controlar tudo. A maioria das coisas nesta vida não estão sob o seu controle. Em vez disso, reconheça que o único que tem o controle de tudo é Deus, e que é sábio viver confiante e dependente Dele, esperando Nele o socorro e os recursos para fazer o que deve ser feito. Quando as coisas ficarem difíceis de serem entendidas, quando elas saírem do seu controle, não se desespere, pois além do fato de elas nunca terem estado sob o seu controle, elas nunca saíram do controle de Deus. Descanse Nele!

Quanto àquelas coisas que estão sob sua responsabilidade, faça-as com diligência. Em vez de esperar ter um salário melhor para ser um dizimista e dar uma oferta, dizime e oferte do que você tem recebido. Em vez de esperar receber algum cargo na Igreja para então trabalhar, trabalhe com a “carga” que Deus já lhe deu. Não fique contemplando a paisagem quando você já sabe o que fazer. Não fique esperando aquela oportunidade que você julga ser a ideal para fazer algo para Deus ou para o seu próximo, em vez disso atente para o que está diante de você e use os recursos que você tem. Pense naquele rapaz que ofereceu para o Senhor Jesus os cinco pães e os dois peixinhos que ele tinha com os quais o Senhor Jesus alimentou milhares (cf. Mt 14.13-21; Mc 6.30-44; Lc 9.10-17; Jo 6.1-13). Se ele tivesse esperado a oportunidade de ficar rico para comprar dez mil pães e dez mil peixes para alimentar aquela multidão, além dele não conseguir fazer isso, e se ele tivesse conseguido

fazer isso o milagre da multiplicação não teria acontecido. **No final das contas, não se trata do que nós podemos fazer para Deus, mas, sim, do que Cristo é capaz de fazer por nós.**

A constatação: “Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas” (v.5). Estes versículos nos colocam diante dos mistérios da providência de Deus e nos exortam a confiarmos Nele.

No v.5 vemos o contraste entre a nossa pequenez e a grandeza de Deus. Salomão emprega mais duas figuras aqui: a do vento e a da gestação. Se entendermos que o substantivo hebraico רֵיחַ deve ser traduzido por *vento*, então esse versículo concorda com o que o Senhor Jesus disse a Nicodemos: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo3.8). Se, todavia, entendermos que este substantivo deva ser traduzido por “*espírito*”, fará pleno sentido com o que é dito a seguir: “nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida”. De fato, temos mais informações que Salomão sobre este assunto por causa dos avanços científicos. Mas, ainda não sabemos como o material genético do homem e da mulher é animado pelo espírito, e assim se forma um novo ser (às vezes dois ou mais) no ventre materno. Por mais que saibamos ainda estamos longe de entender (e talvez nunca entenderemos) os mistérios da concepção, gestação e parto. Daí então a conclusão que se chega diante desse argumento: “**assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas**”. O que dizer da cifra “20 trilhões”. Olhe para o céu estrelado e tente encontrar ali 20 trilhões de estrelas. Isso seria uma tarefa difícil, não é mesmo? Mas, e se eu lhe dissesse que 20 trilhões são o número de galáxias que existem, e em cada galáxia há milhões de estrelas? Certamente, a contagem seria impossível. Os cientistas estimam que o número de estrelas em todo o universo esteja na casa do 10 sextilhões de estrelas (o número 10 seguido de 21 zeros).

Deixando o macrocosmos vamos para o outro extremo, o microcosmos. Você já ouviu falar no Bóson de Higgs? Conhecido também como “partícula de Deus”, trata-se uma partícula elementar prevista pelo Modelo Padrão da física de partículas. Ele foi proposto na década de 1960 por cientistas como Peter Higgs, que mais tarde ganhou o Prêmio Nobel por essa previsão, e confirmada experimentalmente em 2012 no Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear (CERN), sendo responsável por explicar como outras partículas adquirem massa ao interagir com o campo de Higgs, uma espécie de campo universal. É um outro universo tão vasto e desconhecido quanto o macrocosmos.

Podemos ainda pensar na Igreja. Por que o Evangelho se espalha e frutifica com mais facilidade numa região ou nação, enquanto em outros lugares parece não ter êxito algum? Por que nações que antes foram os bastiões da Fé, hoje são secularizadas e hostis ao Evangelho? Por que nossos irmãos da Igreja Perseguida parecem dar frutos espirituais mais belos e duradouros do que os nossos? Por que a Igreja é mantida com as moedinhas das viúvas pobres e não com as sobras poupadas dos ricos?

Mas, aqui nessa dura constatação que nos humilha mostrando o quão pequenos e limitados somos, há um sopro divino, um raio fulgurante de graça de Cristo. **Apesar de sermos tão pequeninos, fracos e limitados, temos Deus.** “Sempre que nos deparamos com algo que, somente Deus conhece, somos lembrados de que Ele é Deus e nós não o somos” (RYKEN, 2017, p.512). Ele, cujas obras são insondáveis e totalmente desconhecidas (pelo menos até que Ele por Sua misericórdia

e graça nos dê o conhecimento), também **“faz todas as coisas”**. Essa declaração traz paz ao coração do fiel. O Deus que faz todas as coisas têm-nas todas sob Seu controle.

O conselho: E por isso mesmo Ele nos convida a confiarmos Nele enquanto trabalhamos arduamente: **“Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas” (v.6)**. O fato de não sabermos o que Deus está fazendo não deve nos atrapalhar de saber e crer que Ele sabe o que está fazendo. **Isso é o que significa caminhar e viver pela Fé.**

Na lei divina sobre a semeadura/colheita, até quando somos negligentes em semear haveremos de colher; sim, colheremos miséria, penúria e fome. Mas, se quisermos ter o que comer, então que tratemos de plantar; se quisermos ampliar nossos recursos, tratemos de investir com sabedoria.

Há aqui um conselho sábio para todos nós: nunca invista numa coisa só, ou na imagem utilizada por Salomão, não plante só um tipo de semente, e isto porque os resultados esperados não acontecerão simplesmente porque os esperamos. Pode acontecer de algum revés fazer com que esta ou aquela lavoura ou este ou aquele investimento fracasse. Na melhor das hipóteses, todas elas podem produzir, todos os seus investimentos podem dar lucros. Pense na parábola dos talentos (cf. Mt 25.14-30). O senhor esperava que os três fizessem bons investimentos, mas, um dos três servos foi mau e negligente enterrando o talento de seu senhor, em vez de investir como fizeram os outros dois.

Outra verdade que aprendemos aqui é que a soberania de Deus não anula a nossa responsabilidade. “Plantar” é o nosso dever, assim como confiar em Deus, mesmo quando Ele permitir que o nosso trabalho não prospere como desejamos, ou ainda fracasse totalmente. Pense em Paulo no início da sua segunda viagem missionária. Em At 16.6-10 lemos que enquanto eles percorriam a região frígio-gálata, foram impedidos pelo Espírito Santo de pregarem na Ásia Menor. Então se voltaram para Mísia, tentando ir para Bitínia, **“mas o Espírito de Jesus não o permitiu” (v.7)**. Contornaram Mísia e chegaram a Trôade, onde, à noite Paulo teve uma visão na qual um homem da Macedônia lhe rogava: **“Passa à Macedônia e ajuda-nos” (v.9)**. E Lucas registra a conclusão que eles chegaram: **“Assim que teve a visão, imediatamente, procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho” (v.10)**. O que parecia ser um infortúnio ou mesmo um fracasso, na verdade era o Espírito Santo direcionando-os para onde Ele queria. Mas, observemos que assim que concluíram que era o direcionamento do Espírito Santo e a vontade de Deus, eles **“imediatamente”** foram para Filipos, na Macedônia (v.12).

Aplicação v.5-6

Não use a soberania de Deus como desculpa para deixar de trabalhar, alegando que Ele o sustentará. De fato, Ele sustenta aos Seus misericordiosamente, mas, isso não os isenta da responsabilidade de trabalhar. O mesmo podemos dizer em relação à oração. Muitos deixam de orar alegando que se Deus já sabe, para quê então orar? De fato, Deus sabe de todas as coisas. Sabe quais nos dará e quais não. Porém, é fato que Ele em Sua soberania determinou que certas bênçãos só nos serão concedidas por meio da oração, e se não orarmos, não as receberemos.

Não seja teimoso. Muito da nossa insistência está mais para teimosia do que perseverança. A diferença entre teimosia e perseverança é que, enquanto a teimosia é a nossa insistência em fazer a nossa vontade, e, portanto, um pecado, a perseverança é a resiliência, a firmeza e a constância em fazer a vontade de Deus. Voltando ao exemplo do apóstolo Paulo citado a pouco, ele não ficou teimando e, pregar o Evangelho na Ásia, mas, tratou de procurar outra localidade até que entendeu a vontade de Deus para ir para a Macedônia, e uma vez sabendo, ele e seus companheiros trataram de ir imediatamente.

A moça crente que insiste em continuar num relacionamento com um rapaz incrédulo, sabendo que tal coisa desagradava a Deus, não está sendo perseverante, mas, teimosa, e a probabilidade disso atrair para ela o juízo de Deus é muito maior do que Deus ter misericórdia e converter o rapaz.

Em tempos como os nossos, tenha mais de uma graduação, ou pelos menos várias especializações em sua área. Se for necessário e possível ter mais de um trabalho, mais de um patrão, tenha, pois, a qualquer momento um deles pode demitir você (ou mesmo os dois). Mas, seja como for, sua confiança não deve estar no seu trabalho, na sua “lavoura”, mas, em Deus **“que faz todas as coisas”** e tem o controle sobre todas elas.

Há outra aplicação que se deve fazer aqui. De todas as “sementes” a serem espalhadas, de todos os investimentos que se deve fazer, de longe, a Palavra de Deus é a principal. Semeamos a Palavra em nosso próprio coração quando a lemos, estudamos, memorizamos e nela meditamos o tempo todo, e os frutos que ela nos trará são a sabedoria para discernirmos o bem e o mal, e a esperança eterna que trará paz e serenidade ao nosso coração para enfrentarmos as lutas dessa vida. Semeamos também a Palavra de Deus na vida de nossos filhos aproveitando cada oportunidade que Deus nos dá para assim fazer. Semeamos também no coração do nosso próximo, quer seja ele o nosso vizinho, ou nosso colega de trabalho ou de escola, ou o caixa do mercado, ou o coletor de lixo, enfim, qualquer pessoa que cruzar o nosso caminho. Semeamos quando damos uma Bíblia de presente; quando ofertamos para a obra missionária. Enfim, há muitas maneiras de semearmos a Palavra e devemos fazer de todas as maneiras possíveis. Meditemos nos seguintes textos: **Is 55.10-11; 2Co 9.6; Gl 6.9.**

Quando a semeadura parecer não vingar e você sentir-se abatido e desanimado, lembre-se da história de Luke Short (RYKEN, 2017, p.515).

Um dos meus exemplos favoritos da ceifa surpreendente de Deus é a conversão de Luke Short aos tenros 103 anos de idade. Short estava sentado sob uma sebe em Virgínia quando se lembrou de um sermão que havia ouvido do famoso puritano John Flavel. Ao lembrar-se do sermão, Short pediu que Deus lhe perdoasse seus pecados naquele instante, por meio da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. Ele viveu por mais três anos, e quando morreu, as seguintes palavras foram gravadas em sua lápide: “Aqui jaz um bebê na graça, de três anos de idade, que morreu segundo a natureza aos 106 anos de idade”. Mas a parte mais notável da história é esta: o sermão que o Sr. Short lembrou havia sido pregado 85 anos atrás, na Inglaterra! Passou-se quase um século entre o sermão de Flavel e a conversão de Short, um século entre semear e colher!

Depois de falar sobre a vida pela fé requerer trabalho árduo da parte do fiel, agora, o Pregador fala sobre outra verdade sobre a vida pela fé.

2) Viver pela fé requer não perder Deus de vista, 11.7 – 12.8

Se há uma característica dos nossos dias que os distingue de outros tempos, é a adoração à juventude. Exemplo disso são os dados levantados pela Associação Norte-Americana de Cirurgia Plástica Estética que apontam para mais de 10 milhões de procedimentos cosméticos a cada ano. Só no Brasil, em 2024 foram mais de 2 milhões de cirurgias plásticas. É claro que nem todos esses procedimentos foram apenas por vaidade; muitos foram necessários, como por exemplo, a restauração de alguma parte do corpo após um acidente. Mas, certamente a maioria foi por motivos fúteis na busca do rejuvenescimento.

Talvez uma das maneiras mais perversas de cultuar a juventude é desprezar os idosos, maltrata-los, zombar deles caçoando de suas opiniões e falas. A velhice um dia baterá à porta de todos nós (ou não!). Mas, a razão para evitarmos a insensatez de cultuar a juventude e desprezar a velhice não deveria ser outra senão o próprio Deus.

Neste trecho do livro (11.7 – 12.8) somos direcionados para a verdade de que viver pela fé requer de nós não perdermos Deus de vista em momento algum da nossa vida, e Salomão expressa essa verdade das seguintes formas:

Há dias bons, mas, também, dias maus. Há dias em que o sol brilha e aquece nossa vida, nos convida a uma caminhada pelo campo, um mergulho na praia, assentarmos sob a sombra de uma árvore enquanto a brisa nos abraça refrescantemente. **“Doce é a luz, e agradável aos olhos, ver o sol” (v.7).** Doçura parece não ser um adjetivo adequado para luz, pois está relacionado ao paladar e não à visão. O adjetivo רַחֵם quer dizer *suave, agradável*, este é o sentido aqui.

Mas, de que adianta ter a luz do sol se não tivermos o sentido da visão para apreciá-la? É por isso que Salomão adverte **“Ainda que o homem viva muitos anos, regozije-se em todos eles; contudo, deve lembrar-se de que há dias de trevas, porque serão muitos”**. Quer seja você uma criança com alguns anos de vida, ou um jovem com uma ou duas décadas, ou ainda um idoso com mais de meio século ou três quartos dele, enfim, não importa a quantia de dias que você tenha, a ordem aqui é: **“regozije-se em todos eles”**. Desfrute da vida porque ela é uma dádiva de Deus; mas, haverá **“dias de trevas”**. Aqui o Pregador não está falando da velhice (esse assunto ele discutirá mais a diante), mas, das dificuldades que surgem em qualquer momento de nossa vida, quer sejamos novos ou velhos. Cada fase da vida traz consigo situações difíceis. Um menino tem dias escuros, tal como quando ficam doentes bem naquele dia em que a escola fará um passeio no zoológico. Para um jovem pode ser o dia em que a sua pretendida o rejeitou ou aquela vaga de emprego que foi dada a outra pessoa. Para um pai de família pode ser aquele dia em que ele é chamado ao RH da empresa e é demitido, ou quando ele tem de olhar nos olhos de sua esposa e confessar-lhe um pecado que causará muita dor a ela. Para uma mãe pode ser aquele dia em que arrumando a gaveta de roupas de seu filho encontra ali um cigarro de maconha ou um “pino” de cocaína. Há dias em que as trevas são tão densas que parecem impenetráveis pelos raios do sol, fazendo com que tudo o que está debaixo dele seja obscurecido e irreconhecível. E como

não bastasse haver esses dias de trevas, Salomão ainda diz que eles **“serão muitos”**. Mas, quer você esteja vivendo tranquilamente hoje, ou tenha um revés que escureça sua vida, não se esqueça que **“Tudo quanto sucede é vaidade”**, ou seja, não tem consistência eterna, e, por isso, passará. Se seus dias forem bons, aproveite; se forem maus, não se desespere. O que importa é não perder Deus de vista, pois, a vida só tem sentido Nele.

Aplicação v.7-8

Isso não é pessimismo. É lucidez! Ele não está dizendo: *“Aproveite a vida enquanto você pode, pois, haverá um tempo em que você vai querer aproveitar, mas, por algum motivo, não poderá”*. Isso, sim, seria pessimismo. O que Salomão está dizendo para nós aqui é: *“Aproveite a vida, desfrute das bênçãos de Deus, e mesmo que venham dias de trevas, de dor, de tristezas e decepções, Deus continua merecedor de todo o seu louvor, e somente Nele você encontrará a plena felicidade e satisfação”*.

Em vez de ficar esperando uma ocasião especial para usar aquela porcelana, use-a neste domingo com a sua família; em vez de guardar aquela roupa para uma ocasião especial, use-a agora; em vez de esperar o Natal para levar uma cesta com guloseimas para aquela família carente, leve hoje; agarre o *kairós* quando ele estiver passando por você (cf. v.4). E por quê? Porque amanhã poderá ser um dia mau que trará sobre você graves empecilhos e você não conseguirá realizar essas coisas.

Não espere ter picanha ou alcatra para fazer um churrasco e convidar irmãos e amigos para um almoço. Sirva-lhes o que você tem, pois, pode ser que no amanhã você não terá nem mesmo o que você tem hoje, e o que é mais importante e prazeroso não é o que se come, mas, compartilhar a alegria desses momentos com quem se ama louvando a Deus e expressando gratidão por tudo o que Ele tem lhe proporcionado. **Mas, de todas as decisões que você deverá fazer hoje, sem dúvida alguma, a de receber a Cristo como seu Salvador e Senhor pessoal é a mais importante. Se ainda não o fez, não deixe para amanhã.**

Nestes versículos não somos estimulados ao hedonismo. Antes, eles nos mostram como devemos viver, a saber, desfrutando da bondade de Deus, a qual não é experimentada somente quando os dias são ensolarados, iluminados e aquecidos, mas, também quando são trevosos, escuros e frios. Tão pecado quanto o hedonismo é uma vida que não desfruta da presente e constante bondade de Deus em várias ocasiões.

Regozije-se! É a ordem que Deus nos dá em Sua Palavra. Regozije-se na bondade de Deus, a qual não depende das circunstâncias, dos nossos sentimentos e gratidão. Ele é bom o tempo todo, e a Sua bondade é generosa, abundante e constante. Existem dias trevosos, mas, a luz prevalece; **“Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã”** (Sl 30.5b).

Para não perdermos Deus de vista em nossa jornada da fé, precisamos também: **tomar cuidado com as ilusões dessa vida**. Geralmente, os jovens têm mais alegria na vida. Eles têm mais saúde e força (embora as desperdicem com mais facilidade), e só nesse ponto eles já têm uma grande vantagem sobre os idosos. Meu pai costumava dizer: *“Os velhos vivem de expectativas, e os jovens, de ilusão”*. Com isso ele queria dizer que os idosos se veem mais perto da morte, e, por isso,

vivem na expectativa de isso acontecer a qualquer momento. Mas, a morte pega jovens também, e por isso, os jovens vivem iludidos, vendo a morte como algo muito distante.

O mesmo conselho que ele deu aos com mais idade nos v.7-8, ele repete agora falando aos jovens. No v.9 ele dá uma ordem em três partes. A primeira é: **“Alegra-te, jovem, na tua juventude”**, ou seja, aproveite a sua juventude, pois, há coisas que você só conseguirá fazer quando jovem; tenha alegria por ser jovem, pois, coisa muito triste é ver um jovem sem essa alegria mesmo tendo amplas condições de experimentá-la. A segunda parte da ordem é: **“e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade”**, ou seja, esteja satisfeito, feliz, animado; é como se ele estivesse dizendo: *“Pare de ficar se arrastando, de ser letárgico e desanimado. Use toda a força de seus músculos e mova-se com alegria”*. E a terceira parte da ordem é: **“anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos”**, uma vez que a vontade do coração é nutrida pelo que os olhos veem, Salomão está dizendo aqui *“faça tudo o que você desejar, tudo o que lhe for agradável”*. De fato, não há pecado algum em aproveitar das delícias lícitas dessa vida, **“pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável”** (1Tm 4.4). Por todas as delícias da juventude descritas aqui, ela é desejada, e muitas crianças sonham em se tornarem maiores de idade, e muitos de idade bem maiores querem voltar à juventude com produtos e cosméticos que prometem milagres, ou com o retardamento dos efeitos da velhice (pode-se por um tempo retardar os efeitos da velhice, mas, não a própria velhice!).

O Kohelet adverte: **“sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas”**. Essas palavras põem por terra qualquer entendimento hedonista e carnal da ordem dada na primeira parte desse versículo. Esse aviso não é como uma placa à beira daquela linda estrada no topo da montanha avisando para se verificar os freios e não exceder ao limite de velocidade, pois, há risco de acidente fatal, estragando assim nosso deleite naquela linda paisagem; **esse aviso é terrivelmente mais grave, pois, ele não trata com uma possibilidade, mas, com uma certeza**. Um dia todos nós estaremos diante de Deus prestando-Lhe contas de tudo o que pensamos, falamos e fizemos. Deus trará às claras todas as obras da nossa vida conferindo-as com todos os recursos e bênçãos que Ele nos deu e que deveríamos ter usado somente de forma a glorificá-Lo neste mundo, mas, usamos ao nosso bel-prazer. **É necessário cautela e prudência, pois, o plantio é opcional, mas, a colheita é inevitável**. Tudo que se faz nessa vida, ainda que não pareça importante, importa para a eternidade.

Como o nosso coração é traiçoeiro! Vejam como maravilhosas bênçãos que Deus nos deu para o nosso aprazimento e alegria, são transformadas em ídolos por causa do pecado que habita ainda em nós. Para os que idolatram a juventude e se iludem que ela seja a melhor fase da vida, Salomão então diz: **“Afasta, pois, do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor”** (v.10). Uma vida desregrada, mesmo em coisas lícitas, certamente trará muitos desgostos e dores. O substantivo **עֵצָה** que aqui é traduzido por **“desgosto”**, é também *ira, irritação, provocação, aflição, angústia, frustração*; já o substantivo **דָּוָר** que é traduzido por **“dor”** pode também ser traduzido por *ruim, mau*, e no hebraico por ser um adjetivo deve ser traduzido então por *coisas ruins, aquilo que é ruim*.

Se no v.9 ele nos mandou ter cautela, aqui no v.10 ele nos manda ter **discernimento**. É preciso separar as coisas. Começando por viver equilibradamente. Pode-se desfrutar das alegrias dadas por Deus nesta vida, mas não se deve fazer das alegrias um fim em si mesmas. É preciso separar as coisas boas que glorificam a Deus, das coisas ruins que não cumprem esse requisito, ainda que elas tragam algum prazer temporário. Não é porque algo nos traga alguma alegria

devemos busca-lo. Precisamos dizer e agir tal como o apóstolo Paulo: **“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas”** (1Co 6.12), e ainda: **“Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam”** (1Co 10.23).

“porque a juventude e a primavera da vida são vaidade”. Os anos iniciais da vida são descritos aqui. O substantivo יְלּוּדִית traduzido por **“juventude”** literalmente é *“infância”*, enquanto que שְׁחָרוּת traduzido por **“primavera da vida”** literalmente significa *“negritude”* referindo-se aos cabelos pretos de uma criança (as que têm cabelos pretos, obviamente) contrastando com os cabelos grisalhos de um idoso. Ao dizer que essa fase é **“vaidade”**, Salomão não está tratando-a como insignificante e sem importância, mas, como fugaz e ilusória, tal como o adjetivo הֶקֶל indica.

A juventude pode ser um tempo da nossa vida com grandes alegrias, realizações e experiências; mas, sem discernimento, pode se transformar num arquivo de tristezas e sofrimentos se a graça e a misericórdia de Deus não forem presentes. Davi orou a Deus: **“Não te lumbres dos meus pecados da mocidade, nem das minhas transgressões. Lembra-te de mim, segundo a tua misericórdia, por causa da tua bondade, ó SENHOR”** (Sl 25.7).

Aplicação v.9-10

A maioria dos desgostos e dores que sofremos foi por escolhas erradas e desregramento de nossas ações, quando nos entregamos a nós mesmos procurando os nossos interesses. *“Quando vivemos dentro da vontade de Deus, temos a paz do Senhor em nosso coração (Fp 4.6-9). Os pecados da carne destroem o corpo e podem trazer julgamento eterno sobre a alma”* (WIERSBE, 2010, vol.3, p.508).

A vida pela fé é o oposto de uma vida hedonista. É impossível viver pela fé em Deus fazendo a nossa vontade, pois, viver pela fé significa obedecer a Deus. Warren Wiersbe diz (*Ibid*, p.509):

A melhor maneira de experimentar a felicidade na vida adulta e o contentamento na velhice é começar logo cedo na vida e evitar as coisas que causarão problemas no futuro. Os jovens que cuidam da mente e do corpo, que evitam os pecados destrutivos da carne e que constroem bons hábitos de saúde e de santidade têm mais chance de ser felizes na vida adulta do que aqueles que se entregam às loucuras da juventude e depois oram pedindo para não sofrer as consequências.

Muitas coisas nesta vida serão amargas e dolorosas para nós ainda que sejamos obedientes a Deus. Devemos aceita-las tal como vierem a nós, pois, elas são instrumentos de Deus moldando o nosso coração de acordo com a vontade Dele (**cf. Rm 8.28-29**). Já aquelas coisas que são contrárias à vontade de Deus e desonram o nome Dele devem ser afastadas de nós (e por nós). Não podemos dar descanso ao nosso coração nessa batalha, pois, um simples descuido será a diferença entre vivermos para a glória de Deus ou para a satisfação dos nossos desejos carnavais. Lembre-se: o pecado primeiramente agrada o nosso

coração, mas, depois, ele o fere profundamente, além de desonrar o santo nome de Deus, a quem haveremos de prestar contas.

Viver pela fé sem perder Deus de vista nos **prepara para o ocaso da vida**. Salomão continua exortando ao jovem a desfrutar com sabedoria e prudência das bênçãos de Deus nesta vida, nos **“dias da tua mocidade”**.

Por “ocaso da vida” devemos entender o fim da nossa existência neste mundo, a qual para muitos se dá na velhice. A morte não vem só para os idosos, mas, para jovens e crianças também, porém, aqui nestes versículos, Salomão tem em vista os jovens e lhes faz uma grave advertência: **“Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer”** (v.1). Três verdades se destacam aqui: (1) Deus é o Criador de todas as coisas; (2) Ele deve ser considerado o tempo todo e o quanto antes, porque (3) dias maus, ou seja, dias difíceis virão com a velhice, e sem Deus, o nosso coração perderá todo o prazer de viver.

Deus é o Criador de todas as coisas e por isso mesmo Ele é o dono de tudo. É a ele que todos nós nos reportaremos no Dia do Juízo e Lhe prestaremos contas de tudo o que pensamos, falamos e fizemos, quer tenha sido em obediência ou em desobediência a Ele. *“A razão pela qual precisamos andar em caminhos santos é porque o nosso Criador é também o nosso Juiz”* (RYKEN, 2017, p.529).

Ver Deus como o Criador/Dono/Juiz de tudo deve nos fazer humildes em relação aos bens materiais que temos, afinal, nada é de fato nosso, ainda que esteja em nosso nome ou tenha sido adquirido pelo nosso trabalho. Por isso, a ordem dada aqui aos jovens deve ser estendida a todos os homens de todas as idades.

A ordem é: **“Lembra-te do teu Criador”** (v.1). Com essa ordem, Salomão reforça o que tem sido dito sobre uma vida de fé centrada em Deus. Essa ordem é dividida em três partes, cada qual começando com as palavras **“antes que”**:

- ✓ **“antes que venham os maus dias”** (v.1)
- ✓ **“antes que se escureçam os sol, a lua e as estrelas...”** (v.2)
- ✓ **“antes que se rompa o fio de prata...”** (v.6)

Mas, o que significa lembrar-se de Deus? Não se trata de um simples reconhecimento mental, uma mera lembrança ou recordação. Derek Kidner afirma: *“...não é um ato superficial ou meramente mental; significa abandonar nossa pretensão ou autossuficiência e entregar-nos a ele”* (in RYKEN, 2017, p.520). O verbo hebraico זָכַר (de onde vem o nome “Isaque” – lembrou-se o SENHOR) aponta para um esforço para se ter sempre em mente algo ou alguém muito importante, no caso, Deus. Logo, **“Lembra-te do teu Criador”** significa considerar Deus em todas as circunstâncias da vida, incluí-Lo em todos planos e projetos pessoais não como um parceiro ou sócio, mas, como o Senhor que Ele é e a quem se haverá de prestar contas. É também louvá-Lo o tempo todo, quer nos dias bons, quer nos dias maus.

E o melhor momento da vida para lembrarmos dessa forma do nosso Criador é **“nos dias da tua mocidade”**. Claro que Deus não desprezará ninguém que se achegar a Ele, quer seja

uma criança, ou um jovem ou um idoso. **A graça eterna de Deus alcança qualquer idade.** Como, porém, o *Kohélet* está falando aos jovens desde **Ec 11** sobre a maneira correta de viver, agora ele afirma que é bom buscar a Deus o tempo todo, mas, sem dúvida alguma dar a Ele os anos da juventude, do vigor, da força física e mental, é algo maravilhoso e muito mais proveitoso.

Não espere para se consagrar a Deus somente nos dias difíceis da velhice **“dos quais dirás: Não tenho neles prazer”**, pois, a velhice trará duros desafios e limitações a você. Em vez disso, dê a Deus todo o seu vigor, cada fôlego que houver nos seus pulmões, cada sonho do seu coração, cada energia dos seus músculos. Nas palavras do apóstolo Paulo, consagre e apresente o seu corpo por **“sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1)**. Uma velhice feliz depende de um coração confiante em Deus e cheio da esperança que Ele dá. Vejam os exemplos de Simeão e o da profetiza Ana em **Lc 2.25-38**; ambos eram idosos (ainda que não seja dito explicitamente que Simeão era um idoso, a redação de Lucas nos leva a pensar assim, pois, ele agrupa os fatos registrados por temas, e por ele ter colocado o relato sobre Simeão próximo ao de Ana, um dos motivos, certamente foi por ele ser um idoso à época). Mas, como é maravilhoso vermos jovens consagrando-se a Deus e gastando cada momento de suas vidas preciosas para a glória Dele!

A seguir, Salomão usa várias figuras de linguagem para ilustrar **“os maus dias”**. É importante que se diga que aqui, Salomão está fazendo constatações e não generalizações como que dizendo que todo idoso é assim. Existem exceções, mas, geralmente os idosos são assim descritos.

Os efeitos da velhice na memória: **“antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas do esplendor da tua vida, e tornem a vir as nuvens depois do aguaceiro” (v.2)**. As nuvens de uma tempestade escondem os astros celestes tanto durante o dia quanto durante a noite. Mas, aqui, as figuras do sol, lua e estrelas são metafóricas, pois, referem-se não aos astros celestiais literalmente, mas ao **“esplendor da tua vida”**, a saber, a perda de memória (o que faz a ordem **“Lembra-te do teu Criador”** ainda mais significativa).

Podemos parafrasear essas palavras da seguinte forma: *“Enquanto você tem boa memória, lembre-se de Deus, o Criador, em cada momento de sua vida; empenhe-se em contempla-Lo, em reverenciá-Lo, em amá-Lo durante todos os dias de sua vida, pois chegarão os dias (se eles chegarem!) em que por mais que você cuide de sua saúde, ela lhe faltará, por mais que coloque tempero na comida, seu paladar não sentirá mais o sabor como antes, por mais que você se cubra com roupas e cobertores quentes, seu corpo terá dificuldades de se aquecer”*. Mas, se tivermos vivido para a glória de Deus, olharemos para o dia da nossa morte (mesmo sem saber se ela está perto ou distante) não como o dia da nossa derrota, mas, sim como o dia em que conheceremos o último inimigo que Cristo já derrotou por nós”.

Os efeitos da velhice no corpo:

- ✓ **“no dia em que tremerem os guardas da casa, os teus braços...” (v.3a):** os braços e as mãos tremerem na velhice com a paralisia ou fraqueza;
- ✓ **“e se curvarem os homens outrora fortes, as tuas pernas...” (v.3b):** as pernas se curvarem de fraqueza e os joelhos ficarem trôpegos e fracos;
- ✓ **“e cessarem os teus moedores da boca, por já serem poucos...” (v.3c):** a perda não só dos dentes, mas, também da capacidade de mastigar os alimentos;
- ✓ **“e se escurecerem os teus olhos nas janelas...” (v.3d):** a perda da visão, ainda que se olhe para a claridade através de uma janela, mas, a visão não terão nitidez;

- ✓ **“e os teus lábios, quais portas da rua, se fecharem no dia em que não puderes falar em alta voz” (v.4a):** a imagem aqui é de uma porta com duas folhas se fechando; assim são os lábios de um idoso com dificuldades para falar e nem mesmo conseguir pôr volume na voz; a velhice pode fazer algo tão simples como falar tornar-se algo pesado e difícil;
- ✓ **“te levatares à voz das aves (v.4.b):** um sono leve e interrompido no meio da madrugada, quando os pássaros ainda estão dormindo e quietos. Uma das coisas muito comuns aos idosos é a insônia.
- ✓ **“e todas as harmonias, filhas da música, te diminuïrem” (v.4c):** mais uma vez a fala está em foco. A velhice faz com que cantores habilidosos e talentosos fiquem com sua voz rouca, sem volume e brilho; ruídos parecem mais sonoros que a voz deles.
- ✓ **“como também quando temeres o que é alto, e te espantares no caminho...” (v.5a):** o medo de altura revela o medo de cair até mesmo andando por caminhos antes bem conhecidos. Lembro-me de meu pai que aos 74 anos sofreu um acidente e fraturou o fêmur, e mesmo após recuperado e conseguindo andar, temia cair, o que fez com que ele desistisse de andar, causando atrofiamento de seus músculos até que ele parou de andar totalmente.
- ✓ **“e te embranqueceres, como floresce a amendoeira...” (v.5b):** o encanecer deveria ser visto como algo honroso e belo, mas, para muitos, os cabelos brancos causam pavor.
- ✓ **“e o gafanhoto te for um peso...” (v.5c):** os gafanhotos saltam longas distâncias, mas, quando estão se aproximando do fim de suas vidas, se arrastam. Os idosos com seu andar lento e arrastado apoiando-se em suas bengalas são comparados a esses gafanhotos moribundos.
- ✓ **“e te perecer o apetite...” (v.5d):** não só a falta de dentes e de força para mastigar atrapalham a alimentação de um idoso, mas, também a perda do apetite, a qual se estende a todas as áreas da vida.

Os v.5e-8, descrevem o final da vida de um idoso e o seu funeral:

- ✓ **“porque vais à casa eterna, e os pranteadores andem rodeando pela praça” (v.5e):** Hoje podemos ter vigor, e levarmos os corpos de outros à sepultura, mas, chegará a nossa vez de sermos levados para lá por outros; a eternidade é o destino final, e não a sepultura. A morte encerra a nossa existência neste mundo, mas, o que vem pela eternidade deve fazer-nos lembrar do nosso Criador o tempo todo e vivermos de forma santa, pois, a eternidade ao lado Dele é prometida para aqueles que nesta vida tiveram Deus ao seu lado.
- ✓ **“antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço...” (v.6):** as figuras da prata, ouro, água e da roldana, aqui comunicam algo de grande valor, a saber, a vida. O fio de prata se rompendo e o copo de ouro se despedaçando comunicam **fragilidade** a despeito de sua aparência dura e consistente; enquanto que a figura da água sendo derramada junto à fonte quando o cântaro se despedaça, e da roldana que enrola a corda presa ao balde no poço que se quebra com o uso, comunicam a **inutilidade** dos esforços humanos quando a vida se esvai, pois, tal como a terra seca suga rapidamente a água derramada e a roldana que se se quebra, assim a vida é sugada e destruída pelos anos.
- ✓ **“e o pó volte à terra, como o era...” (v.7a):** como isso é humilhante! Salomão não disse “e o corpo se torne terra”, mas, sim **“o pó”**. Não nos tornaremos pó somente quando formos para a sepultura, mas, ainda em vida não passamos de pó. Voltaremos à terra porque de lá fomos tomados para sermos criados por Deus (como evidenciam as palavras **“como o era”**).
- ✓ **“e o espírito volte a Deus, que o deu” (v.7b):** em 3.20 o Pregador já falara sobre essa humilhante condição não só dos homens, mas também dos animais, a saber, todos voltam ao

pó. Aqui ele se volta somente para os homens, pois, somente estes têm espírito, o que os distingue de todas as demais criaturas de Deus. Os espíritos de todos os homens tornarão a Deus, uns para habitarem a glória eterna, outros tantos para a condenação eterna, mas, todos comparecerão diante de Deus para julgamento.

“Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade” (v.8). O Eclesiastes está voltando ao estribilho de seu livro para mostrar que tudo nessa vida não passa de vapor, exceto as coisas eternas. Não é só a conclusão de um argumento, mas, um vigoroso contraste reforçando a razão pela qual se deve lembrar do Criador o tempo todo, especialmente nos dias da mocidade. É como se ele estivesse dizendo: *“Não pense que sua vida neste mundo é eterna; não viva se iludindo com isso. Pelo contrário, considere Deus em cada momento de sua vida frágil e fugaz, pois, a eternidade virá logo a seguir”*. Mais a diante no Novo Testamento, encontramos o ensino claro sobre os dois únicos destinos eternos: o céu e o inferno. O céu prometido aos que viveram se lembrando do Seu Criador e, por isso viveram para glorifica-Lo por meio de Jesus, e o inferno para os que viveram para si mesmos.

Aplicação v.1-8

Quando sentir vontade de pecar, lembre-se do seu Criador, e busque o Seu trono de graça para encontrar socorro em tempo oportuno (cf. Hb 4.16). Quando as circunstâncias forem difíceis, lembre-se do seu Criador e louve-O por tudo o que Ele tem feito em sua vida (cf. 1Ts 5.18).

Se você ainda é jovem, trilhe o caminho da santidade e pureza; cultive seu coração na comunhão do Deus. Isso não impedirá você de envelhecer e de sofrer, mas, certamente fará você enxergar um propósito sublime de Deus em tudo isso, e certamente seu coração se encherá de alegria perene.

Não olhe para si e se veja como imbatível e indestrutível. O tempo é um poderoso adversário dos insensatos, mas, um grande aliado daqueles que amam a Deus. A velhice sem Deus é algo terrivelmente desesperador. A expectativa da morte e a incerteza da eternidade, leva a pessoa ao desespero e a ações ridículas de busca pelo rejuvenescimento. Enquanto isso, aqueles que têm a bênção de envelhecer na presença de Deus andando em Seus santos caminhos, ainda que experimentem as limitações físicas e mentais, são felizes de verdade, são cheios da verdadeira esperança e, por isso, não se abatem com as circunstâncias.

É importante lembrar do que diz o salmista: **“O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro no Líbano. Plantados na Casa do SENHOR, florescerão nos átrios do nosso Deus. Na velhice darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor, para anunciar que o SENHOR é reto. Ele é a minha rocha, e nele não há injustiça”** (Sl 92.12-15).

Primeiramente, é dito que o **“justo florescerá”**. O justo é aquele que perante os homens vive de maneira reta e ordeira, que tem a justiça como norma de vida. É fato que justos também sofrem, mas, são revigorados pelo poder de Deus. Em segundo lugar é dito que os justos estão **“plantados na Casa do SENHOR”** e ali **“florescerão nos átrios do nosso**

Deus", o que aponta para uma vida alicerçada e firmada na comunhão com Deus, típico daqueles que se lembram constantemente do seu Criador. Em terceiro lugar, é dito que eles **"Na velhice darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor"**, ainda que externamente pareçam árvores cujas cascas aparentam velhice, seus espíritos estão **"cheios de seiva e verdor"**, não para se exibirem como fazem os ímpios, mas, **"para anunciar que o SENHOR é reto"**, ou seja, aquele que é justo (que anda na retidão) não está preocupado com sua reputação, mas, com seu caráter, o qual em todas as suas ações reflete o caráter Daquele que é reto (justo), e deposita Nele toda a sua confiança, pelo que diz: **"Ele é a minha rocha, e nele não há injustiça"**.

Por fim, encerrando o livro, Salomão nos leva à conclusão de seu discurso, mostrando mais uma verdade sobre a vida pela fé:

3) Viver pela fé requer cuidar do coração, 12.9-14

No versículo anterior, o Pregador fechou a sua *inclusio*, ou seja, com as mesmas palavras que ele inicia o seu livro, também encerra. Por esta razão muitos entendem que a dupla conclusão apresentada pelos **v.9-14**, não são da lavra de Salomão, mas de um outro organizador ou escriba. Contudo, olhando de perto estes versículos finais, vemos que foi o próprio Salomão quem os escreveu, pois, eles confirmam todos os ensinados por ele em todo o livro.

Três assuntos são apresentados no encerramento do livro do Eclesiastes, os quais apontam diretamente para o cuidado com o nosso coração, isto é, a nossa vida diante de Deus. Os assuntos são: a Palavra de Deus, a nossa obediência a ela, e o Dia do Juízo.

Cuidando do nosso coração com a Palavra de Deus. **"O Pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento; e, atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios. Procurou o Pregador achar palavras agradáveis e escrever com retidão palavras de verdade"** (v.9-10). Não devemos tomar essas palavras de Salomão a respeito de si mesmo como arrogantes e soberbas. O que ele está dizendo aqui é que quanto mais sábio ele se tornara, tanto mais sabedoria ao povo ensinou. Ele recebera de Deus sua sabedoria, e a transmitiu para o povo da Aliança. Mas, há uma verdade subjacente aqui: a Palavra de Deus sendo proclamada, registrada e perpetuada.

Ele **"atentando e esquadrinhando"**, observava e analisava com dedicação e paciência as coisas. Com lucidez lógica ele selecionou provérbios sábios, e **"compôs muitos provérbios"**, inspirados pelo Espírito Santo. Quando lemos Eclesiastes percebemos essa **lucidez lógica** em seu desenrolar. *"Após uma declaração inicial do tema (Ec 1.1-11), o Pregador nos contou a história de sua busca pelo sentido da vida (Ec 1.12-6.12). Então, para nos ajudar a saber como viver para Deus neste mundo vão, ele demonstrou a diferença entre sabedoria e tolice (Ec 7 – 11). Encerrou, apropriadamente, falando mais uma vez sobre a morte e o morrer (Ec 12.1-7), antes de reafirmar seu tema primário – a vaidade de todas as vaidades (Ec 12.8) (RYKEN, 2017, p.546).*

Além disso, ele “**Procurou**”, isto é, tratou, se dedicou a “**achar palavras agradáveis**”. O substantivo **נָחַם** significa *deleite, prazer*. Além de lucidez lógica, ele também revela **habilidade literária**. O livro do Eclesiastes, longe de ser um livro fúnebre e mal-humorado como afirmam os imbecis e carnaís, é de uma beleza singular. Veja, por exemplo, a forma poética como ele falou sobre o tempo em **3.1-8**, ou a forma como ele descreve as vicissitudes do envelhecimento em **12.1-8**.

Ele não só escreveu com clareza e beleza, mas, também usou de **integridade intelectual** ao “**escrever com retidão palavras de verdade**”. O substantivo **יָשָׁר** significa *retidão (o que é reto), correção (o que é correto)* e **אֱמֻנָה** significa *firmeza, fidelidade, verdade, estabilidade, confiabilidade*.

Mas, nem sempre suas palavras foram agradáveis. “**As palavras dos sábios são como agulhões**” (v.11a). Por vezes fomos feridos por suas palavras. Ouvir que na hora da morte não somos nem um pouco melhores que os animais, e que não só tornaremos ao pó do qual fomos criados (**3.19-21**), e que não somente ao morrermos seremos pó, mas, o somos já em vida (**12.7**), certamente feriu nosso ego inflamado. Tais palavras são como “**agulhões**” a ferir-nos tal como um boi ou jumento que ao perder o ritmo dos passos ou se desviar do caminho precisa ser cutucado por um ferrão para fazê-lo voltar ao caminho, precisamos ser ferroados pela Palavra de Deus a fim de retornarmos em direção a Ele e andarmos nos seus caminhos.

Suas palavras também são “**como pregos bem fixados as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor**” (v.11b). Não precisamos nos delongar aqui sobre quem é o “**único Pastor**” a que Salomão se refere. Ainda que nos tempos antigos os reis eram considerados pastores do povo de Deus (cf. **Jr 3.15**), não resta dúvida de que aqui Salomão se refere a Deus. Logo, as palavras que Deus disse por meio de Seus servos são como pregos fixando, segurando e prendendo as sentenças que Ele próprio deu. “*A vida pode ser um vapor, mas a sabedoria pode nos ajudar a fixá-la, dando-nos um lugar para pendurar a nossa experiência*” (RYKEN, 2017, p.548).

“**Demais, filho meu, atenta: não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne**” (v.12). Desde a antiguidade, livros e bibliotecas fizeram parte da vida humana. Veja, por exemplo, os nossos dias. Quantos milhares de livros são produzidos a cada ano? Sobre todos os assuntos é possível você encontrar livros escritos. Nem mencionamos aqui tecnologias como Inteligência Artificial despejando milhares de informações. Nas palavras deste versículo, o *Kohélet* não está nos desestimulando a estudar e a adquirir conhecimento. Pelo contrário, ele está nos apontando a direção certa. Ele está nos apontando para Deus. Por todo o livro ele mexeu em questões inquietantes, ferrou-nos o coração, humilhou-nos, confrontou-nos quando disse que nada nesta vida debaixo do sol tem sentido se não estiver conectado com Aquele que está acima do sol. E aqui ele reforça esse ensino. Parafraseando suas palavras: “*Fique esperto! Não se deixe enganar pelo seu coração correndo atrás das filosofias e ensinamentos dos homens. Eles falam muito sobre tudo, mas, tudo o que eles falam tem pouco valor, senão nenhum. Não se afadigue em buscar o conhecimento deles, pois, depois de alcançar, você se deparará com um vazio enorme, e olhará para todo o seu esforço e concluirá: não valeu a pena*”.

Aplicação v.9-10

O que é dito nestes versículos sobre o livro do Eclesiastes se aplica à Escritura Sagrada no seu todo. Nas palavras do apóstolo Paulo: “**Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras,**

tenhamos esperança” (Rm 15.4). Deus usou Salomão e outros mais, para nos deixar registrada a Sua vontade para nós para que por ela possamos viver.

É com a Sua Palavra que Deus nos **ensina** a Sua vontade, aponta a direção que Ele quer que sigamos. Com ela Ele também nos **repreende** quando falhamos em obedecer-Lo. Após repreender-nos, Ele também nos **corrige**, isto é, nos põe na direção certa, e assim nos **educa** na justiça, a fim de que alcancemos a maturidade e sejamos completamente habilitados para fazer tudo aquilo que é para Sua honra e glória (cf. 2Tm 3.16-17).

Tudo o que o Pregador nos disse no seu livro sobre a vida, a morte, o trabalho, as posses, o poder, leva-nos a entender que o sentido dessa vida é Deus. E Ele não somente é o sentido, a razão dessa vida debaixo do sol. Ele é o sentido de toda a eternidade. Possivelmente você já se pegou pensando que quando estiver lá no céu, fará várias perguntas para o Senhor Jesus, perguntas que hoje inquietam você por não ter as respostas. Mas, quando estivermos lá na glória, ao olharmos para a face do Senhor Jesus veremos que não serão mais necessárias respostas às nossas indagações – Ele é a resposta. Ele é a razão de tudo o que vivemos neste mundo, pois, todas as coisas cooperaram para o propósito de conformar-nos a Ele, de tornar-nos mais parecidos com Ele (cf. Rm 8.28-30), por isso mesmo quando estivermos em Sua presença, tudo o que hoje não nos faz sentido, fará.

Enquanto estivermos neste mundo, temos que pôr a Palavra de Deus em nosso coração, e o nosso coração na Palavra. Temos que nos deleitar nos seus ensinamentos mais doces que o mel e desejarmos sua instrução mais do que muito ouro depurado (cf. Sl 19.10-11). Temos que nos submeter a ela mesmo quando ela nos ferir como um ferrão, um agulhão nos fazendo voltar para as veredas da justiça. Temos que permitir que ela se fixe em nossa consciência com seus pregos para que jamais nos esqueçamos do que Deus nos diz. Todas as vezes que o nosso teimoso e corrupto coração quiser seguir na direção dos prazeres desta vida, das riquezas ilusórias, ou de quaisquer outros caminhos de morte, que o Espírito Santo nos faça lembrar de tudo quanto já aprendemos da Sua Palavra, e assim nos traga de volta para Deus.

Submetendo o nosso coração à Palavra. Não basta apenas admirar a Palavra de Deus, sua beleza, sua exatidão e sua excelência, temos que, acima de tudo, conhecer o seu poder e isso é possível quando nos submetemos a ela, quando obedecemos ao que ela ordena, quando guiamos o nosso coração e decisões sob a sua luz. Salomão disse: **“De tudo o que se tem ouvido, a suma é” (v.13a).** Não se trata meramente de uma conclusão para o seu livro. Ainda que o substantivo חֵסֶד signifique *conclusão, fim*, seu uso aqui aponta para **finalidade**. A finalidade de tudo o que ele disse em seu discurso/livro é temer a Deus e guardar Seus mandamentos.

“Teme a Deus e guarda os seus mandamentos” (v.13b). O temor a Deus é um assunto que já foi explanado por todo o livro (3.14; 5.7; 7.14-18 e 8.12). Agora, ao tratar novamente desse tema, o Pregador une ao temor a Deus o dever de guardarmos os Seus mandamentos. O verbo hebraico שָׁמַר significa *guardar, vigiar, observar, prestar atenção*. A ideia aqui é não olharmos para nenhuma outra direção, mas, somente para a Palavra de Deus. Semelhantemente Paulo diz: **“Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração” (Cl 3.16).** E o princípio aqui é o mesmo:

enquanto tivermos diante de nossos olhos a Palavra de Deus, também a teremos em nossos corações e os nossos corações nela; nossas decisões, pensamentos, palavras e ações serão dirigidos pela Palavra, e uma vida dirigida pela Palavra glorifica a Deus e habitará a glória eterna. Um coração que teme a Deus obedecendo aos Seus mandamentos não precisa temer nada e ninguém mais, nem mesmo o Dia do Juízo (cf. 1Jo 4.17-18).

“porque isto é o dever de todo homem” (v.13c). O substantivo “dever” não aparece no texto hebraico, mas, apenas é inferido do mesmo. O texto hebraico literalmente diz: *isto é o todo do homem*. Ou seja, é a isso que se resume a nossa vida. Em outras palavras, Salomão está dizendo: “é disso que a vida debaixo do sol se trata”.

Não somente a dos crentes, mas, a dos incrédulos. Obedecer aos mandamentos de Deus é dever de todo ser humano. É claro que os crentes receberam a capacitação pelo Espírito Santo pela regeneração espiritual para obedecerem amorosa e docemente; mas, mesmo que os ímpios não tenham recebido essa capacitação divina, eles não estão eximidos dessa responsabilidade, e a prova disso está no próximo versículo que trata do Dia do Juízo.

Aplicação v.13

Você está buscando o sentido de sua vida? Tem procurado pelo significado das coisas, mas, não tem obtido sucesso? Certamente, é porque seu coração não está na Palavra de Deus, e nem ela está em seu coração. Se obedecer a Deus e aos Seus mandamentos é para você coisa secundária e de menos importância, é bem provável que você não nasceu de novo, e, portanto, ainda é um ímpio condenado. Uma das principais provas de nossa conversão e nova natureza é que amamos a Lei de Deus: **“Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus”** (Rm 7.21).

Enquanto você não compreender que tudo na sua vida se resume a obedecer a Palavra de Deus e ter todo o prazer de seu coração nela, sua vida não terá sentido. Seus dias serão amargos e frios, a vida não terá sabor, cheiro e cor.

O seu coração precisa de orientação, de direção e de sentido. Só você não encontrar tudo isso na Palavra de Deus, você sairá buscando isso nas coisas debaixo do sol, as quais um dia deixarão de existir porque não são eternas como a Palavra de Deus.

Os “muros” e “cercas” que a Palavra de Deus põe sobre nós, não é para cercar a nossa vida, tirando-nos a liberdade, mas, sim, são proteção para nós contra nós mesmos, pois, desde que o pecado entrou na existência humana, os homens revelam uma capacidade desgovernada de autodestruição: **“A tua ruína, ó Israel, vem de ti, e só de mim, o teu socorro”** (Os 13.9), diz o SENHOR Deus.

Por fim, vemos que o **nosso coração será revelado e julgado pela Palavra**. Depois de mostrar que a coisa mais importante dessa vida é temer e obedecer a Deus, o *Kohelet* diz: **“Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”** (v.14). Por que ele conclui seu discurso/livro falando sobre o Dia do Juízo Final? Porque significa que tudo nessa vida importa. Sim, o trabalho, o dinheiro, o sexo, o alimento, o prazer, a satisfação, o conhecimento, a saúde, a juventude, a velhice, o tempo, o sol acima de nós,

e tudo o que está debaixo dele, a morte, tudo, tudo importa. “Se não houver Deus e, portanto, não houver juízo final, é difícil ver como qualquer coisa que façamos possa importar. Mas se existir um Deus que julgará o mundo, tudo importa” (RYKEN, 2017, p.554).

Essa vida não se encerra aqui. A sepultura não terá a última palavra. Aquele que deixou-nos Sua Palavra para por meio dela vivermos, com ela julgará a todos, e com ela dará a sentença de cada um. Ele trará a juízo, isto é, a julgamento **“todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”**.

Quando consideramos a inevitabilidade da morte, pensamos que nada mais nesta vida importará, o dinheiro que ganhamos, a fortuna que fizemos, a saúde que tivemos; mas, quando consideramos o Dia do Juízo Final, somos chamados à realidade de que tudo importa. Naquele dia, tudo importará. A forma como usamos nosso tempo, se o gastamos com prazeres fúteis ou trabalhamos arduamente para Deus; o que fizemos com o dinheiro Dele, se o gastamos com nossos próprios deleites ou se o investimos no Seu reino com abnegação. O que fizemos com o nosso corpo – no que pusemos os nossos olhos, no que as nossas mãos tocaram e o que os nossos dedos escreveram nas postagens nas redes sociais, quais palavras saíram de nossos lábios, inclusive aquele breve comentário que fizemos sobre alguém que não estava presente. A forma como obedecemos os nossos pais, nossos superiores; como tratamos aqueles que estavam sob a nossa tutela e responsabilidade. Importará o copo de água fria que demos ao sedento, ou o socorro ignorado ao necessitado que foi o nosso próximo numa ocasião. Importará o que dissemos, sentimos e fizemos a respeito de outra pessoa.

As Escrituras nos trazem várias passagens que afirmam que Deus nos julgará mediante a Sua Palavra. Eis algumas referências:

- ✓ Paulo se refere à lei de Deus quando diz: **“Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados”** (Rm 2.12), e através do evangelho haverá de julgar os corações: **“no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho”** (Rm 2.16).
- ✓ Pedro declara que será por meio do Evangelho que os desobedientes serão julgados: **“Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?”** (1Pe 4.17).
- ✓ Pedro ainda aponta que a mesma palavra pela qual Deus criou e mantém o universo, haverá de trazer o Seu juízo: **“Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus, pela qual veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água. Ora, os céus que agora existem e a terra, pela mesma palavra, têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o Dia do Juízo e destruição dos homens ímpios”** (2Pe 3.5-7).

Aplicação v.14

Cuide do seu coração com a Palavra de Deus; submeta-o inteiramente a ela, pois, foi para isso que Cristo salvou e capacitou você. Não rejeite a Palavra de Deus nem a desobedeça, pois, por ela você viverá, mas, se a rejeitar e desobedecer, por ela mesma você será julgado.

No Dia do Juízo, não somente o que fizemos nesta vida será julgado, mas também como e por que fizemos será posto em julgamento. Tudo importa porque tudo está sob o veredito de Deus, e somente o que Ele diz é a verdade.

Conclusão de Eclesiastes

Todos nós esperamos finais felizes nos livros que lemos, nos filmes que assistimos. A ideia de um final feliz nos agrada. Aparentemente, Eclesiastes não termina com um “final feliz”, antes, o que encontramos é uma advertência inquietante sobre o Dia do Juízo Final. Mas, na mente do Espírito Santo conduzindo a revelação progressiva de Deus através das Escrituras, podemos ver Eclesiastes apontando para o Evangelho, para o Cristo. Se haveremos de comparecer perante o tribunal de Deus, tal como disse Paulo: **“Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal que tiver feito por meio do corpo”** (2Co 5.10), então precisamos nos encontrar revestidos com a justiça de Jesus para não sermos condenados com os ímpios.

Cristo veio a esse mundo vão, onde tudo é vaidade, vapor. Ele sofreu e lidou com todas as futilidades desse mundo, e foi além dando sentido a tudo o que não fazia sentido, trazendo a nós o único conhecimento que importa para a eternidade, o conhecimento de Deus – Ele revelou-nos Deus! Mas, Ele voltará, e dessa vez como o Supremo Juiz de todos: **“porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos”** (At 17.31). *“Quando esse dia vier, todos que creem em Jesus se apresentarão ao justo juiz e olharão nos olhos de um Salvador amoroso. Confie em Jesus, cuja vitória nos salva da vaidade da vida – louvado seja Deus!”* (RYKEN, 2017, p.556).

BIBLIOGRAFIA

- BRUCE, F.F. Comentário Bíblico NVI – Antigo e Novo Testamentos. 1ª edição, (São Paulo) SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2008.
- Bíblia de Estudo Almeida. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia de Estudo de Genebra. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1980.
- DAVIS, John D. (org). Dicionário da Bíblia. Rio de Janeiro (RJ): Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.
- DOUGLAS, J. D. (org). O Novo Dicionário da Bíblia vol. 1 e 2. 1ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1962, reimpressão 1990.
- EATAN, Michael A., CARR G. Lloyd. Eclesiastes e Cantares – Introdução e Comentário. 1ª Edição, São Paulo (SP), Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.
- GREIDANUS, Sidney. Pregando Cristo a partir de Eclesiastes. 1ª Edição, São Paulo (SP), Editora Cultura Cristã, 2017.
- HENRY Matthew. Comentário Bíblico Antigo Testamento – Jó a Cantares de Salomão. 1ª Edição, Rio de Janeiro (RJ), CPAD, 2010.
- KAYSER, Walter C. Comentários do Antigo Testamento – Eclesiastes. 1ª Edição, São Paulo (SP), Editora Cultura Cristã, 2015.
- MACDONALD, William. Comentário Bíblico Popular Antigo Testamento. 1ª edição, São Paulo (SP): Mundo Cristão, 2011.
- RYKEN, Philip Graham. Estudos Bíblicos Expositivos em Eclesiastes. 1ª Edição, São Paulo (SP). Editora Cultura Cristã. 2017.
- STRONG, James. Dicionário Bíblico. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- VAN GERMEN, Willian A. (Org.). Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento, Vol.1. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.
- VAN GERMEN, Willian A. (Org.). Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento, Vol.2. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.
- VAN GERMEN, Willian A. (Org.). Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento, Vol.3. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.
- VAN GERMEN, Willian A. (Org.). Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do

Antigo Testamento, Vol.4. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2011.

VAN GEREMEN, Willian A. (Org.). Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento, Vol.5. São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 1ª edição, 2010.

WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo Antigo Testamento, Vol. III – Poéticos. 1ª Edição, Santo André (SP), Geográfica, 2010.